

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBÊRLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

FERNANDO HENRIQUE SOUSA ARAÚJO

***GLORIA E CLEMENTIA NO LIVRO I DOS ANAIS, DE TÁCITO, E NA VIDA DE
TIBÉRIO, DE SUETÔNIO***

Uberlândia- MG

2026

FERNANDO HENRIQUE SOUSA ARAÚJO

***GLORIA E CLEMENTIA NO LIVRO I DOS ANAIS, DE TÁCITO, E NA VIDA DE
TIBÉRIO, DE SUETÔNIO***

Trabalho de Monografia ao Instituto de História
da Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito para obtenção do título de Bacharelado
e Licenciatura em História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cleber Vinicius do Amaral Felipe

Uberlândia- MG

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBÊRLANDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

Fernando Henrique Sousa Araújo

***GLORIA E CLEMENTIA NO LIVRO I DOS ANAIS, DE TÁCITO, E NA VIDA DE
TIBÉRIO, DE SUETÔNIO***

Banca de monografia

Profª. Dr. Cleber Vinicius do Amaral Felipe – INHIS-UFU

(orientador)

Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves – INHIS-UFU

Prof. Dr. Frederico de Sousa Silva – ILEEL-UFU

AGRADECIMENTO

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, que me apoiou neste projeto de realização da pesquisa de monografia. Inclusive, por todo o suporte material e emocional, têm parte importante nesta tarefa de pesquisa. Ao meu orientador, Cléber, agradeço pela orientação, o apoio, a paciência, pelos ensinamentos. Além de orientador, foi também companheiro nas minhas angústias durante a pesquisa. Tenho muito a agradecer sua constante disponibilidade. Divido a *glória* pelo feito desta pesquisa com ele, penso que lembramos o triunfo de Augusto e Tibério pela vitória (Tibério, evidentemente, na parte positiva da *vita*). Agradeço ao curso e aos professores. Sem o apoio e a compreensão das pessoas nas funções de coordenador, diretor e membros do colegiado, eu não teria concluído este trabalho. Vale o importante registro de como foi generalizado, sem exceção, o apoio e a compreensão sobre as dificuldades que enfrentei. Inclusive, o curso me concedeu, com o voto dos membros do colegiado e das demais instâncias, a devida dilação de prazo. Sem isso, eu não teria terminado. Digo, portanto, que todos aqueles em posição de autoridade neste instituto aplicaram, nessas situações, sempre a *clemência*.

Agradeço aos membros da banca, por sua solicitude, sua paciência e dedicação. Além de agradecer a leitura no pouquíssimo tempo que lhes concedi para a leitura. Ao professor Lainister, registro minha admiração na sua atuação como professor, pois sou testemunha de suas aulas. Também é admirável como combina o rigor da pesquisa acadêmica com a clareza da exposição didática, algo que testemunhei tantas vezes no grupo de pesquisa.

Ao professor Frederico, registro minha admiração. Tive a oportunidade de observar sua didática e clareza em cursos sobre Sêneca e em apresentação de trabalhos. Registro minha imensa admiração por seu trabalho de pesquisa em geral, em especial pela sua tradução e comentário da *Apocolocintose*, fonte essencial neste trabalho de pesquisa e cujas marcas o leitor pode conferir no texto desta monografia. Aos colegas e amigos, agradeço imensamente. Estes compartilharam comigo conhecimentos, angústias e apoio. Refiro-me aqui tanto aos do curso quanto aos meus amigos de grupos de pesquisa e de vida. O apoio cotidiano foi fundamental.

RESUMO

A partir de escritos de Suetônio e Tácito, pesquisamos duas virtudes (*uirtutes*) no universo dos valores da Roma Antiga: a *gloria* e a *clementia*. Para tanto, o estudo se volta para recursos de composição e escrita desses documentos: elementos retóricos, literários e historiográficos que circulavam entre os séculos I e II d. C. Analisamos os conceitos de *gloria* e *clementia* em suas diversas manifestações na *Vida de Tibério*, escrita por Suetônio, e no livro I dos *Anais*, de Tácito, atentos às situações específicas nas quais essas *uirtutes* são evocadas.

Palavras-chave: Glória; Clemência; Tácito; Suetônio.

ABSTRACT

Based on the writings of Suetonius and Tacitus, we researched two virtues (*uirtutes*) in the universe of values of Ancient Rome: *glory* and *clementia*. Therefore, the study focuses on the compositional and writing resources of these documents: rhetorical, literary, and historiographical elements that circulated between the 1st and 2nd centuries AD. We analyzed the concepts of *glory* and *clemency* in their various manifestations in the Suetonius' *Life of Tiberius* and in book I of Tacitus' *Annals*, paying attention to the specific situations in which these *uirtutes* are evoked.

Key-words: Glory; Clemency; Tacitus; Suetonius.

ABREVIATURAS

ARISTÓTELES

Ars rhetorica

Retórica

AR.

Ret.

Política

Política

Po.

AUGUSTO

Res gestae diuini Augusti

Os feitos do divino Augusto

Res gest.

CÍCERO

Brutus

Bruto

CIC.

Brut.

De Inuentione

Sobre a invenção

Inu.

De Legibus

Sobre as leis

Leg.

Pro lege Manilia

Lei Manília

Man.

De Officiis

Dos deveres

Off.

De Oratore

Sobre o orador

de Orat.

De Republica

Sobre a república

Rep.

Disputationes Tusculanae

Discussões tuscúlanas

Tusc.

Orator

O orador

Orat.

In Catilinam

Catilinárias

In Cat.

DÍON CÁSSIO

Historia Romana

História Romana

D. C.

HOMERO

Iliada

Iliada

HOM.

Ili.

HORÁCIO

Epistulae

Epístolas

HOR.

Ep.

Carmen Saeculares

id.

Carmen.

JÚLIO CÉSAR

Commentarii de Bello Gallico

Comentários sobre a guerra G.

Commentarii

LUCÍLIO		LUC.
<i>Satirae</i>	Sátiras	<i>Sat.</i>
PLÍNIO, O JOVEM		PLINJ.
<i>Epistulae</i>	Epístola	<i>Ep.</i>
PLUTARCO		PLUT.
<i>Alexandre</i>	Alexandre	<i>Alex.</i>
<i>Cato minor</i>	Catão, o Jovem	<i>Cato min.</i>
<i>Caesar</i>	César	<i>Vit Caes.</i>
<i>Antonius</i>	Antônio	<i>Ant.</i>
PSEUDOCÍCERO		Pse.
<i>Rhetorica ad Herennium</i>	Retórica à Herênio	<i>Ret Her.</i>
POLÍBIO		POL.
<i>Historiae</i>	Histórias	<i>Histori.</i>
QUINTILIANO		QUINT.
<i>Institutio Oratoriae</i>	Instituições oratórias	<i>Inst.</i>
SALÚSTIO		SAL.
<i>Bellum Catilinae</i>	A conspiração de Catilina	<i>Cat.</i>
<i>Bellum Jughurtum</i>	A guerra de Jugurta	<i>Jug.</i>
SÊNECA		SEN.
<i>Epistulae</i>	Epístolas	<i>Ep.</i>
<i>Naturales Quaestiones</i>	Questões Naturais	<i>Nat.</i>
<i>De Clementia</i>	Tratado da Clemência	<i>Clem.</i>
<i>Apocolyntosis Diui Claudii</i>	Apocolocintose do Divino Cláudio	<i>Apocol.</i>
<i>De Ira</i>	Sobre a Ira	<i>Ir.</i>
<i>Thyestes</i>	Tiestes	<i>Thy.</i>

SUETÔNIO

De Vita Caesar

A vida de Júlio César

SUET.

Jul.

De Vita diui Augusti

A vida do divino Augusto

Aug.

De Vita Tiberium

A vida de Tibério

Tib.

De Vita Caligulae

A vida de Calígula

Cal.

De Vita Domitiani

A vida de Domiciano

Dom.

De Vita Neroni

A vida de Nero

Nero

De Vita Othoni

A vida de Oto

Otho

De Vita Vespasiani

A vida de Vespasiano

Vesp.

De Vita Claudii

A vida de Cláudio

Cla.

TÁCITO

Annales

Anais

TAC.

Ann.

De Vita Iulii Agricolae

A vida de Júlio Agrícola

Agr.

Dialogus de Oratoribus

O diálogo dos oradores

Dial.

Historiae

Histórias

Hist.

TITO LÍVIO

Ab urb condita

História de Roma

Lívio

Liv.

VELÉIO PATÉRCULO

Histoire Romaine

História Romana

Vell Pat.

Pat.

VIRGÍLIO

Aeneis

Eneida

VERG.

A.

SUMÁRIO

Introdução	11
Cap. 1 As <i>Vidas</i> e os <i>Anais</i> como gêneros da história e da retórica.....	16
1.1 Retórica e história no mundo antigo.....	16
1.2 A <i>vita</i> e os <i>annales</i> : suas especificidades e circulação no mundo antigo romano.....	32
1.3 Concepção de história e elementos da escrita de Suetônio e Tácito.....	52
Cap. 2 A <i>gloria</i> e a <i>clementia</i> em Suetônio e Tácito.....	63
2.1 <i>Gloria</i> e <i>clementia</i> como fundamentos da <i>auctoritas</i> imperial em Tácito e Suetônio.....	63
2.1.1 <i>Gloria</i>	66
2.1.2 <i>Clementia</i>	68
2.1.3 Elementos da construção e escrita das <i>uirtutes</i> no contexto romano	69
2.2 A <i>gloria</i> como reconhecimento público e a <i>gloria</i> militar em cenas de guerra.....	75
2.2.1 Glória em cenas de guerra	92
2.2.2 A <i>gloria</i> e a <i>clementia</i> como <i>uirtutes</i> da qualidade do militar	97
2.3 <i>Gloria</i> a partir dos títulos e atividade na <i>Res</i>	103
2.3.1 A <i>gloria</i> e a <i>clementia</i> diante dos comportamentos frente à ordem do corpo coletivo da <i>res</i>	112
2.3.2 Dimensões específicas da <i>gloria</i>	115
2.4 A <i>clementia</i> em Suetônio e Tácito	119
2.5 Teoria do poder político, do ideal do bom e do mau <i>princeps</i>	126
2.6 A <i>clementia</i> no comportamento dos homens em posição de poder	133
2.7 Genealogia, nascimento, vida e morte: <i>gloria</i> e <i>clementia</i> num caráter exemplar	143
3 Conclusão	153
4 Bibliografia	155
5 Anexos	161.

Introdução

O tema deste trabalho são valores (*uirtutes*) fundamentais que circularam na antiguidade romana: *gloria* e *clementia*. Essas categorias persistem até os dias de hoje, mas nem sempre coincidem com os sentidos em circulação no período em análise. É comum, por exemplo, a expressão “que tarefa sem *glória*”. Esses conceitos atravessam a memória, sendo lembrados a partir da leitura dos modernos sobre os documentos e tradições históricas. A série *Percy Jackson and Olympians* (Disney+, 2023)¹, ao interpretar a história grega, formula um enredo que constrói os filhos dos deuses como protagonistas. Já em seu início, esses filhos são levados ao acampamento de treino dos semideuses e, nas suas qualidades de guerreiros, o que lhes interessa é a conquista da *gloria*. Trata-se de uma abordagem contemporânea dessa virtude.

A *gloria* também persevera no contexto religioso. Um folheto da capela de São Sebastião, voltado para a festa anual desse santo, produzido na cidade de Uberaba neste ano, propõe duas orações a São Sebastião. Uma delas se inicia da seguinte forma: “Glorioso Mártir São Sebastião, intrépido soldado do exército de Jesus Cristo, hoje vimos pedir a vossa intercessão junto ao trono glorioso de Jesus, [...]” (folheto em anexo). “São Sebastião” é, na tradição católica, um mártir morto sob o império de Diocleciano. Seu nome deriva da palavra *sebastos*, que significa “divino”, sendo, assim, venerável “pela *glória* do altíssimo Deus”. São Sebastião era soldado e, por isso, a *gloria* lhe é associada, uma vez que foi capitão da guarda Pretoriana. A presença da *gloria* é encontrada em outros contextos: a banda Stratovarius lançou a música *Glory Days* (“Dias de Glória”) em seu álbum de 2022. A temática da letra é a guerra: metaforicamente, a *gloria* é explorada na letra como valor decisivo num contexto de guerra.

A clemência também é uma categoria recorrente na atualidade, podendo ser relacionada ao Estado. A *clemência*, no caso, é *uirtus* do poder. No Estado moderno encontramos-la nesse âmbito, por exemplo, nos EUA, em que há a “clemência executiva”: poderes gerais do presidente e governadores de conceder indulto, anistia, comutação e perdão a condenados. Este poder é definido nas constituições (Wex Definitions Team, 2021)². A clemência permanece também como conceito jurídico no Brasil. Aqui, é definido como disposição de um tribunal ou de um júri em demonstrar misericórdia por um réu, podendo refrear a pena ou absolvê-lo. Contudo, desde que com a condição de que esteja baseada em evidências jurídicas, não pode

¹ Com uma primeira temporada composta por oito episódios e adaptando o livro *The Lightning Thief*, estreou em 19 de dezembro de 2023 no Disney+. Foi renovada para uma segunda temporada em fevereiro de 2024 e adaptou o livro *The Sea of Monsters*, estreando em 10 de dezembro de 2025.

² “Um dos exemplos mais famosos do exercício do poder de clemência executiva foi o indulto concedido a Richard Nixon pelo presidente Gerald Ford em 1974.”

ser dada por motivação subjetiva dos jurados. Por esse motivo, é encarada com cuidado, por seu risco, exigindo cautela e base nas provas, deve ser pautada no conceito processual probatório (PINHEIRO, 2026). Nos lembra, desta forma, a concepção de Sêneca, que sugere evitar os usos exagerados, para mais ou para menos, da *clementia*.

A tendência dos estudos da história romana antiga, até final do século XX e início do XXI, era, centralmente, o estudo das instituições, lutas políticas e sociais, a da forma da economia. Posteriormente, temos uma virada historiográfica, principalmente influenciada pelas publicações de Paul Veyne. Abriu-se espaço para uma perspectiva que passou a observar a história romana na companhia de toda história antiga, tomando como base seus valores. Este trabalho busca compreender a história romana e as fontes a partir da perspectiva dos valores. Quando se abre o campo de pesquisa com essa direção, encontramos as *uirtutes* narradas pelos romanos em comportamentos. Esta pesquisa busca observar objetos no universo social romano em que há diversas *uirtutes*. Basta ler os textos de Cícero para encontrarmos várias *uirtutes* como a *sapientia*, *pietas*, *fides*, *auctoritas*, *gravitas*, *dignitas*, *mos maiorum*, *concordia*, *libertas*, entre outras, das quais cada uma tem seu comportamento contrário, isto é, um vício que lhe corresponde.

Dentro destas encontram-se nossas duas *uirtutes*, que são objeto de pesquisa deste trabalho: a *gloria* e a *clementia*. Escolhemos duas fontes para analisar a presença da *gloria* e da *clementia*, dentro da visão de mundo, dos valores dos romanos nos séculos I e II d. C. Nossas fontes são Suetônio e Tácito. Pesquisamos as *Vidas* de Suetônio e os *Anais* de Tácito. Para o objetivo de pesquisa faremos, assim, o recorte de análise e trataremos como fontes o livro primeiro dos *Anais* e a *Vida de Tibério*. Disto, também, decorre a justificativa da pesquisa. Vale a máxima na história que “o historiador olha para o passado a partir das questões do presente”. Assim, voltamo-nos para esses dois autores, já em grande medida estudados pela historiografia, acreditando que podemos contribuir com a área se focamos a presença de duas *uirtutes* nos seus escritos, dentro do universo de documentos que circulam em seu período.

Levemos o leitor a conhecer um pouco nossos autores fonte. Suetônio e Tácito pertencem à um universo de corte, ligados ao contexto do *circuli* literários. Tratam-se de espaços privilegiados para pessoas ligadas às atividades literárias-artísticas, bem como vinculados às atividades governamentais, muitas das vezes desempenhando funções de burocracia imperial (PALERM e HORRILLO, 2017). Caio Suetônio Tranquilo nasceu por volta

de 69/70³ e morreu entre 140/150. Descendente de uma família modesta da ordem equestre (JOSÉ, 2011), foi advogado (PLINJ., *Ep.*, XII), erudito e professor de gramática. Sob proteção de Plínio, o Jovem, fez seus estudos (JOSÉ, 2011), obteve de Trajano o “*ius trium liberorum*” e o tribunado militar. Sob Adriano desempenhou o cargo de “*magister epistularum*” (secretário particular (SOBRAL, 2007). Suetônio acumulou os cargos de *a studiis*, *a blibliothecis* e *a epistulis* (BRANDÃO, 2009), os dois primeiros sob Trajano e o terceiro sob Adriano (PALERM e HORRILLO, 2017). Apoiado por Plínio, o Jovem, e Septício Claro, comandante da guarda pretoriana, por interseção de amigos junto a Trajano, iniciou o desempenho de cargos na administração imperial. Teria sido descartado de suas funções imperiais no período 122-128 d. C. e seu rastro teria sumido por volta de 122 d. C. (PALERM e HORRILLO, 2017).

É pelo desempenho dessas funções, como diretor de bibliotecas, que Suetônio teve contato com o material de fontes que utiliza. Como pertencente ao *concilium princeps* e responsável pela correspondência latina do império, tinha acesso às fontes (SOBRAL, 2007), derivado de sua posição de alto funcionário (PALERM e HORRILLO, 2017). Entre essas fontes estavam cartas de imperadores e pessoas do seu círculo familiar, pessoal e administrativo, um universo da coorte. Um material inacessível à maioria do público, inclusive para muitos outros autores de publicações. A citação de elementos desse material é peculiar na escrita de Suetônio (JOSÉ, 2011). Menciona nas biografias os atos do senado, a efigie do imperador, os escritos de personalidades, as cartas, os discursos de transmissão oral (SOBRAL, 2007), além de inscrições, obras arquitetônicas e epístolas pessoais imperiais (JOSÉ, 2011). Suetônio também faz referência, em suas biografias, a diversas obras publicadas e a seus autores, seriam livros acessados nas bibliotecas, de sua coleção pessoal ou mesmo nas *recitationes* públicas. Além disso, na função de diretor de bibliotecas tinha contato com o fator importante da difusão de obras dos círculos literários, políticos e militares de Roma.

Suetônio pertencia à ordem equestre. Participando do círculo literário de Plínio, foi este quem o chamou a publicar sua primeira obra, *De Viris Illustribus* (PALERM e HORRILLO, 2017). Suetônio foi escritor de biografias, Suetônio se notabilizou especialmente pelas suas *vidas*, mas escreveu textos de outros tipos. Suetônio é um erudito (JOSÉ, 2011)⁴. É dessas obras de erudição que retira informações que insere nas *vidas*, como os detalhes sobre jogos, os espetáculos, detalhes da vida privada, do vestuário e mobília, os gastos e calendário. Antes das

³ Natália José (2011) acredita que a hipótese de Syme (1981) para o ano de 70 seja a mais correta, pois a data do nascimento nome Tranquilo aponta para este ano e os dados sobre o autor começam nesta data.

⁴ Suetônio produziu a obra perdida *Pratum* um repertório erudito enciclopédico, com estudos eruditos de diversos assuntos (JOSÉ, 2011).

Vidas, a primeira publicação de Suetônio fora em 111/112 (JOSÉ, 2011), quando publicou *De Viris Illustribus*, sobre a vida de poetas, historiadores, oradores, filósofos e professores de gramática e retórica, isto é, trata-se de homens de destaque. Esse *Illustribus* se dividia em cinco livros (*De poetis*⁵, *De oratoribus*, *De historicis*, *De philosophis* e *De grammaticis et rhetoribus*) (ACEVES, 2009). Publicou diversas obras de erudição, de temas de lexicografia, instituições e variadas (de curiosidades) (PALERM e HORRILLO, 2017). Publicou, ainda, biografias fora dos *Doze Césares*, como a *Vida de Virgílio* e *Vida de Terêncio*. A *vida dos doze césares* foi originalmente publicada em oito volumes. Em cada um dos seis primeiros a vida de um dos governantes, de Júlio a Nero, o sétimo com três imperadores do ano de 69 d. C.; o oitavo, com três imperadores flavianos (MELLOR, 2002. In: JOSÉ, 2011).

As *Vidas* teriam tido o início de sua escrita quando Suetônio estava por volta de 40 ou 50 anos. Natália José (2011) afirma que não se sabe ao certo a data da publicação das biografias de Suetônio, o período aproximado da publicação é datado por muitos do período do principado de Adriano. Um dos argumentos para essa hipótese é a dedicatória de algumas delas a Septício Claro, Prefeito da Guarda em 119-122 d. C. Portanto, afirma-se comumente que teriam sido lançadas em 121 d. C.

Públio Cornélio Tácito teria vivido entre 55/56 e 117-120 (LIMA, 2019). Tácito mesmo conta que sua carreira começou em Vespasiano, progrediu em Tito e avançou ainda mais em Domiciano (*Hist.*, I.1); teria sido admitido como Senador sob Vespasiano. Foi pretor em 88 e provavelmente foi administrar uma província em 89, *consul suffecto* em 97. Foi Procônsul na Ásia, sob Vespasiano foi questor, sob Tito foi tribuno ou edil (SILVEIRA, 1964). Tácito teria prosperado com os governos de Trajano e Nerva.

Tácito foi educado desde a infância para a carreira política e, assim, para a oratória (SILVEIRA, 1964). Desenvolveu intensa atividade tribunicia. Plínio, o Moço (PLINJ., *Ep.*, VII.20), teria dito que Tácito surgia cheio de “glória e renome”, possivelmente se referindo à sua atividade oratória. Foi exímio orador, reconhecido pelo público por seus discursos, como demonstra seu constante êxito nas funções públicas. Plínio, o Moço (*Ep.*, II) ainda nos conta que, Tácito falou com muita eloquência, característico de sua inteligência, e com ponderação. O reconhecimento público de Tácito fica evidente quando Plínio, o Moço, afirma que suas *Histórias* “serão” imortais (PLINJ., *Ep.*, VII.33) (SILVEIRA, 1964).

Tácito escreveu várias obras, de gêneros diferentes. Sua primeira teria sido o *Diálogo dos Oradores*, ainda jovem (76 ou 77 d. C.). Depois a *Vida de Agrícola* (97/98 d.C.), a

⁵ Celebidades do âmbito cultural: Terêncio, Virgílio, Horácio, Tibulo, Persio y Lucano. (ACEVES, 2009).

Germânia (98 d. C.), o *Histórias* (115/116). Sua última publicação teria sido os *Anais*, que se conjectura que tenha sido escrita paralelamente ao *Histórias*, escrita ao longo de muitos anos, se conjectura que tenham sido escritos entre 105 e 116 d. C., terminada após o governo Trajano (SILVEIRA, 1964).

É no universo destes dois membros de ordem, do patriciado romano, um equestre e outro senador, que buscaremos observar as *uirtutes* da *gloria* e *clementia* que eles expressam em sua escrita. No capítulo 1, trabalharemos os elementos do regime de escrita que compõe o universo de nossas fontes, que perfazem os protocolos da composição escrita. Convidamos o leitor a ler o capítulo 1 para acompanhar nosso raciocínio no segundo capítulo. No capítulo 2, analisaremos a *gloria* e a *clementia* em Suetônio e Tácito diante do universo das *uirtutes* romanas de seu período.

CAPÍTULO 1: as *Vidas* e os *Anais* como gêneros da história e da retórica.

Retórica e história no mundo antigo

Os textos romanos do primeiro e segundo séculos da era cristã tinham por matriz a instituição da retórica. Assim, distribuíam-se em subgêneros, cada qual com seus protocolos e diversos particulares, nos quais os autores buscavam respeitar o cânone prescrito no gênero que escreviam. Neste primeiro capítulo, pretendemos definir e compreender os pressupostos do gênero historiográfico do qual as *vitae* e os *annales* estão enquadrados na Roma imperial. Podemos, então, chamar as *vidas* e o *anais* de história na concepção da antiguidade.

O que pensamos que é história não é universal nem é neutro, é sempre necessário perguntar “que tipo de história?”. A história na Antiguidade fundamenta-se na retórica e não corresponde à História em seu sentido moderno, há diferenças entre ambas. A historiografia moderna baseia-se na observação objetiva dos fatos, tem por pressuposto que os interesses do historiador não estão presentes entre os critérios para coletar e analisar as fontes (JOLY, 2005). Dessa forma, a historiografia moderna, como ramo da ciência, procura basear-se na ideia de verdade, é o elemento que lhe confere credibilidade. Enquanto a historiografia antiga baseia-se na ideia de verossimilhança e não possui a necessidade da objetividade e da produção de uma verdade. A verossimilhança tem por objetivo constituir um discurso crível, que possua credibilidade perante o leitor (JOLY, 2005).

A consequência é que a história antiga, ancorada na verossimilhança, produz efeito de convencimento, por isso mesmo, figura como um gênero no interior da escrita retórica. Devido à sua forma, a história antiga comumente busca produzir afirmações, fazer alusões no discurso que tenham efeito de prova. A verossimilhança, por outra consequência, admitia exageros e reduções, enquanto a história conforme a ciência moderna não admite. Ao privilegiar o efeito de convencimento, e não uma narrativa que reproduza a realidade como ela é, na historiografia antiga não há objetivo de narrar uma verdade, de transpor o real para o discurso. A perspectiva moderna encara alterações na narrativa da realidade como deturpação ou falsidade, a história antiga, por sua vez, não se preocupa em ver alterações como um vício. Então, “[...] como julgar qual narrativa é mais digna de crédito? Em geral, a resposta reside no quesito da ‘autoridade’.” (JOLY, 2005, p. 113).

A concepção de história em Roma, no século I a. C., se relaciona com a concepção do período de Tucídides e Heródoto, pois os romanos retomam a tradição de escrita da história grega, no entanto apresentam importantes diferenças. Segundo Sebastiani (2007), Heródoto

escreve história a partir da própria experiência, de seu testemunho, enquanto Tucídides narrou uma história que presenciou (a guerra entre peloponésios e atenienses). Ambos recorreram ao olhar como maneira de comprovar seu relato⁶. Já Cícero e Salústio, de forma diferente, narram eventos do passado, mas não necessitam da experiência presente para escrever a história. Cícero e Salústio entendem que a história é tarefa de indivíduos capazes de escrevê-la⁷.

O gênero histórico na Antiguidade deve ser pensado a partir da instituição da retórica, pois contar uma história envolvia oferecer consistência à “verdade” narrada. Para tanto, era necessário provar o argumento e, assim, torná-lo crível. Contudo, para os antigos, o tipo de prova oferecida não é a científica ou da fonte⁸ (TEIXEIRA, 2008, p. 554). A história estava associada à retórica, uma vez que a retórica se preocupa em convencer. Por isso, a história antiga só podia funcionar no regime da verossimilhança, não era possível pensar num mundo onde há provas sem convencimento. A tradição retórica romana deriva da tradição grega e tem uma de suas bases primeiras em Aristóteles, que define retórica como técnica voltada para a argumentação eficaz. Aristóteles alerta para o fato de que a persuasão deve ser direcionada para o argumento, e não somente para o juiz, e que precisa focar na prova, e não apenas no oponente. O método da retórica são as provas por persuasão, a persuasão acontece pela demonstração, e o procedimento de demonstração retórica é o entimema (*Ret.*, I.1).

Aristóteles escreve que a “[...] retórica [é] a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*Ret.*, I.2). Portanto, o objetivo da retórica é descobrir os meios de persuasão. No entanto, o uso da arte da persuasão não se separa da busca pela verdade e pela justiça, logo, não se trata de uma arte de convencimento voltada para o sucesso nos interesses pessoais, mas de um meio para buscar a verdade, buscar o caminho mais justo e mais lógico. A retórica é a faculdade por meio da qual mobilizamos elementos capazes de propiciar argumentos eficazes, formando, assim, a tradição grega da produção de formas de discurso preocupadas com o convencimento, a fim de criar e utilizar um método de discursos eficazes na persuasão, que atendam ao objetivo central de persuadir. Para persuadir, Aristóteles trata das

⁶ Por outro lado, os gregos também investiram em narrativas míticas, narrando façanhas dignas de fama e recordação. Essas “memórias” foram produzidas devido à necessidade de relatar tempos remotos que não deixaram registros testemunhais (TEIXEIRA, 2008; (COLLINGWOOD, 1978). Esse procedimento vai alcançar os romanos. Segundo Felipe Charbel Teixeira (2008), a distinção entre *logos* e *ergon* é comum no “pensamento” grego e provém da tradição popular, em que *erga* correspondia à verdade inquestionável, enquanto os *logoi* eram puramente ilusórios.

⁷ Isso seria possível pela união da experiência presente com algum instrumento teórico que lhe despenda do presente do narrador para o tempo narrado, como necessário para rescrever a história.

⁸ Por esse motivo Heródoto e Tucídides recorriam ao artifício do testemunho, em que a verdade se relaciona àquilo que os olhos conseguem alcançar. O testemunho ocular assegura a validade da exposição

formas de produzir provas, demonstrar provas e de construir frases/raciocínios persuasivos (silogismo/entimema)⁹.

O regime de escrita, nos séculos II a. C.-II d. C., em Roma, amparava-se nos protocolos da retórica e definia os tipos de discurso e escrita. Este regime, desde Aristóteles, baseia-se na separação dos discursos entre três gêneros: deliberativo, demonstrativo e judicial. O gênero deliberativo define a divisão entre o que é possível e o que não é possível de se deliberar, sobre os temas que se dão em conselhos públicos, esta é a retórica voltada para quem faz discurso na arena que trata do interesse público. A retórica epidíctica ou demonstrativa, é o discurso de quem elogia ou censura alguma coisa¹⁰, aquela voltada para a busca da virtude e do belo, daquilo que é digno de louvor e do seu contrário, o que é o digno de censura. Aristóteles diz: “O elogio é um discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. E, por conseguinte, necessário mostrar que as ações são virtuosas. [...]” (*Ret.*, I.9.1368a). O elogio é composto pela *amplificação*, que permite aumentar o elogio ou a censura. A retórica judicial (*Ret.*, I.10) trata de acusações e defesas sobre atos do passado, para mostrar sua justiça ou injustiça. Os tópicos são importantes na retórica, para a definição de parâmetros para o julgamento das situações. Pensamos que isso é importante na composição de *Vidas* e de *Anais*, que figuram como gênero escrito dentro do regime da retórica, desta forma, fazem apontamentos sobre as ações de seus personagens, sendo fundamental saber se há uma narrativa do ponto de vista positivo ou negativo.

A retórica segue se desenvolvendo entre os gregos e, depois, entre os romanos¹¹. A retórica peripatética é aquela referente aos discípulos de Aristóteles, que continuaram a tradição de elaboração da retórica¹². Da tensão entre as escolas retóricas rivais da oratória e da filosófica nascerá a síntese que os teóricos romanos utilizarão. Os autores da retórica, ao longo de toda tradição, sempre falavam da retórica e da arte da persuasão com foco no uso da oratória, ou

⁹ Aristóteles define como prova não artística, aquelas que não são produzidas por nós, são preexistentes. A prova artística, por outro lado, é preparada por nós. A *Demonstração* ocorre por meio de provas por persuasão. O primeiro tipo é o silogismo retórico: entimema, através de premissas se demonstra uma proposição nova, porque verdadeiras. O segundo tipo é a indução retórica: exemplo, demonstra que algo é assim a partir de casos semelhantes. Aristóteles também trata das formas de fazer silogismo, sendo a única efetiva aquela em que o auditório que se quer persuadir conhece as premissas.

¹⁰ Aristóteles analisa a forma de estabelecer o que é algo bom ou ruim, elogiável ou censurável, além de seus graus.

¹¹ Segundo Alexandre JR. (2012), Hermágoras deu a forma sistematizada e elaborada da teoria da *inuentio*, foi o primeiro a fazer especial doutrina sobre o assunto. Teofrasto trata da *elocutio*, introduzindo as quatro virtudes do estilo. A soma dos estudos de Demétrio, Hermágoras e Teofrasto formam o cânone básico de exercícios retóricos, o corpo de doutrina.

¹² Hermágoras dividiu o campo da retórica em questões gerais e controvérsias sobre casos particulares (ALEXANDRE JR., 2012). Teofrasto é citado por Diógenes Laércio, Cícero e Quintiliano, influenciou posteriores na teoria do pronunciamento do discurso, também na definição do epíqurema como argumento completo, desenvolvido que foi estudado pelos posteriores como conhecimento da retórica, presente nos manuais de educação oratória gregos e em seguida romanos.

seja, se ocuparam de técnicas de comunicação, sendo a oratória consequência da retórica. Essa característica está presente até no período posterior, em Roma, em que Quintiliano relaciona o bom orador ao domínio das boas virtudes: “[...] somente o homem bom pode ser o orador perfeito: por isso, exigimos nele não só exímia habilidade de falar, mas todas as virtudes do espírito.” (*Inst.*, I.I.9). Quintiliano crítica, como erro, os oradores que começaram a separar o falar bem da manutenção das virtudes (*Inst.*, I.I.13).

Essas construções básicas da retórica e da oratória chegam até o período romano do século I a. C. até II. d. C., ao qual pertence a *Retórica a Herênio*, manual que reproduz grande parte dos preceitos da *Retórica* de Aristóteles. Ambos os manuais, *Retórica* e *Retórica à Herênio*, estariam em voga em Roma, os autores os haviam lido. Suetônio e Tácito, desta forma, recorreram aos manuais de retórica para escrever, imbuídos da noção de respeitar um *topos* de escrita presente em seu período histórico, conduta valorizada como positiva pelos antigos, exigida como pré-requisito, bem como o fizeram os autores que serviram de fonte para estes. O *Retórica à Herênio* (I.1) testemunha que ele foi composto como um manual de retórica que traz um compilado de formas para uso da retórica e que a retórica era a forma presente, em Roma, de composição de discursos escritos e orais. O *Retórica à Herênio* trata da mesma divisão dos gêneros retóricos: “[...] três são os gêneros de causas de que o orador deve incumbir-se: o demonstrativo, o deliberativo, e o judiciário [...]” (*Ret Her.*, I.2).

Posterior é a *Instituição Oratória*. Segundo Bruno Basseto (2015), nessa Quintiliano trata, nos livros III a VII, dos passos da invenção e disposição nos tipos de gênero discursivos específicos. Quintiliano, ao realizar uma análise dos autores da retórica do mundo antigo, afirma que a maioria dos autores seguiu a divisão dos gêneros de causas estabelecidas por Aristóteles, Quintiliano afirma que se deve assumir a forma elaborada por Cícero dos três gêneros como: eloquência panegírica, deliberativa e judicial (*Inst.*, III.III.14).

É canônico também o modo do discurso, Aristóteles o definira dividido em três aspectos: de onde provém as provas, a expressão enunciativa e como convém organizar as partes do discurso (*Ret.*, III.1). O *Retórica à Herênio* trata dos elementos do discurso ao afirmar que o orador se caracteriza pelas qualidades:

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. Pronúnciação é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto. (*Ret Her.*, I.3)

O discurso divide-se em seis partes, havendo também uma ordem de discursar, essa mesma divisão é tratada para o gênero epidíctico (*Ret Her.*, III.16). O exórdio é o começo que se dispõe o ânimo do ouvinte a ouvir. A narração é exposição das coisas que ocorreram ou poderiam ter ocorrido. A divisão é o meio em que mostramos o que está concorde e em controvérsia, além de anunciarmos o que vamos falar. A confirmação é representação de nossos argumentos com asseveração. A refutação é a destruição dos argumentos contrários (*Ret Her.*, I.4; III.16). Ainda estabelece um tratamento dos gêneros da causa e as formas de captar atenção e benevolência dos ouvintes (*Ret Her.*, I.5-10).

Quintiliano trata das partes do discurso na *Instituição Oratória* e define suas partes como invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia ou ação (*Inst.*, III.III.1; III.III.15). Mas, a disposição é a parte que trata da ordem, portanto, supõe uma sequência. Então, o *Retórica à Herênio* define a disposição do discurso a partir das seguintes partes, em sequência: proposição, razão, confirmação da razão, ornamentação e conclusão. Também define a mesma lógica na disposição dos argumentos, como proposição, razão, confirmação da razão, ornamentação e conclusão (*Ret Her.*, II.28-30; III.16). De modo que os discursos que não respeitam essas partes são considerados viciosos. Quintiliano define as partes do discurso ao longo dos livros III a VII, visto de forma mais específica, ele desmembra algumas partes e as define como: exórdio, exposição, digressão, narração, divisão, proposição, confirmação, provas, argumentação e silogismo retórico (*Inst.*, III.III.5-III.III.8; BASSETO, 2015, p. 10).

Na Roma do século I a. C. a II d. C., o discurso histórico era regulado pela retórica, figurando como subgênero do demonstrativo, assim, devemos relacionar discurso histórico e preceitos do discurso na retórica (SEBASTIANI, 2007). Neste regime, a verdade da narrativa se dá a partir da plausibilidade que a narrativa é capaz de demonstrar. A *Retórica* de Aristóteles já definia o gênero demonstrativo como aquele dos discursos que louvam ou censuram, gênero que faz encômio ou vitupério. Aristóteles também define que fazem parte do gênero demonstrativo os meios adequados de amplificação (*Ret.*, I.9). A história romana segue uma longa tradição da escrita da história que remonta aos gregos. A história helenística posterior fez das narrativas de antigos historiadores, Heródoto e Tucídides, o seu próprio passado, escrevendo uma história com unidade de quaisquer dimensões, contanto que o historiador pudesse coligar material.

A expressão desse período foi Políbio, que olha para um passado mais distante, é do tempo em que a consciência histórica era diferente da concepção grega do tempo de Tucídides. A história, no tempo de Políbio, significa continuidade, herança do passado, significa

conformação da vida segundo costume ancestral. Esta história que narra começa com Roma formada e adulta, sendo a história um tipo específico de investigação, cujo herói da narrativa é a unidade do povo¹³. Para Políbio, a utilidade do estudo da história é ser fonte e espaço de instrução para a vida política, para formar uma autoconsciência útil ao agir¹⁴.

O desenvolvimento da história na tradição retórica segue com Cícero. As concepções de Cícero se preceituam dentro da retórica e da concepção retórica de história, que fazem parte do cânone romano que será seguida por autores posteriores. Cícero trata da oratória e das formas de construir discursos, tendo como objetivo a função retórica da persuasão, enquanto a história deve responder à função prática da persuasão em discursos orais. Assim, concluímos que a oratória e a história, em Cícero, são elementos derivados da retórica, podemos “[...] compreender sua proposta de subordinação da história à retórica, dando ênfase à função didática da história.” (BELTRÃO, 2017, p. 341).

Cícero relaciona as três formas de retórica (discurso político, judicial e cerimonial) com as funções do orador: ensinar, deleitar e mover (BELTRÃO, 2017, p. 346-47). Felipe (2021) explica que os preceitos da retórica (instruir, mover e deleitar) aproximam-se dos preceitos da história. Cícero segue a tradição de Tucídides, que entende que a função do historiador é narrar os fatos como ocorreram, enquanto a função de elaborar e inventar fica ao encargo dos poeta. Cícero afirma que aquele que escreve história não inventa fatos, que o historiador não deve escrever textos ficcionais (BELTRÃO, 2017, p. 348-349).

Em Cícero, a escrita da história é processo de construção do conhecimento pela investigação, e a história é como uma representação narrativa da realidade. Por isso, o historiador deve ser julgado pela verossimilhança na construção do texto (BELTRÃO, 2017). Cícero explora a possibilidade de grandes indivíduos constituírem fábrica da história. Esse cidadão romano ideal é aquele capaz de escrever a história (TEIXEIRA, 2008), “[...] a especificidade da história: ser uma construção de palavras e coisas devidamente ornada pela voz do orador, condição para que o registro dos acontecimentos passados possa revelar alguma utilidade pública” (TEIXEIRA, 2008, p. 558).

Cícero entende que a produção da presença advém da habilidade retórica de compor o relato, promovendo a visualização do que é dito a partir de um efeito desejado, pela insinuação de movimentos e mobilização de lugares comuns. Por isso, nos tratados clássicos de retórica a

¹³ “[...] a concepção duma história simultaneamente ecumênica e nacional, duma história em que o herói da narrativa é o espírito continuador e coletivo dum povo e em que o enredo da narrativa é a reunificação do mundo, sob a direção daquele povo.” (COLLINGWOOD, 1978, p. 49).

¹⁴ Políbio concebe a história como um pensamento de valor universal, em acordo com a tendência anti-histórica grega. Políbio reproduz o pensamento grego que só o transitório e temporário é capaz de ser conhecido.

história está colocada no gênero epidíctico, busca tirar lições, de forma que não é possível tirar lição do que não ocorreu ou do que foi deturpado por rancor ou paixão do orador (TEIXEIRA, 2008). A história precisa definir os modos como algo foi dito e feito, e ainda abordar a vida e o caráter dos homens como parte dos próprios fatos. Esse historiador deve atrair o leitor por meio de uma narrativa que contenha *fides*. A história deveria mover a audiência rumo à uma resposta emocional¹⁵.

Cícero baseia-se na ideia do historiador como narrador imparcial, o que “[...] não implica, contudo, que o historiador não possa elaborar (a *ornatio*) o fato histórico de modo a exaltar ou não um evento, mas de forma verossímil e imparcial” (LIMA, 2012, p. 39). Elaborar e ornamentar o discurso não significa puro embelezamento, mas visa o convencimento, ornar é relatar a história de forma melhor, mais rica e reproduzindo melhor a realidade narrada (TEIXEIRA, 2008). Para Cícero, a forma de narrar a história também deve respeitar uma disposição estrutural dos conteúdos segundo uma ordem e forma, esta ordem é a seguinte: ordem cronológica e descrição de lugares; em sequência, as deliberações dos personagens, deve indicar quais deliberações aprova; depois, as ações dos personagens; declarar a maneira como foram ditos/feitos os fatos; por fim o sucedido, narrar as ações, a biografia e também a natureza dos que são bons pela sua reputação (SEBASTIANI, 2007, p. 83).

Cícero entendia a narração da história como parte da superestrutura retórica (BELTRÃO, 2017), parte dos artifícios retóricos da *narratio*, portanto, não são exclusivos do gênero da historiografia (LIMA, 2012, p. 41-42), desta forma, ocorre em vários tipos de discurso. Ao transpor elementos da retórica para a concepção da história, Cícero traz a *narratio* para a história. A *narratio* aconselha não inverter a ordem natural do ocorrido, sua probabilidade, as qualidades dos personagens, as causas das ações (LIMA, 2012).

Cícero relaciona oratória e história, afirmando a importância de utilizar as regras da retórica epidíctica, pois a história é gênero epidíctico¹⁶, mas, a história diferencia-se deste por precisar respeitar regras próprias. Afirma a importância da eloquência tanto para a formação do orador quanto para a história que tem função didática, na qual o orador, com seu estilo, permite à história realizar sua função: “[...] A história poderia, de fato, capturar o poder dramático das instituições e tradições orais romanas.” (BELTRÃO, 2017, p. 352). A história é útil ao orador para prover a fluência do discurso e a variedade, por isso Cícero aprova um estilo apropriado

¹⁵ A crítica de Cícero aos historiadores se refere ao tratamento, não ao conteúdo ou estilo, eles só se reportavam aos registros dos fatos e elementos, se limitavam a registrar os fatos ignorando os ornamentos.

¹⁶ Para Cícero, o argumento-tipo do discurso epidíctico é a amplificação, que corresponde à argumentação para a elevação da nobreza ou destaque dos vícios, forma, segundo preceito de *Retórica à Herênio*, de compor um caráter virtuoso ou vicioso, os preceitos do elogio e do vitupério são compartilhados pelo panegírico e pela história.

de escrever história. Ele aponta a relação estilística entre história e oratória, por ambas possuírem função política, ou seja, a mesma função: mover as pessoas à ação (BELTRÃO, 2017, p. 356). A relação entre retórica e história se dá porque a elaboração do discurso influencia no efeito da narrativa sobre o público¹⁷.

O elemento da *historia magistra vitae* da concepção de história em Cícero faz parte do *topos* presente nos gregos e romanos. É a história que tem como referência a tradição, a imitação dos antigos que eram consagrados, cânone que também estabelece aqueles autores que são preferíveis de serem imitados. Por isso as fontes eram os historiadores, poetas e políticos dignos de “autoridade”. A *historia magistra vitae* se pauta pela *imitatio*, pela referência ao passado.

Os discursos históricos eram pronunciados por um orador. Quanto à função do orador¹⁸, Cícero entende que a unidade retórica entre as coisas e a narrativa, a unidade entre *res* e *verba*, só pode ser alcançada pelo orador prudente, que tem domínio da eloquência e profundo conhecimento da matéria tratada (TEIXEIRA, 2008). No século IV a. C., a *prhónesis*, conforme Aristóteles, é a virtude que permite a determinação da justa medida. A “[...] sensatez corresponde à capacidade de agir com prudência e temperança. O que implica levar em consideração o bem-estar geral. [...]” (FELIPE, 2021, p. 102). Logo, a prudência é virtude intelectual que ajuda a orientar as ações humanas, tendo em vista as incertezas que pairam sobre elas, o homem prudente é aquele capaz de realizar julgamento reto, de deliberar eficazmente para realizar uma ação eficaz.

A *prudentia* relaciona-se com a *historia magistra vitae* de Cícero, relação ainda a partir da construção de *exempla*, constituindo, segundo Cleber Felipe (2021, p. 106), um elogio da prudência. Procedimento que vem desde Salústio que, em sua *Conjuração Catilina*, amplifica virtudes de Catão e César enquanto vitupera os vícios de Catilina, constrói dois perfis antagônicos¹⁹. A *prudentia* em Cícero é definida como “[...] a arte que deve reger a condução da vida, provendo seu possuidor com o saber do que é bom e do que é ruim [...]” (BELTRÃO, 2017, p. 341-342)²⁰. A *história magistra vitae* necessita da *prudentia* e relaciona-se com a

¹⁷ Por isso, o historiador deve saber escolher a matéria, fazer a exposição do assunto, apresentar coesão do raciocínio, mobilizar as figuras retóricas buscando a eficácia do texto (BELTRÃO, 2017, p. 356).

¹⁸ A forma como Cícero conceitua a posição e função do orador relaciona-se com a concepção dos gregos de história. Para os gregos, a história é aberta à mudança a partir da ação humana, desde que seja ação pautada de forma esclarecida. Cícero, no *De Oratore*, define que os modelos a serem emulados para se compor histórias são Heródoto e Tucídides (TEIXEIRA, 2008).

¹⁹ Felipe (2021) explica “[...] a pertinência da associação entre prudência e retórica, que se ampara, sobretudo, no domínio do provável [...]” (FELIPE, 2021, p. 104).

²⁰ Para ser prudente é preciso saber escolher o justo, transformá-lo em ação e conduta.

concepção que toma a história como fonte de ensinamentos para instruir a geração futura para suas ações. O instrumento dessa concepção de história são os *exempla* (FELIPE, 2021).

A fidelidade da narrativa é avaliada a partir da construção do orador, isto é, a construção retórica de um *éthos* irretocável, a utilização de recursos retóricos pelo orador prudente. Esse orador prudente é aquele dotado das virtudes²¹, capaz de debater temas complexos²². A concepção ciceroniana continua posteriormente até o século II d. C. No livro XII da *Instituição Oratória*, Quintiliano trata do “orador completo”, aquele que aprimora seu caráter e ideais, por conhecer diversos ramos do saber, entre eles a história e o direito. O orador ideal também possui os melhores predicados morais, experiência, expressão linguística e letrada. O orador completo possui *dignitas* e *gravitas*, é exímio na arte de falar (BASSETO, 2015, p. 10), é um “homem bom”, não sendo mal orador não é danoso aos negócios públicos (*Inst.*, XII.PR.4²³).

As concepções de Cícero sobre história, retórica e orador estão dentro da sua visão da *historia magistra vitae* (história mestra da vida). A concepção de história mestra da vida é recorrente por longo período no mundo antigo, formando um *topos*. Esta concepção é aquela voltada para a construção de lições para a vida, para o agir da melhor forma possível, baseada na concepção de que coisas semelhantes podem se repetir. Segundo Teixeira (2008), essa concepção já aparece em Tucídides. Há, neste, um deslocamento em relação à Heródoto que opera no *kléos*, buscando preservar do esquecimento a memória, visa transmitir às gerações futuras lições úteis. Tucídides transforma a história, que adquire sentido de patrimônio, opera no *ktêma*. Com os romanos, o sentido de monumento passa a ser o relato de todo acontecimento importante da história de seu povo.

Salústio e Cícero expressam a concepção de uma história para tirar lições para a vida. Cícero reproduz uma concepção de Tucídides, segundo a qual para escrever história, é preciso se apoiar em testemunhos e evidências confiáveis como prova²⁴. A utilidade do relato histórico

²¹ Cícero afirma que a formação de um bom orador depende do investimento em sua educação, elemento fundamental na formação política. Há, então, a relação entre *prudencia* e educação, esse orador *prudente* é o *uir bônus*, qualificado no uso da qualidade da oratória e da filosofia, também da justiça (BELTRÃO, 2014, p. 346).

²² Assim, Cícero em carta ao amigo, “[...] Cícero diz por que o amigo pode ser tido por um historiador competente: afirma que ele é um homem de ‘autoridade, ilustre, notável, conhecedor dos maiores e mais importantes assuntos de estado e apreciado entre os primeiros cidadãos’ (*Fam.*, V, 12, 7)” (SEBASTIANI, 2007, p. 79).

²³ “Portanto, seja para nós o orador perfeito aquele que formamos e foi definido por Marcos Catão, como *homem bom, perito na arte de falar*. Na verdade, o que também ele colocou em primeiro lugar e pela própria natureza é preferível e maior, consiste, sem dúvida no homem bom (*vir bônus*). E isso não apenas pelo motivo de que, caso a força da oratória venha a insuflar a maldade, nada é mais pernicioso que a eloquência nos assuntos públicos e privados; e nós mesmos, que tentamos conferir, sob o aspecto do homem, algo à faculdade de se expressar, mereçamos a pecha de péssimos em relação aos aspectos humanos, caso entreguemos essa arma a um ladrão e não a um soldado.”

²⁴ A comprovação tanto pela realidade quanto pela verossimilhança, aquilo em que todos podem acreditar porque é plausível. O texto historiográfico tem de ser produto da análise e interpretação dos dados, e não apenas relato numa narrativa.

está em produzir lição de *uirtus* no ouvinte²⁵. Por isso, faz-se necessário o tratamento retórico da *expositio rerum gestarum*, para atualizar os efeitos persuasivos sem os quais o relato não seria capaz de infundir lições (TEIXEIRA, 2008, p. 557). A concepção de história em Cícero se relaciona com a visão grega, para os gregos a história é fonte de ensinamentos, através dela é possível criar remédios para evitar males, permite também recordar fatos memoráveis. Esses procedimentos aparecem em Cícero que, formulando a concepção de *historia magistra vitae*, entende como princípio próprio que o orador deve produzir, na história, um texto que induza aos ouvintes lições de virtude.

A *historia magistra vitae* baseia-se em elementos como a valorização das grandes ações pretéritas, narrar ações do passado para delas tirar princípios gerais. Concepção que rejeita a ideia de singularidade do tempo histórico, baseia-se na noção de que o presente e o passado funcionam em regimes iguais de história²⁶. Essa história romana buscava ser guia da ação, a partir da construção de modelos de conduta, pela construção de exemplos numerosos: modelos de virtude a serem imitados ou modelos viciosos a serem evitados. Isso é observado em Salústio ao construir a conjuração de Catilina em sentido tucidideano, buscando recuperar a antiga *uirtus* e associando dois homens, Catão e César, como modelos de virtude.

Observa-se a prática comum de prescrever a imitação da experiência alheia para aqueles que não tinham experiência própria²⁷, que considerava-se tomar como fonte a partir de homens dignos (BELTRÃO, 2017). Nesse *topos*, o sucesso de homens anteriores era tomado como critério de êxito nas ações dos homens do presente, a história teria função pedagógica, por ensinar as lições a partir do passado, e programática, por ser impulsionadora da ação individual na política (SEBASTIANI, 2007).

Salústio integra este *topos*, busca produzir lição a partir dos modelos que apresenta, traz o uso dos exemplos e da *magistra vitae*. Os personagens da narrativa, Jugurta e Catilina, são exemplos negativos, narrados como conspiradores, ameaça à ordem romana, aludem ao seu período, no qual, em sua visão, a República está em decadência. Um período marcado pela perda dos valores e costumes tradicionais, então, Jugurta e Catilina são exemplos do que não se fazer. Também em sua concepção, os acontecimentos antigos fomentam ações no presente, ainda imbuído do sentimento de temor do inimigo (FUNARI E GARRAFONI, 2007). Tito

²⁵ A história deve ser ao mesmo tempo útil e moral, que pode gerar conhecimento a partir de uma verdade moral.

²⁶ A *historia magistra vitae* opera por meio de vários procedimentos: a narrativa dos vícios e virtudes, dos erros e acertos do passado como forma de prevenir e encaminhar a direção de atos futuros, a valorização das grandes ações pretéritas; e, até, narrar as ações do passado para delas tirar princípios gerais.

²⁷ Cícero, com sua concepção de história, segue a tradição do *topos* antigo de que a história é didática pública com objetivos moralistas (BELTRÃO, 2017, p. 350). Desde os gregos e segue-se nos romanos.

Lívio escreve história e a compõe a partir da concepção retórica de história, reproduzindo a concepção ciceroniana. Escreve gênero de história para realizar a função pedagógica, o faz a partir de *exempla* morais. Para Lívio, a história é construída a partir da reflexão, a partir do contato do cidadão com a política e a esfera militar, e conseguir tirar lições dessas duas esferas, mas, a história seria também fonte de deleite (SEBASTIANI, 2007)²⁸. Nessa tradição inserem-se Suetônio e Tácito, que conformam à essa estrutura de narrativa da história a presença das *uirtutes* da *gloria* e da *clementia* em seus escritos.

O *topos* da concepção retórica de história ciceroniana é seguido por Tito Lívio e Salústio. Salústio elaborou as qualidades essenciais de um historiador de sua época. O ofício do historiador é coletar fatos, selecionados para mostrar um ponto de vista, sendo os fatos levantados para defender determinado ponto de vista. Salústio não buscou relatar os fatos tal como aconteceram, mas focar na capacidade e qualidade do narrador para inspirar sentimentos, concebendo que narrar a história significa produzir verossimilhança (SALÚSTIO, 1999; FUNARI e GARRAFONI, 2007). Para Salústio, a narrativa deve expressar as contribuições de figuras e acontecimentos, cujo objetivo do relato histórico é constituir memória sobre os fatos. Seu objetivo é persuadir o leitor a acreditar na sua narrativa e induzir o leitor à um determinado posicionamento político, o que coloca essa concepção de história dentro da retórica. Para isso deve se utilizar dos recursos de estilo, arranjo e disposição do argumento para formar um meio de persuasão (FUNARI e GARRAFONI, 2007).

Para os romanos desse período, a história de Roma é a única história, é a história universal. Para Tito Lívio²⁹, a história é humanista, pois deve descrever ações humanas e não considerações de origens divinas do povo (COLLINGWOOD, 1978). Assim, a função da história é a mesma de Cícero, no elemento em que a história se volta para a educação e para o agir político. Esta história serve ao objetivo pedagógico e é parte da construção do cidadão³⁰.

Salústio e Cícero se preocupam com a presença da realidade relatada (“construção de fatos e palavras”), devido ao objetivo de atingir a educação moral e da história trata-se das

²⁸ A história é tanto forma de lazer quanto atende ao objetivo moral e de ensinamento.

²⁹ Tito Lívio acrescenta à concepção de história humana a ideia da origem. Aplica o método “cola e tesoura”, reuniu os documentos tradicionais da história de Roma e os fundiu numa mesma narrativa. Mas, aplica o método crítico, pois seleciona as lendas e decide quais são confiáveis. No caso das tradições de eventos anteriores à fundação de Roma, como as fábulas, não podendo ser confirmadas, limita-se apenas a reproduzi-las, enquanto as tradições da fundação de Roma ele as aceita como as encontra.

³⁰ No entanto, Lívio diferencia-se de Cícero ao apontar que se escreve história tanto para homens que atuam na esfera político-militar quanto para a reflexão pessoal do homem comum (SEBASTIANI, 2007). Tito Lívio recusa a visão ciceroniana de história no elemento que afirma que o historiador deve ser orador prudente e ter *auctoritas*, mas, concorda com ele sobre a construção retórica de história. Lívio, entende que a história é tarefa de oradores capacitados para isso, deve ser composta a partir do ornar os fatos, para retratá-la da forma mais fiel (SEBASTIANI, 2007).

lições morais. Enquanto para Tucídides e Políbio, o objetivo são os ensinamentos práticos de caráter político e militar, para se preparar para resolver problemas futuros (TEIXEIRA, p. 557), o que significa que buscavam uma lição de *uirtus*. Observa-se, em Salústio e Tito Lívio, o *topos* da *historia magistra vitae* e a concepção retórica de história, esta última aproxima-se, na maior parte dos aspectos, da concepção ciceroniana de retórica. Essa constatação é importante para vermos as nossas fontes de análise, as *vidas* de Suetônio e os *anais* de Tácito, como escritas de história baseadas na *historia magistra vitae*. Assim, têm por objetivo transmitir lição de *uirtus* ao público que as lê/ouve, são história para infundir lições.

A escrita das *Vidas*, de Suetônio, e dos *Anais*, de Tácito, estão relacionadas com os protocolos de escrita que aparecem nos manuais de retórica, no que diz respeito ao seu estilo. Quintiliano reputa ao orador e à retórica alguns preceitos, no objetivo do conhecimento, o orador é aquele que faz das imagens que discursa serem mais próximas da realidade. Assim, “[...] Estimula-os no orador a que fala com a própria alma e que não pretenda nos arrastar por imagem e circunlóquios, mas pelas próprias causas [...]” (*Inst.*, X.I.16). Quando observamos o estilo da escrita desses livros, pensamos que se relacionam com definições no âmbito da elocução, uma das partes da retórica (*Ret Her.*, I.4) e parecem reproduzir as figuras da elocução (*Ret Her.*, IV.11-16). As figuras de elocução orientam como estabelecer as figuras no que fazer para não incorrer nos vícios específicos de cada um.

Parece-nos que os *Anais*, de Tácito, são escritos predominantemente na figura de elocução grave, enquanto as *Vidas*, de Suetônio, parecem se pautar predominantemente na figura de eloquência média e, em algumas partes, na figura de eloquência tênue. Em Suetônio, há os trechos com as orações curtas e diversas orações na mesma frase, contudo, os termos são mais complexos que a conversa mais simples da figura tênue. Embora a correspondência não seja exata, ainda assim se aproximam com essas figuras citadas. As *vidas* e os *anais* também parecem se pautar na eloquência no que é definido, em seus diversos elementos, para as *Comodidades da elocução* (*Ret Her.*, IV.17-69) e *Dignidade* (*Ret Her.*, IV.19-69).

Além disso, as *vidas* também, por consequência da aproximação com a figura tênue, se relacionam com outra tradição: a *diatribe*. Elemento da tradição filosófica popular helenística, que se expressa na diatribe estoico-cínica. A diatribe é composta por exemplos de procedimentos de argumentação e de estilo, pela discussão de particularidades do caráter humano, bem como é uma forma de prosa filosófica que permite inserções poéticas e invenção (VITORINO, 2003). A *diatribe* significa, na antiguidade, a conversação: assume técnicas do diálogo e do simpósio, mas utiliza o diálogo para atrair os ouvintes e foi, por muito tempo,

empregada para levar pensamento ético das escolas estoicas e sônicas para as classes mais baixas (VITORINO, 2003, p. 40, Nt. 17).

Quanto aos termos da parte da retórica denominada no regime da retórica como *elocutio*, são compostos pelos ornamentos de palavras e ornamentos de sentença. Encontramos diversos deles em Suetônio e Tácito, por exemplo, podemos citar o uso de *uariatio*, *quiasmo*, *interrogatio* e *exclamatio* (*Ret Her.*, IV.22), *gradatio* (*Ret Her.*, IV.34) e *effictio* (*Ret Her.*, IV.63).

A história antiga é composta, também, por outros elementos utilizados por Suetônio e Tácito. Em primeiro lugar, constatamos, como mostrou a análise de Collingwood (1978), que a história greco-romana é humanista e substancialista. Enquanto humanista, a história greco-romana faz a narrativa das ações e objetivos humanos. Os gregos consideravam a história aberta à mudança pela ação humana bem esclarecida, se o homem não conseguir mudar seu destino é porque não teve a clareza e capacidade necessárias. Esta história encontra a causa de todos os acontecimentos históricos na personalidade humana, individual ou coletiva, de modo que o que acontece na história é resultado da vontade humana. O responsável pelas ações deve ser louvado ou censurado. O conceito humanístico romano torna o agente diretamente responsável pelo que faz, logo o homem é, por excelência, o criador da história, das ações, então só se pode esperar consequências que lhes correspondam. Ao homem pertence, portanto, um pensamento ético que atribui importância ao plano de ação elaborado pelo agente.

A história, enquanto substancialista, é concebida como inerte e distingue ação e agente. O agente é substância, então é imutável e ocorre fora da história. As ações que fluem do agente estão na história, enquanto a história não explicará como surgiu um agente ou se modificou. Collingwood (1978) afirma que a história é substancialista desde antes de Tito Lívio até Tácito e Suetônio. Tito Lívio expressa essa concepção substancialista ao fazer de Roma o agente de sua história, suas modificações são emanção das ações dela, do começo ao fim Roma é a mesma, sua substância não muda. Tácito quando relata a maneira como o caráter de alguém sucumbiu, não narra como uma modificação da personalidade diante do externo, mas como uma revelação do caráter escondido que sempre existiu. Um homem não pode mudar seu caráter, homens bons não podem se tornar maus, apenas o escondem ou revelam. As ações, ao serem narradas na história, são consideradas como já feitas (COLLINGWOOD, 1978). Sendo assim, vemos que as *vidas* e os *anais* apresentam as características do humanismo e do substancialismo.

A história greco-romana é história exemplar. Os exemplos são elementos comumente presentes no gênero historiográfico romano e em seus subgêneros dos *anais* e das *vidas*. A história exemplar aqui faz-se pelo uso de exemplos, no formato da *história magistra vitae*. O termo *exempla* significa o conjunto de exemplos, são exemplos dados ao longo de narrativas. Esses *exempla* fazem a referência à tradição, à imitação dos antigos, constituindo o *topos* recorrente (FELIPE, 2021, p. 452). Para construir os *exempla*, é comum relatar uma sequência de ações, mas, os *exempla* se constrói na escrita de ações no singular, narra-se, assim, ação por ação. O personagem narrado age sobre jogos, sobre tribunais, sobre uma lei, sobre o trato à um senador, reage à um liberto, à um cavaleiro, à um escravo, à uma revolta, uma guerra, em sequência ou em tópicos.

Há consequências desse procedimento narrativo. A soma dos exemplos, ao serem narrados em sequência, constroem os *exempla* por esse agrupamento do conjunto formado pelos exemplos individuais. É dessa forma que se constroem retratos de *personae*³¹. A característica do relato sequencial das virtudes e dos vícios é uma forma componente do uso dos *exempla*. Usa-se tanto para se o relato privilegia a cronologia quanto para o relato que faz resumo das ações (estas duas formas são definidas por BRANDÃO, 2009, p. 55). Nos romanos, os *exempla* é usada de várias formas no discurso, seja para formar uma imagem daquilo que se deseja expressar, seja para construir um modelo único³².

O uso dos *exempla*, especificamente nas *vidas*, liga-se ao objetivo de caracterizar um personagem. Nelas, a ilustração do caráter é fundamental, isso pode ser feito pelo relato de ações, mas também pode ser feito pelo relato das qualidades do caráter. Brandão (2009) aponta que, na *vida*, o uso da *partitio* ou *divisio* (o método de, ao final de uma exposição, resumir o que expôs e introduzir o que se segue), é usada por Xenofonte, Evágoras e Cornélio Nepos. A *partitio* favorece a divisão *per species*, entendemos que esse procedimento favorece uso dos *exempla*. O relato sequencial favorece a descrição de virtudes e vícios, isso se passa quer o relato privilegie a cronologia, quer o relato privilegie resumo das ações (BRANDÃO, 2009, p. 55).

No caso específico da *vida*, o modelo dos *exempla*, quando se compõe a *vida per species*, permite que os fatos de cronologia diversa possam ser agrupados sem respeitar a cronologia na

³¹ Retratos são construídos, assim, como pesquisou Natália José (2016) em *Retratos de Augusto: a construção de um imperador romano* e Danielle Lima (2019) em *Tácito e o vocabulário das virtudes*.

³² Assim, conceituamos os *exempla* no gênero historiográfico, esta é procedimento em que a sequência de ações e as qualidades do caráter se prendem ao sujeito que é construído como modelo narrado. Poderíamos pensar na hipótese de que constitui tópico em autores do período o procedimento de passar de exemplos sequenciais à um modelo, pela generalização de exemplos, esse é o caso feito por Suetônio segundo Brandão (2009, p. 56).

sequência em que ocorrem³³. Mesmo os “Anais Pontíficos”, forma mais antiga de *anais*, conservam uma característica de história exemplar: exaltavam uma personalidade de comportamento moral elevado. Portanto, é plausível pensar se os *exempla per species* ou *exempla per tempore* sejam elementos constitutivo da *vida* e dos *anais*.

O uso dos *exempla* remonta a tempos mais afastados em relação ao tempo de Suetônio e Tácito, podendo, assim, ser pensada como um *topos*. Segundo Grimal (2011), no tempo da guerra contra Aníbal, as fontes romanas narram que as expectativas encarnavam-se em dois homens: Fábio, o Temporizado³⁴, e Cipião, o Africano. Fábio era magistrado da velha escola, prudente, autoritário, obstinado, inimigo do luxo, respeitava a autoridade do senado. Cipião era chefe brilhante, confiava “na sua boa estrela”, admirava os gregos, gostava da vida abastada e elegante, tinha orgulho de seus sucessos e não aceitava qualquer crítica. A Roma que saiu da vitória encarnava-se em Catão, o Velho, utilizado como *exemplum* que expressava conduta e valores. Catão demonstrou qualidade superior na eloquência, na vida austera, na integridade, dedicou-se a denunciar as desonestidades que via serem cometidas. Catão apontava a vitória de Roma como derivada do apego do povo aos valores da vida tradicional, como o valor da *pietas* à família e aos deuses.

Para persuadir seus contemporâneos, Catão publicou *Da Agricultura*, que mostra uma família romana em que o senhor se ocupa dos negócios públicos na cidade, enquanto a família, com alguns servidores livres e outros escravos, leva uma vida de trabalho e honestidade, contribui para a prosperidade geral (GRIMAL, 2011, p. 80-83). Catão opera a partir do *topos* dos *exempla* para tratar do Estado, da instituição pública da cidade e das instituições tradicionais da política e da religião, incluído aí a cidadania³⁵.

Tito Lívio utiliza dos *exempla*. Sebastiani (2007, p. 87-88) afirma que Lívio enuncia a importância dos *exempla* “no conhecimento das coisas”. Ao longo da obra de Lívio, os bons exemplos, aqueles a serem seguidos, estão presentes até 188 a. C., a partir daqui se vê a

³³ Desta forma, esses fatos compõem uma série de exemplos que se agrupam por serem semelhante a partir da definição de um tipo de caráter/personalidade. Os *exempla* pode vir na forma de uma lista, de fatos diferentes, mas que ilustra que todos pertencem à um mesmo tipo de conduta.

³⁴ Segundo a pesquisa que fizemos, provavelmente a fonte principal para essas conclusões de Grimal (2011) para Fábio seja Plutarco, *Vidas paralelas*, “Vida de Péricles e Fábio Máximo”, mas outras fontes usadas são: Cícero (*De natura deorum* II.23; *Brut.*, XVIII); Políbio (*Histori.* III.87.7.; III.89.3-4; II.103.1-8; III.103.7-8; III.104). Para Catão, o Velho, provavelmente Plutarco, *Vidas paralelas*, “Vida de Aristides e Catão”. Plutarco, Cícero e Políbio utilizam das *exempla* em sua escrita.

³⁵ Catão é conhecido como realizador da maioria de suas ideias, teve na juventude um poderoso protetor, que o ajudou a superar obstáculos na carreira das honras. Catão reputava às cidades do oriente o exemplo negativo. As cidades gregas dilaceradas por lutas internas, entregue à discórdia. Os reinos da Ásia eram exemplo para ensinar a vida faustosa e onipotência do dinheiro, enriquecia pelos comércios de luxo, uma sociedade indolente, servida por exércitos de escravos.

decadência dos costumes e então só exemplos a serem evitados. Trazemos a conclusão de Sebastiani: “Os exempla são o cerne da obra de Tito Lívio e constituem o eixo diretivo através do qual o historiador tece sua narrativa, bem como o motivo pelo qual seu trabalho provocou tanta repercussão. [...]” (SEBASTIANI, 2007, p. 88). O uso dos *exempla* em Lívio não se restringe ao objetivo pedagógico, de tirar lições aos leitores do presente, componente moral, mas é utilizado também como meio para explicar a história romana para o leitor e para explicar para si próprio os fatos que narra. Assim, Lívio faz parte da tradição que usa a biografia de grandes homens, aqueles que demonstram virtude e devem ser imitados. A *exempla*, em Lívio, tem ainda objetivo instruir homens comuns, não ligados necessariamente à esfera política-militar, funcionando, assim, como forma de fornecer um substrato de reflexão pessoal (SEBASTIANI, 2007, p. 88; WIEDEMANN, 2000, p. 522). Os *exempla* em Lívio são fruto da reflexão, e não da experiência própria. Constituem um objeto de estudo, parte da função do orador no preceito ciceroniano, e não da própria experiência direta.

O modelo de Cipião, o Africano, em Lívio, é narrado no procedimento da *exempla*, o qual “[...] guarda em sua composição fases distintas nas quais atua ora como exemplo positivo, ora como reprovável.” (SEBASTIANI, 2007, p. 91). A primeira fase de Cipião, período de 211 até 201 a. C., constitui o da construção do auge do poder e prestígio. Nesse estágio, é *exemplum* de comandante que, por seu esforço e habilidade de se aproveitar das circunstâncias, se torna o mais importante em seu tempo.

Tal caracterização associa-o a valores morais, para caracterizá-lo como comandante que coloca o Estado acima de seus interesses: recusa o título de rei, ao mesmo tempo questiona e ameaça a autoridade do senado. Nessa fase, Lívio relata suas façanhas militares e sua ação política, em que manipulou elementos da religião e do pensamento popular para garantir o apoio do povo. Por seus sucessos militares enriqueceu o Estado e aumentou o território da República. Na segunda fase, período 200 a 191 a. C., fase do *exemplum* do homem já com prestígio, que dele se beneficia, mas, sem as circunstâncias que o levaram ao poder. Cipião se manteve ocupando cargos políticos, demonstra brilhantismo na política, mas militarmente está inativo. Predomina o exemplo positivo: Cipião acumula título de honra da censura e obtém as *glorias* da Espanha e África. A terceira fase vai de 190 a 183 a. C., é a fase do *exemplum* do homem que tem apenas influência, sem poder efetivo, predomina as *exempla* negativas. Não possui comandos significativos, seu prestígio está em declínio, acaba processado pelos adversários e termina retirado do cenário político-militar (SEBASTIANI, 2007, p. 93).

A *vita* e os *annales*: suas especificidades e circulação no mundo antigo romano

Esclarecido o que é a história no período do século II a. C. a II d.C., na medida em que os gêneros da história estão dentro da retórica, precisamos, para entender o que são *vita* e *annales*, responder: qual o gênero dentro da retórica é da *vita* e *annales* como escritas de história? Os panegíricos, discursos de encômio e vitupério, eram tópicos retirados dos manuais de retórica (FELIPE, 2021, p. 451). Então, ambos os *Anais* e as *Vidas*, atendem à retórica epidíctica, tal como os textos epidícticos, buscam elogiar ou vituperar. Isso ocorre porque, em nossa hipótese *Anais* e *Vidas* não procuram elaborar os valores ou demonstrar vantagem ou desvantagem de determinada ação, este objetivo é da retórica *deliberativa*. Não visam acusar ou defender, que ocorre na situação judicial dentro do sistema legal, assim, visariam mostrar que ações foram justas ou injustas, próprio da retórica *judicial* ou *forense*.

O gênero deliberativo e o epidíctico trazem virtudes e vícios para uso e tratamento³⁶. No deliberativo, indica-se que elogia a virtude positiva e se vitupera o que é covardia, fraqueza e torpe liberalidade, ainda define que referir-se ao que é louvável produz lembrança honesta (*Ret Her.*, III.3-7). Indica-se a busca do que é reto como algo positivo, mas não com objetivo de elogiar e sim de deliberar (*Ret Her.*, III.7). Demarca-se, no entanto, a separação: as virtudes, no gênero demonstrativo, são recursos para deliberação, enquanto, no gênero demonstrativo, as virtudes são centro do discurso, pois seu objetivo é elogio/vitupério. As *Vidas* e os *Anais* estão na retórica epidíctica, que visa elogiar ou censurar, mostrar virtude ou vício. Assim, o objetivo é fazer elogios ou censurar, nas *vidas* pela coletânea de características, ações e elementos de caráter que constroem uma *persona* biografada; nos *Anais*, pelo conjunto de fatos narrados que constrói uma história exemplar do tipo “coisas narradas” (*res gestae*).

Mas, segundo Felipe Teixeira (2008), esses gêneros se aproximam, ou se relacionam, com a retórica deliberativa, pois não quer dizer, necessariamente, que haja um gênero exclusivo sem relação com outro. É gênero epidíctico com uma inclinação para o gênero deliberativo. Nosso argumento para isso é a constatação de que, na *Vida*, para elogiar é preciso relatar a *res gestae*, para elogiar ou vituperar é preciso relatar ações, caráter e feitos. Quanto ao *anais*, para contar é preciso recorrer à elementos de elogio ou censura associados à definição do caráter de um indivíduo.

³⁶ O gênero deliberativo busca estabelecer as decisões em matérias das quais se precisa deliberar, no seu discurso compõe as formas de tratar questões na disputa, para isso se utiliza dos valores à serviço desse objetivo. Ao tratar da matéria honesta a divide em reto e louvável, do qual se faz com virtude e dever, e trata nas suas partes de buscar os valores definidores na coragem, prudência, força e honestidade.

O gênero epidíctico visa elogiar ou vituperar, por isso, atribui virtude ou vício. Para constituir esse elemento, precisa narrar fatos e estabelecer parâmetros de ações virtuosas ou viciosas. Por consequência, para constituí-los, diz Aristóteles: “[...] Os elementos da virtude são a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência e a sabedoria. [...]” (*Ret.*, 1366b). Se esses são os elementos que se elogia, a falta deles, ou seu vício, são os elementos do vitupério.

Os *anais* e as *vidas* são de gênero epidíctico. A retórica epidíctica constitui seu discurso segundo as seguintes partes definidas: 1) introdução (com ou sem narração); 2) divisão; 3) demonstração da vida; 4) conclusão (amplificações intercaladas, com lugares comuns); 5) disposição (*Ret Her.*, III.11-16). Definem-se, nesse âmbito, nos tópicos epidícticos: as virtudes, os conceitos de belo, nobre, honesto, bem como seus respectivos contrários. Os elementos de tópicos do gênero deliberativo são necessários para definir certos temas; os tópicos éticos que definem o que é ou não positivo e os tópicos do mais/menos que explicam que uma coisa é mais ou menos vantajosa que outra. Esses elementos servem como fonte de onde tirar elogio ou vitupério:

[...] O elogio, então, pode ser das coisas externas, do corpo e do ânimo. Coisas externas são aquelas que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna, favorável ou adversa: ascendência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades, enfim, coisas dessa ordem e seus contrários. Ao corpo pertence o que a natureza lhe atribuiu de vantajoso ou desvantajoso: rapidez, força, beleza, saúde e seus contrários. Dizem respeito ao ânimo as coisas que comportam nossa deliberação e reflexão: prudência, justiça, coragem, modéstia, e seus contrários. Esses serão nossos tópicos a confirmar e refutar nesse tipo de causa. A Introdução é tirada ou de nossa pessoa, ou da pessoa de quem falamos, ou da pessoa dos ouvintes, ou do próprio assunto. (*Ret Her.*, III.10-11)

Para tratar da demonstração da vida, o manual *Retórica à Herênio* preceitua usar uma ordem, buscando elogiar ou vituperar, tratando dos seguintes temas: a) circunstâncias externas: a ascendência; b) a educação; c) as vantagens do corpo (beleza, boa saúde); d) o retorno às circunstâncias externas e considerar quais os vícios e virtudes no ânimo (o parâmetro são a justiça, coragem, modéstia e prudência) (*Ret Her.*, III.13-15). Esses são os elementos que compõem a *vita*, mas aplicados também quando há narrativa de uma biografia no interior dos *anais* este também é o preceito.

Lima (2012) mostra que Cícero define como elogio os modos de tratar das circunstâncias externas, das derivadas do nascimento, que deve ser louvado brevemente, se for infame se omite, se for humilde, deve ser preterido ou aumentado a glória do narrado. Em seguida, deve-se falar ordenadamente das riquezas e dos meios, depois dos bens do corpo (beleza), que seja

digno de louvar. E então falar dos feitos, de forma a ser ou conservada a ordem dos tempos, ou primeiramente deve ser dito o mais recente, ou ainda os variados feitos relacionadas aos seus próprios tipos de verdades.

Os elementos do gênero epidíctico compõem a escrita do gênero historiográfico, pois a história é subgênero demonstrativo. A historiografia é composta pela *história*, pelos *anais*, pela *biografia* e pela *monografia histórica*. A monografia histórica é um tipo de subgênero historiográfico, cujo melhor exemplo que podemos citar é Salústio, que se caracteriza por narrar um único evento e apresenta as personagens da história pormenorizadamente, para justificar o papel de cada uma na ação. A monografia histórica compõe retratos de personagens, atendendo aos elementos preceituados no gênero demonstrativo (*Ret Her.*, III.10).

Para Lima (2012, p. 65-67), é plausível situar a biografia como escrita dentro do gênero demonstrativo, pois, nos discursos de tipo demonstrativo, há louvor e vitupério. Lima (2012, p. 65-67) conclui que a biografia aborda todos os pontos citados por Cícero para o elogio e que definem o *genus laudationis*. Narra também a descrição dos feitos, das ações e das *res*. A *vita* é um elogio que trazem todas as circunstâncias a serem elogiadas: tanto Nepos quanto Plutarco informam que os dados históricos são narrados como meio para ressaltar o caráter do biografado. Para Lima (2012):

[...] a biografia se constrói copiosamente de elogios e que esses são embasados numa arte retórica, mais precisamente aqui, no gênero demonstrativo. No entanto, estamos inclinados a pensar que o emprego desse gênero discursivo é só mais um dos recursos utilizados na construção de um tipo de texto específico, dentre outros como as anedotas, por exemplo. Aceitar que a biografia como um todo é parte do gênero demonstrativo e um subgênero da história, como defende Ambrosio (2005, p. 151), é quase como assumir que a história em si faz parte do gênero epidíctico e não necessariamente é assim, segundo pensamos: lembramos a passagem ciceroniana do *De Oratore*, III, 210, em que se diferencia de maneira explícita a história desse tipo de discurso. (LIMA, 2012, p. 66-67).

Concordamos com essa afirmação de Lima (2012), admitindo que há complexidade de textos e recursos textuais utilizados na biografia e, poderíamos dizer, também nos *Anais*. Dentro do gênero epidíctico, a narrativa é mais aceita e adequada que nos demais. O gênero epidíctico, segundo Cícero, está voltado para o deleite da plateia e relacionado à memória, juntamente com a narração da tragédia, da poesia e da comédia (TEIXEIRA, 2008, p. 562). As narrativas dividem-se ainda em três tipos, dos quais a história pertence ao grupo das narrativas alheias às causas civis, cujo objetivo é agradar. Ainda, é útil para o falar e o escrever (TEIXEIRA, 2008).

Cícero define o gênero epidíctico como aquele que narra ações passadas. Neste, tudo o que é virtude deve ser elogiado e tudo que é do vício deve ser vituperado. Consiste em narrar ações passadas, em empregar argumentos, busca influenciar levemente as emoções e não a aquisição de provas. Busca amplificar, sem perder o objetivo de deleitar o público. A exposição busca aumentar a adesão aos valores que exalta³⁷.

Procuraremos agora investigar esses diversos gêneros literários que possam ter relação com a *vida* e com os *anais*. Nos tratados clássicos da retórica, o gênero epidíctico, em que a história estava englobada, abrangia subgêneros. Entre tais subgêneros estão o panegírico, a *laudatio funebris*, a biografia exemplar, a crônica, entre outros, todos tratam do elogio e do vitupério. O encômio é um texto de tipo de retórica epidíctica, inicialmente um canto triunfal, depois virá a ser composto do elogio e do vitupério. Na Grécia antiga, os panegíricos são os discursos de caráter encomiástico e laudatórios, usados em eventos públicos para enaltecer heróis, antepassados e grandes homens. São discursos comemorativos em homenagem a um personagem ilustre.

No período do Império Romano, os panegíricos continuam em voga, a exemplo do *Panegírico de Trajano*, proferido por Plínio, o Jovem. Segundo Lucas Giron (2017), este elogio está dentro da tradição do encômio dirigido aos imperadores nomeado como *basilikos logos*. O *basilikos logos* contribuiu no *Panegírico de Trajano* para ele ser o primeiro *gratiarum actio*, em seu formato específico, a ser preservado para a posteridade. Giron (2017) aponta que o *Evágoras*, de Isócrates, era considerado o modelo clássico de *gratiarum actio*, portanto, um tipo de encômio³⁸. A *gratiarum actio* faz parte de uma tradição retórica encomiástica, é influenciado por textos antecedentes que são de discurso laudatório praticado em Roma desde os tempos da República. O *gratiarum* era o primeiro pronunciamento dos cônsules recém-empossados (GIRON, 2017, p. 21). A partir de Augusto, a *gratiarum* passou a ser obrigatória por um *senatus consulto*. O discurso de Plínio aproxima-se mais de um encômio propriamente dito, um discurso de agradecimento, diferente das outras *gratiarum acciones* (GIRON, 2017).

O panegírico específico de encômio aos imperadores, o *basilikos logos*, possui elementos específicos, entre eles citar o local de nascimento do encomiado, a separação entre

³⁷Ainda, como informa Giron (2017): “Assim, o gênero epidíctico integrou três atividades inter-relacionadas: o ensino, a teorização e a prática oratória. Passou a integrar os *progymnasmata*, exercícios retóricos praticados pelos jovens estudantes, fazendo parte das disciplinas que compunham a formação retórica.” (GIRON, 2017, p. 20).

³⁸“O *Panegírico de Trajano*, mesmo sendo conhecido por este nome, é um encômio, isto é, um elogio retórico. Foi chamado pela primeira vez de panegírico muito tempo depois de sua produção, mais precisamente no século V d. C. por Sidônio Apolinário. Plínio nunca usou o nome com o qual seu discurso se consagrou para se referir a ele, mas fazia uso do termo *Gratiarum Actio* para se referir a seu encômio em algumas cartas e no próprio *Panegírico*.” (GIRON, 2017, p. 20).

virtudes espirituais, físicas e externas, por fim a apresentação dos fatos segue ordem cronológica ou a ordem conforme as virtudes. Na forma antiga, preceituada por Quintiliano e Aristóteles, seguem-se os métodos de tratar por ordem cronológica ou conforme as virtudes, enquanto outros tratados, como *Retórica à Alexandre*, *Retórica à Herênio* e *De Oratore*, indicam preferência pela ordem das virtudes³⁹ (GIRON, 2017). Há também outros formatos de encômio⁴⁰. Lima (2012) defende, assim, que a biografia pode se separar em tipo laudatória ou tipo encomiástica. Conclui-se que, as *vidas* e os *anais* são parte deste universo de textos de caráter epidíctico.

Cabe ainda, para nós, tratar de outro aspecto: a dúvida sobre a composição dos discursos, uma vez que são proferidos em algum lugar para alguém. São escritos para serem lidos em forma de livro, ou se eles são para serem lidos publicamente, ou como discursos proferidos? Claro que, admitimos que possam ser para todas as formas citadas. A função de orador, aquele que profere tais discursos, dentro da retórica do mundo antigo tem uma atividade específica e que está ligada à ética (JOLY, 2009, p. 25). A retórica no regime da antiguidade previa o objetivo do convencimento; o discurso devia ser adequado ao convencimento e aos valores do *orador prudente*. Assim, os discursos são elementos de prática social romana. Pensavam-se formas para os discursos que podem ser escritos ou proclamados oralmente, Leni Leite (2013) afirma que a literatura romana é auditiva, por isso “[...] era feita para uma leitura [...] as recitações eram a principal forma de divulgação e contato com os textos escritos, principalmente os literários [...]” (LEITE, 2013, p. 85). As recitações são prática comum, Plínio é um exemplo de fonte que relata a prática dessas leituras⁴¹. A voz dessa recitação, em geral, era a do próprio autor. Tratava-se da recitação pública, em que há um público de várias pessoas ouvintes, sendo também uma estratégia que protegia o autor de circularem seus textos sobre outro nome autoral.

³⁹ O panegírico de Plínio, o Jovem, segue o método de conectar as ações narradas às virtudes a ressaltar, portanto parece um terceiro tipo (GIRON, 2017, p. 23-24).

⁴⁰ Lima (2012) cita Brandão (2009), que trata do encômio e, a partir de Luciano Samósata, que refere-se à historiadores que utilizam uma das espécies do discurso epidíctico. Em sua visão, esse discurso perde o que a história tem de mais característico: o benefício dos futuros leitores. Visto, ainda, que, na classificação de Aristóteles, a retórica deliberativa, que é, portanto, política, voltada à prática nas assembleias, é a que se volta para o futuro.

⁴¹ “Estando eu pronto para recitar um pequeno discurso, que estou pensando em publicar, chamei alguns amigos, para criar em mim algum medo, mas poucos, para que eu pudesse ouvir a verdade. Tenho, de fato, dois motivos para essas leituras: controlar minha inquietação e ser advertido sobre os erros que cometo. Se por acaso cometer um erro por minha própria ignorância. Consegui o que procurava, encontrei amigos que me deram abundância de seus conselhos, e, além disso, eu mesmo percebi algumas coisas a corrigir. Corrigi o livro, que agora te envio.” (PLÍNIO, *Ep.*, 5.12.1-2. In: LEITE, 2013, p. 87-88).

Há, em *Retórica a Herênio*, o tema dos exercícios úteis para elaborar a oratória (*Ret Her.*, I.3), com objetivo de atingir o público na forma escrita ou lida. Quintiliano (*Inst.*) demonstra preocupação parecida. No livro X, ao citar a importância do estudo da oratória, indica a leitura como elemento basilar na formação de um orador. Sugere uma lista comentada de autores gregos e latinos cuja leitura seria útil para o exercício do orador, supondo, então, que esse orador fará leitura pública ou seu escrito será lido. A explicação das atividades de recitação, tendo por base o relato de Plínio, baseia-se na lenda que narra que Asínio Polião foi o criador da *recitatio*, prática de leitura pública que entrou em voga na sociedade romana. As recitações ocorriam sobre quatro formas: recitações privadas, recitações públicas, concursos literários, recitação da própria composição do texto (LEITE, 2013, p. 82)⁴². Por isso, buscaremos analisar as *Vidas* de Suetônio e os *Anais* de Tácito como escritos que, possivelmente, foram pensados para a leitura e para a audição. É através desses discursos de caráter epidíctico e do objetivo de atingir o público pela leitura ou audição⁴³, que se busca transmitir comportamentos exemplares, positivos ou negativos. Assim, na produção da escrita deve ter em vista essa relação autor-público para transmitir os valores, transmitir comportamentos de *uirtus/uitia*, tópica da escrita dos gêneros históricos que têm por base a retórica.

Constatados os gêneros epidícticos e a prática da leitura, buscamos ver agora as *vidas* em si: o que é a escrita de *Vidas*? O que era o gênero biográfico na antiguidade? Precisamos entender os elementos da *vida* para separar, no seu interior, o que são alusões aos valores. A biografia teria suas origens por volta de entre VI e IV a. C., na Grécia, mas, desde Homero, encontram-se narrativas de caráter biográfico na poesia (MOMIGLIANO, 1971. In: LIMA, 2012).

As obras estritamente biográficas são de tempo posterior ao século IV a. C., mas as primeiras que conhecemos desse gênero consolidado são as de Cornélio Nepos e de Nicolau Damasco (LIMA, 2012, p. 69). Nesse período, a historiografia era gênero consolidado, narravam a história a partir das decisões e ações do “corpo coletivo”, em que o indivíduo é narrado como símbolo do todo, logo se exclui narrar especificamente a biografia do indivíduo. Antes do século IV a. C., há textos precursores da biografia em prosa: a saga heróica e os gêneros que se concentram em tratar uma personalidade (hinos, ditirambos, cantos fúnebres,

⁴² Suetônio é fonte comprobatória, este afirma que Augusto se dedicava ao treino da retórica e à preparação dos discursos e escritos, referindo-se à suas atividades da vida particular, que eram acadêmicas e artísticas. Descreve que preparava com cuidado seus discursos e seus escritos sobre a guerra dos Cantabros (*Aug.*, LXXIX-XCIII).

⁴³ “A circulação dos textos literários de fato ocorria por meio de livros, não podemos negar, mas as recitações eram extremamente importantes por fazerem parte não só da publicação como também da própria produção do texto.” (LEITE, 2013, p. 86).

encômios, epinícios, elegias) (BRANDÃO, 2009). Segundo Sobral (2007), as primeiras manifestações biográficas presentes na Roma antiga são sistematização de ideias através de formas específicas de expressão filosófica, estética e artística, depois chamados gêneros literários⁴⁴.

No século IV, a biografia se forma e o *encomium* é um dos seus estilos. O foco deste é a vida, o objetivo é elogiar o herói e, através da exposição das suas virtudes, aponta-lo como modelo, aquilo que não é dignificante é omitido. Ao contrário do lamento fúnebre, composto pela noção dos traços da personalidade ilustrados pelas ações (BRANDÃO, 2009, p. 16). É também no século IV que a concepção de homem se transforma, o homem deixa de ser elemento do Estado para ser mais visto como um indivíduo, o que é refletido no realismo da arte, no desenvolvimento da arte de falar do indivíduo nas escolas retóricas e no desenvolvimento da forma do *encomium* (BRANDÃO, 2009, p. 17, Nt. 8).

A biografia na antiguidade se relaciona com vários outros tipos de textos. Lima (2012) encontra vários textos que não são biografia, mas tratam especificamente sobre um indivíduo, partilhando, assim, característica com a biografia. A biografia individual existia num texto grego do tipo chamado *bios*. A *bios* se relacionava com outros discursos, tratavam neles também da história de povos ou cidades (sempre um personagem é o foco principal da narrativa). O encômio grego, *encomium*, é um tipo de *bios*, mas este é um tipo próprio de texto. As *hypomnemata* eram também um tipo de *bios*, da mesma forma um texto específico, uma forma de registro pessoal, de notas, rascunhos, reflexões ou lembretes, eles guardam um ponto de vista de um indivíduo. A biografia e o encômio, na sua origem grega, são ambos gêneros de história. Os tipos *bios* aproximavam-se por elementos comuns, mas se distinguiam no modo de fazer (LIMA, 2012). A *bios* e o encômio delineiam o caráter do personagem narrado, contudo, a *bios* é uma narrativa de eventos e opiniões de caráter imparcial, espiritual, caracterizando um indivíduo, enquanto o *encomio* possui maior presença de fundo retórico que a *bios*. O seu desenho do caráter do indivíduo é o elogio e valorização da personalidade, evitando elementos pejorativos.

⁴⁴ Aldo Sobral (2007) em sua pesquisa resumiu o universo dessas experimentações biográficas:

“- ‘carmina convivalia’ – canções recitadas em banquetes em honra de um antepassado famoso;

- ‘neniae’ – cantos fúnebres que destacavam as qualidades do defunto;

- ‘carmina triumphalia’ – cantos de triunfo em homenagem aos heróis vitoriosos em batalhas – ‘elogia – curriculum vitae’ de personalidades pelos seus grandes feitos;

- ‘laudationes fúnebres’ – discursos elogiosos, em público, em homenagem ao morto, feitos por um membro da família.

Além destas formas oficiais, era corrente em Roma um ramo que poderia ser adotado como precursor do gênero biográfico – ‘Stemmata’ – árvore genealógica, que descrevia cronologicamente a origem e os graus de parentesco de uma pessoa. [...]” (SOBRAL, 2007, p. 21-22)

A *bios* também está ligada ao texto das *antiquitates*, cujo termo para descrever esse gênero é antiquarismo (LIMA 2012). A antiquária se caracteriza pelo uso extenso de cartas, inscrições e monumentos, por se interessar por uma realidade antiga⁴⁵. Assim, textos de caráter biográfico incluíam elementos dos textos de tipo antiquário.

Mas e a biografia especificamente em desenvolvimento no tempo? A biografia grega no século IV a. C. se interessava por uma figura individual. Esta surgiu a partir do ato de relatar reis e tiranos, que eram inicialmente louvados pelo encômio, portanto o contexto político influenciou sua formação⁴⁶. Enquanto nos romanos, a biografia foi influenciada pela *laudatio funebris*, que, deixando sua raiz vai assumir caráter laudatório (LIMA, 2012).

[...] depois que a biografia já havia conquistado seu espaço em Roma, sobretudo no período imperial, narrar a vida desses chefes políticos não implicava necessariamente em realizar também um encômio deles, o que podemos observar nas biografias de Suetônio e Plutarco, por exemplo. (LIMA, 2012, p. 78)

Enquanto gênero definido, a separação entre história e biografia desenvolve-se com o passar do tempo. Os socráticos fizeram experimentos com texto biográfico, pois tratavam de aspectos que não interessavam aos historiadores, como: traçar o caráter de um homem em relação à sociedade. Os socráticos buscavam mostrar na obra biográfica mais as potencialidades do indivíduo do que a realidade na vida⁴⁷ (LIMA, 2012). No *Agesilau*, de Xenofonte, há pormenores da vida privada, não por simples curiosidade, mas para ilustrar qualidades morais (BRANDÃO, 2009, p. 17)⁴⁸. Os peripatéticos são o desenvolvimento do estilo biográfico, estes se centram na análise dos tipos humanos, com interesse pelos caracteres, torna-se, assim, uma biografia formal⁴⁹ (BRANDÃO, 2009, 19).

No século IV a. C., a biografia desenvolve-se entre os socráticos e peripatéticos. Forma-se o interesse público pela vida privada, diferentemente da história que, narrava a história política. O público buscava na biografia as informações sobre a educação, os amores e o caráter do herói. Tratavam da história de uma vida, do nascimento até a morte, traziam elementos tanto reais quanto fictícios (LIMA, 2012, p. 71). O gênero biográfico que surgiu na Grécia tinha o

⁴⁵ A escrita de cunho antiquário não se encaixava no gênero específico da história e nem no gênero da filosofia.

⁴⁶ Vários gêneros de textos possuem, ao longo desses quatro séculos a. C., o elemento da narrativa de um indivíduo, sem se tornar uma biografia em si, mas que acumulam para a formação da biografia. Para uma relação desses gêneros ver Brandão (2009).

⁴⁷ Significa tratar do que as pessoas poderiam ser e agir em diversos contextos, ligado a estudos morais peripatéticos.

⁴⁸ A *Ciropedia*, de Xenofonte, tem a intenção de realizar uma biografia de uma figura construída de Ciro e não de uma figura histórica (BRANDÃO, 2009, p. 18).

⁴⁹ Aristóxeno de Tarento é considerado o criador da biografia peripatética. Para os peripatéticos são biografáveis tanto figuras de um passado distante como contemporâneos.

objetivo de expressar a experiência humana através da história de uma vida. Este se divide, com o tempo, em várias formas (SOBRAL, 2007). Uma das formas é o encômio, um estilo retórico em forma de canto triunfal, que pode ser dirigido tanto para o elogio quanto para o vitupério.

A biografia em si, divide-se em dois estilos: peripatética e Alexandrina. A peripatética é um estilo de biografia para o estudo do caráter e da personalidade, relatando aspectos positivos ou negativos do biografado⁵⁰. A escola alexandrina descrevia vidas de personalidades como poetas, filósofos, oradores e escritores, com o objetivo de organizar informações (SOBRAL, 2007). Palerm e Horriolo (2017) apontam que a biografia peripatética narra o esquema formal cronológico, já a biografia alexandrina, posterior, modificou o esquema para uma estrutura sistemática, que cita categorias anexas para atestar as condições do personagem, nas quais a cronologia é necessária. O modelo biográfico formulado pela escola Alexandrina trata os biografados sem o uso da ordem cronológica, seria esse o modelo chamado por rubrica (capítulo) (LIMA, 2012). Assim, o esquema organizativo de Suetônio já aparece na *Vida de Eurípides* de Sátiro, membro da escola peripatética: organização cronológica abreviada no começo e no final; categoria em vez de cronologia na construção da figura ao chegar à idade adulta; tópicos essenciais de abordagem (BRANDÃO, 2009).

Vários autores fizeram a discussão de tipos de biografia, ou escolas diferentes⁵¹, entretanto, Lima (2012) entende que é difícil indicar se um autor segue com rigor um ou outro modelo biográfico, portanto tal distinção não é aplicável. O que desmonta a tese, muitas vezes aventada pela bibliografia moderna, de que Suetônio teria seguido o modelo alexandrino. Sendo dessa forma, Lima (2012) duvida da existência das escolas alexandrina e peripatética. Logo, ela concluir, o que nos parece fazer sentido, a partir daqui adotaremos:

[...] parece não haver uma necessidade de um modelo específico, principalmente no que concerne à biografias de Plutarco e Suetônio, que, apesar de mostrarem um certo padrão de organização textual [...] a biografia de cada personagem apresenta suas especificidades. [...] procurar “as razões intrínsecas” ao evitar que justifiquem a adoção de um ou outro esquema biográfico é mais interessante, já que tais escolhas refletem contextos político-culturais [...] (LIMA, 2012, p. 76)

Os peripatéticos também adotaram o uso de anedotas. Nas obras aristotélicas, as anedotas servem para ilustrar vícios e virtudes (LIMA, 2012), também não vão se preocupar

⁵⁰ Os peripatéticos se pautam pelo esquema nascimento, juventude e caráter, realizações e morte, estes momentos são acompanhados de reflexão moral (BRANDÃO, 2009, p. 19). Para estes pode-se biografar figuras de um passado distante ou contemporâneo.

⁵¹ Lima (2012) recupera essa discussão em autores como Leo (1901), Massa e Vio (2010), e Cizek (1977) (Cf. referências bibliográficas segundo LIMA, 2012). Este último defende que a peripatética é mais “artística”, enquanto a alexandrina é mais “exata”. Cizek admite que há diferença em que uma aceita certa fantasia dos dados e outra busca “respeitar uma verdade” (LIMA, 2012, p. 75).

com o rigor histórico e com o tom realista (BRANDÃO, 2009). Cabe observar que temos essas características em Suetônio.

[...] interesse filosófico dos ensaios biográficos dos peripatéticos em suas tentativas de ilustrar diversos tipos humanos. No entanto, as anedotas e outros detalhes introduzidos por eles nos relatos foram, mais tarde, também empregados a fim de satisfazer curiosidade do público leitor, segundo Momigliano (1993, p. 84). Mesmo nas biografias produzidas pelos socráticos, dos quais já falamos acima, havia essa preocupação em atrair o leitor, representada naquele período pelo investimento no caráter ficcional das obras. (LIMA, 2012, p. 72-73)

Sobral (2007) mostra, ainda, que essas biografias não visavam fazer um relato fiel da vida dos biografados, mas um referencial de comportamento moral ou social do personagem. Em relação à representatividade do personagem, a biografia pode ser vista como testemunho de uma sociedade específica sobre aquele personagem. Havia as biografias que eram construção de um personagem ideal pelo encômio ou vitupério, cujo melhor exemplo é Plutarco. Nesse tipo o biografado é completamente encomiado ou vituperado, num discurso coerente do começo ao fim, o biografado aparece como *persona* ficcional completamente construída no discurso. No entendimento de Sobral, Suetônio é um inovador por não poupar críticas a nenhum de seus personagens. Sua biografia não é, assim, um elogio puro, os imperadores são apresentados de forma contraditória, com vícios e virtudes. Por isso é uma variação na forma da biografia em relação à biografia de Plutarco.

Já vislumbramos, então, que há diferentes tipos de biografias. Assim, podemos ver nas biografias, como em outros gêneros de escrita dentro da história antiga, a centralidade da escolha e relato das virtudes e vícios a serem narrados, bem como a organização, a sucessão e o peso de cada um na narrativa⁵² (SOBRAL, 2007). Além disso, se comparados, Plutarco prefere a ordem cronológico, enquanto Suetônio não. Segundo Sobral (2007, p. 20), o resultado a que autores chegaram ao comparar Suetônio e Plutarco é que Plutarco é mais artístico e dramático, enquanto Suetônio é mais realista e pessoal. Plutarco é mais moralista e Suetônio é mais objetivo.

⁵² Os autores (STUART, AILLOUD, DELLA CORTE, MOMIGLIANO) concordam que “[...] ao longo da história da biografia, existem modelos diferentes, quanto ao conteúdo, como biografia encomiástica ou vituperatória e biografia que apresenta vícios e virtudes, biografia histórica e biografia ficcional, biografia política, filosófica ou moral; e quanto à forma, biografia em diálogo e biografia narrativa, autobiografia e biografia de terceiros, biografia que respeita a cronologia, biografia que prefere a organização através de rubricas e biografia que combina os dois métodos. O gênero foi-se adequando às necessidades dos tempos e aos objectivos dos diversos autores. No esquema usado por Suetônio não se consegue descortinar nem especial inovação, nem especial dependência de um autor em particular. Mais do que seguir este ou aquele modelo, Suetônio parece fazer o cruzamento da tradição biográfica greco-latina [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 26)

Observando o desenvolvimento da biografia nos autores que a produziram, Cornélio Nepos é conhecido como fundador do gênero biográfico. Palerm e Horrillo (2017), para caracterizar a biografia antiga, encontram em Cornélio Nepos e Plutarco a indicação de que o objetivo do biógrafo é trazer ao leitor as sínteses, o biógrafo deve fazer escolha sintética dos detalhes. Para ambos, o critério é quantitativo, a forma que assume é a do resumo de compêndio. Dessa maneira, delimitam o limite específico da biografia em relação à historiografia (PALERM E HORRILLO, 2017, p. 578). Cornélio Nepos, no *Proêmio* de seu escrito, admite que, ao tratar da biografia, emprega um tipo específico de escrita, esta é do tipo ligeiro, portanto, não é apropriada para tratar dos homens ilustres da história grega e romana.

Além disso, Nepos está debatendo o problema da dicotomia entre “narrar os fatos” e “narrar a vida” (LIMA, 2012, p. 55-56): narrar os fatos é ofício do historiador, remetendo à tradição da *res gestae*, tal como já definimos suas características. Nepos admite que este não é seu objetivo, seu objetivo é expor as virtudes do biografado.

As características apresentadas por Nepos como próprias da biografia são: a narrativa da família, da formação e da morte do personagem, enquanto seus feitos só vêm depois e aqui são apenas assessorios (LIMA, 2012). Para Lima (2012), a biografia de Nepos preocupa-se em destacar condições morais do biografado⁵³, assim, são similares ao gênero *exempla*. Nesse caso, são escritas a partir da *laudatio*, organizadas para formar um elogio, cujo objetivo é cativar o apreço do leitor. Diferencia-se da história que, para autores romanos em geral, trata dos feitos, do personagem e suas condutas como ocorreram, sem inventar ou deturpar (LIMA, 2012).

Lima (2012) ainda aponta como características da escrita de Nepos: uso de anedotas para jogar atenção à moral do personagem; a expressão de suas próprias opiniões; a adoção de um roteiro ao descrever o biografado; a exaltação das suas virtudes nos diversos âmbitos da vida; o uso de dados históricos como contexto para atender ao objetivo de contar os costumes do biografado. Sua caracterização está baseada na tradição grega dos encômios e biografias. Nepos parece ter elaborado vários elementos da tradição que permanecem em Suetônio. Este também escreve para divertir e moralizar, mistura capítulos da vida privada e da pública, ou seja, na estrutura. No entanto, se diferencia daquele porque Nepos é encomiástico (BRANDÃO, 2009).

Podemos comparar a biografia, enquadrada como um subgênero histórico, com os demais subgêneros da história. Danielle Lima (2012), em sua dissertação de mestrado, para estudar a biografia antiga, busca elementos da historiografia em Cícero, Quintiliano, Luciano

⁵³ Nepos escreve biografias em que comparava os gregos e os romanos, mesmo cartagineses e persas (BRANDÃO, 2009, p. 22-23).

de Samósata, Cornélio Nepos, então, afirma que alguns autores na Antiguidade consideram os elementos da biografia dentro da historiografia. A biografia e os *anaís* partilham dos mesmos preceitos retóricos de *narratio* ao longo de seus textos. Em Cícero, a definição dos preceitos da *narratio*, que governam o gênero historiográfico, estabelece que deve narrar também a vida do personagem, sua biografia (LIMA, 2012, p. 42), assim, são os mesmos da biografia.

A concepção retórica de historiografia relaciona-se com o discurso epidíctico ou demonstrativo, sem, contudo, confundir-se com ele, por conter o louvor ou vitupério a alguém (LIMA, 2012, p. 44). Os gêneros partilham dos preceitos da “narrativa”. O *Retórica à Herênio* trata da *invenção* nas partes do discurso (I.4-17), aqui os define para o gênero judicial, mas nos informa que são as mesmas formas para o gênero deliberativo e para o gênero epidíctico, estende-se para o tipo da narração (III.7; III.16). As narrativas são divididas em: a) narrativa que trata da própria causa, relata o que ocorreu, nas causas em que há sentença; b) narrativa que contém divisão externa à causa, objetivo de acusação, transição ou preparação; c) narrativa alheia às causas civis, tem objetivo agradar, apesar de ser exercício para falar e escrever. A terceira narrativa destas é dividida em tipos, dos quais um dos tipos se apoia em ações e outro tipo se apoia em personagens (*Ret Her.*, I.12).

Ambrosio (2005, *apud* Lima, 2012) define a *vida* como um subgênero da história, sendo a história composta pelo *commentari*, a *uita*, e a monografia histórica⁵⁴ (tendo em vista a necessidade de se realizar *narratio*). Plutarco expressa, no seu trabalho, a diferença entre biografia e história, ao escrever suas vidas:

[...] [Plutarco] pretende tratar sobretudo dos vícios e virtudes de seus biografados e que, para isso, não poderá tratar exaustivamente de combates e batalhas e outros grandes acontecimentos históricos nos quais os personagens estão envolvidos, isso seria tarefa para outros, digamos, para os historiadores. [...] interessado na revelação do caráter do biografado [...] fatos aparentemente insignificantes, mas que são importantes para traçar o perfil da personagem [...] um limite entre as duas coisas [...] *maneira de proceder* que nos interessa investigar mais detalhadamente [...] (LIMA, 2012, p. 63)

Nas biografias, temos a questão da forma de contar a vida do personagem. Observando os exórdios (a forma dos exórdios dos autores gregos comparados ao de Nepos), Lima (2012) afirma que Nepos procede tal como a Plutarco e Políbio: contar a vida (mostrando as virtudes). Mas, a narrativa das *res* é necessária, assumindo que corre o risco de ser interpretado pelo

⁵⁴ A dúvida sobre Nepos se dá a respeito da forma de constituir o elogio, um tipo narra as virtudes e o outro as ações que decorrem das virtudes. Tal distinção levaria à distinção entre *explicatio*, explicação, exposição particularizada, interpretação com particular exegética, e *narratio*, o comentário, interpretação de uma passagem.

público não como biógrafo. Lima (2012) conclui que, para Nepos, tratar a vida significa exaltar as virtudes, e que, para Plutarco e para Nepos a narrativa da *res*, os feitos e ações, servindo como forma de ressaltar o caráter do biografado. Portanto, o uso de dados históricos é um meio de construir o biografado, é fonte de informações.

Plutarco, no prefácio à *Alexandre*, distingue a historiografia, que relata as grandes empresas, da biografia, que busca os fatos menores, a simples palavra ou gesto, mais útil para ilustrar o caráter do que as grandes batalhas, preparativos militares, assédios de cidades. Plutarco afirma que se apegará às características individuais (BRANDÃO, 2009, p. 23). Enfim, historiador é aquele que prioriza os feitos em relação às virtudes, estes limitam-se às obras e ações, em vez de elogiar ou censurar, é aquele que prioriza a explicação das “coisas” (*res*) (LIMA, 2012).

[...] isso não quer dizer que os biógrafos não poderiam se valer de informações relativas às *res gestae* para compor suas obras, o que ocorre é que a função desse tipo de informação atua de modo diferente na biografia e em uma obra de história. (LIMA, 2012, p. 66)

Lima (2012) entende que as biografias são gênero epidíctico, no qual é permitido praticar encômio ou vitupério de uma vida, enquanto a história, no essencial, narra as *res gestae* do personagem. No entanto, tais considerações não podem nos levar a negar outra questão: a *vita* é tipo de gênero exterior à historiografia? Nós concluímos que a *vida* é gênero biográfico e possui características próprias, mas, a partir dessas duas conclusões, entendemos que a biografia é um subgênero dentro do gênero historiográfico.

O gênero biográfico desenvolve-se através de vários tipos de textos até alcançar à forma da *vita*. A *laudationes fúnebres* era uma tradição grega e romana em que se faz o elogio público, na forma de encômio, mas, a forma grega é diferente da romana porque na forma romana se realizava apenas elogio, sem consolação (GIRON, 2017, p. 21). Brandão (2009) afirma que são temas recorrentes nas *laudationes*: a origem familiar e antepassados; o lugar de nascimento com presságios da fortuna futura; a infância; a entrada na vida pública; aspectos do governo, obras públicas e jogos oferecidos; campanhas e vida privada; a cena de morte e a colocação da aparência física antes ou depois do relato da morte. Lima (2012) lembra que esses são elementos presentes nas biografias.

Também o *macarismos* é topos do *encomium* grego no tipo laudatório, trata-se do tratamento de temas da felicidade e da benção recebida pelo biografado (BRANDÃO, 2009, p.

25). Os textos de *progymnasmata*⁵⁵ fazem parte do gênero epidíctico. Este gênero, em geral, tem por objetivo louvar ou vituperar, por isso, adota como ponto central um indivíduo ou grupo de pessoas e realiza a descrição física e moral para criar um retrato de sua imagem, desta forma, contribuindo para o procedimento de construir um *éthos* do personagem. Também pertencem à esta tradição os textos de *progymnasmata* que tratam da etopeia⁵⁶ ao realizar uma imitação. Imita-se o aspecto moral, o emotivo ou até o aspecto físico de personagens que podem ser reais ou inventados, podendo ter seu caráter personificado em uma pessoa ou mesmo em um objeto inanimado (RODOLPHO, 2012, p. 27-28). A proximidade entre os elementos do gênero epidíctico e do *progymnasmata* com os elementos da biografia demonstra que estes influenciam a biografia.

Observemos agora outro aspecto desse contexto do gênero biográfico. A biografia romana desenvolve-se a partir de um costume antigo: os rituais funerários dos aristocratas, um costume popular difundido entre os romanos. Esses discursos biográficos da *laudatio funebris* possuíam caráter encomiástico, também possuíam a função de situar o encomiado na linha de sucessão de um ancestral comum, de enaltecer as ações e honras como contribuição da glória da família (CRAWFORD, 1942, p. 24. In: LIMA, 2012, p. 80).

Essas *laudationes* eram dedicadas principalmente aos cidadãos romanos ilustres, tanto aqueles que foram mortos em batalhas quanto aqueles que morressem de morte natural, no entanto, fossem de importância central para mortes em batalhas. Também podiam ser dirigidas a mulheres⁵⁷. Nos rituais fúnebres, a *laudatio* constituía o discurso elogioso ao falecido. Segundo Lima (2012), no momento do funeral, a *laudatio* buscava aumentar a importância das famílias e ações do homenageado, o que levava a emocionar os presentes, mesmo aqueles não membros da família. A *laudatio funebris* influenciou no desenvolvimento da biografia pelo costume romano de publicar as *laudatios* em panfletos, registrando uma forma escrita.

Outro costume consistia em elaborar listas com acontecimentos importantes sobre os indivíduos, que mais tarde seriam referência para as orações e, posteriormente, para a elaboração de biografias, estes abordavam os mesmos conteúdos. Essas listas eram feitas de forma tendenciosa, exageravam as descrições a fim de favorecer os homenageados, portanto, as informações que traziam não eram necessariamente verdadeiras (LIMA, 2012).

⁵⁵ Presentes nos séculos I e II. d. C., definidos por Quintiliano e Hermógenes (RODOLPHO, 2012).

⁵⁶ Recurso ligado à *écfrase*, que realiza a descrição de um indivíduo.

⁵⁷ Lima (2012) usa como fonte para os encômios antigos Plutarco e para a descrição de uma *laudatio funebris* a *Histórias* de Políbio.

[...] Com esse costume se alcançava um outro objetivo além de tornar célebre a vida de um cidadão, ou seja, construía-se uma figura de comportamento a ser seguido pelos demais habitantes: (LIMA, 2012, p. 83)

A *laudatio funebris* é um texto com gênero dentro do regime da retórica, cabia a um orador realizar a *laudatio* e, assim, também seguia preceitos específicos, citados por Quintiliano na instituição Oratória. Cícero (*De Oratore*, II.84.341) define esta *laudatio* como “[...] o louvor tinha um valor prático e servia para agradar aos ouvintes. Ainda que fizesse parte de um tipo de discurso com a função de deleitar, a oração deveria ser breve, ‘simples e não ornada’ [...]” (LIMA, 2012, p. 85)⁵⁸. Também é importante ter em mente que “O discurso retórico com objetivo oposto ao da *laudatio* – a *uituperatio* – tinha igualmente grande tradição em Roma e incluía os mesmos itens. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 25). Na formação dos gêneros biográficos consolidados, a biografia era o relato de personalidades, personagens vistos como ilustres, que relatava a vida dos personagens do mundo político e das letras. Segundo Lima (2012), essa biografia era um discurso historiográfico. A biografia em Roma, no século I d. C., adquire característica particular. Diante do império, era forma natural de contar a história de um César e, além disso, era instrumento de propagação de idéias políticas e filosóficas (LIMA, 2012)⁵⁹.

Diante dessas considerações, ao observarmos o gênero da biografia, podemos identificar algumas características gerais. Lima (2012) aponta que a característica da biografia é o uso de elementos tanto ficcionais quanto reais. Para construir a biografia, o autor utiliza-se também de vários tipos de fontes, elas conferem veracidade e compõem o tipo da biografia ao serem citadas para o leitor. Possui um método de pesquisa histórica, se fundamenta tanto na inferência, que é a interpretação, quanto na dedução dos dados da fonte⁶⁰. Parece-nos importante acrescentar que os dados ficcionais cumprem o papel tanto de conferir veracidade, quanto atender ao princípio da história de Cícero de transformar uma narrativa em “construção de fatos e palavras”, fornecendo caráter de reconstrução da realidade. Outra característica, no âmbito do uso da ficção, é usar de anedotas para caracterizar o biografado, bem como ilustrar os vícios e virtudes que o caracterizam (LIMA, 2012).

Mais uma característica das biografias é se relacionarem entre si. O uso de anedotas forma um contexto comum aos personagens, com objetivo de engrandecer os feitos e a vida do biografado. Além de gerar um contexto histórico-social no qual o sujeito biografado existe,

⁵⁸ O louvor da oração fúnebre precisava ter tom de tristeza, diferente de outras formas que eram mais alegres, como panegírico.

⁵⁹ A biografia toma também outra característica: meio de comparar os costumes e realizações de gregos e romanos.

⁶⁰ A ficção como elemento aparece numa obra de Xenofonte, *Memoráveis*, referências à vida de Sócrates partir de conversas filosóficas, e na *Ciropedia* de Xenofonte, que apresenta a figura de Ciro como modelo de educação ideal (BRANDÃO, 2009).

ainda que parcialmente fictício. Segundo Lima (2012), independentemente de serem reais ou exatos, esses elementos são admitidos na construção biográfica na concepção dos antigos.

Há diferentes tipos de biografias⁶¹ dentro do gênero biográfico e mesmo dentro das *vidas*⁶². Brandão (2009) afirma que as biografias apresentam vários modelos diferentes, seja pela distinção entre biografia encomiástica versus a vituperatória, entre a biografia histórica e biografia ficcional, entre biografia política, biografia filosófica ou biografia moral. Quanto à forma, as biografias dividem-se em biografia em diálogo e biografia narrativa, autobiografia e biografia de terceiros, biografia que respeita a cronologia e biografia que organiza por rubricas (capítulos) ou que combina os dois métodos (BRANDÃO, 2009, p. 26)⁶³, também com características diferentes na disposição e sequência dos temas tratados⁶⁴.

Os sujeitos biografados ou relatados na historiografia são modelos ideais ou personagens históricos (reais)? A partir da análise que realizamos da história exemplar e do uso da *exempla*, entendemos que o biografado é um modelo ideal. No entanto, a questão a saber se os tipos exemplares, os personagens, são modelos verídicos ou criados não é uma preocupação dos antigos romanos. No regime retórico de escrita, não havia meios de se comprovar a objetividade do autor⁶⁵, portanto, não ocorria à audiência questionar se o modelo exemplar era ou não verdadeiro (no sentido moderno de história da verdade). No regime da retórica, cabia ao autor produzir os elementos que fizessem de sua narrativa verossímil. Portanto, se há nos *exempla* traços positivos e negativos convivendo em uma mesma personagem, esta é uma técnica retórica de convencer que esse é um modelo verossímil, logo digno de credibilidade pelo

⁶¹ Nota-se um tom realístico em Suetônio: “[...] a grande novidade de “As Vidas” é exatamente a revolução que se opera no íntimo da vida pública e privada dos imperadores. O conjunto biográfico dos Doze, não se prende a figuras célebres pela sua origem nobre ou por suas realizações consideradas heróicas; de uma maneira geral [...] Em Suetônio biógrafo, movimentam-se vários tipos humanos, nos diferentes escalões da Corte, ou das províncias, em que se misturam o sábio e o ignorante, o senador e o escravo, o aristocrata e o plebeu, a mulher recatada e a adúltera, o esperto e o ingênuo, cada um no desempenho do seu papel, em grau maior, médio ou menor, conforme a exigência da temática em questão. [...]” (SOBRAL, 2007, p. 23).

⁶² Para nós, é válida a explicação de Sobral: “[...] biografia é uma realidade referencial de determinada vida, texto de um comportamento moral ou social do indivíduo. Até mesmo conforme a representatividade do personagem, a biografia pode ser vista como um testemunho de uma sociedade específica, não se podendo perder de vista que ela está no limite entre o romance e a história.” (SOBRAL, 2007, p. 22)

⁶³ Lembramos ainda, como concluiu Brandão (2009), Suetônio prefere a organização das suas biografias por “espécies”, não por cronologia, está dentro da linguagem peripatética.

⁶⁴ Uma comparação entre duas *Vidas*, de autores diferentes levou-nos a concluir que, de fato, elas apresentam características diferentes. Lima (2012), na análise da *Vida de Calígula* de Suetônio, e da *Vida de Agricola*, de Tácito, mostra suas características. As duas *vidas* têm semelhanças que são da composição do gênero biográfico; contudo, há diferenças. As suas diferenças na disposição mostram que há diferentes formas de compor a *vita*. A *Vida de Calígula* está organizada por *vita* (I a XII), *res gestae* (XIII a XLI) e *vita* (L a LX). A *Vida de Agricola* está organizada por *exórdio* (I a III), *vita* (IV a IX), geografia e etnografia da Britânia (X a XII), breve história da Britânia (XIII a XVII), *res gestae* (XVIII a XL), *vita* (XLI a XLIV) e *prólogo* (XLC a XLVI).

⁶⁵ Salvo a própria memória pública conhecida pelos leitores e os recursos retóricos que já analisamos.

público. O mesmo vale para um biografado que carregue em si modelos contraditórios internos⁶⁶.

Esse modelo biografado prende-se ao objetivo da *historia magistra vitae*, com seus instrumentos de escrita da retórica. Sendo assim, ele também não pode livremente ser idealizado pelo autor, uma vez que o autor pressupõe que o público leitor tem acesso a informações disponíveis publicamente. Desse modo, o modelo construído não pode descolar-se completamente de uma versão que seja, em algum grau, realista, logo o uso dos mecanismos de realismo e prova retórica.

Pensamos que o biografado condiz com um modelo desejado. Concluímos isso, em primeiro lugar, pelo uso nas biografias de elementos tanto reais quanto fictícios. Há um modelo de biografado que o autor busca constituir, para construí-lo, relata fatos tanto fictícios quanto históricos (reais). Em segundo lugar, é indício de prova o uso de recursos para ilustrar e, também, ao longo das várias escolas gregas e romanas, o uso de anedotas para construir o biografado como modelo. Também nos parece prova o fato de ilustrar o caráter/conduita do biografado através de ações e condutas que constituem um caráter. Não se trata de um relato de um ser histórico objetivo, mas de elementos para reforçar o modelo de caráter.

Os dados históricos que compõe uma vida, do nascimento e hereditariedade até a morte, também parecem compor um modelo. Construção guiada pela linha de demonstrar uma coerência de conduta do biografado⁶⁷. O que dissemos sobre a biografia se aplica aos demais gêneros históricos que utilizam *exempla*; assim, os *anais* igualmente trazem seus exemplos como modelos idealizados. A composição de um modelo está alinhada ao regime de produção da retórica, à produção dos *anais* e das *vidas*, à concepção de história como “construção de fatos e palavras”⁶⁸.

Na leitura que fazemos, são encontrados pesquisadores modernos que reproduziram uma postura comum de considerar *As vidas*, de Suetônio, como um gênero fora da história antiga. Já mostramos que a biografia é história. Esses afirmam ainda que este é um gênero menor, criticando o autor. São levantadas críticas sobre Suetônio e seu gênero, ao mesmo tempo em que elogiam Tácito em comparação, que teria sido um verdadeiro escritor de história e de um

⁶⁶ É disto que decorre a necessidade dos mecanismos de discurso que produzam captação, sentimento de realismo, simpatia e benevolência do leitor pela narrativa, formas de infundir sentimentos, realismo e provas.

⁶⁷ O mesmo vale para o relato de sua educação, das características físicas e dos feitos dignos de nota, todos à serviço de dar força retórica, persuasiva, ao modelo construído.

⁶⁸ Sendo o biografado a construção de um modelo, reforça a hipótese de que a biografia tinha caráter também pedagógico.

estilo superior, um gênero elevado⁶⁹. Em nossa perspectiva o valor de Suetônio, tanto quanto o de Tácito, deve ser observado a partir do que suas produções representam como reveladores da história e dos valores de suas sociedades. Tácito, ao relatar a alta esfera da política da *res*, as guerras e os grandes temas da sociedade, narra *uirtutes* e questões, com linguagem “séria” narra sua história. Se, por outro lado, Suetônio coleciona anedotas, presságios, boatos, ironias, fofocas, exposições da vida privada, exageros, é preciso perguntar sobre qual a função dessa escrita na sua sociedade, seu objetivo continua sendo moralizante e revelador de *uirtutes*.

Seria o gosto de um público específico ler sobre tais temas? Tratar-se-ia do uso de uma linguagem específica da escrita de biografia, da presença de ironias, de elementos que incitam sentimentos como repulsa, de anedotas ou do humor? Revelaria que Suetônio quer atingir um público interessado na vida privada dos ilustres ou que só conheçam tal tipo de linguagem? Enfim, esse é o valor histórico. Do mesmo modo, a escrita dos *anais*, ao relatar fatos, personalidades, ações, atingiria seus objetivos de que forma? Quando lemos a partir desta perspectiva, podemos caracterizar a *vita* e o *annales* em seu lugar específico a partir de sua forma específica, não a partir da hierarquia entre gênero superior e gênero menor. Podemos observar os circuitos específicos dos gêneros da *vita* e dos *annales*, bem como as *uirtutes/uitia* que buscam emular.

Passemos agora à análise do nosso segundo gênero pesquisado, os *anais*, tendo em vista sua composição a partir das características da escrita da história que já definimos a partir de Cícero, Quintiliano, Cornélio Nepos, Luciano Samósata. Os Anais constituem forma de escrita de gênero historiográfico na Roma Antiga e na Grécia Antiga. O Anais é caracterizado na Grécia como registro de fatos ano a ano (TEIXEIRA, 2008). Cícero (*de Orat.*), relata que, desde os historiadores gregos mais antigos até os romanos, a forma do anais era de narrativa de fatos, mantidos pela memória pública, por meio de registro a cada ano, expostos ao público, eram registro dos tempos, pessoas, lugares e “coisas” (*res*) que ocorreram. Cícero afirma, no *De*

⁶⁹ Aldo Sobral (2007, Cap. 1) encontrou, na sua pesquisa, as críticas à Suetônio. Alguns autores não consideram Suetônio historiador, reservando-lhe a definição de um biógrafo excêntrico. Outros cobram de Suetônio um posicionamento claro sobre enredo e ao conteúdo da narrativa, entendem que ele não possui critérios claros para definir juízos precisos sobre natureza histórica e política. Alguns entendem que Suetônio possui, nas suas biografias, um tom de humor roto e fútil e até sem preocupação com a moral e as ideias políticas. Entendem que sua linguagem, ao optar pela irreverência e espontaneidade vocabular, não há conteúdo ornamentado, presença de qualidades, elogios, bajulações que são comuns às biografias anteriores. Daniele Lima (2012, Cap. I.3) aponta que alguns analistas classificam Suetônio como autor que teria recolhido ao acaso materiais peculiares, acumulado sem propósito e sem crítica das informações. Outros classificam a presença de “fatos curiosos” na narrativa como característico de uma obra sem boa qualidade de historiografia. Reproduzem a noção de que a presença de anedotas e a falta de análise é presente na obra e que enfatizar a vida privada dos imperadores é um gênero baixo, marcado pelo gosto por fofocas, que apresenta superficialidade de análise histórica e psicológica. Argumentam, inclusive, que suas análises sobre o contexto histórico dos personagens são superficiais. Por fim, argumentam que há o relato de elementos desnecessários e superficiais.

Oratore, que sua característica é a ausência de ornamento estilístico. Através da voz de Antônio no diálogo, critica esse tipo de concepção de história, pois essa forma de fazer história dos historiadores não apresentavam elaboração (*ornatio*) (Cic., *de Orat.*, 2.51-53. In: BELTRÃO, 2017).

Os *Anais* mais antigos, de formato “Anais dos pontífices”, consistiam em registros dos eventos de tempos anteriores, organizados por ano a ano (NATIVIDADE, 2009). Esses *Anais Pontificiais* consistiam num formato de *Anais* de caráter laudatório, voltado para os personagens, narravam seus feitos heroicos ano a ano. O seu objetivo era narrar uma personalidade de comportamento moral elevado, exaltando uma determinada ordem social, nesse sentido, são *Anais* de tipo biográfico (SOBRAL, 2007).

Essa característica de narrativa organizada ano a ano permanece até os *Anais* de Tácito. O próprio informa ao leitor que sua narrativa se estrutura por ano a ano: “Se me não tivesse proposto o ir tão somente escrevendo o que se passou em cada ano, bem desejava agora a antecipar-me [...]” (*Ann.*, IV.LXXI). Pierre Grimal (2011) afirma que Catão trouxera o poeta Quinto Ênio (239-169 a. C.) à Roma e Ênio não redigiu uma epopeia, mas sim *Anais*: uma história romana em verso, um poema épico.

[...] Ênio foi além de Lívio Andronico, que havia traduzido a *Odisseia*; quando empreendeu a história desde antes de seu tempo e a narrou até o momento do seu testemunho, foi além de Nênio, que havia escrito um poema épico sobre a Primeira Guerra Púnica. [...] (NATIVIDADE, 2009, p. 10)

Os *Anais* de Ênio tratam de um período de 1000 anos de história (1184/3 -187/4 a. C.). Trata-se de um poema celebratório dedicado aos feitos de grandes personagens, como Fábio Máximo, Catão, Cipião e Marco Fúlvio Nobilior (NATIVIDADE, 2009). Traziam os elementos dos sonhos, concílios dos deuses, as descrições de cenas de batalhas e de discursos, além de elementos filosóficos, gramaticais, crítico-literários, autobiográficos (NATIVIDADE, 2009, p. 13). Segundo Natividade (2009), os *Anais* em Roma tinham a intensão de realizar a grande tarefa de contar a história por longo período, desde tempos longínquos e míticos até a história vivida pelo autor. Os *Anais* de Ênio fazem uma narrativa cronológica, assim como os *Anais Pontificiais*.

Brandão (2009, p. 40) afirma que, segundo relato Sêneca (SEN., *Ep.*, 93; 11)⁷⁰, Tanúsio Gérmino foi um dos últimos autores de *Annales* da República; este teria narrado continuamente

⁷⁰ Brandão insere a seguinte nota explicativa sobre Tanúsio: “Um enfadonho autor de *annales*, segundo o testemunho de Sêneca (*Ep.* 93.11). Gémino será autor de uma narrativa contínua desde as origens (de acordo com

desde a origem de Roma. Os *anais* aproximam-se do gênero de *histórias*, mas possuem elementos específicos que os diferenciam. Distinção que parece ser comprovada pelo fato de que o próprio Tácito escreve um livro de *Anais* e outro de *Histórias*. Aulo Gélio, em *Noites Áticas* (v.18), afirma que os *Anais* seriam registros dos eventos de tempos anteriores, organizados cronologicamente ano a ano.

Com base nesses elementos, trabalhamos com a hipótese de que as *Historias* seriam voltadas para o tratamento de eventos do tempo próximo ao presente do autor, enquanto *Anais* tratariam do ocorrido em tempos mais afastados do presente do autor⁷¹. Outro elemento dos *anais* se revela quando lemos, nos *Anais*, de Tácito: “[...] acusado Cremúcio Cordo de um crime novo [...] tendo escrito e publicado um *Anais*, fazia elogio de Bruto, e denominava C. Cássio o último dos romanos [...]” (*Ann.*, IV.XXXIV). Portanto, como a passagem demonstra, os *anais* podem fazer elogio ou censura. Desse modo, inserem-se dentro da história exemplar como gênero historiográfico.

A partir desses elementos, os *anais* podem ser compreendidos, tendo em vista também comparações com as definições da biografia, como um subgênero da historiografia (LIMA, 2012; SEBASTIANI, 2007). Isso porque a historiografia busca relatar as *res gestae*, não busca tecer encômio ou vitupério. Isso não se modifica se admitirmos que, no interior dos *anais*, se narre personagens, biografias, ou mesmo os feitos. Tais elementos se ligam à história e não à uma biografia, pois construir uma biografia não é o centro da narrativa nos *anais*.

Se lembrarmos as definições de Cícero para a história, percebemos que os *anais* as cumprem: encontramos a descrição dos fatos em ordem natural dos acontecimentos, a sequência das ações e dos tempos, as ações dos indivíduos, em que podem ser percebidas as falas e o pensamento dos indivíduos; encontramos as decisões, as consequências dos feitos, a vida dos personagens e os feitos que são dignos de louvor. Também encontram-se as avaliações e projetos buscados pelos indivíduos, além de seu caráter. Cícero define a história como gênero que deve tratar dos fatos ligados à esfera da política: as deliberações, as ações, a forma como sucederam os fatos, são aquilo que se circunscreve às instituições da República ligadas ao exercício da política (SEBASTIANI, 2007, p. 83). Pensamos, então, fazendo a relação, que sendo os *Anais* um subgênero da história ele reproduzirá a narrativa da esfera política como

informações referentes ao período da monarquia, citadas por Macróbio, 1.16.33) até ao seu tempo e terá sido um dos últimos autores de *annales* da República.” (BRANDÃO, 2009, p. 40, Nt. 51).

⁷¹ Esta divisão é válida para Tácito, enquanto contrapomos seu *Anais* com seu *Histórias*, mas não sabemos de outros autores que seria válida.

linha central, a narrativa da *res gestae* e das instituições públicas romanas. É exatamente o que observamos nos *Anais* de Tácito.

Chegamos, então, ao fim da análise desses gêneros. Convém apresentar conclusões a partir da comparação de ambos os formatos, posto que analisaremos valores na visão de dois autores que escrevem: um, o gênero *vida*, outro, o gênero *anais*. Os *anais* se diferenciam das *vidas* em diversos aspectos, mas se aproximam em outros. Sendo um subgênero da história e relatando *res gestae*, fatos históricos em sequência, não quer dizer que o *anais* recuse o relato dos vícios e virtudes. Tal caracterização significa que seu foco é narrar a *res gestae* e as virtudes e vícios são anexados aos personagens à medida que a narrativa decorre. Por sua vez, sendo a *vida* subgênero da história e focada na retórica epidíctica, com apoio da retórica deliberativa, concentra-se na construção do personagem, assim, narra seus vícios e virtudes. Entretanto, a narrativa da *res gestae*, típica dos *anais*, é usada como recurso acessório da *vita* sempre que necessário. Os *anais* e as *vidas* também se diferenciam quanto à organização da narrativa: os *anais* são cronológicos e as *vidas* por capítulo⁷². Algumas partes das *vidas* são narradas cronologicamente, como o período do nascimento, morte, a ascensão, a ocupação de cargos. Nesse aspecto possuem raízes comuns quando remontamos aos *Anais Pontífices*.

Podemos relacionar, ainda, *Anais* e *Commentarii*. Os *Commentarii* são um gênero historiográfico, como demonstra o famoso *Commentarii de Bello Gallico*, de Júlio César. Estes *commentarii* “[...] Não constituem propriamente obra de história, mas um substrato destinado a futuros historiadores que necessitem de documentos [...]” (SEBASTIANI, 2007, p. 78). Os *anais* se diferenciam dos *commentarii* porque *anais* elaboram tratamento retórico para escrever história, mas se aproximam porque trazem um relato ano a ano.

Concepção de história e elementos da escrita de Suetônio e Tácito

Quais seriam as concepções de história e da escrita específica de Suetônio e Tácito? Ambos, Tácito e Suetônio, tratam a história na forma da fonte de ensinamentos morais, história exemplar, imbuídos da *historia magistra vitae*, reproduzindo Políbio e Cícero, mas não parecem pensar nos ensinamentos generalizantes como os gregos e sim em exemplos específicos. Está presente a construção de exemplos e modelos, elemento de Cícero que este trouxe dos gregos. Por isso compõe sua escrita o uso do relato de sonhos, prodígios e hipérboles para gerar efeitos dramáticos visando a “construção de fatos e palavras”. Suetônio não narra a história a partir das

⁷² Embora haja também biografias cronológicas, no entanto, as *vidas*, em geral são por capítulos e possuem algumas delimitações cronológicas, mesmo que menos rígidas.

origens, mas a partir de Júlio César, de forma serial, assim, a cronologia é inteira em cada *vida*, enquanto Tácito narra a partir da morte Augusto e início de Tibério, nesse aspecto fazem tal como Políbio que começa a narrativa a partir da grandeza e vida madura do povo romano.

Suetônio busca produzir escrita de gênero mais focada, sem o compromisso de elaborar narrativas amplas como os historiadores de outros gêneros. Busca tratar da vida privada, da referência às práticas religiosas tradicionais, do relato de detalhes da vida privada do biografado, da narrativa de feitos militares, das condutas no serviço militar, dos triunfos públicos e títulos. Suetônio trata da história (sentido ciceroniano), prende sua história ao biografado, não traz amplas discussões, como, por exemplo, as digressões analíticas de Tácito. Suetônio faz uso da ironia, da amplificação, dos detalhes de correspondência, e de várias formas de captar e agradar ao público leitor. Tácito segue a concepção ciceroniana de história em sua estrutura narrativa. Portanto, os *Anais* narram em ordem cronológica, a descrição dos lugares, a deliberação dos personagens, as ações dos personagens, os comportamentos dignos de exemplo, então o sucedido.

Em Tácito e Suetônio, podemos ver a presença da *moderatio* e da *prudentia* na composição da escrita de suas histórias (JOLY, 2009). Ambos teriam se baseado nesses valores como parte da cultura romana estoicista, que valoriza o equilíbrio, a abnegação individual frente ao mundo e o modo de agir no mundo pela construção de um caráter. Sêneca recomenda a *moderação* no uso da *clementia*, significando isso um uso equilibrado, porque é preciso uma equidade para evitar recair no vício (*Clem.*, Pr.II.2). Como vimos, a *prudentia* é estabelecida como parte da história por Cícero e remonta à definição de Aristóteles como virtude que permite a determinação da justa medida. Trata-se da virtude que permite agir com sensatez e temperança. O homem prudente é aquele capaz de fazer julgamentos pela reta razão, de escolher o que é justo e transformar o julgamento em ação e conduta. A *moderatio*, por sua vez, tem o sentido próximo às concepções de Sêneca e Cícero: o equilíbrio e evitar exageros. Os *exempla* como procedimento instrumental para a realização da *moderatio* e da *prudentia* aparecem tanto em Suetônio quanto Tácito. A história escrita por Suetônio e Tácito valoriza a *moderatio* e a *prudentia* através dos *exempla* que narra.

Segundo Joly (2009), Tácito concebe a História como meio para fazer a relação entre passado e presente, o principado como elemento do presente. No passado republicano, a função do historiador era conservar a memória, a ele se apresentavam grandes eventos a serem memorizados. Por consequência, diz Joly (2009), para Tácito a história declinara com a paz do principado, tornando necessário superar a limitação do tempo do principado: a falta de grandes

eventos. A solução encontrada consiste em aplicar o procedimento de estabelecer a relação de causa e efeito entre pequenos e grandes fatos. Para Tácito, no presente do principado há apenas eventos menores, portanto não há glória (*Ann.*, IV.32-34) (JOLY, 2009), é plausível pensarmos que há relação entre “história” e “glória”⁷³.

Tácito se justifica ao dizer que escritos dos historiadores da República têm utilidade em um regime monárquico, no qual a plebe e o senado têm pouco poder. Se o imperador concentra o poder, a narrativa histórica deve concentrar-se nele. Tácito afirma que, no principado, a História não possui mais a função de deleite do leitor, por meio dos grandes fatos. Ela passa a ser fonte de *exempla*⁷⁴, assumindo a função de ajudar os leitores a pensar seu agir. Portanto, a História tem função de ensinar e ajudar a interpretar (*Ann.*, III.LV.8) (JOLY, 2000, p. 36).

Tácito valoriza como fonte de *exempla* não apenas o passado distante, mas também o passado recente. Seu objetivo é recorrer às *exempla* para buscar o melhor modelo. Cabe então decidir qual destes dois é o melhor modelo (JOLY, 2009, p. 37). O objetivo é estabelecer uma relação entre passado e futuro, para indicar uma ética de ação aplicável no seu presente, ou seja, no tempo do principado. Observa-se, assim, a presença da concepção ciceroniana da *historia magistra vitae*.

Lima (2019), no entanto, entende que Tácito fará uso de exemplos ético-pedagógicos, mas utilizará também fatos menores, que servirão também para ensinar pelo exemplo. Estes terão utilidade ainda maior para aqueles que sozinhos não distinguem o bom do mau exemplo (LIMA, 2019, p. 41). Tácito não se serve apenas bons exemplos, mas também dos *mala exempla*, como modelos de conduta do que não fazer, com objetivo de ensinar. Defende que os maus exemplos devem ser também imortalizados na memória, como parâmetro de vergonha e condutas equivocadas. Assim, os *mala exempla* instruem tanto quanto os *bona exempla*.

Tácito, porém, rejeita condutas pautadas em direções extremas, buscando o elogio das condutas equilibradas, orientadas pelo justo meio e pautadas pela *moderatio* e *prudentia*, essa seria a conduta adequada para o principado (JOLY, 2009, p. 23). As *exempla* em Tácito são

⁷³ A questão da glória aqui é peculiar, pois *gloria* é objeto de nossa pesquisa. Joly (2009) interpretou glória como grandes feitos do tempo presente. Podemos sugerir, tal como nossa análise do conceito mostrará no próximo capítulo, que não há espaço para grandes “feitos” nesse momento. Portanto, Tácito relaciona o declínio da História com a paz. Ora, a guerra e a vitória na guerra estão justamente relacionadas ao exercício da *glória*, que eram elementos constitutivos do relato histórico. Sem grandes feitos, a forma do relato histórico tem que se adaptar para se manter.

⁷⁴ Segundo Collingwood (1978), Tácito concebe a história como conflito de personalidades, exagerando suas características para se tornarem boas ou más. Seus personagens manifestam-se como exibições de virtude ou vício, e o autor utiliza o método de apresentar as ações humanas derivadas do caráter pessoal, sem analisar em que medida as ações do indivíduo podem ser moldadas pelo ambiente ou por ele limitado. Sendo assim, observa-se que Tácito adota uma concepção de *exempla*.

formas de realizar as *exempla uirtutis*, ou seja, exemplos que mostram personagens que possuem *uirtus*. Trata-se da “[...] possibilidade de uma escrita digna de *uirtus*, digamos assim, que conceda espaço às virtudes que durante anos foram silenciadas.” (LIMA, 2019, p. 42). Assim, Tácito se coloca a tarefa de evitar que virtudes sejam silenciadas e, também, para que os exemplos de desvio moral não deixem de ser julgados pelos posteriores.

Tácito também propõe, em *Anais* (III.LXV.1), recuperar a história porque homens no principado, cidadãos dignos de reconhecimento, foram obrigados a ocultar seus feitos, gerando a falta de exemplos. Caiu-se, assim, numa situação de dificuldade em mostrar exemplos que exponham o *mos maiorum* (LIMA, 2019, p. 37-38). Nesse sentido, a recuperação dessas trajetórias permite restabelecer a função exemplar da história e preservar modelos de conduta para as gerações futuras.

Tácito indica, nos *Anais* (I.I e III.LXV.1), que buscará narrar através do justo meio os principados de Tibério e Nero, rejeitando o formato, que ele chama, de formato dos historiadores que buscaram apenas adular (JOLY, 2009). Teria ocorrido, tanto na República quanto sob Augusto, a existência de “grandes talentos” de historiadores, porém, a partir de Tibério teria acabado. Isso se deveu ao medo durante o império, ao comprometimento, à adulação (MARQUES, 2007, p. 25). Desse modo, Tácito procura aludir à uma postura imparcial.

A imparcialidade é parte do procedimento de escrita da História em Tácito, é um meio para relatar condutas exemplares que não puderam ser relatadas por causa da adulação (LIMA, 2019). Até Trajano, a narrativa que se compromete com a verdade fora abandonada, pois a adulação só via *exemplum* no próprio príncipe, por isso não havia *exempla*. O motivo é que só se conseguia benevolência do imperador através de favorecê-lo, silenciando os *exempla* verdadeiros⁷⁵. Lima (2019) entende, e concordamos, que o uso dos *exempla* tanto positivos quanto negativos se justifica por assumirem a função da transmissão de modelos. A ênfase de Tácito nas qualidades morais dos indivíduos decorre de sua percepção que o principado é hostil à virtude. Motivado pela situação em que aqueles no poder viam na demonstração de virtudes por outros uma reprovação de seus próprios defeitos.

⁷⁵ “[...] De acordo com Maríncola [...] imparcialidade [...] porque era claro que só se poderia adquirir alguma benevolência dos imperadores em troca de seu favorecimento. Então, sob o pretexto da imparcialidade, o historiador oferecerá o relato de variados *exempla* sob o principado que permaneceram silenciados” (LIMA, 2019, p. 44).

Tácito traz modelos que rivalizam com a presença do príncipe, sob a estratégia retórica de afirmar que sua narrativa é imparcial. Tácito busca narrar *exempla uirtutes*⁷⁶. Sua narrativa mostra o imperador como “inimigo” ou “aniquilador” da *uirtus*, em geral carregando a ideia de que a falta de *uirtus* é motivo da morte sob o principado e que praticar a *uirtus* na defesa da *res publica* é incerto (LIMA, 2019). Tácito, nos Anais, diante das *exempla uirtutes*, está imbuído da “A ideia de crise de valores que leva à decadência dos costumes romanos presente tanto em Salústio ao fim da República, quanto em Tito Lívio já no período imperial é também objeto de reflexão em Tácito. [...]” (LIMA, 2019, p. 48). Tácito cita as ações virtuosas que construíram a *res publica* no tempo da República como *honestum* (LIMA, 2019). Se utiliza da *exempla uirtutis* para afirmar que o comportamento vicioso faz parte do contexto do principado, sua causa é falta das *uirtutes*, portanto, a causa é a falta de manifestação da *uirtus* (LIMA, 2019).

Há um método histórico de análise e crítica das fontes em Suetônio e Tácito. Lima (2019) entende que inserir Tácito na repetição da tradição dos historiadores não elimina o que apontou Woodman (1988): as *exempla* de condutas sob o principado revelam também o esforço de análise crítica de relatos de fontes, uma vez que a audiência tem acesso a outras fontes e pode compará-las. O objetivo dessa escrita é modificar condutas para o futuro⁷⁷. Tácito teria utilizado, entre suas fontes, autores que menciona nominalmente, os livros de Fábio Rústico, Clúvio Eufo e Plínio, o velho, autores do período Júlio-claudino e Flávio. Além disso, menciona fontes não literárias, como as atas do Senado e discursos que haviam sido publicados (MARQUES, 2007, p. 112).

Tácito menciona ter consultado memórias ou diários, como no trecho “[...] fui eu achar nos comentários de sua filha Agripina, que depois foi a mãe de Nero, e escreveu a sua vida, assim como os sucessos de toda a sua família.” (*Ann.*, IV.LIV). Segundo Ricardo Nobre (2022), é recorrente na historiografia, desde Heródoto, compulsar relatos testemunhais escritos na forma de memórias e diários (ou postais, bilhetes, cartas, artigos de opinião), além de entrevistar testemunhas oculares. São procedimentos que fundamentam a história como investigação e que faz análise das fontes e dos fatos. Além disso, é por meio dessa pesquisa que o historiador

⁷⁶ Na *Vida de Agrícola*, o proêmio evoca a origem de Catão, o Velho, louvado pelos historiadores antigos, segue a tradição historiográfica da celebração de homens ilustres, dos feitos, dos costumes e das vitórias realizados por sua *uirtus*. Trata-se da divulgação da sua memória de *uirtus*, que, nos tempos anteriores ao principado, as virtudes podem ser louvadas mais livremente (LIMA, 2019). A mesma concepção Tácito apresenta no prefácio do *Histórias*, no qual ainda acrescenta que a tarefa do historiador é deixar à posteridade *exempla uirtutes*, silenciadas no Principado (LIMA, 2019).

⁷⁷ Tácito segue a tradição da historiografia latina de utilizar fontes de forma que, os fatos que narra são reutilizados e retrabalhados, sem se preocupar se é fidedigna o suficiente (MARQUES, 2007, p. 13).

estabelece nexos de causalidade e de consequência entre eventos, constituindo também um nexo lógico (NOBRE, 2022).

Quanto ao uso das fontes, Suetônio realiza coleta, seleção e registro partir de um método crítico (SOBRAL, 2007). Brandão (2009, p. 37) aborda outro aspecto que corrobora com essa tese ao afirmar que as fontes citadas por Suetônio garantem verossimilhança ao seu relato e agem como elemento de convencimento dentro da lógica da retórica. O método histórico de Suetônio inclui a coleta de fontes, o trato crítico da validade de cada fonte e a escolha da versão mais confiável para determinar as controvérsias. Seu texto apresenta o questionamento e a resolução sobre os dados levantados. Sobral aponta que Suetônio menciona como fontes que ele próprio consultou: atas do senado, testemunhos de personalidades, os selos de correspondência nas correspondências públicas e privadas, na escrita de discursos e trabalhos públicos, nas atas públicas, tradução oral de histórias contadas de boatos e discursos detratores. Além de citar o uso de sátiras escritas, libelos e seu próprio testemunho (memórias pessoais)⁷⁸. É por meio da referência a esse material privado, oriundo do círculo imperial, que Suetônio realiza e completa a característica do gênero biográfico: o relato da vida privada⁷⁹.

De acordo com nossas análises, vemos a filiação das *vidas* de Suetônio à concepção de história ciceroniana. Suetônio constrói *exempla* com objetivo de serem modelos para ensinar lições, de acordo com a função da história exemplar. Sobre a concepção de história em Suetônio, concordamos com Brandão (2009), que concluiu que a escrita de biografia e seu caráter de tratar de elementos da vida privada, curiosidades, fatos pitorescos e anedotas da vida da corte, não elimina o objetivo moralizante e da defesa de propagação de valores. A concepção de história de Suetônio inclui o objetivo de moralizar e de propor valores e defesa de instituições. No *topos* da *historia magistra vitae* ao recorrer à *auctoritas* dos grandes escritores, até no âmbito onírico⁸⁰.

Outra característica de Suetônio decorre da influência da tradição antiquária, cuja formação e local nessa tradição já mostramos. A tradição antiquária caracteriza-se pelo estudo que “[...] interessa-se por minudências do passado, eventos fora do lugar, monstruosidades,

⁷⁸ Suetônio utiliza de provas arqueológicas, mas com objetivos que vão além do gosto pelo passado por si só (BRANDÃO, 2009, p. 33).

⁷⁹ Quanto à antiquária, Suetônio não se limita a ela, ela parece mais estar a serviço da intenção biográfica. Útil para construir o caráter do imperador, ilustrar atitudes, ou mesmo qualificar a conduta. Brandão (2009) observou que, no tema do calendário, a mudança da designação do nome do mês é exemplificação do espírito tirânico de César, Nero e Domitiano, enquanto, para Augusto, a mesma medida aparece como mais uma medida administrativa (BRANDÃO, 2009, p. 36).

⁸⁰ Brandão (2009) afirma isto, ele cita um sonho de Sêneca e de Cícero sobre os dotes sobrenaturais de Augusto e sobre a natureza de Nero (*Nero.*, 7; *Aug.*, 94.9).

histórias locais, listas de magistrados, nomes próprios, leis, costumes; pela ostentação, em suma, de erudição como um fim em si. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 33). Ela é composta pela coleção de antigas tradições de cidades, regiões, deuses, instituições e santuários, bem como pela compilação de biografias e a cronologia, também pelo uso extenso de cartas, inscrições e monumentos. O historiador se interessa pelas grandes façanhas memoráveis, enquanto o antiquário explora o *mos* e procura hábitos da vida diária. Suetônio apresenta essa característica antiquária ao criticar os imperadores a partir do ponto de vista da destruição e preservação do modelo tradicional de vida romano. É característica da pesquisa antiquária a ordenação em sistema, não cronológica. Suetônio elabora o comentário palavra a palavra, por entradas. Procede da mesma forma nas *palavras de insulto*, que divide em tipos, característica das biografias do período, em que há uma introdução e uma série de entradas. A biografia de cada imperador se divide em série de capítulos, introduzidas por palavras-chave e a sequência por introdução de novos tópicos (BRANDÃO, 2009).

As biografias de Suetônio remetem aos tratados eruditos nas monografias sobre jogos, calendário, defeitos físicos e espetáculo. A presença de um montante de informações sobre espetáculos, enquanto elementos da administração, são mencionados de forma breve, como as guerras. Por outro lado, Suetônio não se restringe a reproduzir a erudição, ela é meio para construir o caráter do imperador (como os jogos fazem parte do caráter de imperador liberal ou avaro) (BRANDÃO, 2009). Nos tratados também havia a preocupação com traços físicos. No entanto, o método desses outros trabalhos é diferente daquele das *Vidas*⁸¹. Aqueles fazem arranjos de categorias em si, enquanto Suetônio as coloca a serviço dos objetivos da biografia, objetivo moralizador e político, de passar visões e valores.

Suetônio realiza coleta, seleção e registro dos fatos históricos, mas o faz a partir de um método crítico (SOBRAL, 2007). Segundo tratou Brandão, (2009, 1.2), o costume de trazer fontes de diversos tipos, característica de Suetônio, é uma forma de garantir verossimilhança, o que respeita o regime histórico da composição dos discursos, pois o autor buscar convencer com a citação dessas fontes. Por isso, há o uso de várias fontes, Suetônio utiliza as fontes de forma intencional, alocando as mais apreciadas, de acordo com o gosto do público, para reforçar suas preferências e as fontes mais rejeitadas para dar pouca credibilidade aqueles atos/modelos que não são de sua preferência. Contribui na verossimilhança o estratagema retórico de usar fontes hostis para provar virtudes e fontes favoráveis para provar vícios. As indicações das

⁸¹ Nos capítulos, a erudição está para si, enquanto Suetônio constrói por rubricas e organiza o material com objetivo de desencadear emoções (BRANDÃO, 2009)

fontes são, em geral, genéricas e vagas, fazendo-nos obrigados a crer na palavra do biógrafo (BRANDÃO, 2009). A citação das fontes é usada por Suetônio com objetivo de dar realismo, também pela sua busca por provar os dados. As fontes são cotejadas e analisadas⁸², o autor se posiciona a respeito de quem acredita estar certo⁸³ (BRANDÃO, 2009).

Brandão (2009, 1.2) constata que, em Suetônio há o procedimento de caracterizar seu biografado como personagem. Para isso, narra os vícios e virtudes da vida privada por meio de anedotas, boatos, rumores, libelos infamantes, acusações detratoras ou elogiosas de inimigos e aliados, presságios e augúrios, recursos de referência aos rituais e deuses. Essas são formas retóricas recomendadas nos tratados de retórica como *Retórica à Herênio*. Brandão (2009) aborda, nas *Vidas*, os meios de captação do leitor. Analisado nas chaves da *sedução do leitor* em que cita os recursos *sugestão de realismo, rumores e anedotas, uso do cômico e intervenção direta do autor*. Se refere ao apelo às emoções na análise dos *recursos de generalização e organização em crescendo*.

Esses recursos são aproximados aos preceitos do *Retórica à Herênio*, em que o modo do discurso deve ser em 6 partes. A primeira parte é o exórdio, começo do discurso cujo objetivo é dispor o ânimo do ouvinte a ouvir. As formas de causar essa disposição ao usar argumentos adequados à causa são divididas em dois formatos: “introdução” e “insinuação”. O primeiro refere-se à causa já de imediato e o segundo se faz gradativamente, por dissimulação e de forma implícita. O *Retórica à Herênio* ainda fala de o cuidado para o exórdio não ser vicioso, cuidando para que a fala seja branda e o discurso não pareça preparado. Por fim, observa-se que Suetônio tem uma biografia diferente das biografias anteriores⁸⁴, não relata apenas o sujeito biografado, aborda também personagens secundários, como tipos, uma série de personagens dos círculos da corte e da política.

Vamos observar, acerca da escrita e do estilo, os elementos que figuram como preceitos na parte da retórica chamada *elocutio*, elemento retratado nos manuais de retórica (*Ret.*, III; *Ret Her.*, III.11-69; *Inst.*, XII). Em *Vida de Augusto* (*Aug.*, LXXXVI), descreve-o como alguém que evita as *sententiarum ineptia* e *conditorum uerborum fetores*, isso é, a afetação e termos obscuros (BRANDÃO, 2009, p. 60). Elege seu estilo preferencial a partir do estilo de Augusto,

⁸² A partir de sua autoridade e do que podem provar, diante da apresentação também de polêmicas, recorre amplamente a provas arqueológicas: artefatos de coleção, estátuas, inscrições e monumentos, até locais geográficos.

⁸³ Algumas vezes rejeita fontes ou tradições anteriores, elas são analisadas e cotejadas, aponta quais são dignas de *auctoritas*.

⁸⁴ As biografias que eram encômio ou vitupério de personagens e que centravam na narrativa deles exclusivamente, há personagens secundário que atuam de forma autônoma ou contracenam com o próprio imperador biografado (SOBRAL, 2007). Suetônio narra também os comportamentos, as ações e o caráter dos personagens secundários.

visto que é Augusto seu modelo positivo maior de *exempla*, enquanto reprova Tibério pelas “palavras caídas em desuso e obscuras”⁸⁵. No caso de Tácito, este é um imitador de Salústio. Por isso, sua linguagem é de gênero mais complexo, permeada de poeticismos, arcaísmos, sintaxes elípticas ou muito elaboradas, que segue o estilo dos grandes historiadores que escrevem *anais* e *histórias*.

Esses elementos, juntamente a vários outros, compõem as *vitas* e os *anais*. As *vitas* de Suetônio são compostas de anedotas e rumores, que servem para apresentar uma Roma real, ao contar boatos que corriam, sendo ou não verdadeiros estavam presentes, portanto, percebidos como reais. O público aprecia essas sugestões de intriga. Aparecem geralmente no final de uma série de relatos, para servir como prova e intensificar. Os rumores compõem a construção do caráter do biografado. Alguns rumores crescem a partir da crueldade e excentricidade, criando um contexto do medo sob domínio de tiranos; em outros casos a rapina é expressa e dá origem a boatos. Os boatos acentuam aspectos positivos ou atenuam aspectos negativos. Os rumores são um gosto romanesco, um gosto mais por histórias intrigantes do que por verdade histórica. O autor cede ao gosto do público em vez de atentar à verdade. Seu efeito contribui para persuadir o leitor: ao explorar seu conteúdo acentuam-se vícios, ao explorar seu estatuto de boato, atenuam-se os defeitos (BRANDÃO, 2009).

Um desses temas componentes da escrita de Suetônio é a maledicência de caráter sexual, comum na invectiva política e presente em outros gêneros. Outro é o elemento cômico utilizado para provocar riso. Há vários níveis de humor presente: por exemplo, usa do chiste de baixa extração para atacar políticos no sentido da conduta sexual, usa da ironia, entre outros (BRANDÃO, 2009)⁸⁶. Utiliza do cômico farsesco, com termos escatológicos em que

⁸⁵ Também ataca Antônio por “mais para o admirarem do que para o entenderem”. “Através das palavras de Augusto, Suetônio aparta-se, deste modo, de duas tendências principais de seu tempo: o aticismo arcaizante, cujo símbolo vivo é Probo, e o asianismo da nova moda, cultivada por Séneca e pela escola de Lucano, [...] censura o estilo de Tibério, [...] por uma afectação e purismo excessivos (*Tib.* 70.1) [...] de Séneca: «simples exercícios de declamação e areia sem cal». [...] Por exclusão de partes, Suetônio coloca-se entre as duas tendências: o estilo que Asínio Polião e Augusto aconselham, e que Cícero atribui a César. Apesar de admirador de Cícero, Suetônio não segue na forma o Arpinate: prefere um estilo simples, claro e eficaz. [...] com o de Tácito: trata-se de dois gêneros diferentes. A escrita de Suetônio não está povoada de poeticismos, arcaísmos, sintaxe elíptica ou muito elaborada, onde se buscam os ornamentos oratórios [...] historiador preferiria evitar: o uso de termos e expressões em grego, inclusão de vocabulário técnico e a citação literal de documentos.[...], um estilo adornado não conviria ao caráter escabroso de certas informações, [...] introduz, no entanto, na narrativa ditos célebres, expressões, frases da conversa corrente que tornam as situações mais convincentes e autênticas. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 60-65).

⁸⁶ Usa procedimentos irônicos como dizer que não fará e fazer em seguida, expressando um gosto do escândalo e da maledicência “O *topos* da vida sexual acarreta um cômico obscuro, do tipo usado no mimo, pelo gênero de vocabulário [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 78).

imperadores se tornam bufões, é também expresso nos apelidos dados a imperadores, com troca de nomes próprios, duplo sentido de termos que caracterizam⁸⁷.

Sobre a forma, Joly (2009) concorda com Pierre Grimal que a respeito de Tácito, conclui:

[...] Quanto ao aspecto formal, alguns autores também ressaltam o paralelo entre história e tragédia em Tácito, [...] a narrativa nesta obra centrar-se na figura do monarca, dado predominante seja na tragédia grega como na romana [...] A própria descrição de determinados episódios pelo historiador segue uma estrutura dramática, como no caso da morte de Agripina [...] (JOLY, 2009, p. 39⁸⁸)

A tragédia também influencia a biografia, como representação de vidas e discursos de heróis. A tragédia prende-se à comemoração de personalidades insulares, às celebrações miméticas junto a túmulos de heróis e ritos de cultos dos antepassados, logo, à representação teatral e trágica (BRANDÃO, 2009).

Nas *Vidas* de Suetônio, tomamos as análises de Brandão (2009) como referência: as *vidas* se compõem de diversos elementos do gênero teatral da farsa. A farsa é um gênero teatral que se enquadra na categoria da comédia, utilizando situações exageradas, absurdas e improváveis para provocar o riso. Ela caracteriza-se pelo humor físico, personagens caricatos ou estereotipados, enredos, também elementos de absurdo, exagero, relatos escabrosos. Além disso, permite a inversão de valores e de posição.

Suetônio também apresenta a centralização da narrativa no príncipe enquanto biografado. Também, sua narrativa incorpora elementos teatrais de vários gêneros, como da tragédia e da farsa, do cômico, do mimo, da *palliata*. Influenciado também pela invectiva política, composto por sugestões de realismo, pela infusão do sentimento de escárnio, obscenidades, sordidez, apelo à comisseração, provocação do horror. Principalmente seu objetivo é moralizante e promotor das *uirtutes*.

Sobre os recursos de escrita, encontramos em Suetônio e Tácito citações e discursos diretos. Esses elementos remontam à tradição grega, usados desde Tucídides e Heródoto (6.1). Pensamos que isto tanto é recurso da escrita para criar uma atmosfera narrativa quanto é forma

⁸⁷ E ainda seu efeito em que “O riso é apotropaico e funciona como uma espécie de castigo para o mal. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 80). Se depreende a concepção de estilo de Suetônio quando cita Asínio Polião, que seria um de seus modelos, repreende a afetação exagerada de arcaísmo do estilo salustiano, já Ateio Filólogo que aconselha discurso acessível, natural e corrente censurando o obscurantismo de Salústio.

⁸⁸ Esse elemento evidencia a importância dos *exempla* nos *Anais*, pelo objetivo de narrar a *persona* do imperador. Conclui-se que, em Tácito, há uma ênfase na equidade, há uma aproximação entre história e tragédia, tanto no aspecto formal quanto à finalidade ética.

de garantir credibilidade de verossimilhança ao que se narra. É reprodução do *topos* do gênero histórico na retórica⁸⁹.

É essencial para acompanhar as *uirtutes* em Suetônio a consideração de Brandão (2009) de que Suetônio busca defender e infundir valores, apresentar comportamentos virtuosos ou viciosos que expressam a *uirtus* ou a *uitia* romanas. Também é característico de Tácito e Suetônio as compreensões de mundo e “destino” ligadas ao *fatum* e *fortuna*. Essa concepção adota a visão de que um destino inexorável governa a vida, um certo pessimismo. Nos *Anais* (*Ann.*, VI.XXII), admite-se a indeterminação da *fortuna* dos indivíduos e, ao expressar sua opinião, acaba apontando, entre as possibilidades que levanta, a busca por suspender o julgamento sobre o destino, a necessidade imutável ou o acaso (MARTINS, 2007, p. 169). Tácito expressa, desta forma, sua concepção de história que busca ser imparcial, próxima também dessa noção de *fatum*.

Suetônio expressa esse *fatum*⁹⁰ e tem, assim, uma concepção fatalista. Esse destino inexorável é trazido pelos presságios, indícios, acasos e pelo próprio pressentimento do imperador sobre seu *fatum* (*Tib.*, 69; *Tit.*, 9.1⁹¹). Suetônio também está imbuído da presença da sorte (*tyche*), que vem completar e coroar esse destino, bem como dos elementos do *casus* e da *fortuna*. Encerrando este capítulo que trata das concepções de retórica e história, bem como dos recursos de narrativa e escrita dos gêneros historiográficos, caminhemos para analisar as *uirtutes* nas fontes a partir de todos os procedimentos de composição da narrativa de nossas fontes.

⁸⁹ Para Brandão (2009) em Suetônio “[...] um número considerável de citações sustenta a caracterização dos biografados [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 40).

⁹⁰ “Augusto tem tanta confiança no seu *fatum* que publica o horóscopo (*Aug.* 94.12); Tibério confia em que tudo é governado pelo *fatum* (*Tib.* 69). A morte de Gaio e de Lúcio é atribuída por Augusto à *atrox fortuna* (*Tib.* 23). É a *Fortuna* que destrói a *disciplina* da casa de Augusto e provoca a desonra das duas Júlias e Agripa Póstumo (*Aug.* 65.1). Também Nero, na fase inicial, confessa que o seu sucesso depende da *Fortuna* (*Nero* 23.3). [...] A forte presença quer do *fatum*, quer da vontade dos deuses faz-se sentir através da insistência em oráculos de renome, profecias e numerosos sinais ominosos de toda a espécie, prenúncios de felicidade ou desgraça. Estão presentes famosos oráculos. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 319-320).

⁹¹ “Estrangeiros, como o de Apolo, em Delfos (*Nero* 40.3), o de Vénus Páfia, em Cipro (*Tit.* 5.1), o do Carmelo, na Judeia (*Ves.* 5.6); e também itálicos, como a Fortuna de Âncio (*Cal.* 57.3), a Fortuna de Preneste (*Dom.* 15.2), e o oráculo de Gérion, perto de Patávio (*Tib.* 14.3). 32 *Tib.* 63.1; *Dom.* 15.3; *Cl.* 29.3.” (BRANDÃO, 2009, p. 203-04, Nt. 31).

CAPÍTULO 2 – A *gloria* e a *clementia* em Suetônio e Tácito

Gloria e *clementia* como fundamentos da *auctoritas* imperial em Tácito e Suetônio

Antes de tratar das virtudes da *gloria* e da *clementia* é preciso lembrar que elas constam na lista dos principais valores romanos. O conjunto desses valores remete ao termo *uirtus*, conceito antigo cuja origem pode ser identificada num fragmento de Lucílio⁹² (1326 M. In: PEREIRA, 2002, p. 407). Lima (2019) afirma que *uirtus* é um conceito chave que encampa os demais valores romanos. Segundo Pereira (2002), *uirtus* é “[...] conceito abstracto englobante e das numerosas componentes em que se pode desdobrar, sem excluir o velho conceito de valentia. Toda a riqueza da palavra *aretê* na filosofia grega entra assim para o patrimônio cultural latino.” (PEREIRA, 2002, p. 410).

Cícero propõe uma formulação que conjuga o conjunto de valores romanos, apontando para o indivíduo portador de comportamento virtuoso.

Na verdade, note que embora todas as inclinações corretas da alma sejam chamadas virtudes, não é esse o nome apropriado para todas elas; mas todas foram nomeadas a partir daquela que se destacou das outras [...] (CIC., *Tusc.*, 2.43)

[...] aquilo que chamamos honesto, recto, conveniente, dando-lhe por vezes o nome de *virtus* [...] (CIC., *Tusc.*, II.13.30) (In: LIMA, 2019, p. 25)

Em Virgílio, o herói reúne qualidades próprias da *uirtus*: “Aprende comigo, ô filho, a *uirtus* e o labor honesto, a fortuna com outros” (*Eneida*. XII.435-436. In: PEREIRA, 2002, p. 411). Pereira (2002) encontra também em Salústio a *uirtus*, valor a ser colocado a serviço da república. Antes de Augusto, *uirtus* se associa à *gloria* e à *nobilitas*. No tempo de Augusto, o termo se desliga de *gloria*, mas permanece associado à honra e à fama, podendo ser encontrado nos poemas de Horácio. Tudo o que é bom, como ações, qualidades e caráter, pode ser entendido como desdobramentos da *uirtus*. Tito Lívio, por sua vez, relaciona a grandeza das cidades à sua *uirtus*. Já Sêneca apreende a categoria a partir da filosofia estoica.

Para nossa análise, será necessário tratar também dos vícios (*uitia*), assim como do justo meio ou meio-termo⁹³. No *Retórica a Herênio*, a *modéstia* é definida como moderação que limita nossos desejos (*Ret Her.*, III.3). Sêneca tomará como linha central do *De Clementia* a moderação dos desejos, utilizando uma série de comparações com o comportamento do homem

⁹² Caio Lucílio (180-102 a. C.), antigo poeta satirista latino, considerado fundador da poesia satírica em seu formato. Lucílio estabeleceu o tom conversacional do gênero, seguido por vários dos seus sucessores, estabeleceu o Hexâmetro dactílico como verso específico da sátira.

⁹³ Para uma análise específica sobre o tema: FELIPE (2012).

sábio. Para tratar do uso da *clementia*, o comportamento desejável é temperar a ação com a *moderatio*, que impede o uso exagerado das *uirtutes* (*Clem.*, II.III.2-II.V.5). Sêneca reprova comportamentos exagerados, entendidos como manifestações viciosas (*Clem.*, II.III.1; II.III.3-II.IV.1). O vício é definido como um exagero proveniente do desejo, *Retórica a Herênio* indica que o que deve ser vituperado é o desejo excessivo de honrarias, dinheiro e similares, ações que passam do limite definido pela natureza, o que é suficiente em cada caso e, por fim, indicar o que é excessivo estabelecendo a medida certa de cada coisa (*Ret Her.*, III.5). Veremos que o vício (*uitia*) oposto à *gloria* é à *inglória* (PLUTARCO, *César*, XLIX.5. In: JOSÉ, 2011, p. 133⁹⁴; MARQUES, 2007), que lhe acompanha também a ideia de ignominia (BRANDÃO, 2009), e o vício contrastante com a *clementia* é a *crudelitas*, enquanto a *severitas* é outra *uirtus*, conforme Sêneca (*Clem.*).

Quanto à escrita de Suetônio e Tácito, percebe-se que ambos se baseiam em um modelo retórico de história que constrói cenas nas quais os personagens atuam. Esse procedimento se articula aos preceitos da *historia magistra vitae*, de matriz ciceroniana, bem como aos recursos prescritos nos manuais de retórica, como a *Retórica a Herênio*, além do uso da écfrase. Desse modo, são elaboradas cenas que levam o leitor a crer que observa diretamente os espaços das instituições romanas.

A narrativa, assim, se desenrola em ambientes como o palácio imperial, os tribunais, as assembleias públicas, as celebrações triunfais e até os campos de batalha. Essa construção mantém estreita relação com os preceitos expostos em *Sobre a memória* (III.28–40) e na teoria da construção de lugares e imagens (III.30–39), presentes na *Retórica a Herênio*. Nesses tratados, as imagens são concebidas como instrumentos mnemônicos⁹⁵.

No caso da écfrase, entretanto, essa lógica assume outra função: “[...] quando produzida pela écfrase tem finalidade distinta, pois não mais se destina à memorização, mas ao exercício da imaginação.” (RODOLPHO, 2012, p. 195). Assim, a construção dessas cenas não visa apenas auxiliar a memória, mas também potencializar a imaginação do leitor, estruturando, desse modo, os próprios discursos escritos.

Nas fontes que analisaremos, é fundamental observar as cenas construídas pelo autor: nelas, os indivíduos são colocados em ação, com seus nomes, títulos e discursos, dispostos e articulados como em um teatro. Esses personagens são posicionados em cenários específicos

⁹⁴ “Quanto à guerra que aí mesmo ocorreu, uns dizem que ela não era necessária, mas que, motivado pelo amor de Cleópatra, foi para César inglória e cheia de riscos; [...]”

⁹⁵ No *De Oratore*, de Cícero, a anedota de Simônides já aponta para o princípio de associar objetos a lugares visualizáveis como forma de recordação.

(como o senado, a república ou a alcova privada) para interagir entre si, conforme a orientação narrativa proposta. A partir dessas cenas, o autor expressa visões e comportamentos individuais. O centro da narrativa reside, portanto, nos indivíduos e em suas ações: é deles que emanam as virtudes ou os vícios. Seu caráter é concebido como imutável, podendo apenas ser revelado ou ocultado. A única possibilidade de transformação estaria em sua formação, momento inacessível ao historiador, que narra a partir de um tempo em que o indivíduo já se encontra plenamente constituído. Assim, não há, na vida desses sujeitos, uma linha histórica progressiva comparável entre seus diferentes momentos: eventuais mudanças ao longo do tempo não indicam transformação de caráter, mas sim o desvelamento de algo que sempre esteve presente, ainda que oculto.

No que diz respeito à narrativa biográfica, trata-se de um gênero voltado à esfera privada, atento às minúcias da vida cotidiana. Ele explora, sobretudo, o interesse do leitor em conhecer aspectos íntimos da existência dos altos membros da política romana e do ambiente palaciano. Nesse caso, a narrativa recorre aos recursos e à concepção retórica de história para construir a cena e atribuir as ações aos indivíduos. É a partir deles que emergem comportamentos e atitudes que expressam *uirtus* ou *uitia*, conforme o tema abordado em cada *vita*. Sob uma perspectiva analítica e narrativa das *vitas*, essa visão panorâmica permite compreender o efeito que Suetônio busca produzir no leitor. Brandão (2009, p. 91) observa que há, na narrativa, um movimento de *mise en scène* voltado à produção de efeitos dramáticos, no qual se privilegiam acontecimentos decisivos. A progressão dramática se dá ao transformar o biografado em um protagonista trágico, estabelecendo aproximações com a tragédia e a epopeia, tal como definidas por Aristóteles (*Po.*, 1459a; 1451b; 1449b) (BRANDÃO, 2009). Nesse processo, elementos próprios da tragédia são incorporados à escrita da história: a narrativa orienta-se para um desfecho e apresenta unidade de ação, características compartilhadas com a tragédia e a epopeia.

Além disso, a narrativa toma como objeto o geral (isto é, o que é verossímil que o homem diga ou faça), retomando um princípio próprio da poesia. Assim como a tragédia mobiliza elementos capazes de suscitar compaixão e temor, visando à *catharsis* (BRANDÃO, 2009, p. 91), esses mesmos recursos são empregados na composição da vida narrada.

Gloria

Definidos os elementos de pano de fundo que qualificam o universo de pensamento dos romanos, definamos então a *gloria*. Pereira (2002) mostra que a *gloria*, nos tempos de Ênio, é expressa como coragem militar associada ao soldado em serviço militar; também se relaciona à busca do indivíduo pelo louvor. Cícero afirma que a *uirtus* consiste em buscar a *glória* como recompensa pelos trabalhos e perigos enfrentados. Nesse sentido, desde a Antiguidade, a *glória* pode ser entendida como atributo daqueles que devem ser louvados e celebrados por seus feitos e méritos, isto é, como reconhecimento a que merece. De modo convergente, a *Retórica a Herênio*, ao estabelecer normas para a composição dos discursos, indica, no âmbito da retórica deliberativa, a matéria honesta, na qual o louvor ocupa lugar central como procedimento discursivo. Assim, o louvor aparece como uma forma de reconhecimento externo, conferido pelos pares, que legitima publicamente a *glória* atribuída ao indivíduo⁹⁶,

E louvável aquilo que produz lembrança honesta tanto no presente quanto na posteridade. [...] Também não convém buscar o reto apenas em razão do louvor, mas, se o louvor o acompanha, duplica-se a vontade de alcançá-lo. Quando, enfim, se demonstrar que algo é reto demonstraremos que é louvável ou por homens idôneos [...] ou por alguns aliados, ou por todos os cidadãos, pelas nações estrangeiras e por nossos descendentes. (*Ret Her.*, III.7)

A *gloria* aparece sob vários aspectos. Um deles é o reconhecimento público, aquilo que tem a ver com o reconhecimento dos outros, tem a ver com o ser visto e aprovado pelos pares. Nos escritos de Cícero, “[...] só se chama verdadeiramente *gloria* o ser considerado bom pelos homens de bem.” (PEREIRA, 2002, p. 344). Nesse sentido, também implica falar de alguém, implica fama do sujeito ao ser falado dele com louvor (PEREIRA, 2002, p. 344, nota 46). A *gloria* é então reconhecimento por homens de *uirtus*.

[...] a *gloria* resulta de três condições: ser amado pela multidão; ter a sua confiança (*fides*); ser admirado e digno de honrarias (*honos*). Logo *gloria* confina com *fides*. [...] sobretudo com *honor*, com a qual acaba por formar um binômio muitas vezes invocado (*honor et gloria*). (PEREIRA, 2002, p. 345).

⁹⁶ Daniele Lima (2019) foi quem nos alertou sobre a presença das virtudes nos tratados de retórica como meio de compor discursos para se referenciar tanto o gênero deliberativo quanto o epidítico. “Nas obras do orador, muitas vezes encontramos o emprego de *uirtus* como um termo geral que abarca outras qualidades, o que, segundo McDonnell, é prova da forte presença da semântica de *areté* sobre *uirtus*, porque a ideia de *uirtus* como um guarda-chuva de outras qualidades é um reflexo de tal virtude grega.” (LIMA, 2019, p. 24). “Esse uso é encontrado somente no latim clássico e tardio e é especialmente frequente em obras retóricas e filosóficas, nas quais as quatro virtudes canônicas – *prudentia*, *iustitia*, *temperantia* e *fortitudo* – “prudência”, “justiça”, “autocontrole” e “coragem”, respectivamente, – são apresentadas como aspectos da *uirtus*. (BALMACEDA, 2017, p. 24, *apud*, LIMA, 2019, p. 24). “[...] Cícero acaba por oferecer um vocabulário filosófico. [...] o orador utiliza *uirtus* tanto como coragem marcial, quanto como virtude em geral, a depender, conforme diversos pesquisadores observam, do gênero da obra em questão [...]” (LIMA, 2019, p. 24).

A *glória* aparece também na instância dos títulos honoríficos e nas atividades da *res publica*, no exercício de cargos. As definições próximas à *glória* (como honra e feitos memoráveis, dignos de elogio) são mais antigas e remontam ao tempo da *Retórica* de Aristóteles (*Ret.*, I.9)⁹⁷, bem como se fazem presentes nesse tratado. A *glória* relaciona-se também à obtenção de reconhecimento público pelos próprios feitos; por isso, vincula-se à *res publica*. Ela pressupõe, de modo central, ser vista e confirmada pelos outros. Pereira (2002) remete ao tempo de Cícero ao rebater a noção de que a recompensa estaria na *uirtus*, e não no reconhecimento dos outros: as passagens que afirmam isso são exceção nas fontes.

[...] a *gloria* é público reconhecimento das qualidades do cidadão. É “a fama pelos actos bons e grandes serviços para com a *res publica*, que se comprovam, quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pela da multidão” – definiu Cícero nas *Filipicas* I.12.29. (PEREIRA, 2002, p. 345).

Pereira (2002) observa que aqui se distancia da separação entre virtudes públicas e privadas, mas antigamente, em Catão-o-Censor, *gloria* e *honor* são virtudes privadas. A *gloria* se relaciona com a *res publica* e daí ser uma qualidade política e social.

A *gloria* aparece em outra instância quando “[...] se reflecte sobre a gens e se torna sua herança. [...]” (PEREIRA, 2002, p. 347), como aparece nas inscrições de Gneus Cornélio Cipião Hispano, que citam aquele que recebeu o louvor quanto à *gloria* que alcançada aumenta as virtudes da família que aumentou⁹⁸ (PEREIRA, 2002). As *laudatios funebris*, ao enaltecer a *gloria* do morto, contribuíam para fortalecer a *gloria* de sua família (LIMA, 2019, p. 21). Lembrando que esses ritos públicos, ao elencar informações sobre a vida do morto, consistem em um ritual que envolve reconhecimento público. Uma passagem da *Res Gestae* mostra essa herança: “Por minha honradez, o senado e o povo romano designou cônsules meus filhos Gaio e Lúcio César, que completavam quinze anos [...]” (*Res gest.*, XIV), e nesse caso os filhos têm a *gloria* reconhecida pela *gloria* da *gens* de seu pai.

Na expressão de *uirtus*, a *gloria* é também atribuída à performance de generais. Apiano narra, em um fragmento, que Pompeu tinha adquirido *glória* e poder pelas lutas militares contra

⁹⁷ “[...] Também são belas todas as coisas cujo prêmio é a honra; e as que visam mais a honra do que o dinheiro [...]” (1366b). Também são belas as coisas pelas quais o homem luta sem temor; pois, no que toca aos bens que conduzem à glória é isso que lhe sucede. [...] Também a vitória e a honra se contam entre as coisas belas, pois são preferíveis mesmo que infrutíferas e manifestam superioridade de virtude. Belos são ainda os atos memoráveis, e tanto mais belos quanto mais durável for a memória deles. [...] (1367a).”

⁹⁸ “As virtudes da família com meus costumes as aumentei;
Gerei filhos, procurei igualar os feitos de meu pai.
O louvor dos maiores alcancei, para se alegrarem
Da minha criação: a honra nobilitou a estirpe.”

Mitridates, por isso, pedia ao senado a ratificação de suas decisões em favor das cidades. Enquanto Lúculo, que dirigia a mesma guerra antes de Pompeu, se opôs e declarava que a vitória era sua porque Mitridates perdera já toda sua força (APIANO, *Guerras Civis*. II.8-10. In: PINSKY, 2001, p. 73. *Apud* FRANÇA E VENTURINI, 2011, p. 4). Aqui, há uma disputa para ser reconhecida a *gloria* pela vitória militar.

Clementia

Definida a *gloria*, passemos então à definição de nosso segundo objeto: a *clementia*. A *clementia*⁹⁹ é uma *uirtus* ligada ao exercício do poder na República e no Império¹⁰⁰. Por isso, nas *Odes* de Horácio (*Odes*, III.4.41-42. In: PEREIRA, 2002, p. 371), o narrador se dirige às musas para auxiliarem César, elas o influenciaram na prática da clemência¹⁰¹ (PEREIRA, 2002). Em Sêneca o conceito de *clementia* se modifica, como termo que apresenta caráter polissêmico: ora atributo político do soberano, ora medida exclusiva jurídica, ora uma virtude própria de um ser essencialmente humano (BRAREN, 2013, p. 17). Sêneca mesmo admite dividir o *Tratado* em três partes, lembra a definição estrutural dos tratados retóricos, que dedicará a segunda à definição deste valor (*Clem.*, I.II.3).

A *clementia* é a temperança do espírito de quem tem o poder de castigar ou, ainda, a brandura de um superior perante seu interior ao estabelecer a penalidade. É mais seguro propor muitas definições [...] é a inclinação do espírito para a brandura ao executar punições.

Esta outra definição encontrará objeções [...] dissermos que a clemência é a moderação que retira alguma coisa de uma punição merecida e devida.

[...] É a clemência que faz desviar a punição pouco antes da execução que poderia ter sido estabelecida por merecimento. (*Clem.*, II.I.1-II.I.2)

⁹⁹ Temos elementos para concluir que a *clementia* também é uma virtude deificada: a deusa *clementia*. A deusa *clementia* tinha templos construídos em sua honra, em geral referente à um gesto de um homem *clemente*. No *Tratado da Clemência*, Sêneca, numa passagem, diz: “[...] se alegre por estar a clemência à vista, preparada para velar sobre os erros humanos, [...]” (*Clem.*, Pr.I.9). Em *Vida de César*, de Plutarco (47), o senado determina a construção de um templo para a deusa clemência e César, que os dois aparecem de mãos dadas numa estátua (BRAREN, 2013, NT. 12).

¹⁰⁰ Pereira (2002) vê na *clementia* uma noção própria dos romanos e não derivada de valor grego. “[...] a *clementia* exercida na esfera política, pois na privada não podemos esquecer que é uma atitude fundamental [...]” (PEREIRA, 2002, p. 369). No tempo de César e Cícero, três discursos de Cícero eram louvores velados à César, exortavam sua *clementia* (PEREIRA, 2002; BRAREN, 2013), “[...] que César era *homo clemens ac populares* afirmara o Cícero na *Defesa de Rabírio* 4.13. Mas onde o grande orador multiplica os apelos à *clementia* do ditador é nos discursos pronunciados entre 46 e 45 a. C., *Defesa de Marcelo*, *Defesa de Ligário*, *Defesa do Rei Deófaro*. [...]” (PEREIRA, 2002, p. 370). Na república tardia os romanos usavam virtudes atribuídas aos seus ancestrais, entre elas *clementia*, *miserericórdia*, *mansuetudo*, *temperantia*, *lenitas*, *benevolentia* (HRUSCĂ, 2012), se relacionando com o *moss maiorum*.

¹⁰¹ “Vós dais, almas deusas, conselhos de brandura
E em os tendes dado vos comprazes”

Sêneca admite os diversos aspectos da clemência em sua definição, usando a expressão “é mais seguro propor muitas definições”. A definição central e mais geral de *clementia* consiste em refrear o poder de punir.

Voltando a relacionar Suetônio e Tácito nesse sentido, precisamos lembrar que apresentam as *uirtutes/uitia* de formas diferentes, decorrente do seu gênero de escrita, como descreve Brandão (2009):

[...] Suetônio, enquanto autor das biografias, não é um moralizador, à maneira de Tácito. Enquanto este faz dissertações moralizantes com base na oposição entre a virtude do passado e a decadência do seu tempo, Suetônio serve-se das figuras dos imperadores para transmitir, muitas vezes implicitamente, a mensagem moral. Ações que para o historiador antigo informam a trama narrativa, aparecem dispersas por rubricas de virtudes e vício. [...] (BRANDÃO, 2009, p. 330)

Elementos da construção e escrita das uirtutes no contexto romano

Será necessário analisar os valores em sua relação com a ordem social, observando como se manifestam tanto em relação à *gloria*, ligada à posição na sociedade, quanto à *clementia* que deverá se realizar a partir dessa posição. A ordem social e seus valores aparecem, por exemplo, em Salústio.

Na paz e na guerra cultivavam-se os bons costumes; a concórdia era máxima, e mínima a avareza; entre eles, o direito e o bem não valiam mais pela força das leis que pela da natureza: disputas, discórdias, rixas, exercitavam-nas com os inimigos; os cidadãos lutavam uns com os outros em valor; nas acções de graças aos deuses eram magníficos, parques em casa, leais para com os amigos. Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, a justiça, quando a paz sobrevinha, cuidavam de si e do Estado. (SAL., *Cat.*, 9.1-5. In: PEREIRA, 2002, p. 359)

Estende-se também ao principado, no qual o príncipe é visto como protetor da ordem, assim: “[...] o bom imperador procura consolidar a família, com o incentivo ao casamento e com a garantia da fiabilidade da paternidade, por meio de leis repressivas do adultério. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 375)¹⁰². A valorização da ordem pública relaciona-se à defesa e à manutenção da *res publica*. Nesse sentido, Sêneca, ao reproduzir o ideal de construção da imagem do Estado sob o regime do principado, define os príncipes e reis como tutores da ordem pública (*Clem.*, III.II.2). A queda do príncipe seria a perda da coesão das forças públicas, sendo

¹⁰² O comportamento das mulheres é associado à ordem. Nesse tema, há uma alusão à *pudicitia* e à *castitas*. A inversão da ordem é relatada a partir da inversão da autoridade do homem sobre a mulher, como em Tácito: “[...] A tudo isto acresciam ainda os feminis caprichos da mãe: com o que ficavam expostos a servir uma mulher, [...]” (*Ann.*, I.IV).

o imperador o centro da ordem e da sustentação do império (*Clem.* III.II.2). O *De Ira*, ao afirmar que a ira pode tomar conta de toda a nação, associa essa situação a um estado de completa desordem na *res publica*, em que se instala o conflito entre todas as partes da sociedade que deveriam estar em harmonia (*Ir.*, III.II.4)¹⁰³.

A *gloria* e a *clementia* constituem *uirtutes* diretamente associadas à ordem social. No contexto da guerra, a *gloria* relaciona-se à grandeza da nação e à sua proteção, estendendo-se à disciplina militar e à *fides* (*Liv.*, II.7; *Jug.*, XLII), ao vincular o exército à defesa e ao engrandecimento de Roma. Quando associada ao *imperator*, remete à estabilidade do Estado; no exercício dos cargos públicos, expressa o bom funcionamento das instituições e a *libertas* do cidadão. Já no reconhecimento dos feitos, a *gloria* aponta para o coletivo, que dela se beneficia e, por meio dela, fortalece sua própria ordem (*In Cat.*; *Clem.*). A *clementia* como atributo do ideal do príncipe representa estabilidade e seu uso se liga a várias *uirtutes*, como refreio ao gerar *concordia* e evitar a reação contra quem está em posição de poder (segurança) (*Clem.*), através da *pax* gera estabilidade (*Liv.*, XXXIX.6; *Pref.*, 9-10). O príncipe estabelece sua *auctoritas* a partir da *clementia* (*Carmen.*; *Res. gest.*; *Cic.*, *Trópicos*), pois legitima a ordem a partir dessa *uirtus*. Na política externa, a *clementia* gera ordem ao restabelecer *fides* com os povos externos, garantindo a estabilidade do Império (*Carmen.*; *Cic.*, *Trópicos*; *Pro Marcelo*)¹⁰⁴. A *clementia* se alonga até a *pietas* com relação à pátria mantendo a ordem¹⁰⁵, gera a estabilidade da ordem da família.

Sobre a interpretação de Suetônio e Tácito, delineiam-se duas perspectivas opostas. De um lado, há autores (como LIMA, 2019) que sustentam que Tácito expressa o ponto de vista da ordem senatorial, enquanto outros sugerem que Suetônio representaria a perspectiva da ordem equestre. De outro lado, encontram-se aqueles que defendem que ambos os autores, apesar de suas diferenças, se alinham à defesa da ordem tradicional:

[...] Suetônio tem uma concepção tradicional e hierárquica da sociedade e contesta os imperadores que tentam subverter a ordem estabelecida. Os

¹⁰³ “4. Casas inteiras foram queimadas com toda a família, e aquele que, até ontem, por sua cativante eloquência, tido por bastante honra, sofrem a ira de seu discurso. Legiões voltaram seus dardos contra seu comandante, a plebe discorde dos nobres; o senado, que é o conselho estadual, nomeia, sem esperar o exército nem nomear um general, um comandante subitamente a serviço de sua ira e, após autorizar a caça às casas de homens nobres, assumiu em suas mãos o suplício.”

¹⁰⁴ A *gloria* é *virtus* da ordem no âmbito de evitar o vício da *ambitio* (*Jug.*; *Ann.*; *Liv.*), a *clementia* também se relaciona com a *libertas* que garante quando ao não agir com *crudelitas* os cidadãos se sentem livres (*Pro Marcelo*; *Pro Ligario* e *Pro rege deitoraro*), é o que vemos ao narrar o príncipe respeitando os limites de sua função e refreando seu poder (*Clem.*), se alonga até a *pietas* com relação à pátria mantendo a ordem.

¹⁰⁵ Tácito (*Ann.*, I.IV), Lívio (*Liv.*, I.13-15), Salústio (*Jug.*, XLII), e Augusto (*Res gest.*; VIII.5) com a publicação das leis de Augusto *Lex Iulia de adulteriis* e a *Lex Iulia de maritandis ordinibus*.

melhores imperadores são os que são favoráveis à todas as classes: os que conseguem o *concensus orddinum*, verificável pelas reações à morte. Ora também esta diferenciação social apresenta uma base moral. Sendo a *libertas* comum a todos os cidadãos livres, a *dignitas* distingue as classes. [...] (BRANDÃO, 2009, p. 377)

Defendemos que Suetônio e Tácito, mesmo que expressem seus pontos de vista da ordem à qual pertencem, têm em perspectiva a ordem social tradicional, pautada na tradição do lugar hierárquico das classes e ordens¹⁰⁶. Neste sentido, *gloria* e *clementia* são encaradas como valores da manutenção da ordem social. A irresponsabilidade e o abandono nas funções públicas é um aspecto amplo que no seu interior tem a *gloria* como um de seus componentes, pois há várias *uirtutes* que expressam a dedicação à *Res*¹⁰⁷, como é o caso da *fides*, *pietas* e *concordia* (MARQUES, 2007). O cidadão romano age pela *res publica* e através dos valores se liga ao corpo coletivo, o comportamento ideal esperado é defender o interesse coletivo e integrar a ordem social (*Clem.*, III.II.3-III.III.1). A ordem social é uma noção que estará daqui em diante presente na nossa análise das *uirtutes*.

Outro elemento, no âmbito geral próximo à Ordem Social, é a tradição dos autores romanos que associam *uirtutes* essenciais a comportamentos considerados desejáveis, muitas vezes identificados como virtudes cardeais ou *uirtutes imperatoriae*. Em Platão, as quatro virtudes cardeais são prudência, justiça, fortaleza e temperança (*República*, IV, 426–435). Em Cícero, por sua vez, “[...] a *uirtus* é uma disposição da alma [...] Possui, portanto, quatro partes: prudência, justiça, coragem e temperança” (CIC., *Inu.*, 2.151. In: LIMA, 2019, p. 25).

No contexto romano, especialmente a partir da *auctoritas* de Augusto, destacam-se como virtudes fundamentais a *gloria* (ou *uirtus*), a *clementia*, a *iustitia* e a *pietas* (*Res Gestae*, XXXIV). Cícero também identifica outras *uirtutes imperatoriae*, como *labor* (capacidade de prever e suportar esforços), *fortitudo* (coragem diante dos perigos), *industria* (zelo na ação), *celeritas* (rapidez na execução) e *consilium* (prudência no planejamento). Ao definir o que caracteriza um comandante excelente, enumera quatro elementos centrais: conhecimento da arte militar (*scientia rei militaris*), *uirtus*, *auctoritas* e *felicitas* (CIC., *Man.*, 28–29). Nesse sentido, pode-se sugerir que tais formulações constituem um *topos* recorrente.

¹⁰⁶ Em nossa visão, a preocupação com restabelecimento dos costumes perdidos se deve à concepção de manutenção da ordem, e a volta ao passado como referência, própria da concepção de *historia magistra vitae*, tem objetivo do restabelecimento da ordem tradicional.

¹⁰⁷ O cidadão, ao se incorporar ao corpo político da cidade, recebe vantagens (segurança, comércio, propriedade) e, em troca, deve assumir os “encargos” e “deveres”; está obrigado a responder ao chamado das “coisas de todos” (*res publica*) e é mobilizável pelo Estado (NICOLLET, 1992).

Ao aproximarmos essas fontes, percebe-se a presença constante, na figura do comandante ideal, de qualidades como *coragem*, *temperança* e *prudência*. No caso do *imperator*, essas virtudes se articulam como *fortitudo/gloria*, *prudencia*, *temperantia/clementia* e *iustitia*¹⁰⁸. Essa análise será fundamental para a sequência do estudo, ao examinarmos como Tácito e Suetônio constroem, em suas narrativas, as figuras do comandante ideal¹⁰⁹ e do *imperator* exemplar.

Precisamos acrescentar à noção de ordem social e de *uirtutes imperatoriae* um procedimento narrativo, a fim de compreender o contexto geral de nossas fontes. As narrativas de Suetônio e Tácito são construídas pelo procedimento corrente de comparar, estabelecer analogias entre *personae* distintas, que ora se complementam, ora contrastam suas qualidades ou defeitos. Essa forma apresenta dois modelos de indivíduos que são narrados em paralelo e confrontados, um procedimento comum na historiografia romana. Os *Anais* de Tácito têm sua estrutura narrativa coordenada pela centralidade das ações dos imperadores e pela progressiva revelação do caráter imperial ao longo da obra (MARQUES, 2010). A interação entre o imperador e personagens secundários contribui para revelar esse caráter; tais personagens possuem *uirtutes* e uma imagem frequentemente antagônicas à do imperador, a interação com personagens secundários (frequentemente colocados em posição de contraste) desempenha o papel de evidenciar e tornar mais nítidos os traços constitutivos desse caráter (MARQUES, 2010). A narrativa da *vita* apresenta uma estrutura equivalente, pois o biografado ocupa o centro da narrativa. Esse procedimento já aparece em Salústio, que narrou Catão e César como dois exemplos positivos (SAL., *Cat.*, 53.4–54.6). Apresentam semelhanças metodológicas com o chamado método do retrato (RODOLPHO, 2012, p. 279) em Salústio. Esse modelo pode apresentar dois exemplos positivos, como Catão e César, ou um positivo e outro negativo, como no caso de Germânico e Tibério¹¹⁰.

¹⁰⁸ Cícero acrescenta *labor*, *indústria*, *celeritas*, e *consilium*, Augusto acrescenta a *pietas*.

¹⁰⁹ O comandante ideal de Cícero ainda apresenta outras virtudes que estão no sentido político de comando, na atividade da *res*: *integridade* (*innocentia*), *temperança* (*temperantia*), *lealdade* (*fide*), *afabilidade* (*facilitate*), *engenho* (*ingenio*) e *humanidade* (*humanitate*) (CIC., *Man.*, 36. In: LIMA, 2019, p. 29).

¹¹⁰ “A presença recorrente de Germânico cumpre a função de representá-lo como uma figura diametralmente oposta ao imperador, por conta de sua popularidade entre o povo de Roma, tão diferente do caráter soturno, reservado e dissimulado de Tibério (I, 33). Isso não significa, na verdade, que Germânico seja para Tácito particularmente um herói incondicional, mas reflete em última instância um mundo militar e diretamente associado ao ambiente republicano, em contraste com o mundo do principado. Porém, o contexto das atitudes de Germânico reflete a visão de um mundo anacrônico, e até mesmo falho, ao mostrar a incompetência do personagem que o simboliza, ou seja, não necessariamente uma figura de características republicanas é aqui melhor do que outra simbolizando o novo contexto político. Germânico é patentemente inepto para controlar a revolta na Germânia, no livro I, 31-71 (PELLING 1993, p. 62-63), e de fato a maneira como Druso, filho de Tibério, comanda a situação paralela de revolta na Panônia (I, 16-30) é, em termos práticos, mais eficaz. [...]” (MARQUES, 2010, p. 49).

A estrutura narrativa dos *Anais*, do ponto de vista formal, enfatiza as ações dos imperadores, por meio das quais seu caráter é progressivamente revelado (MARQUES, 2010, p. 45–46). A forma narrativa aqui apresentada recorre a recursos de escrita prescritos no regime da retórica, entre os quais se destacam aqueles ligados à descrição de personagens e de suas ações, que compõem o conjunto da *écfrase*, entendida como descrição. Tais recursos cumprem a função de “apresentar diante dos olhos” o objeto narrado. Entre os tipos de *écfrase*, a *pragmata* narra ações e acontecimentos, como é o caso das guerras (RODOLPHO, 2012). Outro tipo é a *etopeia*, que imita personagens, atribuindo-lhes discursos e características adequadas à sua condição e posição.

A *etopeia* enumera qualidades e defeitos dos indivíduos, podendo abranger aspectos físicos e morais; de caráter demonstrativo e amplificador, destaca aquilo que convém, favorecendo o processo de exposição das *uirtutes*. Outro recurso de natureza *ecfrásica* é a *hipotipose*, que, com os mesmos objetivos, realiza uma apresentação vívida e detalhada, narrando os feitos do personagem¹¹¹. É precisamente esse conjunto de procedimentos que compõe a narrativa dos personagens em Tácito e Suetônio. A descrição do personagem também pode ser realizada por meio de objetos a ele associados. Nessa chave, a *hipotipose* narra ditos e fatos, bem como ações, paixões e eventos de natureza física e moral, enquanto a *etopeia* se concentra na descrição moral, sendo importante destacar que não se restringe a uma simples caracterização descritiva.

A *écfrase* opera também por *modalidades*, entre elas Tácito e Suetônio parecem utilizar daquela de personagem, que pode ser simples ou em dupla, e da modalidade que pode ser do moral (caráter), emotiva (emoções) ou mista (caráter e emoções) (RODOLPHO, 2012). Esta é importante para os personagens de Tácito e Suetônio nas cenas agirem. Os personagens em contraposição em Suetônio e Tácito discursam, o que se assemelha à *écfrase mista* que integra ação e discurso, que também tem um dos seus tipos integrada à ação do discurso.

Dessa forma, constroem epopeias de personagens ilustres, que são modelos de comportamento. Tácito trabalha a contraposição entre Tibério e Germânico no livro I¹¹². Na

¹¹¹ A *demonstratio* constitui outra forma *ecfrásica*, caracterizada pela descrição de ações com a finalidade de produzir *enargeia*.

¹¹² Um exemplo é fragmento que segue: “[...] mostrava agora por Germânico a mesma afecção [...] suas maneiras populares, e sua nímia afabilidade e doçura, faziam uma diferença absoluta do arrogante e misterioso César [...]” (*Ann.*, I.XXXIII).

caracterização de Germânico¹¹³ em Tácito¹¹⁴, temos do comandante ideal de Cícero a afabilidade (*facilitate*) (CIC., *Man.* 36), ligada também a quem dispõe de poder. A *comitas* (*cordialidade*) e *ciuilitas* podem se apresentar porque são virtudes opostas ao humor mórbido e *adrogans* dos tiranos (BRANDÃO, 2009), além disso:

No que respeita ao exercício do poder, a *moderatio* opõe-se à arrogância da actuação tirânica, mas também à crueldade, pelo que, além da *ciuilitas*, implica também, como dissemos, a virtude da *clementia*, cujo vício correspondente é a *saevitia* ou *crudelitas*. O bom *princeps* sabe moderar a sua cólera contra os inimigos. [...] (BRANDÃO, 2009, p. 363)

Comparando-os, vemos então presentes os elementos que associam Tibério a um tirano: *arrogante* (*adrogans*), *misterioso* (*obscurus*) e *velado* (*occultus*) (*Ann.*, I.XXXIII). Germânico, por sua vez, demonstra ser *integro cidadão* (*iule ingenium*), ter *sociabilidade* (*ciuilitas*) e *simpatia* (*comitas*) (*Ann.*, I.XXX)¹¹⁵, além da *popularidade* (*fauor*). A imagem de Germânico nos *Anais* serve para amplificar a vituperação da imagem de Tibério, associando Tibério à *princeps* e Germânico aos homens republicanos (LIMA, 2019). No Tibério de Suetônio, a *adrogans* é uma constante¹¹⁶.

Outra perspectiva que permite aproximar Tácito e Suetônio é a análise de seus *exempla*, isto é, dos modelos que constroem. Em Suetônio, o retrato de Tibério reúne tanto qualidades negativas (como *crudelitas*, *ferocitas* e até a ausência de *glória*) quanto aspectos positivos, entre os quais se destaca a *gloria*, enquanto Germânico em Tácito é um modelo ambivalente, reunindo traços positivos e negativos (LIMA, 2019).

Entre as *uirtutes*, destaca-se a *gloria*, inserida em um contexto recorrente de disputa pela *uirtutes imperatoriae* (LIMA, 2019, p. 148). Germânico demonstra entre suas *uirtutes* a *clementia*, toma logo iniciativa, enquanto Tibério se mostra indiferente e demorado em tomar ações, são condutas do homem público em cargo de comando. Sêneca diz que há responsabilidade em fazer ações e posturas determinadas que são vistas como da compaixão: prestar socorro às lágrimas alheias, fará como um homem dá a outro homem em nome de bens

¹¹³ Esta caracterização se dá a partir de: “[...] a exposição dos episódios relativos e suas ações entre as tropas, seu modo de agir durante batalhas e também dois discursos enunciados pelo general. De modo geral, o historiador o caracteriza com suas próprias palavras em momentos pontuais do primeiro livro. [...]” (LIMA, 2019, p. 141)

¹¹⁴ Para analisar Germânico como modelo de *uirtus*, o que já mostraram vários estudos, tomamos como ponto de partida que Tácito não compõe seus heróis apenas como modelos positivos ou negativos, podem expressar virtude e vício, Cf. LIMA (2019) que cita AMBRION (1991) e DEVILLERS (1993).

¹¹⁵ Tomamos a tradução do vocábulo *comitas* como *afabilidade* de BRANDÃO (2009) e a tradução de *simpatia* de LIMA (2019).

¹¹⁶ A biografia já começa com a *adrogans* atribuída pela herança dos aristocratas arrogantes com a plebe (*Tib.*, III), mesmo na rubrica do retrato físico (*Tib.*, LXVIII) seus hábitos e seu físico o caracterizam como arrogante.

comuns (*Clem.*, II.IV.3-4), contrapõe a *compaixão* como valor negativo ao auxílio ao próximo como valor positivo. Sêneca trata do rei pacífico e tranquilo (*Clem.*, III.XI.1), elogiando a conduta do príncipe que tem preocupações universais, que presta assistência ao Estado, a *afabilidade* e *clementia* desse príncipe se associa ao seu espírito de iniciativa e de atendimento do povo (*Clem.*, III.XI.4).

As narrativas de Suetônio e Tácito acabam por formar o caráter de indivíduos, como mostramos o procedimento dos *exempla*, ao longo da narrativa forma-se um caráter completo, há coerência, assim demonstram determinadas *uirtutes*. Na abertura do testamento e ao assumir o poder Tibério demonstra ambição, cobiça, obscuro e falsa modéstia, (*Ann.*, I.VII; *Tib.*, XXIV). Posteriormente no livro I dos *Anais*, em contraposição à Germânico, Tibério é *occultus*, *adrogans* e *obscurus* (*Ann.*, I.I; I.L), vícios que um libelo anônimo nomeava. Suetônio ressalta ao longo da *Vida* Tibério manifestando *medo*, em especial até a sucessão e antes de se consolidar no poder e depois no final da *vida*. Depois, já no poder, vemos a sua *dissimulatio*. Campos (2010) encontrou ao longo dos *Anais* a caracterização de Tibério como cruel, vingativo, arrogante, suspeito, com atitudes ambíguas e hesitante nas decisões (*Ann.*, 1.4; 1.8; 1.10; 1.11; 1.12; 1.13; 1.69; 1.74; 1.80; 2.65; 3.51; 4.1; 4.11; 4.29; 4.30; 4.57; 4.60; 4.67; 4.71; 5.3; 5.5; 6.1; 6.45; 6.46; 6.50). Tibério também mostra caráter dissimulado (*Ann.*, I.XI; I.LXXXI) e de inveja (*Ann.*, I.LXII; II.XXVI.4).

O caráter de Júlio, pelos discursos de Cícero que elogiam César, tem construção aproximada à de Germânico em Tácito. Cícero diz: “[...] tamanha mansidão, *clementia* tão inusitada e inaudita, tamanho comedimento para quem está no cume do poder absoluto [...]” (*Cic.*, *Defesa de Marcelo*, I. In: PEREIRA, 2002, p. 370)¹¹⁷. Vemos a *clementia* associada ao comedimento de quem está no poder, também associada à mansidão¹¹⁸. Assim, entre as *uirtutes* que contrapõe Tibério a Germânico estão também a *gloria* contra a *inglória* e a *clementia* contra a *crudelitas*, numa forma narrativa que coloca exemplos contrários para dar-lhes relevo.

A *gloria* como reconhecimento público e a *gloria* militar em cenas de guerra

A partir dos procedimentos construtivos e narrativos que acabamos de mostrar, vamos analisar a presença da *gloria* logo na escolha de Tibério, dentro da sucessão de Augusto para

¹¹⁷ “[...] É que não posso de modo algum deixar passar em silêncio tamanha brandura, essa clemência de tal modo inédita e inaudita, tamanho comedimento em meio ao poder supremo sobre todas as coisas, enfim, uma sabedoria tão incrível e quase divina.” (*CIC.*, *Discurso por Marcelo*. 2023).

¹¹⁸ Sêneca afirma que num discurso de divino Augusto ele diz: “[...] se eu nunca respondi a ninguém de forma mais dura, vingai minhas ofensas. [...]” (*Apocol.* XI.2). Indicando caráter de mansidão.

Tibério, que se situa no início dos *Anais* e próximo ao final do primeiro terço da *Vida*. Em Suetônio e Tácito, a abertura do testamento de Augusto no senado, traz o relato da *gloria* nas seguintes passagens:

[...] vinham nele nomeados herdeiros Tibério e Lúvia – e esta adoptada para a família Júlia, com o título de Augusta. Em segundo lugar, seus netos e bisnetos; em terceiro, os principais da cidade, sendo a maior parte deles os que mais tinha aborrecido – e assim tudo só por jactância e por desejos de glória. [...] (*Ann.*, I.VIII)

Em virtude da sua investidura tribúncia, convocou o Senado, deu início a uma alocução e em seguida rompeu em soluções como se não pusesse conter a sua dor. “Fôra melhor- exclamou – perder a vida com a palavra!” e entregou seu manuscrito a Druso, para que o lesse. Sem demora, trouxeram o testamento de Augusto. Dentre os seus signatários, [...] O testamento começava assim: “Já que uma sorte funesta arrebatou-se os meus dois filhos Caio e Lúcio, nomeio Tibério César meu herdeiro para metade e mais uma sexta”. [...] (*Tib.*, XXIV, 1959)

A *gloria* aparece, nesse contexto, em seu sentido de reconhecimento público por parte dos cidadãos, uma vez que se afirma que as ações eram motivadas pelo desejo de obter esse prestígio. É significativo notar que o título de Augusto, inicialmente atribuído a Otávio, é herdado por seu sucessor, Tibério, mas também estendido a uma mulher, criando-se, assim, uma distinção entre Augusto, para o homem, e Augusta, para a mulher, ainda que ambos funcionem como nomes herdados.

Nesse cenário, Tácito relata a reação de Tibério diante da fala de L. Arrúncio em sessão do Senado. O imperador se ofende, e o historiador aponta como possíveis motivos tanto um antigo ressentimento quanto a suspeita em relação ao brilho de Arrúncio como cidadão, além de “[...] ter a opinião pública a seu favor [...]” (*Ann.*, I.XIII). Evidencia-se, portanto, a *gloria* como reconhecimento público no interior do corpo cívico, capaz de gerar tensões e rivalidades no espaço político.

Nas tratativas relativas ao funeral de Augusto e às honras fúnebres que se seguiram, Tácito conduz o leitor à cena do Senado, descrevendo as intervenções dos presentes. Entre elas, destaca-se a proposta de L. Arrúncio de que fossem publicadas as leis promulgadas e as nações vencidas por Augusto (*Ann.*, I.VIII). Nesse contexto, a *gloria* aparece projetando-se sobre a *gens*, ultrapassando a figura individual, pois projeta-se sobre seu herdeiro.

É provável que haja aqui uma referência às conquistas registradas na *Res Gestae* (XXV–XXXV), ou a tradições comuns que também fundamentam esse repertório de feitos. Ao inserir a evocação das vitórias de Augusto no momento de sua sucessão, a narrativa articula a *gloria*

como um patrimônio familiar: aquilo que foi conquistado pelo *princeps* projeta-se sobre seu herdeiro, por pertencer à *gens*.

Os próprios ritos fúnebres, nesse sentido, funcionam como um espaço de consagração da *gloria* da família. A rememoração pública das vitórias (elemento típico da *laudatio funebris*) reconhece e reafirma os feitos militares do falecido, ao mesmo tempo em que contribui para a continuidade simbólica de sua *gloria* no interior da ordem social e política.

A escolha de Augusto é motivada por dois objetivos “[...] escolhido no interesse da república [...]” (*Tib.*, XXI) e “[...] Augusto o nomeara sucessor mais por necessidade que por escolha [...]” (*Tib.*, XXIII). Como essa passagem traz as qualidades de Tibério citadas como o bom comandante militar, inclusive a *prudentia* e a *disciplina*, sugerimos que a escolha se deve à instabilidade de Roma, os perigos internos e externos, que precisa de *auctoritas* conseguida por alguém detentor de *gloria*, a *gloria* como reconhecimento público.

Em seguida temos a sucessão em Tácito e Suetônio, Tibério assume como *imperator*, traz um contexto composto pela *auctoritas*, aproximando-a da *gloria* e da *clementia*. Coincidem os relatos de Suetônio (*Tib.*, XIV) e de Tácito ao mostrarem Tibério, antes de receber autorização para ser imperador e herdeiro de Augusto, já se comportando como tal: utiliza as prerrogativas do cargo de *imperator* (*Ann.*, I.VII; *Tib.*, XXIV)¹¹⁹ e passa a andar com a guarda. Segundo Brandão (2009, p. 146, Nt. 51), o uso de guarda-costas, na tradição historiográfica, associa-se à tirania (como no caso de Atenas).

As ações de Tibério com as tropas sugerem que ele se comportava como imperador sem o reconhecimento tradicional das instituições romanas¹²⁰. Assim, tenta assumir o poder antes mesmo da leitura do testamento de Augusto, procurando afirmar-se como novo *imperator* e desrespeitando o rito republicano de aclamação pelo Senado e pelas assembleias.

Segundo Brandão (2009), em Suetônio, Tibério realiza uma “[...] manifestação típica de indecisão hipócrita [...]”, que “conota claramente como uma farsa [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 145). O uso da guarda evidencia o desejo de poder, enquanto sua recusa verbal o dissimula; seus atos, portanto, desmentem suas palavras¹²¹. Embora os termos não apareçam

¹¹⁹ “[...] o *santo* como imperador às tropas pretorianas; entrou a usar de guarda, e de todo o cortejo imperial; marchava acompanhado de soldados quando ia ao *fórum* [...]” (*Ann.*, I.VII) e “[...] apoderar-se repentinamente do principado e em exercê-lo; embora houvesse tomado uma guarda militar, isso é, a força e a aparência de soberania, [...]” (*Tib.*, XXIV)

¹²⁰ O título de *imperator*, que, pelo menos desde Júlio, significava o “poder de comandar exércitos”, fora atribuído à Júlio pelas guerras da Gália (GRIMAL, 2011). Trata-se do poder reconhecido a imperadores ou políticos na República (FRANÇA; VENTURINI, 2011).

¹²¹ A narrativa da sucessão constrói-se, assim, pelo contraste entre a insistência dos próximos e as evasivas de Tibério: de um lado, o tom obsequioso dos senadores; de outro, o suspense calculado, que expressa falsa modéstia e fingimento da recusa, revelando a artificialidade da condescendência (BRANDÃO, 2009, p. 146).

explicitamente, trata-se de noções tradicionalmente associadas a vícios como *ambitio*, *cupiditas*, obscuridade moral, falsa modéstia e *dissimulatio*. Em seguida, Suetônio (*Tib.*, XXV) reúne episódios de diferentes momentos para justificar a hesitação de Tibério em assumir o império, destacando seu medo¹²²: “[...] temer iminentes perigos que o ameaçavam de todos os lados [...]” (*Tib.*, XXV, 1959)¹²³.

A questão da *auctoritas* confirma-se, portanto, pela presença da guarda. Os diversos perigos (desde a concorrência de Germânico, dotado de *auctoritas* e apoiado por suas tropas, até revoltas e conspirações) evidenciam a instabilidade do poder de Tibério¹²⁴. Nesse contexto, Suetônio sugere o risco de seu governo não se sustentar, dada a recusa de diferentes grupos em reconhecer sua autoridade¹²⁵. Assim, ainda que os vocábulos não estejam explicitamente presentes, o sentido de *auctoritas* e *gloria* mostra-se plenamente pertinente à análise.

Recorramos à análise de Natália José (2011) para estas passagens, que também inclui o relato de Tácito:

[...] Tal atitude é vista, pelos mesmos historiadores, de maneiras diversas. Para Tácito (*Anais* II, 2), a hesitação de Tibério era regida por dois fatores: cautela e astúcia. Segundo ele, o futuro governante pretendia o comprometimento do Senado em sua candidatura, o que faria com que surgisse como candidato escolhido e não imposto. Já para Suetônio e Dion Cássio, a atitude de Tibério era envolta por medo, de conspirações ou de revoltas por parte do exército e da sociedade romana. Em nossa visão, Tibério intenta percorrer um caminho muito parecido com o de Augusto, aproximando-se, desta forma, daquele que era seu antecessor e seu pai adotivo. Assim, aparenta as mesmas atitudes e precauções com a sua ascensão ao cargo de Imperador e com as instituições tradicionais republicanas, tais como o Senado. A aproximação de Tibério com Augusto pode ser notada, inclusive, na obra velleiana, quando o autor exalta a imagem de Augusto para, desta forma, também glorificar e legitimar o governo daquele que seria seu herdeiro, Tibério. (JOSÉ, 2011, p. 77-78)

¹²² Nos capítulos anteriores dessa *vida*, na abertura do testamento (*Tib.*, XXIII), o choro de Tibério demonstra *dissimulatio*, para depois afirmar a causa de tal hesitação: os perigos que abalam sua *auctoritas* em sua sucessão.

¹²³ Na passagem final, “Finalmente, como que forçado e queixando-se da infeliz e pesada servidão que lhe era imposta, aceitou o império [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 146), em seguida, quando o exortam a assumir, ele demonstra *medo*, ambiguidade, indecisão, hesitação. Há o confronto: entre insistência de amigos e evasivas de Tibério, entre tom obsequioso dos senadores e calculado suspense (BRANDÃO, 2009, p. 146), enquanto a cena da ascensão é do tipo de *mimo* (BRANDÃO, 2009, p. 323, Nt. 46), descreve assim o caráter de Tibério por essa *demonstratio*.

¹²⁴ “Os soldados de Germânico recusavam-se a aceitar um príncipe que não fora nomeado por ele e incitavam vivamente o seu comandante para que tomasse o poder nas mãos. Germânico se opôs a isso com firmeza. [...]” (*Tib.*, XXV, 1959).

¹²⁵ Tibério manifesta medo, na tradução Atena consta “que estava entre a espada e a parede”, mas a tradução da Biblioteca Editores Independentes diz “Segurava um lobo pelas orelhas”, que é um provérbio de Terêncio (*Ph.*, 506) (BRANDÃO, 2009, Nt. 57).

A partir desta análise, o que vemos é que, de fato, estão colocadas a *auctoritas* e a *gloria*. No capítulo XXV, Suetônio informa vários elementos para qualificar o medo de Tibério, descritos como recurso de éfrase¹²⁶. O medo, assim qualificado por Suetônio, refere-se à sua falta de *auctoritas*. Ao comparar a *auctoritas* de Tibério com a de Augusto, tanto Suetônio quanto Tácito atribuem várias *uirtutes* que são reconhecidas em Tibério, mas nenhuma delas é a *gloria* e a *clementia*¹²⁷. A sucessão de Augusto sugere a importância de sua *auctoritas*, mas a sucessão de Tibério está ausente a *gloria* e a *clementia* como base de *auctoritas*¹²⁸.

O contexto de narrativa da *auctoritas* continua após a sedição das tropas da Germânia¹²⁹, a notícia da morte de Augusto chega a Germânico. Germânico possui o *fauor* do povo, e a competição é latente entre Tibério e Germânico, só se encerra porque Germânico se compromete com a *fides* a Tibério¹³⁰ (*Ann.*, I.XXXIII-XXXIV). A sedição entre povos aliados configura *perfidia*, e a cena, descrita de forma efrásica, apresenta Germânico interagindo com os soldados. Em seu discurso, ele exorta à *concordia* e alude à *gloria* ao afirmar que se devia “[...] ter por Augusto, passou às vitórias e triunfos de Tibério, elogiando com especialidade os feitos brilhantes, que tinha executado na Germânia com aquelas mesmas legiões [...]” (*Ann.*, I.XXXIV). Germânico busca, assim, estabelecer a *auctoritas* de Tibério a partir do reconhecimento de seus feitos militares.

Lima (2019), ao analisar os episódios dos *Anais* (I.XXVI-LI), identifica também neles uma alusão à *auctoritas* de Germânico. No entanto, por suas respostas, Germânico demonstra pouca habilidade no trato da situação (*Ann.*, I.XXXV): a atitude de preferir ameaçar-se com a espada a recusar sua *fides* revela-se desesperada e infantil¹³¹. Essa imagem de fragilidade e inexperiência, associada à sua juventude, aparece em suas primeiras ações militares, nas quais manifesta uma ânsia por demonstrar bravura (característica típica de generais inexperientes) (LIMA, 2019) e pode ser entendida como uma busca pela *gloria* própria de um general. O retrato de Germânico em Tácito constrói-se, portanto, no campo marcial (LIMA, 2019).

¹²⁶ A cilada contra Clemente, a recusa em acusar Libão por medo de demonstrar crueldade, a troca da faca de ferro pela de chumbo no sacrifício (o chumbo é mole e pensa que não poderia matá-lo com isso), e, na entrevista com Libão, vai acompanhado do filho e permanece segurando sua mão.

¹²⁷ No *Carmen*, eram atribuídas a Augusto a *gloria* e a *clementia* (esta internamente e nos povos estrangeiros), juntamente à *pax*. Na *Res gestae*, entre as quatro virtudes da *auctoritas*, está a *gloria* e a *clementia*. Em Sêneca, Augusto é reconhecido por demonstrar *clementia* para com os vencidos e realizar também a *concordia*.

¹²⁸ É o que constatamos na narrativa de Suetônio até capítulo XXV e em Tácito até I.XXXVIII.

¹²⁹ O relato da sedição da Germânia consta com informações parecidas em *Vita de Calígula* (I.1) (LIMA, 2019).

¹³⁰ Germânico arrecadava tributos da Gália neste momento. Germânico se coloca em favor de Tibério, contribuindo ainda para que os sediciosos e os povos aliados prestem juramento de *fides*.

¹³¹ Segundo Lima (2019), a informação seguinte confirma tal interpretação (*Ann.*, I.XXXV): Germânico inflama os ânimos e faz circular cartas falsamente assinadas por Tibério (*Ann.*, I.XXXVI-XXXVII). Ainda segundo Lima (2019), tais atitudes podem ser interpretadas como comportamento corrompido.

A *gloria*, como reconhecimento da *auctoritas* do comandante militar, é elemento central nas narrativas de sucessão, o que permite comparar a ascensão de Tibério em Tácito com a de Cláudio em Suetônio. Em Tácito, a atitude de Germânico diante da sucessão ao cargo de *imperator* revela que possuía a fidelidade das tropas - conquistada por sua *gloria*, resultante de sua *clementia* (*Ann.*, I.XLII), e fosse inclusive preferido por tropas sediciosas para o cargo (*Ann.*, I.XXX-XLI) –, detinha, portanto, *auctoritas* para assumir o poder.

Podemos comparar com a ascensão de Cláudio (*Cla.*, X). Neste, por sua vez, segundo Brandão (2009, p. 152), o traço predominante é a passividade. Sua elevação ao poder ocorre pela ação de fatores externos (soldados, senadores e a multidão), e não por virtudes próprias. A passividade e a irresolução são enfatizadas nessa cena, configurando elementos de ausência de *gloria*, *uirtus* esperada daquele que aspira ao império.

Na parte final da aclamação, Cláudio chega a comprar o apoio dos soldados (*Cla.*, X), o que reforça essa caracterização negativa¹³². Trata-se de um contexto típico de sucessão imperial (VEYNE, 2009), no qual *auctoritas* e *gloria* (esta como fundamento daquela) estão em evidência. Cláudio, ao garantir a fidelidade das tropas por meio de donativos, e não pelo reconhecimento de feitos, revela-se, assim, *inglorius*, pois não obtém a lealdade dos soldados por meio da *gloria*.

No contexto ainda da competição entre os *capax imperii*, em Tácito temos situações em que a conquista de *gloria* resulta em *auctoritas*. Ao terminar a guerra, voltamos ao campo da *res publica*, o meio político e social em que encontramos a reconhecimento público pelos triunfos¹³³ e feitos na guerra. O resultado da vitória sobre os Germanos leva Tácito a relatar o triunfo decorrente desse êxito, retomando, assim, o tema dos triunfos como expressão da *gloria* vinculada à vitória e à conquista, aspecto com o qual iniciamos a análise.

Tibério recebeu esta notícia com alegria e tormento. Folgava sim que a sedição estivesse acabada; porém com a lembrança de que Germânico ganhara a benevolência da tropa (*fauorem militum quesiuisset*) por meio do dinheiro, e das baixas tão prontas que lhe havia concedido, sofria angústias cruéis; e tanto maiores, quantos eram os ciúmes, que de sua glória militar sentia (*bellica quoque fermanici gloriaangebatur*). Contudo, relatou no senado todas as suas grandes ações, e disse maravilhas de seu heróico valor; porém com expressões mais estudadas, que sinceras. (*Ann.*, I.LII)

¹³² “[...] como a massa que o rodeava reclamasse um único senhor e o designasse nominalmente, consentiu que os soldados [...]” (*Cla.*, X, 1959). A cena desta aclamação em Suetônio mostra que o senado se dividiu, ou seja, a ordem senatorial se dividiu em dois partidos: um a favor e outro contra aclamação de Cláudio. Enquanto a disputa ainda prosseguia, o povo, representado pela maioria da plebe e, possivelmente, pela ordem equestre, reivindicava a nomeação do príncipe.

¹³³ Mais à frente analisaremos e definiremos a *gloria* a partir dos triunfos, distintivos e celebrações públicas.

Lima (2019) explica que, nessa narrativa de Tácito, os resultados positivos e suas consequências despertam insegurança em Tibério. Germânico recebe a *gloria* da vitória militar e reafirma o *favor* das tropas; ao homenageá-lo, Tibério rememora sua *uirtus*. O elogio dirigido a Germânico contrapõe-se, assim, à reação de Tibério, marcada simultaneamente por alegria e preocupação, construção que remete à de Salústio em *Catilina*, quando “aflição e alegria o tomaram”. O que se evidencia, portanto, é a insegurança de Tibério (LIMA, 2019).

Ao tomar a iniciativa de atacar os Germanos (*Ann.*, I.II-L), Germânico, que já havia conquistado antes o *favor* das tropas; agora com a vitória, alcança a *gloria* militar, passando a rivalizar em *auctoritas*, tanto pelo apoio recebido quanto pelo prestígio adquirido. A disputa se configura, assim, no âmbito da *uirtutes imperatoriae*. A *gloria* como triunfo manifesta-se também na exigência do elogio público: mesmo atormentado, Tibério relata ao Senado as grandes ações de Germânico, sendo compelido a enaltecer seu valor heroico, ainda que o discurso apareça como formal e pouco sincero (“com expressões mais estudadas que sinceras”).

Lima (2019) observa que as palavras atribuídas a Tibério evocam a fórmula associada a Domiciano (*fronte laetus, pectore anxius!*), além de remeterem à passagem de Salústio (“*cura atque laetitia*”) (*Cat.*, 46.1–2. In: LIMA, 2019, p. 147), reforçando a ideia de sua insegurança. Em contraste, o louvor dirigido a Druso é apresentado como sincero, o que se explica pelo fato de ele ser visto como sucessor, enquanto Germânico surge como competidor *capax imperii*.

Nesse contexto, a *gloria* opera como reconhecimento coletivo conferido pelos pares, obrigando Tibério a adotar, na esfera pública, uma postura condizente com esse valor. Enquanto instituição da *res publica*, a *gloria*, reconhecida pelos feitos, não pode ser desconsiderada pelo imperador em função de sentimentos pessoais.

Contrastamos esse episódio, que envolve Germânico e Tibério, agora em Suetônio.

[...] Quanto a Germânico, tão ciumento se mostrou da sua fama que chegou a rebaixar como inúteis os seus feitos e a denegrir as suas mais gloriosas vitórias, considerando-as funestas à república. [...] (*Tib.*, LII)

Tibério demonstra ciúmes ao tentar rebaixar a *gloria* de Germânico, tendo como alvo as duas formas dessa *gloria*. A construção da cena permite identificar elementos também presentes na narrativa de Tácito, como a competição pelo Império e a disputa pela *auctoritas*, esta

derivada da *gloria* em suas diferentes manifestações. Em ambas as narrativas, o “ciúme” aparece como reação de Tibério diante da *gloria* de Germânico¹³⁴.

Outra situação descrita, vem após o relato anterior, Tácito relata Agripina como personagem central na ação (*Ann.*, I.LXIX). A situação remete à mesma relação *auctoritas* e *gloria*, próxima do que vimos Suetônio (*Tib.*, XXV) relatar nas ameaças à sucessão. Os soldados do exército romano se entregam diante da notícia de que os Germanos tinham vencido na Gália, Agripina, então, assume ações na tropa¹³⁵ e exorta os soldados a se prontificarem ao combate. Assim, “[...] Agripina era muito mais respeitada por os exércitos, do que os mesmos legados, e os mesmos generais [...]”, ela sossegara uma sedição que o imperador não pôde, enquanto Tibério vê nessa atitude uma estratégia para preparar os soldados não só para contra os inimigos.

Agripina assume o controle do exército, e o respeito que ela recebe é demonstração de *auctoritas* de um general por ter *gloria*, o fato de sossegar a sedição é demonstração de *auctoritas*. A ameaça que Tibério vê é por ela receber *gloria* e *auctoritas* com tais iniciativas, pois Tibério não demonstra a iniciativa de batalha, mais uma vez, tal como antes perdera para Germânico (*Ann.*, I.XLVIII). O comportamento de Agripina é parte do comportamento glorioso. Semelhante à esta descrição das ações por Tácito temos Sêneca, que traça a imagem de Cláudio como negativa pela falta de iniciativa (*Apocol.*, I.2), traz a alusão à indecisão de Cláudio na descrição de seus passos desiguais (SILVA, 2008, p. 60). Se a *gloria* não está textualmente, o está suposta no valor do comandante em guerra, aprontar as tropas para a batalha, proteger o povo romano, partir à *gloria* da vitória. A *gloria* não pode ser atribuída a mulheres¹³⁶; Agripina ser respeitada pelos soldados mais do que generais e legados ressalta a *inglória* em Tibério.

Saímos do campo da *auctoritas* para tratar da *gloria* exclusivamente. Passemos agora à *gloria* militar, em seu sentido da vitória, conquista, seus triunfos e a *gloria* como *uirtus* atribuída ao bom comandante. A *gloria* é associada à coragem militar e ao bom serviço desde os tempos mais antigos da República, em que o prestígio da aristocracia estava associado à *gloria* (nos

¹³⁴ Contribui também para provar esta conclusão o fato de que, em Suetônio, está narrado em uma rubrica que relata a *crudelitas* e *impietas* pela família, a perseguição de Tibério, que vai até a tentativa de assassinato de Germânico, de sua esposa e filho. Isso sugere que a questão contra Germânico está ligada à competição imperial, seu *capax imperii*.

¹³⁵ Tácito na narrativa trata da descrição, tem forma de *cena*, inclui as ações de Agripina diante das tropas, narra, por exemplo, que ela estava a levar o príncipe pequeno de roupa de soldado.

¹³⁶ Segundo a visão dos romanos. Ver na parte das “Dimensões específicas da *gloria*” essa análise, demonstramos que a *gloria* é atributo de homens, é ser reconhecida pelos pares homens: “[...] Cícero assim explicara: ‘a *uirtus* é assim denominada a partir de *uir*’ (*appelata est ex enim uiro uirtus*; CIC., *Tusc.*, 2.43). [...]” (LIMA, 2019, p. 18).

tempos mais antigos à coragem marcial), mas posteriormente usada para descrever um personagem que tem comportamento ético e também moral. Nesse sentido, passa a ser atribuída ao romano que demonstra *uirtus*, sentido que encontramos em *Sobre o Comando de Gneu Pompeu*, de Cícero (LIMA, 2019, p. 18-20, 28).

Os *Anais* seguem as cenas de batalha do tipo da descrição detalhada de forma ecfrásica, como a *demonstratio*, a *gloria* militar é descrita nas cenas dessas batalhas. Já a *vita* faz o relato sintético, em muitos casos por *capítulo*, como Plutarco que descreve a *gloria* de César pelas suas vitórias, com *amplificatio* dos números que dão a dimensão. Grandes são suas conquistas, mas não temos uma descrição do tipo ecfrásico, e sim uma *enumeração*¹³⁷ (Plut., *Vit Caes.*, XV.2-5. In: JOSÉ, 2011, p. 123).

Para analisar a *gloria* no contexto da sucessão temos que ter em vista os modelos positivo e negativo. Augusto é narrado, por Suetônio e Tácito, como modelo positivo, enquanto Tibério é modelo negativo; nesse modelo são associadas *uirtutes* a cada um. No que diz respeito à imagem construída por Tito Lívio, Marques (2007), ao examinar as aproximações entre Camilo e Augusto, associa a vitória militar de Camilo à vitória de Augusto sobre Antônio e Cleópatra em Ácio; como visto, a vitória militar é expressão de *gloria*. Já a *Res Gestae* de Augusto busca demonstrar que seus feitos visam ao bom funcionamento do Estado e do governo, com o propósito de restabelecer a ordem tradicional, associando a rejeição de interesses pessoais à *auctoritas*. O escudo com a inscrição de Augusto, mencionado na *Res Gestae*, traz como fundamentos de sua *auctoritas* as *uirtutes* “valor, clemência, justiça e *pietas*”. Segundo Lima (2019, p. 27–28) e Sebastiani (2014) aqui, o termo *uirtus*, traduzido como “valor”, remete ao valor guerreiro do comandante, isto é, à *uirtus* militar, que se torna monopólio do imperador. A *uirtus* militar é apresentada como atributo essencial do *imperator*, como também se verifica em *Sobre o comando de Gneu Pompeu* (LIMA, 2019).

O *Carmen Saeculare*, de Horácio, celebra a chegada de divindades em um ritual que incorpora valores atribuídos a Augusto, retratando sua ascensão como o início de uma nova era de restauração moral. O poema também o estabelece como modelo ao sugerir, de modo indireto, sua descendência de Eneias, em alusão à *Eneida* (MARTINO, 2018). Nele, destacam-se a superioridade militar de Augusto (*bellante prior*) e sua clemência para com os vencidos (*lenis*

¹³⁷ Referimo-nos aqui aos recursos de escrita na história antiga, relativos aos recursos do universo da *écfrase*. Tomamos estas definições da coletânea de fontes e análises de Melina Rodolpho (2012).

in hostem) (vv. 51–52), em referência à sua conduta diante dos povos em guerra (vv. 53–56) (MARTINO, 2018). Essa superioridade militar corresponde à *gloria*¹³⁸.

Ao comparar Tito Lívio, o hino de Horácio e a *Res Gestae*, observa-se a recorrência das *uirtutes*, permitindo identificar que se trata, em grande medida, da *gloria*. A *uirtus* do escudo equivale à qualidade militar do comandante, enquanto, no *Carmen*, refere-se ao homem virtuoso; já o *honor* parece assumir sentido próximo ao de *gloria*, pois ambos dependem de reconhecimento. A *gloria*, entendida como coragem ou superioridade militar, aparece nos três casos, ao passo que a *auctoritas* é reiteradamente atribuída a Augusto.

Uma caracterização da escolha das qualidades de Tibério contrapõe *gloria* e *crudelitas*. Tácito, numa das primeiras caracterizações de Tibério nos *Anais*, sugere que desde jovem era “bom militar” e demonstrava indícios de seu caráter cruel¹³⁹. Podemos observar o valor da qualidade do bom militar, soldado ou comandante, na *Vida de Tibério* e nos *Anais* na parte que narram a ascensão à posição de *imperator*. Ao tratarem da ascensão ao Império e da escolha de Tibério, Suetônio e Tácito enfatizam o aspecto de sua qualidade militar, o valor da *gloria*.

X. [...] Que nem por amor ou felicidade da república nomeara para sucessor a Tibério, porém porque, tendo previsto toda a sua ferocidade e arrogância, pretendia por uma comparação horrorosa exaltar sua glória nas idades futuras. E nem estas conjecturas se faziam sem motivo porque quando Augusto, poucos anos antes, pediu ao senado segunda vez para Tibério a dignidade de tribuno, ainda que lhe fez elogios, deixou contudo cair tais expressões sobre seu exterior, figura e costumes que, parecendo desculpá-lo, eram na realidade mais uma sátira do que um elogio.

XI. Mas concluído que foi o funeral na forma do costume, dedicou-se-lhe um templo e se lhe tributaram honras divinas. [...] (*Ann.*, I.X-XI)

Creio, antes, que, pesados os vícios e as virtudes de Tibério, ele tivesse achado que as virtudes constituíam maior volume, tanto que, em plena assembleia, jurou que o adotava no interesse da República. Em numerosas cartas, ele o encara como um guerreiro habilíssimo e como o único apoio do povo romano. Entre outros exemplos, tomo, aqui e ali, algumas passagens: “Adeus, meu delicioso Tibério, sê feliz na tua empresa, general querido do meu coração e das Musas. Adeus, delicioso Tibério! Possa eu ser tão feliz quanto tu és o mais valente dos homens e o mais completo dos chefes.” E noutra parte: “Que esplêndida ordem reina nos teus quartéis de verão! Quanto a mim, meu caro

¹³⁸ Augusto, nos *Feitos*, se refere no escudo de Arles como *uirtus* (*gloria*), *pietas*, *clementia*, *iustitia*, mas todos como base de sua *auctoritas* enquanto no *Carmen* os valores de Augusto são *fides*, *uirtus* (*uirtus*), *honor* (honra-reputação), *pudor* (honestidade/modéstia) – nas divindades do ritual – e *pietas* – no reforço e execução do ritual religioso. Horácio, no *Carmen*, ainda afirma como duas qualidades de Augusto sua superioridade militar (*bellante prior*) e sua clemência, mas vemos essa superioridade militar como *gloria*, além de *pax* e *copia* (estabilidade/ordem e prosperidade). Em Tito Lívio há valores constantes afirmados positivamente: a *fides*, *pietas*, *auctoritas*, *pudicitia*, *uirtus* (sentido de coragem militar), assim Lívio vê positivamente as reformas de Augusto (MARQUES, 2007, p. 109), podemos inferir então que Lívio ao apresentar uma confluência de interesses e visões com Augusto atribuiria à ele ter essas virtudes que afirma positivamente ao longo de toda sua narrativa.

¹³⁹ “[...] sobejos indícios de crueldade, não obstante a arte com que procurava ocultá-los. [...]” (*Ann.*, I.IV).

Tibério, penso que não se pode chefiar mais sabiamente do que tu, no meio de tantas dificuldades e com soldados tão indolentes! Todos os que te seguiram afirmam que este verso pode ser aplicado em relação a ti:
“Um único homem, vigilante, restabeleceu o Estado” (Tib., XXI, 2012).

Suetônio e Tácito indicam que a escolha de Augusto por Tibério como sucessor esteve associada à valorização da *gloria*, que pesou positivamente, em contraste com a *crudelitas*, avaliada negativamente. Em Suetônio, essa decisão aparece vinculada ao peso atribuído às qualidades de um guerreiro habilidoso e ao “apoio do povo romano”. Augusto, enquanto fonte de *auctoritas* e modelo positivo, é mobilizado para confirmar a veracidade da caracterização de Tibério como “o mais valente dos homens e o mais completo dos chefes”. Seu testemunho ressalta atributos do comando militar de Tibério, como *sapientia* e disciplina (expressa na “esplêndida ordem”), bem como a capacidade de conter a indolência dos soldados, o que reafirma sua *gloria* como general.

O verso seguinte (“Um único homem, vigilante, restabeleceu o Estado”), citação de Ênio, amplia essas qualidades para o plano político, estendendo a *gloria* militar à esfera da condução do Estado e das instituições da *res publica*. Na sequência, Suetônio menciona a leitura de passagens das cartas de Augusto por Tibério, combinando, assim, a autoridade do *princeps* com o testemunho documental. Surge também a citação¹⁴⁰ da *Iliada* (X, 246–247)¹⁴¹: no contexto do episódio (X, 200–260), Nestor propõe uma incursão entre os troianos, destacando que tal feito traria grande renome; ao escolher Ulisses, ressalta sua virtude e astúcia. A referência, em Suetônio, sugere uma analogia: assim como Ulisses é eleito o melhor guerreiro, Augusto escolheria Tibério por reconhecer nele qualidades superiores, reforçando tanto o companheirismo quanto sua excelência militar.

¹⁴⁰ “Se ele me acompanhar, retornaremos ambos os dois do meio das chamas, tanto é sábio o seu espírito!”

¹⁴¹ “[...] Grande seria sob o céu o seu renome entre todos os homens, e sua seria uma dádiva honrosa. [...] E para sempre ele estará presente nos banquetes e festins. [...]”

Nestor, o meu coração e o meu espírito orgulhoso incitam-me a entrar no acampamento aqui perto dos inimigos, os Troianos [...]

Assim falou; e muitos quiseram seguir com Diomedes, Agamenon aconselha-o a escolher o melhor homem

Se me ordenais que eu escolha o companheiro, como me esqueceria eu do divino Ulisses, cujo coração e espírito orgulhoso o exaltam em todos os esforços e estima-o Palas Atena?

Se ele me seguisse, até do fogo ardente

regressaríamos, pois superior é ele no entendimento.” (Hom., *Ili.*, 212-213; 216; 220-223; 227; 235-240; 242-247).

Em Tácito, por sua vez, o episódio se insere no contexto da ascensão ao Império, marcado por tensão e incerteza¹⁴². Tácito registra também juízos negativos sobre Augusto, acusado de *ambitio*, *perfidia*, incitar sedição, usurpar cargos, dissimular por meio de uma falsa *concordia* e agir com *impietas* em relação à família e à religião pública (*Ann.*, I.X). Essa caracterização visa questionar sua capacidade de escolher um sucessor legítimo, lançando dúvidas sobre a legitimidade de Tibério.

Contudo, na parte final do capítulo X, diante das desconfianças em torno da *auctoritas* de Tibério, o que prevalece é a ideia de *gloria futura*. Isso indica a *gloria* como elemento capaz de fundamentar a *auctoritas* daquele que ocupa o poder político. Tácito sugere que Augusto teria previsto essa *gloria*, não considerando prioritariamente o amor ou a felicidade da República, o que evidencia a *gloria* como uma necessidade do momento. De modo semelhante, Suetônio apresenta a escolha como orientada pela conjuntura e pela valorização da *gloria*¹⁴³, reconhecida por Augusto como uma *uirtus* presente em Tibério.

Assim, vimos na análise que acabamos de apresentar, as passagens de Suetônio e Tácito expressam a *gloria* como atributo reconhecido tanto em Tibério quanto em Augusto, este figura como modelo positivo nas fontes. Sua autoridade na escolha do sucessor decorre precisamente de encarnar a *uirtus*, entre as quais se destaca, de modo recorrente, a *gloria*.

Em outro aspecto dessa sucessão podemos observar a *gloria*. Brandão (2009, p. 144) afirma que as cartas nas quais Augusto demonstra preocupação com a saúde de Tibério constituem prova de sua escolha baseada nas qualidades militares deste (*Tib.*, XXI), a ponto de a saúde de Tibério tornar-se uma questão de Estado. Ao analisarmos o período em que Augusto ocupa a posição de *princeps*, é possível comparar o modelo augustano formulado em outras fontes com as representações de Suetônio e Tácito, a fim de identificar os valores em jogo.

Após o contexto inicial da sucessão, a *glória* aparece como conquista na narrativa de Tácito. A passagem “Nesta época apenas havia guerra contra os Germanos, e mais para apagar a nódoa da derrota de Quintílio Varo do que por desejo de estender o império ou por algum

¹⁴² Durante o período do funeral de Augusto, o Senado teme a perda da *libertas* diante do poder do *imperator*, enquanto circulam diversas opiniões sobre a sucessão (*Ann.*, I.IX-X).

¹⁴³ A sucessão é marcada em Suetônio pela dúvida de versões sobre o motivo da escolha de Tibério como sucessor. Há uma cena cuja descrição é ecfrástica: Tibério e Augusto interagem, vemos a cena no acampamento e na tenda. Uma das versões é a suspeita de que ele teria sido escolhido para que, sendo tão ruim, se lamentasse sua perda. Com esse recurso, Suetônio busca verossimilhança ao aludir a uma prova: as cartas de Augusto. Sua escrita reforça a verossimilhança da descrição da interação e das cartas de Augusto dentro do contexto da antiquária que marca a escrita da *vita* de Suetônio, segundo a qual a decisão teria sido tomada no interesse do Estado, em razão das qualidades de Tibério. Com “...general querido do meu coração e das musas”, associa-se Tibério à dedicação ao ócio e ao seu gosto pelas artes (as Musas eram entidades às quais se atribuía a capacidade de inspirar a criação artística ou científica).

proveito notável” (*Ann.*, I.III) expressa a *glória*. Indica que os romanos travavam uma única guerra, não voltada à expansão (que seria fonte de *glória*), mas à reparação de uma derrota, o que assinala um tempo de *inglória* em Roma. Em outra parte, Tácito atribui ao principado, com a ascensão de Augusto, um tempo de *glória* pelas conquistas, pela maior expansão de Roma e por sua grandeza: “a mesma Roma ganhara em magnificência e riqueza” (*Ann.*, I.X).

Na passagem em que narra a guerra e a aliança com os germanos, Tácito associa a *gloria* pelas conquistas à *fides* dos germanos com Roma (*Ann.*, I.XLI¹⁴⁴). A *gloria* se relaciona ao mesmo campo da *fides*, pois os dois valores pertencem ao comportamento positivo do exército, mas a *gloria* segue no sentido da conquista militar, o discurso de Armínio se refere à vitória do exército dos Germanos contra o dos romanos. Mais à frente, nos *Anais*, na guerra contra os Catos, narra-se que os inimigos se dividiam entre dois líderes: Segestes aliado e Armínio com *perfidia* era o “perturbador da Germânia”, ambos em *discórdia* entre si. Tácito passa a descrever a sequência de ações na batalha (*Ann.*, I.LV). A narrativa aqui alude à astúcia e capacidade do exército romano e seus comandantes, uma superioridade na guerra, que leva à vitória¹⁴⁵. Germânico recebe o triunfo pela vitória contra os Catos ainda durante a guerra (*Ann.*, I.LV), distintivo da *gloria* pela vitória.

Tito Lívio, no contexto da relação *fides* e *pietas* com *gloria*, através de um discurso de Camilo, quando a cidade de Roma é reconquistada depois da invasão gaulesa, associa a correta observância dos ritos no capitolio com a vitória ou derrota (*Liv.*, V.51-54). Segundo Lívio, devido aos romanos se refugiarem no Capitólio e manter a observância dos ritos puderam restituir a cidade e sua *gloria* (MARQUES, 2007, p. 97-98). Essa noção em Tito Lívio assemelha-se às cenas em que Tácito narra, durante a revolta de Armínio, o tema da “restituição das insígnias de Varo”: a partir da chegada do exército de Germânico na região, então conduziram os despojos da rota de Varo, como em triunfo, daquilo que havia caído no saque, agora as insígnias são entregues aos romanos (*Ann.*, I.LVII). Temos na narrativa o triunfo que remete ao ritual da *gloria*.

¹⁴⁴ Este texto que segue está dentro do discurso de Armínio: “[...] As outras nações, que não têm conhecimento do império romano, também desconhecem seus suplicios e não lhe pagam tributos e, se nós chegarmos de uma vez a quebrar este jugo e nem fizermos caso do seu divino Augusto, que eles puseram na classe dos deuses, nem do seu novo chefe Tibério, então não teremos também que temer o governo pueril de mancebos nem a resistência de exércitos sediciosos. Assim se, entre vós, ainda existem ânimos bizarros que prefiram a pátria, os parentes e os costumes antigos a novos senhores e a novas colônias, **seguí as bandeiras de Armínio, que vos abre o caminho da glória e da liberdade**, e abominai Segestes, que vos prepara os ferros de uma torpe escravidão.”(Grifos nossos).

¹⁴⁵ Germânico põe quatro legiões às ordens de Cecina, que marcha com as legiões ligeiras contra os Catos (*Ann.*, I.LVI). A surpresa pegou Catos desprevenidos e a vitória foi completa.

Nessa mesma guerra, Estertínio, comandante confiado por Germânico, derrotava com tropas ligeiras os Brúcteros, quando encontrou, em meio à matança, a águia da décima nona legião de Varo (*Ann.*, I.LX). Devastando tudo pelo caminho chegou ao bosque de Teutberg¹⁴⁶, onde estavam, ainda insepultas, as relíquias de Varo (*Ann.*, I.LX)¹⁴⁷. Isso significa o aspecto da *gloria* como a vitória que apaga a mancha da derrota, recuperando toda a *gloria* e o poder do exército e de Roma.

A *gloria* no campo militar aparece também como *uirtus* dos bons generais. O bom comandante, que demonstra *gloria*, ecoa exemplos recorrentes na história romana: Pompeu, Júlio, Camilo, Fábio, Cipião, Metelo (PLUT., *Vit. Caes.*, XV.2–5)¹⁴⁸. A *gloria* como performance dos generais aparece em Tito Lívio, associada à figura de Camilo: “Por vinte anos ainda [...] foi digno de uma gloria grande como seu mérito, [...]” (*Liv.*, 7.1. In. MARQUES, 2007, p. 57). A *gloria* de Camilo é atribuída pelas grandes conquistas, entre elas, Veios. Lívio narra Servílio discursando, em seu discurso enaltece a *gloria* de Emílio Parlo pela vitória e anexação da Macedônia (MARQUES, 2007).

Encontramos a *gloria* associada a Tibério ao engrandecer sua fama como general na Germânia e na Ilíria (*Tib.*, XVI–XVIII)¹⁴⁹. A descrição informa que lhe foi conferido o poder

¹⁴⁶ Ou Floresta de Teutoburgo. A Batalha da Floresta de Teutoburgo, também chamada de Desastre de Varo, ocorreu durante o outono do ano 9 d.C.

¹⁴⁷ O exército de Cecina encontra o acampamento principal de Varo (*Ann.*, I.LXI). O local é descrito por Tácito para indicar a grande força e tamanho das legiões. A descrição de Tácito dos corpos expostos remete à *pietas*, o dever de dar sepultura aos mortos. Os sentimentos que Tácito descreve dos soldados é de ardendo de novas vinganças, triste e colérico (*Ann.*, I.LXII).

¹⁴⁸ “[...] mas se compararmos a homens como os Fábios, os Cipiões e os Metelos, e àqueles de seu tempo ou àqueles pouco anteriores a ele, como Sila, Mário, os dois Luculos, ou ainda o próprio Pompeu, cuja glória então florescia [...]” (*op. Cit.*)

¹⁴⁹ “Conferiam-lhe novamente a autoridade tribunícia por cinco anos; confiaram-lhe o encargo de pacificar a Germânia; os embaixadores dos partos, depois de comunicarem a Roma as instruções que tinham para Augusto, receberam ordem de se lhe apresentarem também na sua província. Mas, tendo conhecimento da revolta da Ilíria, ali se dirigiu, para tomar a chefia dessa nova guerra, que foi a mais terrível de todas as guerras exteriores depois das guerras Púnicas. Ali empregou, durante três anos, quinze legiões e igual número de forças aliadas, no meio de grandes dificuldades de toda a ordem e apesar da penúria extrema de alimentos. Embora o chamassem várias vezes, nem por isso deixou de perseverar, receoso de que, se se retirasse espontaneamente, um inimigo poderoso perseguisse os romanos. Ora a sua perseverança veio a ser largamente recompensada, visto toda a Ilíria, que se estende entre a Itália, o reino de Nórica, a Trácia e a macedônia, do Danúbio ao golfo Adriático, ter acabado submetida e reduzida à obediência.

A oportunidade deste êxito levou ao cume a sua *glória*, já grande: pois, realmente, pela mesma época, Quintiliano Varo morria na Germânia, com três legiões, e toda a gente estava convencida de que os germanos, vencedores, acabariam por juntar-se aos panónios, caso, antes deste desastre a Ilíria não estivesse conquistada. Por estes feitos conferiram-lhe o triunfo e mui grandes honras. Senadores houve que propuseram mesmo que ele fosse cognominado o *Panónico*, outros, o *Invencível*; alguns, o *Piedoso*. Mas Augusto opôs-se, prometendo eu ele ficaria contente com o que lhe deixasse depois de sua morte. Quanto ao triunfo, o próprio Tibério o adiou, em virtude do desastre de Varo que cobrira a cidade de luto. No entanto, entrou, em Roma, envergando a pretexto e coroado de louros; subiu à tribuna que lhe tinham levantado no recinto murado das eleições, e enquanto o Senado se mantinha de pé, ele conservava-se sentado entre os dois côsules, ao lado de Augusto; dali saudou o povo, e depois o cortejo foi de templo em templo.” (*Tib.*, XVI–XVII)

tribunício por cinco anos e, em seguida, destaca, entre suas conquistas, ser escolhido para pacificar a Germânia. Ao tomar conhecimento da revolta na Ilíria, dirige-se para lá e a pacifica. O relato amplifica sua *gloria* ao enfatizar as difíceis condições enfrentadas: “[...] no meio de grandes dificuldades de toda ordem e apesar da penúria extrema de alimentos [...]” (*Tib.*, XVI)¹⁵⁰.

A atitude de Tibério revela, nesse contexto, qualidades de comando, pois, mesmo diante das adversidades, persevera e se mantém atento à segurança do exército. Essa perseverança é apresentada como tendo sido recompensada com a conquista da Ilíria (*Tib.*, XVI). A extensão desse território é descrita por meio do recurso de escrita ecfrásico de *topografia* de objeto real, evidenciando sua dimensão (*Tib.*, XVI) e, como recurso de amplificação, reforçando a importância da conquista. A *gloria* também é intensificada pela menção ao número de legiões mobilizadas e pela caracterização do conflito como “[...] a mais terrível de todas as guerras exteriores [...]” (*Tib.*, XVI).

Esse reconhecimento da *gloria* em contextos de grande dificuldade é recorrente na tradição. Na *Vida de César*, de Plutarco, por exemplo, a caracterização de César como grande general associa *uirtus* e *gloria* à dificuldade do teatro de operações, à extensão do território conquistado e ao elevado número de inimigos vencidos (PLUT., *Vit Caes.*, XV.2–5. In: JOSÉ, 2011, p. 123)¹⁵¹. Suetônio também atribui à caracterização de Tibério como general outras *uirtutes* próprias do bom comandante, caracterizados em Cícero (CIC., *Man.*, 28-29; 36), a *indústria* (zelo), geralmente associada à ação tática, e o *ingenio* (engenho), expresso no seu cuidado em não se retirar diante do risco de ser perseguido por exército vizinho. Na *Vida de Tibério*, os capítulos XVIII e XIX permitem identificar uma caracterização do comandante militar como portador de *uirtus* ¹⁵² (*Tib.*, XVIII).

Por meio de uma descrição ecfrásica, Suetônio transporta o leitor para a cena além do rio, onde se delineia uma forma de comando objetiva e sóbria: Tibério atua com simplicidade,

¹⁵⁰ Lembremos que Suetônio narra esta campanha de Augusto entre o povo da Ilíria, o povo da Dalmácia, esta teria sido a guerra mais difícil; Augusto foi ferido duas vezes (*Aug.*, XX). Sugerimos que Suetônio lida aqui com a memória dos romanos sobre os acontecimentos na Ilíria. A Ilíria fora conquistada, em parte, nas guerras da Ilíria, e depois uma unidade desses povos empreende a “Grande Revolta da Ilíria” (6 d. C.) contra o domínio romano, o que leva à necessidade desta campanha de Tibério. Possivelmente as fontes para essa guerra são: *Pat.*, (II.113) e *D C.*, (55.30-31). Apiano em *Ilírico* (21) conta a conquista de Augusto sobre os Ilíricos.

¹⁵¹ “[...] mas se compararmos a homens como os Fábios, os Cipiões e os Metelos, e àqueles de seu tempo ou àqueles pouco anteriores a ele, como Sila, Mário, os dois Luculos, ou ainda o próprio Pompeu, cuja glória então florescia, elevando-se até o céu, em razão das superiores qualidades de toda espécie em guerra, os empreendimentos de César são superiores: ele supera um pela dificuldade dos lugares onde combateu; outro, pela extensão do país conquistado; outro, pelo grande número e força do inimigo vencido; [...]”

¹⁵² Trata-se, nesse momento, de uma imagem positiva: para evitar comportamentos de temeridade e negligência (associados a Varo), Tibério adota uma postura que pode ser definida como *prudencia*, agindo apenas após ouvir o *consilium* militar.

sem exigir luxo, sempre disponível e com orientações claras. Essas características correspondem às *uirtutes* do bom comandante, tal como indicadas em Cícero: *industria* (zelo), *ingenium* (engenho), *temperantia* (temperança), *celeritas* (rapidez)¹⁵³, *scientia rei militaris* (conhecimento das artes militares) e *auctoritas* (autoridade)¹⁵⁴.

A imagem do bom comandante se fortalece pelo contraste com o mau comandante, representado por Varo, descrito como “temerário e negligente”, isto é, desprovido das *uirtutes* ideais. Configura-se, assim, a oposição entre o modelo positivo e o negativo, com a prevalência, em Tibério, do comandante ideal. Essa lógica de um modelo interno contraditório, construída por Suetônio¹⁵⁵ nas cenas, reaparece também na narrativa da batalha (*Tib.*, XIX): Tibério é apresentado como um comandante prudente, que reduz ao mínimo a influência da *fortuna* e do *casus* (BRANDÃO, 2009).

Ao mesmo tempo, surge um elemento que relativiza essa imagem: a relação com o chefe Batão é qualificada como *inglória*, pois Tibério o presenteia por tê-lo poupado em uma situação desfavorável, ou seja, sua sobrevivência decorre da leniência do adversário, e não de sua própria capacidade de vitória. Ainda assim, sua *gloria* é reafirmada na conquista da Germânia, celebrada com as insígnias do triunfo (*Tib.*, XX).

A *gloria* tem também seus distintivos públicos, aparece como triunfos e rituais. Suetônio afirma que o parente de Tibério, “Cláudio Nero esmagou Asdrúbal [...]”¹⁵⁶, atribuindo aqui o valor da *gloria* pela vitória, esta passagem retirou de Horácio (*Odes*, II.4.37), mostrando que segue a tradição da historiografia romana de imitar autores que são referência. Há uma manifestação *inglória* sobre conquistas militares em Tácito, na passagem que trata da sucessão e relata opiniões de parte do povo em geral sobre Augusto. Essas opiniões afirmavam que o tempo de Augusto ficara conhecido por vários elementos, e um deles eram as desgraças militares de Lólio e Varo, nas quais ocorreram as mortes dos Varrões, Inácios e Julos (*Ann.*,

¹⁵³ “[...] dava todas as ordens por escrito, quer para o dia seguinte, quer quando tinha qualquer medida a tomar imediatamente [...]”

¹⁵⁴ “[...] em todos os casos embaraçosos, só a ele deviam recorrer, a qualquer hora do dia ou da noite”.

¹⁵⁵ São várias as *uirtutes* e os *uitia* relatados por Suetônio, associados ao comandante ideal de Cícero. Ao narrar o episódio em que Tibério quase foi morto por Bruto, escondido entre os que o rodeavam e denunciado apenas pela agitação excessiva, Suetônio retira de Tibério o mérito de ter sobrevivido ao ataque e o atribui à fortuna de Bruto não ser soldado suficientemente habilidoso (*Tib.*, XIX). Ao estilo da biografia de Suetônio, os imperadores podem ser apresentados simultaneamente como modelos positivos e negativos. Tibério sobressai como bom comandante (BRANDÃO, 2009, p. 122); assim, os vícios contribuem para construir a imagem de um comandante militar realista e funcionam como elemento retórico de prova de verossimilhança. Ainda assim, é possível identificar as *uirtus* que Suetônio atribui ao bom comandante.

¹⁵⁶ “Cláudio Nero, Tibério ou Gaio (?) (venceu Asdrúbal em Metauro, em 207 a.C., quando este se tentava reunir a Aníbal.” (BRANDÃO, 2009, p. 423). Fonte para isso também está em Políbio XI.

I.X)¹⁵⁷. Sendo essa verdade ou não, as opiniões aludem ao valor da *gloria*, a derrota como falta de *gloria*¹⁵⁸.

Suetônio, quando narra a biografia de Tibério antes de ser imperador, expressa a *gloria* ao narrar que Tibério atuou como tribuno militar, conquistou vários povos e recebeu ornamentos triunfais dessas vitórias, além de receber um gênero novo de glorificação (*Tib.*, IX¹⁵⁹)¹⁶⁰. A narração em sequência dos triunfos militares nos leva ao valor da *gloria*, que é um capítulo específico do tema e é amplificada pela narrativa, esta é uma descrição ecfrásica que se utiliza *enumeração*¹⁶¹. A conquista da Ilíria levou a *gloria* de Tibério ao cume¹⁶², pois, pela derrota de Varo todos estavam convencidos que perderiam a guerra para os germanos (*Tib.*, XVI-XVII).

A sequência da narrativa reconhece, em Tibério, dois elementos que expressam a conquista: os rituais de reconhecimento público e o triunfo, com as honras recebidas pela vitória (*Tib.*, XVII). O reconhecimento pela vitória é também expresso com as sugestões de senadores que lhe dessem títulos com os nomes *panônico*, *invencível* ou *piedoso*. Sua entrada na cidade é triunfal e revela, também, os rituais de reconhecimento público dos triunfos, elementos da *gloria*. A descrição é amplificadora e relata o lugar do discurso, o portar dos louros e a pretexto¹⁶³. Temos, em toda a descrição, a *gloria* pela vitória e seu consequente reconhecimento

¹⁵⁷ Sobre Varo, Suetônio e Tácito apontam que tombou com 3 legiões.

¹⁵⁸ “Essa postura de Tácito, pode ser vista como uma crítica intrínseca ao governo de Augusto. Entendemos que nesse trecho, a *imago* augustana assume um papel diferente daquele definido na passagem anterior: a narrativa busca uma desvalorização das ações militares de Augusto, em prol de um elogio intrínseco com as vitórias militares de Trajano sobre os Germanos, Dácios e Partos.” (FREITAS, 2014, p. 23-24.)

¹⁵⁹ Tribuno militar na expedição contra os Cantabros. Restituiu Tigrane ao reino da Armênia e recuperou estandartes que os partos conquistaram de Crasso. Conquistou a guerra da Récia, Vindelícia, Panônia. Por isso, recebeu honras de ovação e “[...] foi o primeiro que entrou na Cidade num carro com ornamentos triunfais, gênero novo de glorificação que ninguém, antes dele, se atribuíra jamais. [...]” (*Tib.*, IX.1959)

¹⁶⁰ BRANDÃO (2009) nos mostra que são feitos realizados por Tibério sob auspícios de Augusto, relatado na *Vida de Augusto* (AUG., 19, 32, 21). Tibério submeteu a Dalmácia rebelde, a Ilíria e na Récia junto a Germânico venceu os Panônios. Venceu junto com Druso, a outra guerra venceu sozinho e, também sozinho, os Vindelícios (cf. notas 105 até 109, *As Vidas*, 1959, p. 401).

¹⁶¹ Melina Rodolpho (2012) mostrou esse procedimento na análise da *vita de Júlio*: “Os desfiles triunfais são destacados no capítulo 37: a narração dos triunfos realça a importância das vitórias e suas celebrações, demonstrando seu poder bélico; dentre os cinco que são citados, dois ganham destaque por meio da narração de um fato.” (RODOLPHO, 2012, p. 319).

¹⁶² “Em 7 a.C., Tibério (cônsul pela segunda vez) celebrará um triunfo pelas campanhas na Germânia e restaura o templo da Concórdia. Depois regressa a Germânia (D.C., 55.1-8), pelo que tem agora um papel e poderes semelhantes aos que Agripa tivera. Com efeito, tendo desempenhado os anteriores comandos como *legatus Augusti pro praetore*, Tibério recebe, em 6 a.C., uma missão diplomática no Este, na Armênia, e o poder tribunicio por cinco anos, mas, neste cume de gloria, introduz na carreira uma pausa mal explicada que terá irritado Augusto.” (BRANDÃO E LEÃO. 2020, p. 29).

¹⁶³ A cena que Suetônio descreve também demonstra a conduta de *modéstia* (*ciuilitas*). “Outras virtudes, de cariz mais político, são salientadas como características do bom príncipe: a clemência (*clementia*), a modéstia (*ciuilitas*), a generosidade (*liberalitas*), a dedicação aos deuses, à pátria e aos familiares (*pietas*). Sobre os maus imperadores são acusados de ostentarem aquelas virtudes ou dissimularem os vícios, até ao momento em que tiram a máscara e se entregam abertamente ao vício.” (BRANDÃO, 2009, p. 173).

público pelos cidadãos. Em Suetônio, a *gloria* segue sendo atribuída à vitória militar¹⁶⁴, e não à pela demonstração de outras *uirtutes*: a *pietas*¹⁶⁵, *ciuilitas*, *prudentia*, *modéstia*, que também aparecem nas cenas¹⁶⁶ que analisamos aqui¹⁶⁷.

A celebração do triunfo por vitórias aparece também na passagem de Tibério pela Grécia. Quando se mencionam os altares de Filipe. Os altares são incendiados após terem sido consagrados aos exércitos vitoriosos (*Tib.*, XIV), numa alusão prática aos ritos triunfais. Esses triunfos implicavam, entre outros aspectos, a distribuição de despojos aos soldados (prática conhecida como doação triunfal), como relata a *Res Gestae* (XV). Nesse sentido, com os despojos obtidos na Germânia, Tibério oferece um banquete, distribui sestércios por cabeça e dedica a construção de dois templos (*Tib.*, XXI).

Glória em cenas de guerra

Sáimos, agora, do campo da *res* em relação à guerra e vamos ao campo da guerra em si, onde há outra forma de manifestação da *gloria*. A *glória*, algumas vezes, aparece associada a comportamentos que também aludem à *auctoritas* e à *concordia*, outras *uirtutes* próprias do campo de ação militar. A sedição das tropas da Panônia estoura nesse contexto de fragilidade da *auctoritas* de Tibério, e os soldados aproveitam para obter recompensas e dádivas pela guerra civil (*Ann.*, I.XVI). A cena da sedição ocorre no local dos quartéis e na província, mas sua causa é a falta de disciplina, porque os soldados foram deixados no ócio. Trata-se de uma acusação contra o comando, pois revela a indisciplina, com o soldado Percênio falando como se fosse comandante. Seu argumento para inflamar os ânimos é a oportunidade oferecida por um príncipe novo, ainda sem autoridade. A situação assemelha-se à narrada por Tito Lívio, que aborda a *concordia* em várias instâncias, sendo uma delas sua manifestação como harmonia

¹⁶⁴ A descrição da *ciuilitas* e da *pietas* mostra que ambas compõem o caráter positivo do indivíduo em posição de poder que as expressam, aqui Tibério e Augusto compõem um caráter positivo apresentando em conjunto *ciuilitas*, *pietas* e *gloria*.

¹⁶⁵ Temos a *pietas* de ambos ao visitar templos. O comportamento de *pietas* é ilustrado com “[...] Quanto ao triunfo, o próprio Tibério o adiou, em virtude do desastre de Varo que cobrira a cidade de luto [...]” (*Tib.*, XVII).

¹⁶⁶ Tal caracterização de Augusto é coerente com a *Vita* de Augusto e remete a uma característica das biografias de Suetônio: embora cada narrativa seja individual, elas partilham contextos e valores comuns. Augusto ostenta a *ciuilitas* ao respeitar as eleições dos magistrados, atuar como simples cidadão ao fazer campanha e votar na fila, bem como ao comparecer ao fórum como testemunha, seguindo os ritos sem se privilegiar. Soma-se a isso a recusa de honras excessivas (*Aug.*, LVI). “Assaz teatral é a forma como, de joelhos e de peito nu, suplica ao povo que lhe não conceda a ditadura (*Aug.* 52) e como manifesta horror ao título de *dominus* (*Aug.* 53.1). O imperador procura, assim, alardear modéstia e moderação. Muito de calculado há obviamente no processo que vai da educada recusa à condescendente aceitação do cognome de Pai da Pátria (*Aug.* 58), ou na ostensiva demolição da casa da neta Júlia, por ter sido construída com demasiado luxo (*Aug.* 72.3)” (BRANDÃO, 2009, p. 383).

¹⁶⁷ Estas *uirtutes* são descritas na cena características do bom imperador. Nesse contexto, essas *uirtutes* estão atribuídas a Augusto e Tibério a adquire por acompanhá-lo.

entre indivíduo e grupo, enquanto a *indisciplina* e a *indolência* se apresentam como obstáculos que impedem as vitórias¹⁶⁸.

Tácito não atribui a falta de *auctoritas* à ausência de *gloria* como reconhecimento público; não se trata, aqui, de uma *gloria* que gera *auctoritas*. O que se evidencia é a centralidade dos valores de *concordia* e *disciplina*¹⁶⁹. Ao narrar a sedição das tropas, Tácito expõe suas reivindicações¹⁷⁰, explicitando o programa do motim: baixos soldos e disciplina excessiva. Para compreender a situação, é necessário considerar a estrutura do exército romano: há uma tensão entre soldados e oficiais (centuriões e legados), pois o baixo soldo afeta sobretudo os estratos inferiores, especialmente os pedestres¹⁷¹, não sendo uma demanda dos

¹⁶⁸ A concórdia também está presente no caso concreto das relações entre comandante e exército. Outra situação de discórdia ocorre entre patrícios e plebeus, levando o exército plebeu a se negar a combater. A discórdia é superada pela vontade dos soldados de lutar. Além da concórdia, o valor positivo da disciplina do exército aparece em Tito Lívio: “Sono, vinho, festas e banhos, enfim o ócio que o hábito torna dia a dia mais atraente, de tal forma enervaram seus corpos e mentes que as vitórias passadas já os protegiam muito mais que o poder atual.” (*Liv.*, XXIII.18. In: MARQUES, 2007, p. 106). Para a discussão desses valores em Cícero ver Pereira (2002).

¹⁶⁹ A *indisciplina* e *indolência* do soldado é um vício e um mal que, ao longo dos séculos I a. C. até II d. C. permanecem no imaginário dos romanos como um perigo e algo negativo. “Por outro lado, a *voluptas* é considerada incompatível com as virtudes militares que garantem a segurança do mundo civilizado. O civil rejeita tanto que o soldado amoleça no luxo e perca a *disciplina vetus* que se tranquiliza normalmente imaginando o sistema de vida dos soldados ainda mais espartano do que o é na realidade. [...] como personagem amante dos prazeres, o soldado é visto como um ser de muitos desejos, impulsos e apetites [...] A paixão predominantemente dos militares é o furor, que inspira os seus actos mais insensatos. Ao denunciar os excessos soldadescos, [...] se dirige a massas esfomeadas, um apetite que resume todos os outros: a bulimia. O imaginário popular romano retrata vulgarmente o soldado como um comilão ou um glutão [...]” (CARRIÉ, 1992, p. [15]).

¹⁷⁰ Percênio vem argumentar os motivos, pelos baixos soldos, que davam mais tempo no serviço que o justo para se aposentar. Ele lembra das promessas aos veteranos de receber terras (*Ann.*, I.XVII). Essa é uma política constante da República e de Augusto que garantiu sua *auctoritas* neste setor (CORASSIN, 2007, p. 108). Na época dos Gracos, terras foram tomadas dos grandes proprietários aristocráticos, dos médios e até pequenos, para atender grande número de veteranos licenciados pela vitória. Augusto, na *Res gestae* (I.3), afirma que quinhentos mil cidadãos militaram por seus estandartes e trezentos mil cidadãos devolveu às colônias e cidades depois de completado o serviço militar (CORASSIN, 2007, p. 109), dando início à política de instalar veteranos para as colônias fundadas fora da península (*Res gest.*, V.28). As tropas se tornam clientela pessoal do príncipe, sua lealdade dá base ao poder do príncipe (CORASSIN, 2007).

¹⁷¹ Essas conclusões se baseiam em evidências sobre as condições materiais do soldado, e a alusão de que os soldos são baixos é confirmada pelas conclusões de Carrié (1992) em sua análise da evolução do soldo ao longo do tempo. O soldado também dispunha de um pecúlio acumulado, recebido ao fim do serviço; nesse ponto, Carrié (1992) não ignora tal condição em seu estudo. “Se se tomar em consideração apenas o montante do soldo propriamente dito (*stipendium*), como fazem certos historiadores, só se pode chegar à conclusão de que o soldado era bastante mal pago. O reduzido número de reajustamentos que mantivessem o seu poder de compra nos períodos de desvalorização da moeda (o soldo mantém-se invariável desde finais da segunda guerra púnica até César, depois desde César até Domiciano, e por fim desde Domiciano até Septímio Severo) e a própria insignificância desses reajustamentos, reduzem o soldo a um salário de miséria, comparado com os dos artesãos e dos funcionários. Isso, porém, não impede que o aumento decidido por Septímio Severo seja considerado pelos civis escandalosamente elevado. A este respeito devem fazer-se duas considerações. A primeira, é que o soldado apenas pode dispor de uma pequena parte desse soldo, uma vez que dele se retiram os descontos relativos ao custo da alimentação e os depósitos obrigatórios no cofre da unidade, que não podem ser utilizados antes do fim do serviço. A segunda é que a variação das retribuições de acordo com os postos militares era tão ampla que o civil podia ter uma ideia bastante deformada do soldo normal observando o nível de vida dos oficiais: um prefeito de legião recebia quatro vezes mais do que um centurião, o qual, por sua vez, recebia oito vezes mais do que um oficial subalterno e dezesseis vezes mais do que um legionário; esta última relação, na época da República, era apenas de um para dois. Entre os simples soldados, o soldo variava ainda entre os legionários, os auxiliares e os marinheiros, enquanto os pretorianos usufruíam de um tratamento de favor.” (CARRIÉ,

oficiais¹⁷². Trata-se de um exército de caráter profissional, majoritariamente a serviço remunerado do imperador¹⁷³.

Além disso, como observa Carrié (1992), Horácio menciona que o camponês, o estalajadeiro, o marinheiro e o soldado são categorias que vivem do *labor* para obter sustento e garantir a velhice (*Odes*, 2.16. In: CARRIÉ, 1992). Podemos deduzir que contrapõe a condição do soldado mais baixo com a condição da aristocracia; esta não depende do soldo para viver, ao contrário do soldado mais baixo. A narrativa de Tácito aproxima-se, assim, de episódios em Tito Lívio, como o de Emílio Paulo, criticado por seus próprios soldados pela divisão desigual do butim e pela severidade disciplinar (*Liv.*, XLIV.35. In: MARQUES, 2007).

Desse modo, na cena de campo, destacam-se as *uirtutes* da *disciplina*, da *auctoritas* e da *concordia*, enquanto a *gloria* aparece vinculada à tenacidade do comandante que consegue debelar a sedição. As tropas, ainda que organizadas, são desmobilizadas pela firmeza do comando. A cena se encerra com o discurso de Bleso, que argumenta não ser legítimo requerer ao príncipe por meio de sedição, propondo, em vez disso, a escolha de representantes, o que leva à eleição de seu filho como tribuno.

A narrativa prossegue com novas tensões: tropas enviadas a Nauporto se revoltam devido ao trabalho contínuo e à disciplina severa de Aufidieno Rufo (*Ann.*, I.XX). Bleso reage punindo saqueadores, enquanto surgem figuras como Vibulento, que inflamam o motim; soldados comuns se levantam, e a situação se agrava com a agregação de desertores e criminosos (*Ann.*, I.XXII). Em meio à *discórdia*, reaparece a ideia de que a *gloria* do comandante está em restaurar a ordem, ainda que a *concordia* com as tropas se fragilize.

O eixo da narrativa permanece, portanto, na relação entre *auctoritas* e *concordia*. Quando as legiões apresentam Clemente como orador¹⁷⁴, ao receber a comitiva imperial, há

1992, p. [17]).

¹⁷² Para tirar tais conclusões, apoiamo-nos na forma como funciona o exército romano e como recebem os soldados: “[...] Em seguida, a ampliação das cidades conquistadoras, o prolongamento da guerra e a necessidade de manter uma presença militar nas províncias conquistadas, abalaram este quadro tradicional: ao tornar-se de facto permanente o exército teve de abrir-se mais aos pobres, aos proletários, pagar salários, e aceitar a crescente dissociação entre o ofício das armas e o «ofício de cidadão». O soldado romano, convertido em fim e em meio de ambições rivais, foi levado a com- portar-se mais ou menos como os mercenários ao serviço dos reis helenistas. [...] Augusto deu início a uma nova e duradoura versão do soldado romano [...]” (CARRIÉ, 1992, p. [2]).

¹⁷³ “Ao transformar o exército romano em exército de profissão, Augusto substituiu o serviço rotativo de todos pelo serviço continuado de alguns. Nos últimos séculos da República, a população em armas, predominantemente itálica, chegara frequentemente a representar 10% dos cidadãos, em algumas circunstâncias particulares até 20% [...] permite eliminar imediatamente as várias hipóteses (decréscimo da vocação militar, despovoamento e crise econômica), que foram avançadas para explicar a diminuição dos itálicos nas legiões. [...]” (CARRIÉ, 1992, p. [3]).

¹⁷⁴ O resto da narrativa está no âmbito central da *auctoritas* e *concordia*. Na cena seguinte, Tácito, com uma analepse, nos leva de volta ao centro de Roma, narra a atitude de Tibério ao saber da sedição: envia para resolver uma comitiva liderada por Druso e apoiado pelo prefeito do pretório Élio Sejano, de sua confiança.

reconhecimento da *gloria* passada das tropas: “[...] expressa seu reconhecimento pelos serviços militares [...] grande caso que fazia das bravas legiões; com as quais por tantas vezes já tinha feito a guerra [...]” (*Ann.*, I.XXV). Nesse contexto militar, a *gloria* aparece tanto como conquista quanto como qualidade guerreira.

A revolta, contudo, é retomada, e Tácito volta a enfatizar a *discórdia*. A presença de Cn. Lêntulo é significativa: sua *gloria* militar e sua postura contrária à sedição o qualificam como figura capaz de restaurar a *concordia* (*Ann.*, I.XXVII). Em *Agrícola*, Tácito associa explicitamente *gloria* e *concordia*, ao afirmar que as vitórias romanas decorrem das divisões dos inimigos: “o erro do inimigo se torna a glória do seu exército” (*Agr.*, 32. In: MARQUES, 2007, p. 148). Do mesmo modo, nos *Anais*, a *gloria* de Lêntulo poderia inspirar a unidade entre os soldados, por seu reconhecimento entre os pares.

Assim, a narrativa da sedição¹⁷⁵ articula a *gloria* em múltiplos sentidos: reconhecimento público, conquista militar e dedicação ao serviço¹⁷⁶. No desfecho, o discurso de Germânico reforça essa dimensão; a *gloria* aparece novamente ao lamentar a desonra do exército por não ter alcançado a *gloria* de vingar Varo e restaurar o nome romano. Exorta ainda que essa *gloria* não seja deixada aos Belgas, associando-a diretamente à *concordia*: somente unidos (e não em guerra civil), os soldados poderiam voltar-se à conquista externa¹⁷⁷ (*Ann.*, I.XLIII).

Ainda narrando as cenas, encontramos-nos na narrativa das situações de guerra, nas quais se manifesta a *gloria*. Suas narrativas, por vezes, constroem cenas em que se descrevem comportamentos que expressam *uirtutes*. Nos *Anais*, uma terceira sedição de tropas, ocorrida com a ascensão de Tibério ao poder, revela a recusa em reconhecer sua *auctoritas*. Trata-se das legiões romanas na Germânia, que justificam sua posição ao recordar que Germânico, possuindo condições de governar, não aceitaria submeter-se e buscaria assumir o poder (*Ann.*, I.LXXXI). Tal sedição é composta por dois exércitos, comandados por generais sob suas ordens, expressam, assim, a *auctoritas* de Germânico. A mesma leitura pode ser feita em Suetônio, que

¹⁷⁵ Acontece um eclipse no acampamento, que os soldados interpretam como presságio e se arrependem da sedição, temendo pelo resultado, abalados uns com os outros foi fácil semear a divisão, demonstrando aos poucos obediência (*Ann.*, I.XXVIII), assim se encerra a sedição.

¹⁷⁶ Os soldados sediciosos não aceitam as promessas de Tibério, exigem cumprimento imediato (*Ann.*, I.XXXVII), expressa falta de *auctoritas* e de *fides* de Tibério, mas não há presença da *gloria*.

¹⁷⁷ Aos soldados descreve que todas essas condutas seriam recuperar sua *fides* com o *imperator*.

também registra o episódio da recusa em reconhecer um imperador¹⁷⁸ não designado (*Tib.*, XXV), estes exércitos reivindicavam Germânico¹⁷⁹ (*Tib.*, XXV)¹⁸⁰.

A justificativa apresentada remete ao prestígio de Roma e afirma que “[...] suas vitórias tinham feito a grandeza da República, e que os mesmos generais se honravam com tomar seu sobrenome” (*Ann.*, I.XXXI). Nessa passagem, articulam-se três dimensões da *gloria*: a vitória do exército, o renome do general no comando e a *gloria* da própria cidade de Roma¹⁸¹.

Mais à frente, na narrativa dos *Anais*, o desfecho da última revolta contra a sucessão de Tibério, debelada por Germânico, conduz rapidamente à submissão das tropas: “[...] O César, aproveitando-se logo do ardor dos soldados, e lançando uma ponte sobre o Reno, fez passar doze mil legionários [...]” (*Ann.*, I.II). Esses soldados, desejosos de expiar suas faltas por meio da honra da batalha, isto é, pela *gloria*, têm esse ímpeto imediatamente mobilizado para a guerra contra os germanos, o que evidencia a *gloria* como conquista militar.

Na narrativa, *gloria* e *concordia* aparecem associadas. A concepção de Tácito aproxima-se, nesse ponto, da de Tito Lívio, que também relata episódios de *discórdia* entre comandante e exército, bem como entre os próprios soldados. Tais situações são superadas pela disposição de combater. Em outro momento, ao tratar do período dos decênviros, Lívio narra que a ambição pessoal desses governantes levou à perda da coragem no campo de batalha; tornados *inglórios*, suscitaram o ódio do exército, gerando *discórdia* tanto entre os decênviros quanto no interior das tropas, o que resultou, por fim, na derrota.

[...] quando vosso grito de guerra aterrorizava o inimigo e não os patrícios de Roma na Assembléia, então, obtido o butim e conquistada a terra do inimigo, regressáveis triunfantes a vossas casas e penates cobertos de riquezas e glórias públicas e privadas. (*Liv.*, III.68. In: MARQUES, 2007, p. 68)

A narrativa das cenas de guerra segue constituída de uma ordem cronológica. Agora, Tácito narra que os Germanos se beneficiaram enquanto os romanos estavam em *discórdia*, situação contraposta à *concordia* que se estabelece quando o exército parte em busca da *gloria* (*Ann.*, I.II-L). A narrativa articula-se, assim, à concepção de ordem social romana já delineada, na qual a ordem se expressa por meio de valores: a passagem da sedição à unificação das tropas,

¹⁷⁸ Entre as reivindicações, Tácito aponta a diminuição dos anos de serviço militar, alívio da crueldade dos centuriões, aumento do soldo. Suetônio registra as mesmas reivindicações (*Tib.*, XXV).

¹⁷⁹ “[...] As tropas da Germânia negavam-se, inclusivamente, a reconhecer um imperador não designado por elas e compeliavam vivamente Germânico, então seu general, a que tomasse o poder, [...]”

¹⁸⁰ “[...] uma dupla sedição militar se declarou, na Ilíria e na Germânia. Os dois exércitos reclamavam várias concessões extraordinárias, mas, antes de mais nada, soldo igual ao dos pretorianos [...]”

¹⁸¹ Ver a análise da existência desta *gloria* à frente em “Dimensões específicas da *gloria*”. Isso ocorre porque a *gloria* é também atribuída a seres não humanos.

seguida do ataque aos inimigos externos, representa a unidade das partes do corpo cívico e do povo romano em sua ação expansiva.

Em seguida, Tácito conduz o leitor da cena de *discórdia* no campo à progressão do exército contra os Germanos, descrevendo, em forma ecfrásica, o avanço das tropas e o desenrolar da batalha. A passagem evidencia tanto a qualidade do exército romano quanto o descuido dos Marsos, retratados como bêbados e entregues à celebração, “sem nenhuma cautela” (*Ann.*, I.L). Convém notar que o comandante dessa investida é Tibério César (*Ann.*, I.II e LI).

A sequência narrativa apresenta a preparação para o combate (*Ann.*, I.LI) e enfatiza a devastação do ataque, que atinge inclusive mulheres e edifícios sagrados, diante de um inimigo indefeso. Tácito descreve, posteriormente, a tentativa das tropas germânicas de bloquear a retirada romana, enquanto Germânico organiza o exército e responde com um novo ataque (*Ann.*, I.LI).

Ao final desta batalha, a *gloria* reaparece como elemento mobilizador, incentivando os soldados em combate. Tácito registra o discurso de César e a cena em que diz: “[...] o tempo de apagar a mancha da sedição [...]”. O discurso leva as tropas, animadas por essas palavras, a lançarem-se contra o inimigo, rompendo suas fileiras e aniquilando-o (*Ann.*, I.LI). Nesse contexto, a *gloria* se manifesta tanto como vitória quanto como louvor, atribuído à qualidade de comando de César e ao desempenho do exército romano.

A gloria e a clementia como uirtutes da qualidade do militar

Seguimos observando cenas no interior da guerra, mas agora cenas em que nossas fontes dão centralidade aos comportamentos dos soldados e generais, que constituem os elogios aos soldados e generais, que compõem a imagem do comandante e do soldado ideal. A *glória* pode ser associada, ao mesmo tempo, ao bom comandante e ao bom soldado, como se observa na *Eneida*¹⁸² (A., p. 28). Desde Ênio, ela é concebida como coragem militar vinculada ao serviço das armas, mas também como expressão do desejo individual de ser louvado (PEREIRA, 2002). A *Retórica a Herênio* (III.5), ao tratar das *uirtutes* dignas de louvor, inclui, entre as qualidades elevadas e grandiosas, a coragem (*fortitudo*)¹⁸³.

¹⁸² “Era Eneias rei nosso: outro mais justo
Nunca existiu, nem mais temente aos deuses,
Nem maior capitão, melhor soldado.”

¹⁸³ Na *Retórica* de Aristóteles (*Ret.*, I.9, 1366b-1367a) essa relação está expressa, vide que diz “a luta sem temor”, está entre as coisas que conduzem à *gloria*.

Enquanto qualidade do soldado, a *gloria* aparece na narrativa do primeiro retiro de Tibério, em alusão às conquistas militares mencionadas em *Tib.*, IX, sendo associada à força da idade e à boa saúde, isto é, à aptidão física para a guerra. Nesse sentido, a narrativa reconhece no soldado a qualidade decorrente da força corporal. A mesma associação surge no relato do assassinato de Agripa, em Suetônio (*Tib.*, XXII) e em Tácito (*Ann.*, I.VI)¹⁸⁴, no qual ele é apresentado como grande guerreiro e valente ao enfrentar os centuriões, sendo-lhe atribuída *gloria*.

A narrativa do retiro retoma a alusão às conquistas militares (*Tib.*, IX), reafirmando a *gloria* como qualidade tanto do soldado quanto do militar em geral e, em seguida, reforça essa ideia ao destacar a força física do combatente: “[...] na força da idade e cheio de saúde [...]” (*Tib.*, X).

No que diz respeito ao comandante militar¹⁸⁵, a *gloria* também se manifesta. No relato da escolha de Tibério como sucessor, Suetônio (*Tib.*, XXI) associa-lhe essa qualidade ao caracterizá-lo como bom comandante, reforçando tal imagem ao destacar sua capacidade de manter o comando mesmo diante de dificuldades e de soldados indolentes. Do mesmo modo, Suetônio reconhece a *gloria* das façanhas militares ao narrar as honras concedidas a Caio César, parente de Tibério, que, como questor e comandante da esquadra na guerra de Alexandria, desempenhou papel relevante na vitória (*Tib.*, IV).

Além da *gloria*, a *clementia* é uma *uirtus* associada à conduta do bom comandante; para demonstrá-lo, é necessário analisá-la no âmbito das *uirtutes imperatoriae*, vinculadas ao comandante ideal enquanto *imperator*. Desde Cícero, e mesmo antes, a *temperantia* já figura como *uirtus* do comandante ideal, inicialmente como virtude cardeal e, posteriormente, desdobrada na *clementia* como uma das *uirtutes imperatoriae*.

Tácito, ao narrar o desfecho da sedição das tropas no momento da sucessão de Tibério, apresenta a cena de reconciliação e submissão. Inicialmente, as tropas manifestam a presença

¹⁸⁴ Suetônio ressalta a crueldade e dissimulação de Tibério, também sua suspeição. Tácito ressalta que Tibério oculta o caso para evitar perder *auctoritas* e *dignitas*.

¹⁸⁵ Em Tácito o relato da luta final contra a sedição mostra características do comandante ideal de Cícero associada à Germânico. O consilium na escolha do itinerário (*Ann.*, I.L.2), a estratégia que poupa os soldados de serem feridos (*Ann.*, I.LI.1), o conhecimento das manobras do adversário e a disposição que toma (*Ann.*, I.LI.2), a capacidade de surpreender o inimigo, *celeritas* (*Ann.*, I.L.3), a noite estrelada que favorece a marcha, *fortuna* (*Ann.*, I.L.4), sua intervenção que unifica as tropas, *auctoritas* (*Ann.*, I.LI.3-4) (DEVILLER, 2012, 146, apud LIMA, 2019, p. 146). Tácito atribui a Germânico a obsequiem, no discurso de Germânico (*Ann.*, I.XLIII) faz referência à valores do passado, então aproxima a imagem de generais do passado republicano, ao expor argumentos para convencer as tropas a acabar com a rebelião e respeitar a hierarquia revela (LIMA, 2019). A *obsequiem* em Tácito foi definida por Syme como “[...] uma relação de respeito dentro de uma instituição, por exemplo, o soldado a seu comandante, o senador ao senado [...]” (LIMA, 2019, p. 72, Nt. 35). Mas, a *obsequiem*, embora seja *uirtus* do comandante ideal, não está relacionada ao reconhecimento de *gloria* aqui.

da *clementia* ao solicitarem o perdão para os arrependidos (*Ann.*, I.XLIV), retomando o pedido de Germânico para que demonstrassem arrependimento (*Ann.*, I.XLIII). Após a submissão, procede-se ao exame dos centuriões: suas ações são descritas individualmente, sendo louvados aqueles que demonstravam conhecimento e bons costumes, enquanto os acusados de crueldade eram afastados com infâmia (*Ann.*, I.XLIV).

A menção à *crudelitas* refere-se, nesse contexto, aos centuriões que exerciam o comando sem *clementia*. Embora o trecho não apresente referência direta à *gloria*, a cena aproxima-se de uma forma de louvação, como um ritual de reconhecimento entre pares, remetendo a práticas associadas à *gloria*, ainda que no contexto do campo de batalha. Tal configuração aproxima-se de Cícero ao tratar da *gloria* no louvor pelos feitos militares: “[...] em guerra, Lélcio cultuava o Africano como um deus, por causa da distinguida glória militar [...]” (*Rep.*, I.12.18). Nesse sentido, o louvor descrito por Tácito pode ser entendido como expressão de *gloria*.

A narrativa do Livro I dos *Anais* (I.LII–LVIII) nesta parte dedica-se às ações militares, ao longo das quais se constrói o retrato de Germânico, com destaque para sua rivalidade com Armínio, líder dos germânicos (LIMA, 2019, p. 147). Conforme demonstra Lima (2019), a análise desse retrato revela que as *uirtutes* de Germânico são elaboradas no campo militar: ele é apresentado como comandante ideal, cujas ações evidenciam sua *clementia*, ao responder às demandas das tropas (*clemens responsus*) (*Ann.*, I.LVIII).

Analisemos as cenas de batalha do exército, em que poderemos ver a *gloria* associada ao comandante e aos soldados, em meio à outras *uirtutes*. Todas estas *uirtutes* demonstradas no campo da ação militar. A narrativa da guerra no Livro I dos *Anais* começa em I.L. Lima (2019) nos lembra que, quanto à imagem de Germânico, há aqui um ponto de virada. Antes, mostrava-se um general inexperiente e, a partir daqui, passa a demonstrar gradualmente habilidades. O comportamento na guerra contra os germanos, que começa no ano de 14 d.C., é fundamental nesse processo.

A batalha contra Armínio é iniciada. Tibério se desagradou com a situação ao demonstrar ciúmes de Germânico. Entre os motivos possíveis sugeridos por Tácito, está o exército ser aterrado com imagens fúnebres e ficara amedrontado diante do inimigo, ou seja, faltar coragem, associando à uma conduta negativa (*Ann.*, I.LXII). Uma passagem relata a atuação dos generais no campo de batalha: Germânico, Armínio e Cecina demonstram as qualidades de bons comandantes; evidenciam-se, em seus comportamentos, a *auctoritas*¹⁸⁶

¹⁸⁶ Nas diversas ordens que são dadas e aceitas.

(I.LXIII), *indústria (zelo)*¹⁸⁷, *ingenio (engenho)*¹⁸⁸, *celeritas (rapidez)*¹⁸⁹, *scientiam rei militaris (ciência das artes militares)*¹⁹⁰ (*Ann.*, I.LXIV)¹⁹¹. Entre essas *uirtutes* de batalha, a *gloria* aparece no sentido da coragem marcial, o sentido é próximo ao que pode ser traduzido como “coragem” (*Ann.*, I.LXIII), presente na confiança dos soldados nessa batalha¹⁹². Lembramos que temos o termo *coragem (fortitudinm)* como uma *uirtus*, mas a coragem marcial aparece com sentido da *gloria* em Cícero (*CIC.*, *Tusc.*, 2.43). Este atribui como qualidade do bom guerreiro a “coragem nos perigos” (*CIC.*, *Man.*, 28-29).

A batalha seguinte permite retomar a concepção romana sobre o soldado. Carrié (1992), ao analisar a figura do soldado, toma Suetônio como base. Este, ao introduzir um capítulo com relatos das ameaças à *auctoritas* de Tibério, utiliza a expressão “Segurava um lobo pelas orelhas”, provérbio de Terêncio (*Ph.*, 506; In: BRANDÃO, 2009, n. 57). A partir disso, Carrié (1992) conclui que a concepção do soldado se transformou desde Platão e seus leitores romanos até o tempo de Suetônio. O autor argumenta que os generais devem atentar para o perigo da indisciplina, contendo o ímpeto instintivo do soldado e conduzindo-o à razão (expressa nas *uirtutes sapientia e prudentia*), bem como a um senso moral associado à *devotio*. O objetivo é a gestão do soldado, visando à sua disciplina e obediência. Nesse sentido, insere-se a *auctoritas* do comandante, responsável por manter a *devotio* e a disciplina das tropas. A *gloria* entre os soldados, em Tácito, é narrada tendo essa compreensão como base.

A próxima cena narrada por Tácito (*Ann.*, I.LXV) apresenta os acontecimentos durante a noite, focalizando a contraposição entre os dois exércitos. Esse quadro pode ser comparado, mais uma vez, ao elogio da disciplina em Tito Lívio (*Liv.*, XXIII.18). A conduta atribuída ao exército romano é qualificada como disciplinada (alternando vigilância e descanso), enquanto o exército de Armínio é descrito como passando a noite em festins e banquetes. Ao início da batalha, pela manhã, o exército de Armínio encontra-se, em princípio, *indisciplinado*¹⁹³: ele não

¹⁸⁷ “[...] Cecina em grande embaraço [...] determinou acampar-se; e para que enquanto uns trabalhavam, os outros combatessem.”

¹⁸⁸ “Armínio faz juntar a sua gente [...] torna de repente a mandá-la marchar, [...]”

[...] Cecina, ainda que marchava por sítios conhecidos, teve aviso para, quanto antes, ganhar as *Longas Pontes* [...] Todas estas posições já estavam ocupadas por Armínio, que conhecendo bem os atalhos, e com tropas ligeiras, tinha podido adiantar muito mais as suas marchas, [...]”

¹⁸⁹ “[...] Germânico, perseguindo Armínio [...] manda sair a cavalaria, e tomar por força o campo inimigo.”

¹⁹⁰ “[...] haveria sido fatal, se o César não tivesse feito adiantar as legiões em ordem de batalha [...]”

¹⁹¹ Cecina ao responder demonstra *ciência das artes militares (scientiam rei militaris)*. “[...] Cecina, que agora contava quarenta anos de obedecer e mandar nos exércitos, e que tinha visto todas fortunas e reveses da guerra, estava imperturbável, portanto, calculando o que melhor convinha fazer, [...] marchar para diante todos os feridos, [havia] [...] pequena planície, aonde só pouca gente podia manobrar. [...]”

¹⁹² “[...] Mas esta manobra causou terror ao inimigo, deu confiança aos soldados [...]”

¹⁹³ “[...] ou fosse por medo, ou por desobediência formal, largaram seus postos, e se foram apressadamente formar em um canto fora dos lugares pantanosos [...] o exército todo vacilante e sem firmeza e sem ordem; [...]”

podia atacar¹⁹⁴. No entanto, ao perceber o exército romano em desordem, decide investir. O ataque rompe a linha romana e causa grande dano à cavalaria. Armínio, assim, conquista a vitória¹⁹⁵. O exército romano é descrito como *inglório*: primeiro, pela sua indisciplina no início do combate; depois, por ser salvo não por sua própria *uirtus*, mas pela cobiça do inimigo, que prefere dedicar-se ao saque em vez de prosseguir o ataque, permitindo a fuga. A salvação do exército, portanto, decorre de um *casus*, e não pela sua própria *uirtus*¹⁹⁶.

A cena seguinte relata o exército no acampamento (*Ann.*, I.LXVI). Um cavalo, ao se soltar, causa consternação geral; os soldados fogem, tomados pelo medo, por acreditarem tratar-se de um ataque inimigo que rompe as defesas do campo. Em seguida, não obedecem nem às súplicas nem à coerção do comandante Cecina, que tenta restabelecer a ordem. A fuga só é contida quando Cecina se deita à porta do acampamento, impedindo a debandada. O que se observa é um quadro de desordem, covardia e descontrole dos soldados, configurando, assim, um exército *inglório*, são comportamentos negativos no âmbito da batalha, contrários ao ideal romano de soldado.

No entanto, Cecina é elogiado como comandante ideal: demonstra qualidades que Cícero atribui ao bom líder: “coragem nos perigos, zelo para agir, rapidez para executar, resolução para antever” (*Man.*, 28–29). Do mesmo modo, remete à imagem de Tibério em Suetônio, elogiado por Augusto pelo fato de que “esplêndida ordem reina nos teus quartéis” (*Tib.*, XXI), uma alusão à *gloria*. As condutas de Cecina e de Germânico ecoam, assim, a imagem ideal e elogiosa do comandante, semelhante à de Júlio César em batalha, conforme narrada pelo próprio autor nas *Guerras da Gália* (*Commentarii*, I.20–21)¹⁹⁷: um líder empenhado, dedicado, capaz de impor ordem ao exército, de dar instruções precisas e de agir adequadamente em cada situação do campo de batalha. Nesse relato, a *gloria* (entendida como “antiga *uirtus*”) é atribuída aos soldados.

A *gloria* aparece em Tácito explicitamente no vocábulo empregado quando Cecina¹⁹⁸, ao exortar os soldados, afirma que, se resistirem ao combate e vencerem, cobrir-se-ão de

¹⁹⁴ “Armínio, ainda que já o pudesse fazer livremente, não mandou atacar [...]”

¹⁹⁵ “[...] Valeu aqui a avidez do inimigo, que, deixou a batalha por o saque, [...]”

¹⁹⁶ Enfim o resultado, ao recolher-se ao acampamento para a noite Tácito descreve suas grandes dificuldades.

¹⁹⁷ “Ordenando o necessário, corre pois a exortar os soldados, por onde lhos depara o acaso; e chegando à décima legião, só lhe dirige estas palavras — Que retenha **a lembrança do antigo valor**, conserve-se firme, e sustente galhardamente o ímpeto dos inimigos. E como estes já estavam a alcance de tiro, dá o sinal do combate. Correndo depois à outra parte para o mesmo fim, acha já o soldado empenhado na luta. [...]”

¹⁹⁸ Cecina demonstra sua *auctoritas* e sua *sapientia* ao fazer ser ouvido pelos soldados e ao lhes falar do plano (*Ann.*, I.LXVII).

*gloria*¹⁹⁹. O discurso é amplificado pela qualificação do inimigo, descrito como inimigos que lutam com ferocidade (*Ann.*, I.LXVII). Esse valor manifesta-se de modo semelhante na *Eneida*, em que o indivíduo é exaltado no campo da guerra por suas qualidades bélicas; parte dessa exaltação reside em “dominar os povos mais ferozes” (*A.*, I.257–296. *Apud* CAVALHEIRO²⁰⁰, 2017, p. 35), portanto, no mesmo sentido da ferocidade do inimigo e da amplificação proporcionada pela vitória sobre adversários ferozes. Cecina exorta ainda os soldados à defesa de suas famílias e às recompensas militares, entendidas como frutos da *gloria* alcançada pela vitória²⁰¹. A batalha seguinte descreve o ataque dos Germanos, que termina com a vitória²⁰², o que lhes deu grande ânimo²⁰³ (*Ann.*, I.LXVIII). Assim, contrapõe-se a *uirtus* do exército Romano ao *uitia* do exército Germano, a *gloria* é a *uirtus* presente neste elogio (várias *uirtutes* são contrapostas nas cenas de Tácito aos *uitia*, mas para nossa análise interessa a *gloria*).

Na sequência, Tácito narra a expedição das tropas: um desastre natural atinge as forças comandadas por Vitélio. Uma inundação provocada pelas águas do mar, impulsionadas por ventos do norte, surpreende a tropa em marcha. A *glória* dos soldados e comandantes é evocada ao lamentar que, dentre essas legiões “[...] umas acabavam no campo da honra; as outras morriam sem glória. [...]” (*Ann.*, I.LXX). Tácito, assim, circunscreve o campo da guerra como o espaço de expressão da *glória*. Há uma espécie de lamentação pela vida desperdiçada, pela morte do soldado sem *glória*, pois, na batalha, a morte viria com *glória*.

Outra cena posterior descrita por Tácito apresenta Germânico convivendo com os soldados: ele demonstra toda a sua afabilidade, agradando a todos, alguns deles por motivos de *glória*. Temos o vocábulo *gloria* presente, há uma alusão à *glória* do soldado, associada à dedicação no serviço militar e à vitória, como em *Retórica a Herênio* (III.5), na qual uma *uirtus* digna de louvor, entre as coisas grandiosas, é a *coragem* (*fortitudo*). O mesmo sentido aparece

¹⁹⁹ “[...] com toda a ferocidade do inimigo; porém se resistirem, e forem vencedores, alcançarão muita honra, e se cobrirão de glória [...]”

²⁰⁰ “levando uma terrível guerra à Itália, dominará os povos mais ferozes e aos homens imporá leis e muralhas, até o terceiro estio o vir reinando no Lácio e três invernos se passarem”

²⁰¹ Cecina mostra o *ingenio* ao organizar o exército no plano de batalha.

²⁰² Os romanos atraem os Germanos para uma armadilha, quando sobem na muralha, são derrotados. Esse plano atribui a Cecina a *sapientia* e qualifica os Germanos de inquietos, pela *rapacitas* e *discórdia* entre seus generais (*Ann.*, I.LXVIII).

²⁰³ Antes, no início dessa batalha, o general havia sonhado, durante a noite, com Varo coberto de sangue vindo puxar-lhe a mão, ele o recusa (*Ann.*, I.LXV). Parece-nos se tratar de um recurso de *fantasia* que busca expressar que Cecina não teria o mesmo destino de Varo que “[...] fora de Roma houveram as desgraças militares de Lólio, e Varo, [...]” (*Ann.*, I.X).

em Júlio, que exorta os soldados à firmeza na batalha, lembrando-os da antiga *uirtus* (*Commentarii.*, I.21)²⁰⁴, termo que aqui assume o sentido de coragem e *glória*.

É posterior no livro I a guerra contra os Catos (*Ann.*, I.LXXI), em Tácito, que havia sido iniciada naquele ano (*Ann.*, I.LV) (o restante do conflito é relatado em outras passagens). Como consequência da vitória, há a concessão de triunfos, atribuídos a Cecina, Aprônio²⁰⁵ e Sílio, generais sob o comando de Germânico. O triunfo, aqui, configura-se como reconhecimento por suas ações gloriosas no exército (*Ann.*, I.LXXII)²⁰⁶, não apenas pela vitória, mas também pelo serviço militar prestado. Temos, portanto, a *glória* expressa no vocábulo. Esse triunfo pode ser comparado ao relato de Suetônio (*Tib.*, XVII): no caso de Suetônio, Tibério recebe o triunfo sozinho, em razão do comando da guerra. Tácito, por outro lado, relata que o triunfo é decretado aos generais pela parcela que lhes cabe nas ações gloriosas no exército de Germânico, isto é, pelo serviço militar (tal como observado no caso dos soldados).

Em Tácito, há ainda a referência a soldados infames²⁰⁷, por extorquirem dinheiro (*Ann.*, I, XXXVII). Essa alusão é narrada dentro de cenas de batalha; portanto, a *uirtus* no campo da guerra. O retrato de Mário em Salústio (*Jug.*, 63. In: RODOLPHO, 2012, p. 285)²⁰⁸ conduz à interpretação de que a noção de “infame” (*indignus*) se relaciona à ideia de *glória*, pois remete ao reconhecimento exigido para determinado cargo (*honos*). A relação é reforçada pelo fato de que, sabemos, que Tácito busca imitar Salústio (LIMA, 2019). Nesse contexto, Tácito emprega o ornamento retórico da *exclamatio*, registrando uma conduta negativa e indigna dos soldados. Tal comportamento contrapõe-se à conduta esperada em contexto de guerra. Assim, o termo “infame”, nesse uso, aproxima-se da ideia de uma conduta *inglória*, por representar a ausência de dedicação aos feitos coletivos.

Gloria a partir dos títulos e atividade na Res.

²⁰⁴ “[...] chegando [o comandante] à décima legião, só lhe dirige estas palavras – Que retenha lembrança do antigo valor, conserve-se firme, [...]”. Na *Vida de Agrícola*: “À a resposta de Agrícola, discursando às legiões, ressalta a coragem, a bravura dos soldados e o sucesso das campanhas. [...] as razões que confirmarão a vitória no campo de batalha, [...]” (MARQUES, 2007, p. 149-150).

²⁰⁵ Este serviu como chefe das tropas auxiliares de seu pai, contribuindo para a vitória e para a concessão a ele dos *ornamentos triumphais* por Tibério (TAC., *Ann.*, III.XXI.4). Sugerimos as referências em Dião Cássio. A amizade com Sejano facilitou sua eleição como pretor em 32 a.C., chegando a zombar da calvície do imperador Tibério durante o festival *Florália*, em Dião Cássio (LVIII.19.1). Sua carreira culminou em 39 a.C. como *cônsul ordinário*, ao lado de Calígula (*D.C.*, LIX.13.2).

²⁰⁶ “[...] ações gloriosas no exército de Germânico [...]”

²⁰⁷ “[...] a primeira, e a vigésima legiões, soldados infames!, que, no meio das bandeiras e das águias romanas, levavam dinheiro extorquida por força ao seu general, [...]”

²⁰⁸ “Todo homem novo, por mais notável, por mais honrosos feitos que tivesse, ainda seria considerado infame para tal dignidade e como eu desonrado.”. Para o original em latim ver Rodolpho (2012, p. 285).

Agora, nossa narrativa aplica uma analepse, exatamente como fazem Suetônio (*Tib.*, XV–XVI) e Tácito (*Ann.*, I.XXIV–XXV; I.XLVII), quando precisam mover a narrativa do campo da guerra para o âmbito das instituições da *res*, ou da *res* para a guerra. Deixamos o campo militar, a *glória* dos comandantes e soldados, e passamos a observar a *glória* do homem público, o cidadão em atividade na *res*. Levamos você, leitor, a ver a *glória* por meio dos títulos e das atividades da *res*.

Tácito relata a *glória* atribuída a Augusto pelos diversos cargos exercidos na *res publica*. O que se enaltece é sua constância em obtê-los e exercê-los. Menciona que, por 37 anos consecutivos, Augusto deteve a autoridade tribunícia e recebeu 21 vezes²⁰⁹ o título de *imperator*²¹⁰, além de muitas outras honras, múltiplas e novas (*Ann.*, I.IX). Podemos sugerir, juntamente aos elementos anteriormente discutidos, que Augusto constitui um modelo positivo de *glória* na narrativa de Tácito, uma vez que se destaca sua constância em ser eleito, seu reconhecimento público e o exercício adequado dos cargos. O registro de “honras novas” funciona aqui como *amplificatio à gloria* de Augusto, não somente como simples narrativa.

Em uma cena ocorrida na sessão do Senado, logo após Tibério assumir o império, Asínio discursa de forma incisiva contra o novo príncipe e “[...] rematou depois com grandes louvores a Augusto, e a ele Tibério, trazendo-lhe à memória as gloriosas ações com que, tanto na paz como na guerra, por tantos anos se havia ilustrado [...]” (*Ann.*, I.XII). A *glória* é, assim, atribuída tanto a Augusto quanto a Tibério. Identificam-se aqui duas instâncias de *glória*: ligada aos feitos militares e ligada ao desempenho nas funções públicas em nome da *res publica*.

Na *Vita* de Tibério, Suetônio relata que Tibério César, pai de Tibério, ao destacar-se em batalha, foi nomeado pontífice e encarregado da fundação de colônias, reconhecendo-se, assim, sua *glória* pelos feitos na *res publica* (*Tib.*, IV). Na juventude, o próprio Tibério exerceu os cargos de comissário de abastecimento e inspetor de ergástulos em toda a Itália. Diante da suspeita de que proprietários escravizavam viajantes para evitar o serviço militar (tornando-se, por isso, ociosos), sua atuação corrige tais práticas. O capítulo enfatiza essas ações de forma positiva, atribuindo-lhe *glória* em razão de uma administração eficaz (*Tib.*, VIII): Tibério assume uma situação de decadência e a restabelece.

²⁰⁹ O leitor atente que aqui não é uma narrativa do tipo da *res gestae* (História), mas uma *enumeração*. Tácito aqui não usa o esquema em geral dos *Anais*, que seria contar uma por uma, essas ações, mas o esquema *sintético*, mais comum no tipo da biografia, como mostramos ser próprio de Plutarco (*Plut.*, *Vit. Caes.*, XV.2-5. In: JOSÉ, 2011, p. 123). No entanto, como mostramos, esta *enumeração* tem um caráter amplificador, que ressalta a *gloria* de Augusto.

²¹⁰ A quantidade de vezes mencionada indica que procede a análise segundo a qual o título de *imperator* precisava, ao menos formalmente, ser aprovado pelo Senado e pela assembleia do povo, conforme explicam França e Venturini (2011).

Em sentido semelhante, há um relato de Tácito que ecoa a visão de Cícero, em *Dos Deveres* (II.9.31): a *glória* decorre do reconhecimento e da dignidade para receber honrarias. Augusto engrandece Agripa com dois consulados por seu mérito militar e por sua participação nas vitórias (*Ann.*, I.III). Este reconhecimento que ocorre embora, publicamente, fosse considerado um “homem ignóbil”, em referência à sua origem, contrastando com sua atuação em cargos públicos.

A *glória* aparece também na esfera dos títulos honoríficos e das atividades da *res publica*, como se observa na *Vita* de Tibério. Antes de assumir o Império, Tibério recebe uma qualificação positiva de *glória* ao exercer diversos cargos públicos: “[...] Obteve as magistraturas antes da idade própria e exerceu, quase sem interrupção, a questura, a pretura e o consulado; após breve intervalo, foi cônsul pela segunda vez e recebeu, ainda, o poder tribunicio por cinco anos.” (*Tib.*, IX). O relato apresenta os cargos de forma sumária; embora haja autores que apontem exagero (e outras fontes indiquem intervalos - cf. *Vidas*, 1959, nota 161), trata-se de uma *enumeração* que produz efeito de *enargeia*. A expressão “quase sem interrupção” permite a Suetônio, sem falsear os dados, intensificar a impressão de continuidade e amplificar a percepção de prestígio. Convém notar que essa passagem é redigida de modo sóbrio, sem o desenvolvimento descritivo característico de construções ecfrásticas, como ocorre na descrição do quadro de Parrásio (*Tib.*, XLIV).

Na sequência da *Vita* de Tibério, a narrativa sofre uma reviravolta ao introduzir um traço de *ingloria*, ligado ao caráter de Tibério (*Tib.*, X), que se afasta da vida pública. O motivo oficial alegado é abrir espaço para Gaio César e Lúcio César, evitando competir com eles por honras. Suetônio expressa essa decisão com clareza: “No meio de tanta prosperidade, na força da idade, cheio de saúde, resolveu, de súbito, retirar-se, afastar-se o mais possível da cena política [...]” (*Tib.*, X).

Embora o texto não atribua explicitamente *ingloria*, ela se encontra pressuposta: ao afastar-se, Tibério não pode realizar feitos e se retira do campo em que a *glória* pode ser conquistada. Além disso, ao considerar as instituições da *res publica*, sua retirada implica o abandono das responsabilidades inerentes ao exercício dos cargos, esperadas de um cidadão romano, o que o caracteriza como irresponsável²¹¹. A passagem também alude diretamente às *honores*²¹², isto é, aos cargos e distinções mencionados anteriormente (*Tib.*, IX), como o

²¹¹ Na passagem seguinte o valor que se trata não é a *gloria*, mas é o da *ciuilitas*, como explica Brandão (2009): “[...] É digno de nota, para o biógrafo, que se passeie desprotegido, numa prova de sociabilidade (*ciuilitas*), sem escolta, e trate os *Graeculi* de igual para igual, coisa impensável mais tarde. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 120) A narrativa das visitas de Tibério (*Tib.*, XI) também aludem ao valor da *ciuilitas* (BRANDÃO, 2009).

²¹² “[...] pretextando-se saciado de honras e precisar de repouso [...]”

tribunato militar, as vitórias e os cargos públicos. Contudo, as *honores*, por si sós, não constituem *glória*: para isso, dependem do reconhecimento público dos feitos.

Cícero, em *Dos Deveres* (II.9.31), afirma que a *glória* advém de ser admirado e digno de honrarias (*honor*) (PEREIRA, 2002)²¹³, no contexto do *cursus honorum*. Ao distinguir *honor* e *glória*, afirma que “[...] os degraus dos *honores* são iguais, os da *glória*, dispares.” (*Pro Plancio*. In: PEREIRA, 2002, p. 348). Ainda segundo Cícero, o *honor* pertence ao *vir honestus*, enquanto a *glória* ao *uir magnus*, sendo, portanto, superior. Embora *gloria* e *magnus*²¹⁴ se aproximem, não são equivalentes em todos os contextos; do mesmo modo, o *uir bonus* designa o “homem bom”, cidadão e orador portador de *uirtus*. Já a *dignitas* refere-se à posição social, ligada ao exercício de altos cargos (PEREIRA, 2002).

Assim, a *Vita* de Tibério, ao apresentar as *honores* em *Tib.*, X, mostra que o afastamento do personagem o impede de convertê-las em *glória*. Essa recusa torna-se ainda mais evidente quando Tibério ignora os apelos do sogro e da mãe para que não se retire, e a narrativa *amplifica* o episódio ao descrever sua atitude: “[...] como o retinham teimosamente, absteve-se de alimento durante quatro dias [...]” (*Tib.*, X). Desse modo, tendo alcançado as *honores*, Tibério não consegue transformá-las em *glória*.

Outro aspecto relevante é a referência à censura: “Ou, então, para evitar a assiduidade da censura [...]” (*Tib.*, X, 1959²¹⁵). Trata-se de um indício sutil de *ingloria*, integrado ao retrato do personagem. Esperar-se-ia que um detentor de *gloria* assumisse de bom grado essa função de “censor”, responsável por organizar o censo e estruturar a ordem timocrática da cidade segundo o patrimônio dos cidadãos (NICOLLET, 1992). Ao evitá-la, Tibério revela-se incapaz de suportar o peso da responsabilidade, reforçando sua caracterização como figura *inglória*.

Dando sequência na *Vita*, Tibério, tendo partido, retira-se para Rodes. Suetônio relata que Tibério apresenta, como motivo oficial, o desejo de abrir caminho para Gaio César e Lúcio

²¹³ “O senado consagrou por meu retorno o altar de Fortuna Redux em frente ao templo da Honra (*honoris*) e do Valor (*virtutis*), junto à porta Capena; [...]” (*Res gest.*, XI).

²¹⁴ Parece-nos que *magnus* pode ser traduzido por “grande” ou “grandioso”. Pompeu possuía o título de “Magno”, recebido em reconhecimento à *glória* conquistada por suas vitórias militares (cf. Apiano, referido por FRANÇA e VENTURINI). Já Tácito, na *Vida de Agrícola*, afirma sobre Júlio: “*Bonum uirum facile crederes, magnum libenter. Et ipse quidem, quamquam medio in spatio integrae aetatis ereptus*” / “Que ele foi um homem de bem, facilmente o terias julgado; que foi grandioso, de bom grado [...]” (TAC., *Agr.* 44.3. In: LIMA, 2019, p. 63). E ainda: “Seu sucesso, decorrente do labor, outra característica do bom general, e o enfrentamento do perigo o tornaram *clarus* e *magnus*, mas Agrícola não usou disso para se vangloriar, [...]” (LIMA, 2019, p. 78). Vimos, no Capítulo 1, ao tratar do orador prudente em Cícero e até em Quintiliano (*Inst.* I.1.9; I.1.13), que o orador ideal também possui os melhores predicados morais, experiência e expressão linguística e letrada. O orador completo possui *dignitas* e *gravitas*; é o homem bom (*uir bonus*) e detém as mais elevadas qualidades morais.

²¹⁵ “No meio de tanta prosperidade, na força da idade e cheio de saúde, resolveu, de súbito, retirar-se e afastar-se o mais possível da cena política, quer desgostoso da mulher, que não ousava nem acusar nem repudiar, embora a não pudesse suportar por mais tempo, quer para evitar o reproche da assiduidade e fortalecer a autoridade com a ausência, aumentá-la mesmo, no caso de a república vir a precisar de si. [...]”

César, evitando competir com eles por honras. Em seguida, acrescenta que ele estaria saciado dessas honras e necessitado de repouso (*Tib.*, X), o que configura uma menção à *inglória*. Já em Tácito, o motivo do retiro é associado à *impudicitia* de Júlia²¹⁶, o que permite uma leitura mais favorável de Tibério, que aparece como alguém que cumpre a *pietas* ao agir corretamente no âmbito do matrimônio, reivindicando, assim, uma “justa vingança”.

Por outro lado, Tibério demonstra incapacidade de assumir diretamente a execução dessa decisão, articulando para que a responsabilidade recaia sobre o procônsul da África, Asprenas; tal atitude revela sua irresponsabilidade e se vincula a uma postura *inglória* (*Ann.*, I, LIII). A *Vita* de Tibério reforça essa reprovação ao tratar do primeiro retiro: ao anunciá-lo, Tibério interage com Augusto, que, de forma irônica, censura seu afastamento das funções públicas (*Tib.*, XI)²¹⁷. Desse modo, a *inglória* se manifesta não apenas como traço de caráter, mas também pelo risco que tal conduta representa para a ordem social.

Na *Vita de Tibério*, a narrativa de seu retorno a Roma associa à *inglória* também a ignomínia (*Tib.*, XIII). Tibério não retorna por demonstração de *uirtus*: a recusa dos cidadãos em aceitá-lo indica a ausência de reconhecimento e apreço público. Seu pedido de retorno não decorre do senso de dever, mas do medo, revelando covardia; além disso, obtém autorização por acaso, e não por mérito²¹⁸. Seu exílio se encerra sob a condição de não participar do governo, o que implica a inexistência de reconhecimento de que pudesse realizar feitos de *glória* na *res publica*²¹⁹.

Após o retorno, depois da narração dos presságios, Tibério faz seu filho Druso estreitar no fórum, mas “[...] entregou-se inteiramente ao repouso, [...] sem se ocupar de nenhuma função pública [...]” (*Tib.*, XIV)²²⁰. Observa-se, assim, a recorrência de sua postura anterior: ao abdicar do exercício de cargos públicos, abdica também das possibilidades de realizar *glória*, revelando um caráter *inglório* e irresponsável em relação à República.

Sua escolha como sucessor ocorre por um *casus* (a morte de Gaio e Lúcio e sua posterior adoção por Augusto), o que prefigura seu retorno à vida pública. No entanto, não é escolhido por suas *uirtutes* (*Tib.*, XV), não havendo, portanto, reconhecimento público que fundamente sua *glória*. No âmbito das *uirtutes imperatoriae*, Tibério não é apresentado como portador de *clementia*, *iustitia* ou *pietas*; sua *glória* restringe-se ao campo militar, mas nem mesmo isso é

²¹⁶ O motivo é que sua esposa Júlia o desprezava, considerava-o como inferior, fora considerada por seu pai Augusto desonesta e desterrada, depois casada com Tibério.

²¹⁷ “[...] deixasse de se preocupar com os seus, já que tão prontamente os abandonará [...]”

²¹⁸ Nesta cena, é Augusto que, ao aceitar Tibério, demonstra *pietas* e *clementia* e não *uirtus* de Tibério.

²¹⁹ “[...] Tibério foi, pois, chamado, mas sob a condição de que não se imiscuiria, nem se ocuparia, absolutamente, do governo.” (*Tib.*, XIII, 1959).

²²⁰ O presságio da águia pousando na cumieira indica o poder imperial (BRANDÃO, 2009)

plenamente valorizado por Suetônio, que atribui sua ascensão ao acaso (a introdução desse *casus* é influenciada pela noção de *fatum* e *fortuna*²²¹, elemento da narrativa de Suetônio).

Após suas vitórias, ao aproximar a narrativa do momento da sucessão ainda sob Augusto, Suetônio registra que Tibério recebe dos cônsules a concessão de partilhar a administração das províncias e exercer a função de censor (*Tib.*, XXI), o que constitui dois distintivos de *gloria* vinculados ao cargo. Contudo, não há demonstração de sua qualidade no exercício dessas funções.

Deixando o tempo da sucessão e passando para o período em que Tibério já é imperador, vejamos o desempenho da *glória* nos cargos públicos. A cena de Germânico construindo o túmulo para os mortos de guerra (*Ann.*, I.LXII) resulta no desagrado de Tibério, o que demonstra seus ciúmes. Tácito afirma que Germânico já estava condecorado com a *dignidade augural*. A *dignidade augural* corresponde ao cargo de chefe do colégio de augúres, trata-se do cargo de pontífice máximo, uma honra e um direito sagrado vitalício, segundo a tradição (BRAREN, 2013). É também uma distinção rendosa e bastante almejada por aqueles que buscavam sucesso na carreira (JOSÉ, 2011, p. 117, nt. 24). Vimos, nesta *Vida de Tibério*, que Tibério César, pai de Tibério, foi nomeado pontífice em razão de sua importante atuação em batalha (*Tib.*, IV). Há, portanto, reconhecimento em ambos os casos, o que nos lembra que Júlio César foi eleito pontífice pelo reconhecimento da população por seu valor (*Pat.*, II.43; *Vit Caes.*, VII.1). Assim, os ciúmes de Tibério podem ser interpretados como uma reação à ameaça representada pela *glória* de Germânico, tanto pelo título que lhe conferia reconhecimento público quanto por seus sucessos militares.

Na *vita*, Tibério abandona os negócios públicos (*Tib.*, XLI), mesmo tendo retornado a Roma. Porém, esse é o ponto de chegada de uma gradação que o caracteriza como irresoluto, além de alguém cujas promessas não eram dignas de *fides* (*Tib.*, XXXVIII). Nesse momento culminante, ele se mostra totalmente irresponsável em relação às suas funções públicas. O que se observa aqui é uma conduta típica da *inglória*. Em contraste, no mesmo período histórico, Sêneca traça a imagem de Augusto como modelo ideal e positivo de *imperator*: Augusto surge afirmando: “Sempre me ocupo de minha obrigação” (*Apocol.*, X.1), demonstrando que o bom imperador se dedica continuamente aos negócios públicos e, assim, pode realizar feitos gloriosos pela *res publica*.

O capítulo que se segue em Suetônio visa tratar dos vícios morais e pessoais; por isso, diz que Tibério se entregou completamente a todos os vícios que antes dissimulara. Aqui

²²¹ O leitor que queira recordar, discutimos a presença do *fatum* e da *fortuna* em Suetônio e Tácito no cap. 1.

aparece um elemento de *inglória*: ele concede a Flaco e Pisão dois cargos públicos (a administração da província e a prefeitura de Roma)²²² por amizade e em um ato de deleite de bebedeira, demonstrando, assim, sua irresponsabilidade na atribuição de cargos públicos. Temos, portanto, a *inglória*. Suetônio mantém a caracterização de Tibério de forma coerente ao longo da *Vita*. Assim, Tibério é, no capítulo XLII, irresponsável²²³; já em seu segundo retiro (*Tib.*, XLI), soma-se a isso o descontrole ao colocar o vício acima da responsabilidade de suas funções, o que o leva, por consequência, a não realizar feitos em nome da *res publica*, ou seja, feitos de *glória*.

A conduta de irresponsabilidade prossegue ao relatar que, na escolha dos candidatos para a questura, Tibério favoreceu um homem desconhecido que bebera à saúde do imperador em detrimento de “ilustres personalidades”, manifestando, assim, *inglória*. Se compararmos com o próprio Suetônio, na *Vida de Augusto*, que constitui o modelo ideal positivo do autor, observam-se condutas opostas. Em um capítulo de tipo equivalente, dedicada às festas públicas, Augusto respeita a ordem social de cada classe e estrato da sociedade; mesmo o convite a um liberto para partilhar da mesa aparece como premiação por feitos em nome da *res publica*²²⁴. Se analisarmos globalmente, considerando que esta capítulo XLII trata dos vícios, podemos concluir que a moralidade e a *moderatio* (entendida como equilíbrio nos hábitos alimentares e nos prazeres ligados às artes e à sexualidade) são comportamentos desejáveis no governante, como demonstra uma leitura de *De Clementia* e como apontou Brandão (2009). Tibério, portanto, expressa falta de *moderatio* na vida privada e *inglória* nas funções públicas.

Nesse rubrica há menção a “ilustres homens” (*Tib.*, XLII), expressão que já contém um conceito de *gloria*, pois corresponde a uma situação análoga em Cícero, que afirma que a República é gloriosa pela sucessão de cidadãos ilustres que asseguraram seu poderio (*Rep.*, In: CORASSIN, 2006, p. 272)²²⁵. Se focarmos no interior dessa expressão, segundo a concepção de Cícero, ela designa os homens romanos da vida pública dotados de *uirtutes*, isto é, aqueles em condições de assumir cargos públicos; pode referir-se também a homens que possuem tal

²²² “[...] a beber na companhia de Pompônio Flaco e Lúcio Pisão; a um deles deu, desde logo, a província da Síria, ao outro, a prefeitura de Roma, declarando no diploma de nomeação “que eram amigos deliciosos e de todas as horas”. [...]” (*Tib.*, XLII).

²²³ Mantendo o princípio dos antigos da imanência do caráter, como fora no começo de seu reinado pelo seu retiro em Rodes (*Tib.*, XIV).

²²⁴ “Oferecia frequentes repastos, sempre correctos e em que atendia, na escolha dos convivas, à classe e às pessoas. Vaério Messala conta que nunca teve à mesa nenhum liberto, salvo Mecenas, que obtivera a liberdade por lhe haver entregado a armada de Séxtio Pompeu. [...]” (*Aug.*, LXXIV)

²²⁵ “[...] nossa República, pelo contrário, gloriosa de uma longa sucessão de cidadão ilustres, teve para assegurar e afiançar seu poderio, não a vida de um só legislador, mas muitas gerações e séculos de sucessão constante.”

posição por herança familiar (CIC., *Brut.*, 16.62. In: LIMA, 2019, p. 21)²²⁶ ou àqueles que demonstram feitos em nome da *res publica*, qualificando-se, assim, para exercer novamente funções públicas. Trata-se, portanto, de homens que se caracterizam como possuidores de *gloria*²²⁷.

O relato de sua conduta para com os governadores de província mostra Tibério como *inglorius*. Suetônio (*Tib.*, XLI) e Tácito (*Ann.*, I.LXXX) tratam o episódio com características semelhantes. Trata-se de um comportamento reconhecido em um imperador considerado mau e *inglório*, tal como Sêneca descreve negativamente a conduta de Cláudio, ao retratá-lo como desinteressado pelos assuntos do Estado e dedicado apenas ao jogo de dados (*Apocol.*, XV.3) (FAVERSANI, 2007). Tibério adota como política prolongar indefinidamente os governos de província, mantendo indivíduos até a morte em cargos civis e militares. O motivo seria o apego à permanência de suas escolhas e a dificuldade de tomar decisões. Trata-se, portanto, de um comportamento equivalente à *inglória*, pois implica o abandono dos negócios públicos, atitude já observada em seu primeiro retiro para Rodes, cujo motivo alegado foi a “fadiga dos negócios públicos”. Tácito relata ainda que Tibério impede a partida daqueles que nomeara para os governos, de modo que tais regiões permanecem sem governante. Observa-se aqui tanto a noção de irresponsabilidade quanto a de negligência na manutenção da ordem. Os autores parecem induzir, por sugestão, que o resultado dessas ações seria a desordem nas regiões privadas de governo, o que reforça a caracterização de *inglória*.

Plutarco e Patérculo escrevem sobre César em período próximo ao de Suetônio e Tácito. Em uma parte da narrativa, Plutarco relata que o povo incitou Júlio a buscar cargos públicos, pois ele contava com a maior parte do *favor* popular (PLUT., *Vit Caes.*, VI, 7. In: JOSÉ, 2011, p. 118). Patérculo, por sua vez, afirma que isso levou Júlio à conquista de inúmeros cargos e magistraturas políticas e militares, destacando seu valor e zelo no exercício da pretura (Vell Pat., II, 43. In: JOSÉ, 2011, p. 119). Essa conduta de Júlio configura-se como uma conduta de *gloria*, em razão do bom exercício das funções públicas. Em contraste, Tibério é retratado por Suetônio e Tácito como alguém de desempenho negativo, ao abandonar os negócios públicos e ao não nomear governadores para as províncias, o que reforça sua caracterização como *inglório*.

²²⁶ “[...] pois as próprias famílias as conservavam, como honrarias e recordações suas para que as usassem quando alguém dessa mesma família morresse, para louvar a memória daquela casa e para ilustrar a sua nobreza. Entretanto, a nossa história foi adulterada com esses elogios” (*ipsae enim familiae sua quasi ornamenta ac monumenta seruabant et ad usum, si quis eiusdem generis occidisset, et ad memoriam laudum domesticarum et ad illustrandam nobilitatem suam. Quamquam his laudationibus historia rerum nostrarum est facta mendosior*)”.

²²⁷ Na passagem de *vida de Agrícola* (*Agr.*, I), Lima (2019) nos explica que Tácito insere seu texto na tradição que celebra homens ilustres, em que se louvam seus feitos, costumes e vitórias através de nobre *uirtus* e que se divulga a memória da *uirtus* dos homens *sine gratia aut ambitione*.

A glória militar da conquista expressa-se também no aspecto da gestão das forças militares, por vezes relacionada aos cargos tradicionais de comando de tropas, estando, então, ligada aos feitos em relação à *res publica*. Aquele que recebe o direito ou exerce a função de comandar tropas tem o dever de executar suas atribuições.

A *Vita de Tibério*, já no auge de seu governo, ao narrar seu abandono das funções públicas, acrescenta a descrição de sua negligência em relação às funções militares do Império: deixa várias regiões sem legados consulares e permite que outras sejam ocupadas por estrangeiros (*Tib.*, LXI). A *inglória* manifesta-se, assim, nesse comportamento, uma vez que Tibério deixa de proteger militarmente os territórios, abandona a conquista e a expansão e ainda consente na perda de regiões sob domínio romano.

Para evidenciar esse aspecto, pode-se recorrer à comparação com Sêneca. Na *Apocolocintose*, a nênia dedicada a Cláudio (*Apocol.*, XII.3), segundo a análise de Silva (2008), opera por meio da ironia: a referência à rapidez no enfrentamento de inimigos constitui uma pilhéria à deficiência de Cláudio, assim como a menção aos partos, cujo confronto ele evitou, alude a seus desatinos. Essa nênia, conforme Silva (2008), refere-se à única expedição militar de Cláudio, contra os britanos, confirmada por análise intertextual. Desse modo, Sêneca constrói um *exemplum* negativo de *gloria*, isto é, a ausência dela, já que Cláudio realizou poucas campanhas, não contribuiu para a expansão de Roma nem demonstrou coragem militar. A passagem (*Tib.*, LXI) também incorpora a noção de *gloria* ligada à honra pública: ambas as traduções indicam a ideia de vergonha ou desonra. A *honor*, entendida como reputação, aparece em diversas fontes, como em Augusto (*Res Gestae*, XIV), no *Carmen* de Horácio e em Sêneca, ao afirmar que a *clemência* é mais honrosa que o perdão (*Clem.*, I.V.3). O emprego desse vocábulo reforça, aqui, a ideia de *inglória* decorrente das perdas territoriais no campo militar.

Além disso, esse trecho da *Vida de Tibério* contrasta com sua escolha como sucessor por Augusto (*Tib.*, XXI), baseada nas qualidades de bom guerreiro e comandante. Tal natureza, antes dissimulada, revela-se agora de modo inverso: Tibério passa a encarnar a *inglória* ao abandonar a expansão e a defesa de Roma nas guerras externas.

Mais adiante, já na parte negativa da *Vita*, Tibério, investido como *imperator*, abandona completamente os negócios públicos (*Tib.*, XLI). Suetônio, para produzir efeito de *demonstratio*, afirma que ele nunca mais completou as decúrias do exército (as menores unidades militares), que deixam, assim, de ser recompostas. Essa atitude compromete diretamente a estrutura do exército romano, base da segurança interna e externa, além de elemento fundamental do corpo coletivo da cidade.

Esse comportamento contrasta com modelos positivos de *gloria*. As fontes sobre Júlio César destacam sua constante busca por grande comando (*magnum imperium*) e por novas guerras como forma de demonstrar sua *uirtus* (SAL., Cat., 53.4), bem como seu empenho contínuo na expansão de Roma, o que lhe assegura gloria e o aproxima de grandes generais como Pompeu, “cuja glória então florescia” (Vell Pat., II.46–47; Plut., *Vit Caes.*, XV.2–5; SUET., *Jul.*, XXIV.3. In: JOSÉ, 2012). De modo semelhante, na *Vida de Augusto*, este é apresentado como modelo positivo: organiza as forças armadas, distribui legiões e auxiliares, estabelece a armada para proteção marítima e define contingentes para a guarda de Roma e sua proteção pessoal (SUET., *Aug.*, LXIX).

Em contraste, Tibério não completa as unidades militares, não corrige deficiências, não amplia as forças nem promove melhorias. Ao fragilizar o corpo coletivo e agir contra o interesse público, sua conduta configura-se como inglória.

A gloria e a clementia diante dos comportamentos frente à ordem do corpo coletivo da res

Vamos pensar agora comportamentos que demonstram *gloria* e *clementia* no contexto de outras *uirtutes* que simbolizam relação com a *res*. A primeira demonstração que pode sugerir *inglória* é a *ambição*. A *ambitio* demonstrada por um indivíduo representa *ingloria* ou é capaz de anular a virtude da *gloria*? A ambição implica o desrespeito à *res publica*: quem ambiciona o poder exerce a política e a função de cidadão em benefício próprio, e não em favor do bem comum (perspectiva presente em Tito Lívio e Salústio) (MARQUES, 2007). Segundo Marques (2007), valores como *fides*, *pietas* e *concordia* constituem formas legítimas de dedicação à *res publica*, ao passo que a *ambitio* rompe com essa lógica.

Em Tito Lívio, a ambição aparece associada à quebra da fidelidade aos deuses e é apresentada como causa da decadência e da conquista de Roma (*Liv.*, 7.1, apud MARQUES, 2007). Em outro tempo da narrativa, a ambição pessoal dos decênviros conduz à *discordia* e à tirania (*Liv.*, III.44)²²⁸. Um comportamento contrastante aparece em Sêneca, ao mencionar Messala Corvino (*Apocol.*, X.1–12), atribui-lhe a afirmação “tenho vergonha do poder”²²⁹ e relata sua renúncia ao cargo por se julgar incapaz de exercê-lo. Tal atitude evidencia uma

²²⁸ Ainda, segundo o autor, após a Primeira Guerra Púnica, o crescimento do poder romano leva ao desrespeito de pactos de lealdade com outros povos, motivado pela ambição e pela sobreposição de interesses particulares ao bem público (MARQUES, 2007, p. 80).

²²⁹ Segundo a análise de Frederico Silva (2008) Corvino foi o primeiro nomeado para coibir escravos insubordinados com castigos.

virtude oposta à *ambitio*: o reconhecimento dos próprios limites e uma postura de humildade diante do poder, entendida como conduta positiva²³⁰.

Em Tácito, a caracterização inicial de Tibério reforça essa oposição. Ao descrever sua formação, o autor afirma que nela se cultivaram traços como ambição, dissimulação, cólera e torpeza (*Ann.*, I.IV). Aqui, ainda que os triunfos e consulados constituam distintivos de *gloria*, a atribuição de *ambitio* ao personagem funciona como elemento de desqualificação: ao agir movido por interesses próprios, e não pelo serviço à *res publica*, Tibério perde o reconhecimento necessário para que sua trajetória se converta em *gloria* legítima²³¹.

Os *uitia* ligados à queda da república e da ordem da *res* são recorrentes na narrativa das fontes romanas:

[...] Mesmo aqueles que dispunham de qualidades, distinguiram-se e agiam em função de vícios que parecem comuns ao longo da história (militar) romana. A *cupiditas* para alcançar *gloria* e *fama* se traduz em vícios recorrentes na caracterização de quase todos os generais aqui observados: *saeuitia*, *superbia* e *ambitio*, três problemas apontados como corruptores da *virtus* romana desde Salústio. (LIMA, 2019, p. 220).

Uma passagem de Salústio (*Jug.*, 6), ao fazer o retrato de Jugurta por meio da descrição da écfrase, narra suas virtudes na juventude: *engenho, força, bela aparência, gloria, querido por todos (fauor)*. Salústio narra que Micipsa temia que a natureza dos mortais, ávida de poder e cobiça, que desencaminha os homens até os mais moderados na esperança de despojos, afetasse Jugurta. As virtudes de Jugurta, que remetiam ao cidadão modelo positivo, são anuladas ou perdidas por apresentar vícios, entre eles nos aparece como especial a *cupiditas*, esta parece o vício que anula diretamente a *gloria*, pois transforma os feitos em interesse pessoal e de poder e não benefício da *res*. Assim, a *ambição* e a *cobiça* são vícios que anulam a *gloria*.

A *ambitio* também aparece em sentido positivo quando associada ao desejo de realizar feitos em favor da *res publica* e de progredir no exercício da cidadania e dos cargos; nesse caso, o sentido é equivalente ao da própria *gloria*. Em Tácito, essa ambivalência é explicitada em

²³⁰ Também lembramos que isso pode derivar do uso da razão para pautar ações, elemento do estoicismo presente em Sêneca. Sêneca expõe Cláudio como figura inepta ao poder, mas, como vemos, ao longo da *Apocolocintose*, Cláudio não reconhece sua inépcia, pois é abobalhado e fraco. São expressões de quem se interessa pelo serviço na *res* em pró do coletivo e não a exercer algo por interesse privado e ambição, ao mesmo tempo colocam o interesse público acima do seu próprio interesse privado.

²³¹ Em contraste podemos ver que Tácito em *Vita de Agrícola* narrou a juventude de Agrícola como cheio de um desejo de *gloria*, no sentido legítimo, que “Desde os primeiros anos de Agrícola, a *gloria* é um elemento que Tácito assinala. [...]” (LIMA, 2019, p. 67), primeiro na filosofia mas depois do serviço militar, buscou a *gloria* através do campo militar. A busca por *gloria* para Agrícola é positiva porque tem em vista a dedicação à *res* enquanto para Tibério é negativo pois seria apenas sua ambição, a *ambitio* anula a *gloria*.

uma cena no Senado: ao rememorar as últimas avaliações de Augusto sobre possíveis sucessores, afirma-se que Lépido era digno, mas carecia de ambição; enquanto Asínio possuía a ambição necessária, mas era incapaz; já Arrúncio reunia mérito e ambição suficientes (*Ann.*, I.XII)²³². A *ambitio* inclui a vontade de realizar feitos em nome da *res*.

Além da *ambitio* ser um comportamento que pode se relacionar com a *gloria*, a “sedição”, tema recorrente nas fontes romanas, é uma situação social que pode remeter à várias *uirtutes*. A sedição é vista, em geral pelos romanos, principalmente, como uma *perfidia*, mas a atitude de homens em posição de poder e na cidadania romana, com relação à sedição, podem remeter à *gloria* ou à *clementia*.

Uma cena em Tácito se refere ao encerramento de uma sedição (*Ann.*, I.XLV). Diante da insolência da quinta e da vigésima legiões, que não temem o castigo nem se submetem, mantendo um espírito sedicioso, a reação de Tibério é armar a frota no Reno e ameaçar o uso da força. A cidade, porém, o culpa: suas irresoluções astuciosas teriam ludibriado o senado e o povo, revelando falta de *auctoritas* e incapacidade de manter a ordem (precisamente o que se exige na resolução de uma sedição)²³³. Segundo a opinião corrente, a solução seria agir como um príncipe capaz de punir e recompensar; estando no vigor da idade, deveria tomar a iniciativa (*Ann.*, I.XLVI). Essa expectativa remete à figura do cidadão-guerreiro apto a agir em nome da *res publica*.

A ideia da força vital associada à juventude aparece também na *Vida de Tibério* (*Tib.*, X), mas com sentido distinto: em Suetônio, ela acompanha o abandono das funções públicas; em Tácito, evidencia a irresolução de quem, mesmo investido no poder, não age. Em Cícero, no discurso contra a conjuração de Catilina, uma sedição que ameaça a República, afirma-se que a repressão firme não gera ódio, mas *gloria* (*In Cat.*, I.29). Essa mesma percepção subjaz à narrativa de Tácito, o que nos faz sugerir que esta visão é comum nas fontes em relação à sedição.

A caracterização de Tibério como irresoluto (portanto, *inglorius*) prossegue quando se afirma que “[...] tinha determinado não sair da capital, nem comprometer sua pessoa e o Estado

²³² “[...] dos que teriam não só talentos, mas desejos de o conseguir, dissera: - “Que M. Lépido era merecedor, mas lhe faltava a ambição; que Galo Asínio a possuía, mas era incapaz; e que Arrúncio, não só era digno, mas tão ambicioso que, se a fortuna lhe soprasse, teria sobeja ousadia para usurpá-lo”. [...]”. Para a discussão sobre esse tema ver Lima (2019, p. 86) que conclui de forma convincente que se trata de fato da *ambitio*: “*audum et minorem [dixerat]*” e “*non indignum et si casus daretur Ausurum*” (*Ann.*, I.13.2).

²³³ A noção de que a sedição é ameaça à ordem e que os homens de poder devem resolvê-la é antiga e recorrente nas fontes romanas (*Leg.*, III.24; *Pro Flacco*, *op. cit.*; *Clem.*, III.X.2-3).

[...]” (*Ann.*, I.XLVII)²³⁴. Em contraste, o relato seguinte apresenta Germânico tomando a iniciativa: ele busca vingar-se dos sediciosos, mas antes demonstra *clementia*, concedendo tempo para a rendição e tentando dissuadir Cecina por carta; ao mesmo tempo, age com firmeza ao prometer punição. Germânico constitui, assim, o contraponto a Tibério: onde este vacila, aquele atua decisivamente para debelar a sedição (*Ann.*, I.XLVIII).

Essa figura aproxima-se do modelo ciceroniano nas *Catilinárias* (*In Cat.*, I.4–5)²³⁵, em que o orador afirma desejar ser clemente, mas reconhece a necessidade de agir com firmeza diante da ameaça à República. Ambas são situações que tratam de sedição. Germânico consegue, por meio de sua intervenção, que parte dos sediciosos se submeta, enquanto outra parte é enfrentada, instaurando-se um conflito interno. Embora Tácito não nomeie explicitamente a *gloria*, ela está implícita: Germânico realiza um feito em nome da *res publica*, restabelecendo a ordem, a *fides* e a *concordia* nas tropas, além de demonstrar *clementia*. Tibério, por sua vez, permanece associado à *ingloria*, sem que lhe seja atribuída qualquer ação clemente. O vínculo entre esse tipo de ação e a *gloria* aparece de modo explícito em Cícero: ao instar Catilina a render-se ou, caso persista na sedição, a enfrentar a guerra contra a pátria²³⁶, indica que sua derrota será fonte de louvor e *gloria* (*In Cat.*, I.23)²³⁷. Ainda que vitórias contra cidadãos romanos não gerem triunfo, Cícero não exclui a *gloria* nesses casos.

Em Tácito, o fim da sedição (*Ann.*, I.LII) não confere *gloria* a Tibério, mas apenas tranquilidade, ao afastar a ameaça à sua *auctoritas*. A comparação com Tito Lívio reforça esse ponto: “Os principais cidadãos da Etrúria bradavam nas assembleias que o poder de Roma seria eterno, a não ser que fosse destruído por sedições internas. O único veneno, único mal que arruinava as cidades ricas e tornava mortais os grandes impérios [...]” (*Liv.*, III.33. In: MARQUES, 2007, p. 66). O debelamento da sedição constitui, portanto, *gloria*, por ser um feito em favor da *res publica*: a realização da *concordia* unifica o corpo da cidade e fortalece Roma frente aos inimigos externos. Estamos em consonância com a noção de “ordem social”.

²³⁴ O temor de Tibério revelado por Tácito é não conseguir a *fides* do exército, também não conseguir enfrentar dois exércitos em sedição (Germânia e da Panônia).

²³⁵ “[...] Se agora, Catilina, eu ordenar que seja preso, que sejas morto, meu maior temor, imagino eu, deverá ser não que todos os homens de bem digam que eu fiz isso muito tarde, mas que alguém fale que agi cruelmente. [...]”

²³⁶ Nesta passagem de Cícero, assim como em outras várias passagens que Tácito trata da sedição o termo usado é *bellum*, que significa guerra. Barbosa (2019, p. 11) explica que *bellum* é termo utilizado apenas ao designar ataques à República, vide os casos de Mário contra Sila e de César contra Pompeu.

²³⁷ “[...] Se, porém, preferes servir ao meu louvor e glória, afasta-te com o perigoso bando de criminosos; junta-te a Mânio; excita os cidadãos perdidos; separa-te dos bons; lança uma guerra contra a Pátria; orgulha-te do ímpio latrocínio para que pareças ter ido não expulso por mim para junto de estranhos, mas convidado, para junto dos teus.”

A sedição também está em relação à *clementia*, pois tais situações se relacionam para os romanos com a manutenção da ordem, assim, os comportamentos dos homens nos cargos públicos em relação à sedição pode demonstrar *clementia*. Tácito e Suetônio abordam o comportamento que expressa a *clementia* diante da sedição, relação recorrente nas fontes ao longo da história da República e do Império. No passo das *Catilinárias* (*In Cat.*, I.4), Cícero afirma que o Senado ordenara ao cônsul que tomasse medidas para que “a República não sofresse prejuízo”, evocando precedentes como a morte de Caio Graco e de Marco Fúlvio, associados a suspeitas de sedição. Ainda que declare o desejo de agir com *clementia*, Cícero sustenta que não pode deixar de agir diante do perigo que a sedição representa. Desse modo, a *clementia* só é aplicável quando a *res publica* não está sob ameaça (em consonância com a noção de “ordem social”).

Essa concepção é reforçada por Sêneca, que define a *clementia* como virtude que exige equilíbrio e moderação: seu uso indiscriminado gera vícios (*Clem.*, Pr. II.2), e sua aplicação deve respeitar limites, atribuindo a cada um o que lhe é devido (*Clem.*, II.1.1–2). Portanto, a *clementia* não pode encobrir ações nocivas ao bem público. O que se aplica tanto ao caso de não agir contra a sedição quanto ao caso de se agir sem a *moderação* que a *clementia* garante.

No contexto da narrativa da sedição, Tácito descreve a violência decorrente da discórdia entre as tropas; uma vez restabelecida a obediência sob Germânico, os soldados buscam expiar suas faltas marchando contra o inimigo: “[...] expondo eles seus peitos ímpios a honrosas feridas [...]” (*Ann.*, I.XLIX). A *gloria* surge aqui em sua acepção mais antiga, como coragem marcial e dedicação ao serviço militar, tal como nas *laudationes* (por exemplo, na de Cipião), em que se exalta o valor do soldado como fundamento do reconhecimento público (LIMA, 2019, p. 20).

Voltemos na sequência narrativa em Tácito, essa noção aparece no episódio da sedição das tropas que contestam a ascensão de Tibério, mais ao início dos *Anais*, pois agora podemos aproveitar as explicações a partir das fontes de Cícero sobre a sedição. Os soldados reconhecem a gravidade do crime de sua conduta sediciosa e temem a punição, enquanto Druso, encarregado de resolver a crise, adota uma postura clemente: em seu discurso, compromete-se a interceder por eles junto ao *imperator*, desde que mantenham *moderatio* e disciplina (*Ann.*, I.XXIX). Nessa cena, Druso, como emissário do poder imperial, encarna a *clementia*.

Entretanto, surge um ponto conceitual importante: a relação entre *clementia* e “perdão”²³⁸. Na *Vida de Agrícola*, o termo *clementia* não aparece, e Tácito emprega *uenia* no sentido de “perdão” ou “indulgência”²³⁹. Em Salústio, por exemplo, César conquista *gloria* “perdoando” (*ignoscundo*) (*Cat.*, 53.6), o que se aproxima semanticamente da *clementia*. O mesmo ocorre em Tácito ao narrar Corbulão (*Ann.*, XIII.35.3–4), ao usar *ignoscebatur* (“havia perdão”) (LIMA, 2019). Assim, embora *uenia* e *clementia* não sejam termos idênticos, o “perdão” pode assumir o sentido de *clementia*, isto é, a moderação da pena devida.

No caso das legiões, a *clementia* de Druso é inicialmente reconhecida, mas ele combina essa postura com o rigor necessário: para conter a sedição, ordena a execução dos líderes (*Ann.*, I.XXIX). Sua conduta, portanto, é clemente em relação ao conjunto das tropas, mas inflexível diante da indisciplina, aproximando-se da posição de Cícero²⁴⁰, embora com avaliações distintas.

Essa mesma lógica aparece em outra passagem dos *Anais*, quando Germânico resolve a sedição do exército do Alto Reno. Tácito registra que muitos consideravam sua atitude excessivamente branda (“[...] já bastantes erros [...] e em se ter usado com eles de resoluções tão suaves [...]” - *Ann.*, I.XL), o que indica que se esperavam punições mais severas. Ainda assim, Germânico opta por atenuar a repressão, demonstrando uma *clementia* que, embora moderada, permanece dentro dos limites impostos pela preservação da ordem.

Dimensões específicas da gloria:

A *gloria* aparece nas fontes além da *glória* militar e dos feitos nos cargos da *res*, relacionada à algumas esferas e formas específicas da vida. Sua primeira forma, segundo Knoche (*apud* PEREIRA, 2002, p. 346), a *gloria* só adquire sentido no âmbito masculino, pois está vinculada ao reconhecimento de funções cívicas e militares tradicionalmente reservadas aos homens²⁴¹, isso vale para a *vida de Tibério* e para o Livro I dos *Anais*, conforme também vale para os escritos de Cícero (PEREIRA, 2002)

²³⁸ Lima (2019) sugere, entre as hipóteses, que há outros tipos de perdão diferentes da *clementia* e a necessidade de Tácito de afastar o comportamento de Agrícola da *uirtus* da *clementia principis*, visto que a competição poderia gerar risco diante do *imperator*.

²³⁹ Cf. Lima (2019, 78, nt 67) cita Benferhat (2007, p. 185 e ss.).

²⁴⁰ A sedição da Germânia é descrita com procedimentos da *écfrase*, relatando ação por ação, fica expresso seu caráter violento e funesto (*Ann.*, I.XXXII).

²⁴¹ A visão romana sobre os valores separava aqueles que eram esperados do homem e da mulher, atribuindo positivamente comportamentos diferentes, ao homem a *uirtus* e a mulher à *pudicitia*. “[...] Cícero assim explicara: “a *uirtus* é assim denominada a partir de *uir*” (*appelata est ex enim uiro uirtus*; CIC., *Tusc.*, 2.43). Nesse sentido, relacionada diretamente ao gênero masculino, ou com a masculinidade, *uirtus* adquiriu esse aspecto semântico de coragem bélica.” (LIMA, 2019, p. 18). “O equivalente à *uirtus* da mulher é a *pudicitia*. Em Tácito, há uma

Na biografia de Tibério, ao tratar de sua genealogia, observa-se que a *gloria* é atribuída aos parentes homens, enquanto as mulheres são avaliadas sobretudo por comportamentos associados à *castitas* e à *pietas* (Tib., II). De acordo com Brandão (2009), essa distinção se evidencia na construção de *exempla* femininos: uma figura pode ser apresentada como modelo de *pudicitia*, em contraste com a irmã de Cláudio Pulcro, caracterizada pela *superbia*, em razão de suas palavras ímpias.

A segunda forma é a *gloria* atribuída a seres não humanos. Encontramos a *gloria* atribuída ao povo. Em Cícero, a Grécia brilhara no passado com esplendor pelo poder e extensão de seu domínio e sua *glória*²⁴² (CIC., *Pro Flacco*. In: NICOLLET, 1992, p. 14²⁴³). O livro I dos *Anais* já começa com a presença da *gloria* atribuída ao povo. Esse primeiro capítulo reproduz as noções de Salústio (*Cat.*, I.6), Tácito imita o que Salústio escreveu (MARQUES, 2007). No entanto, a referência não é direta ao termo *gloria*; a expressão textual é “*sed veteris populli Romani prospera vel adversa claris*”, que, em uma tradução (1964), é expressa como “[...] os sucessos do antigo povo romano que [...] ora foram prósperos, ou adversos, [...]” (*Ann.*, I.I) 1964), enquanto em outra aparece como “[...] antigas glórias e desastres do povo romano” (MARQUES, 2007, p. 11)²⁴⁴.

De qualquer forma, temos aqui o sentido da *uirtus gloria*. A *gloria* do povo é citada aqui, atribuída a povos vencedores, ao domínio militar sobre outros povos, lembrando que, na concepção de história romana substancialista-humanista, é comum uma cidade agir como um personagem (indivíduo).

atribuição indireta da *uirtus* à escrava Epicaris (*Ann.*, 15.48). Sobre essa personagem, vide Pimentel (2013).” (LIMA, 2019, p. 18, Nt. 11).

²⁴² Em tempos de Tito Lívio: “[...] Tito Lívio conclui que mais grandiosa e legítimas ainda são a origem de Roma e a glória militar romana, já que é na verdade o deus Marte o fundador da cidade [...]” (MARQUES, 2007, p. 34).

²⁴³ “Outrora, os Romanos, tão avisados e escrupulosos, negaram toda a soberania à assembleia pública; para os plebiscitos e para as decisões do povo, decidiram que, depois da separação da assembleia, se atribuisse ao povo diferentes lugares de reunião, dividindo-o por tribos e centúrias, segundo a ordem, a classe e a idade; que os autores da proposta fossem ouvidos, que durante alguns dias a própria proposta estivesse afiada e fosse levada ao conhecimento do público e que só então se adoptasse ou recusasse o projecto. Pelo contrario, os Estados gregos são governados unicamente pela vontade irreflectida de uma assembleia sentada (em degraus). Assim, para não falar da Grécia de hoje, outrora prostrada e arruinada pelas suas deliberações, a Grécia antiga, que brilhou com um tão vivo esplendor de seu poder, pela extensão de seu domínio e pela sua glória, ficou a dever a sua decadência a um único vício: a liberdade ilimitada e a licenciosidade das suas assembleias. Homens incompetentes em tudo, rudes e ignorantes reuniam-se no teatro, decidiam guerras inúteis, conferiam o governo a sediciosos, baniam os cidadãos que melhor tinham servido a pátria.”

²⁴⁴ “[...] Porém os sucessos do antigo povo romano que, segundo sua variedade, ora foram prósperos, ora adversos, já grandes escritores têm publicado: [...]” (Trad. J. L. Freire de Carvalho. W. M. Jackson inc., XXV, São Paulo, 1964, p. 3). “Mas as antigas glórias e desastres do povo romano já foram recordadas por eminentes escritores: e não faltaram grandes talentos para narrar a época de Augusto, até que a crescente adulação os fez interromper. As histórias de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram adulteradas por conta do medo, e ainda depois de suas mortes, escritas sob ódios recentes, portanto resolvi escrever um pouco sobre os últimos tempos de Augusto, e depois sobre o principado de Tibério adiante, sem rancor ou partido, pois não tenho motivos para isso.” (*Anais*, I.1, cf. MARQUES, 2007, p. 11-12)

Tácito, na cena que narra a disputa entre municípios e colônias sobre a proposta de desviar os rios do Tibre, diz que o rio Tibre, perdendo vazão pelo desvio de rios, perderia a antiga *gloria*²⁴⁵ (*Ann.*, I.LXXIX). O Tibre tem o reconhecimento coletivo dos cidadãos pela sua abundância, no sentido de fama. Temos a mesma lógica da *gloria* de Roma: o ser inanimado que assume uma ação na história, o rio é reconhecido por sua *gloria*.

A *gloria*, em uma terceira forma, é associada ao poder político pessoal, constituindo outro elemento da tradição de estabelecimento do poder e da legitimidade em Roma. Esse atributo é conferido aos chefes políticos e militares na República e ao imperador no Império (FRANÇA E VENTURINI, 2011). No contexto do triunvirato, o poder de governar foi atribuído a três generais com o objetivo de controlar a população, organizar a sociedade romana e restabelecer e manter a ordem (FRANÇA E VENTURINI, 2011). Assim, a *gloria* é reconhecida naqueles que alcançam vitórias militares e naqueles em quem se identifica a capacidade de manter a ordem e exercer o controle da população.

Tácito descreve a centralização desse poder na figura do príncipe, de modo que o principado concentra tanto o poder pessoal dos homens de destaque quanto o poder institucional na figura do príncipe (*Ann.*, I.XV). A *gloria* aparece, em Tácito, no discurso de Germânico em resposta à sedição, no qual afirma estimar tanto a família quanto a República e declara que, pela *gloria* do imperador, sacrificaria a si mesmo (*Ann.*, I.XL)²⁴⁶. Ao evocar Júlio e Augusto como exemplos de obediência das tropas, Germânico busca assegurar, com isso, a submissão dos soldados ao *imperator*. Nesse contexto, a *uirtus* é atribuída ao *imperator* enquanto posição centralizada de poder²⁴⁷, não sendo vinculada especificamente a Tibério, mas ao imperador em geral. Tal atribuição se expressa, no texto, como reconhecimento público do *imperator* por parte dos soldados²⁴⁸.

A *clementia* em Suetônio e Tácito

Tratemos agora da presença, em Suetônio e Tácito, da *clementia* em seus vários aspectos, situamo-nos essencialmente no âmbito da *res publica* e dos cargos públicos. Primeiramente, no sentido mais básico e geral: refrear o poder de punir, abrandar a pena

²⁴⁵ “[...] e que até o mesmo Tibre, agora privado de tantos feudos que o faziam majestoso, não folgaria correr com menos glória e riquezas que antes tivera. [...]”

²⁴⁶ Trata-se de um discurso construído com ornamentos retóricos, como a *exclamatio* e a *interrogatio*, que aludem ao título de *imperator*, isto é, ao poder de comandar exércitos.

²⁴⁷ A *uirtus* é centralizável dentro do processo também da assimilação de *uirtus* ao indivíduo pelo seu poder pessoal, como a *uirtus* da *magnitudo animi*, que é a virtude do homem individualmente disposto a realizar grandes ações, passa a considerar virtudes pessoais (BRAREN, 2013), na centralização no principado.

²⁴⁸ Suetônio narra a mesma história (*Tib.*, XXV), as tropas pedem que Germânico tome o poder e ele se nega, mas não traz a *gloria*, apenas a alusão à *auctoritas*.

merecida, exercer uma moderação que retira algo da punição. Entre as primeiras medidas do governo de Tibério está o adiamento, por dois anos, da acusação de Libão, motivado por seu desejo de não iniciar o reinado com *crudelitas* (*Tib.*, XXV)²⁴⁹. Tibério limita-se a tomar precauções, de modo que a *clementia* se manifesta nesse refreamento, sendo a *crudelitas* explicitamente apontada como o vício que ele busca evitar.

Como Libão preparava secretamente uma revolta (*Tib.*, XXV), Tibério possuía o direito de puni-lo; ao não o fazer de imediato, refreia seu poder de punir. Além disso, não executa diretamente a pena, levando a acusação ao Senado (instância “oficial”, segundo a tradição, responsável por aplicar a pena capital). Com isso, demonstra respeito à ordem institucional e limita seu próprio poder, aproximando-se do ideal de *princeps* apresentado por Sêneca, como no discurso atribuído a Nero, que ressalta o mérito de poupar vidas (*Clem.*, Pr.1.3–I.1.4).

A *clementia*, ao contrário, é um valor positivo precisamente porque se funda no uso racional do poder (*Clem.*, II.III.2). Assim, a atitude de Tibério, nesse episódio, parece menos uma simples expressão de uma *uirtus imperatoriae* do que uma estratégia de autopreservação política: ele não refreia seu poder por encarnar a virtude esperada de sua posição, mas por cautela diante das circunstâncias, ou seja, alude à *auctoritas*.

Passemos agora a um dos aspectos da *clementia*: sua aplicação na política externa. Júlio César adotara a *clementia caesaris* para com o povo romano e para com os membros dos patrícios, seus rivais políticos, mas, ao tratar os inimigos gauleses, egípcios, os piratas, e dos estrangeiros e criminosos, em geral, César não se preocupava em aplicar um tratamento leniente e clemente, ou seja, a clemência na política externa (HRUSCÃ, 2012). Isso demonstra que já era uma *uirtus* esperada de possível aplicação. Na *Eneida*, a *clementia* é citada como qualidade do povo romano para com os povos dominados: “[...] poupar os vencidos e derrubar os orgulhosos” (*A.*, VI.853). Braren (2013) explica que a clemência para com os povos vencidos tem o objetivo de garantir ampliação do poder político de Roma.

Tácito (*Ann.*, I.IX)²⁵⁰ afirma que, em Augusto, se expressa a *clementia*, embora não citando-a diretamente, associando a ascensão de Augusto a um tempo em que se viu a clemência

²⁴⁹ “[...] Quanto a Libão, visto não querer principiar o seu reinado com crueldades, acusou-o, perante o Senado, só dois anos depois, limitando-se até aí a tomar algumas precauções. [...]”

²⁵⁰ “[...] dilacerada pelos diferentes partidos, senão a autoridade e o governo de um só. Que desta forma a república recobrou sua dignidade e suas forças: e não com o título de um rei ou de um ditador, mas simplesmente de um príncipe. Que o império tivera por limites o Oceano e os rios mais distantes, que as províncias, as legiões, as esquadras e, em uma palavra, todas as coisas ficaram em estreita união, que fizera justiça aos cidadãos e tratara com doçura os aliados, que a mesma Roma ganhara em magnificência e riquezas – e que finalmente, para conservar a tranquilidade pública, bem poucas violências se tinham empregado.”

no trato com aliados de Roma. Também aparece ao tratar os cidadãos com justiça e a tranquilidade pública, por não praticar violências.

Na *Vida de Tibério* (*Tib.*, XXXVII), sugere-se que, Tibério apresenta um comportamento clemente para com os povos externos, remetendo à sua *fides*²⁵¹, mesmo diante de atitudes de *perfidia*. Em Sêneca, encontramos a referência a agir como uma “mulherzinha” quando se procede pelo instinto e não pela razão; nesse sentido, quem age por compaixão torna-se permissivo com os criminosos e, portanto, negligente quanto à segurança (*Clem.*, II.III.1; BRAREN, 2013). No *Tratado da Clemência*, Sêneca reprova a compaixão por considerá-la contrária à razão: sendo contemplativa, ela impede a ação, que exige racionalidade, esta é atributo do homem sábio. Assim, tristeza, pesar e compaixão obstam a ação porque dificultam o pensamento necessário para enfrentar os infortúnios; a compaixão conduz ao sofrimento da alma e inviabiliza soluções para os acasos (*Clem.*, II.III.3–II.IV.1). Também se condena o extremo oposto, isto é, a entrega à fúria diante do infortúnio (*Clem.*, II.III.5). Desse modo, vê-se que Sêneca estabelece a *moderatio* como critério definidor da *clementia*.

À luz dessa definição, observa-se que, na política externa, Tibério age de forma dura em casos como o de Polência, ao reduzi-los a ferros por extorquirem um herdeiro que recorria à violência contra cidadãos romanos²⁵². Por outro lado, seu comportamento pode ser considerado clemente quando comparado ao modelo senequiano, pois refreia o uso da força ao conter levantes inimigos, submete reis adversários mais por meio de queixas e ameaças do que pela violência e procura atraí-los com lisonjas e promessas. Embora o texto não empregue explicitamente o termo, sugere essa interpretação ao afirmar que ele atua “mais do que com a força” (*Tib.*, XXXVII).

Percebe-se, assim, a coexistência de comportamentos virtuosos e viciosos, o que corresponde ao modelo biográfico de Suetônio, que frequentemente constrói perfis duais, como já observado na análise do capítulo 1 (SOBRAL, 2007). Há ainda outro aspecto: na mesma rubrica (capítulo), trata-se da proteção contra roubos, bandidos e sedições (isto é, da segurança),

²⁵¹ Emprega-se, inclusive, o termo “amizade”. É recorrente, nas fontes, empregar “amizade” para alianças entre os patrícios romanos, como em Salústio (*SAL.*, *Cat.*, 53.4). Em Sêneca, lê-se: “Exerceu seu poder para matanças e rapinagens, e se tornou suspeito através de todos os seus atos [...] recorrendo às armas, enquanto tema as armas, não crendo na fidelidade dos amigos nem na afeição dos seus filhos.” (*Clem.* III.XI.3).

²⁵² Retiramos a narrativa presente nesta parte da *vida de Tibério* (XXXV–XXXVII) de qualquer relação com a *clementia*, por isso não vemos aqui a *crudelitas*. Trata-se de rubricas (capítulos) dedicadas a narrar a *severitas*, vista como positiva em Tibério, narradas também pelo valor do *moss*, que restabelece costumes antigos. Como mostrou Brandão (2009), os imperadores de Suetônio são vistos positivamente se protegem a moralidade. Também no capítulo XXXVII, a noção de segurança se refere à busca da ordem e estabilidade, também ao *moss*. Não se trata, portanto, de *clementia*, salvo a parte do capítulo XXXVII que trata da política externa, na qual há a *clementia*, é essa que analisamos.

motivo pelo qual Tibério distribui volumosos destacamentos militares pelas províncias (*Tib.*, XXXVII). Com Brandão (2009, p. 213), entendemos que tais medidas podem ser definidas como repressivas, voltadas contra a exploração e destinadas à restauração da ordem.

Segundo Sêneca, a grandeza daquele que ocupa posição superior e é reconhecido como protetor de todos, garantindo-lhes segurança, faz com que seus súditos se mostrem dispostos a defendê-lo contra conspirações (*Clem.*, III.1.3–5)²⁵³. Assim, a comparação com Sêneca permite concluir que a prática da segurança pelo príncipe não exclui a *clementia*; ao contrário, a *clementia* integra o próprio modo de exercer a segurança.

Em Tácito, a *clementia* aparece no campo da guerra. Na parte final do livro I, a guerra vitoriosa contra os Catos leva à fuga dos derrotados e faz uma parte dos inimigos procurar a *clemência* de Germânico (*Ann.*, I.LVI). Aqui, não relata a clemência de Germânico, mas Tácito reconhece que, na guerra, os inimigos derrotados pedem a *clemência* dos romanos. É provável que tenha em mente a memória da *clementia* reconhecida em Júlio e Augusto no passado.

A passagem seguinte desta guerra tem outra manifestação da mesma forma de *clementia* na política externa; o vocábulo *clementia* está expresso. Segismundo, o filho de Segestes, vem aos romanos pedir *clementia* por sua atitude de ter, no passado, rasgado as insígnias sacerdotais e fugido para o lado dos rebeldes (*Ann.*, I.LVII)²⁵⁴. Aqui, a *clementia* é pedida para uma conduta de *perfidia*. Lembramos Sêneca, que argumenta que o príncipe se verá vingado se ver os ofensores a seus pés (*Clem.*, III.XVIII) e o mesmo argumento ao relacionar à Augusto como *exemplum* ao perdoar seus inimigos vencidos na guerra civil (*Clem.*, III.VIII.1). Embora Sêneca esteja falando de conflitos internos de Roma, o sentido é o mesmo: é melhor perdoar o antigo inimigo. Observa-se, portanto, o mesmo princípio tanto no caso de Augusto com seus adversários quanto na relação dos romanos com Segismundo.

Mais à frente, em Tácito, outro conflito termina com Estertínio destacado para receber Segimero e seu filho; os dois foram perdoados, e até mesmo o filho, que havia insultado o cadáver de Varo, foi perdoado (*Ann.*, I.LXXI). O perdão, aqui, é tal como a forma da *clementia* é aplicada.

Partindo agora para outro âmbito, mais geral, do exercício do *imperator*, a *crudelitas*, vício correspondente ao comportamento contrário à *clementia*, é demonstrada pelo *princeps* mau em meio aos seus diversos outros vícios. Vários elementos da narrativa da *Vita* e dos *Anais*

²⁵³ O argumento retórico de Sêneca, que visa persuadir, afirma que esse sacrifício do povo para defender seu príncipe não é falta de razão do povo, nem o príncipe ao ver tantos morrerem por isso não é falta de clemência (*Clem.*, III.I.4), pois é um vínculo de unidade.

²⁵⁴ “[...] Lisonjeado porém com a esperança da *clemência* romana, obedeceu a seu pai; e sendo muito bem recebido, foi enviado com uma escolta para além do Reno. [...]”

compõem um tirano. Um conjunto de *uitia* compõe a imagem de um tirano para os antigos. A tradição da tirania, que compõe a análise das *Vidas* de Suetônio e dos *Anais* de Tácito, está inserida em um *topos* da história antiga. Nessa composição de um comportamento tirânico encontraremos a ausência de *clementia* e o comportamento ausente de *gloria*, ou seja, a *crudelitas* e a *inglória*; por isso construiremos aqui uma análise da concepção de tirania no mundo antigo.

A tradição da caracterização do Tirano está presente em Políbio (7.7), que afirma haver autores que descreveram de forma trágica a crueldade e impiedade de Jerónimo, o tirano de Siracusa. Já Cícero teme ser visto, na posição de cônsul, como tirano de grande crueldade (*In Cat.*, II.14). Em Titio Lívio, no livro II, há oposição entre a tirania monárquica de Tarquínio e a *libertas* (MARQUES, 2007).

Suetônio, ao se inserir nessa tradição, fornece, como exemplo da crueldade de alguns imperadores, cenas violentas e horrendas, como o caráter de espetáculo das execuções, que expressam tal crueldade (BRANDÃO, 2009). Da mesma forma, Tácito narra certas cenas de mesmo tipo. Os tiranos são caracterizados, na tradição da escrita dos antigos, por um conjunto de *uirtutes* que o compõe. Dissemos *uirtutes* de forma irônica, pois os tiranos são compostos de *uitia* (vícios), dos quais registramos aqui, em forma de vocabulário, as principais que encontramos no mundo antigo em fontes próximas de Suetônio e Tácito.

As tragédias gregas e romanas elaboram um modelo de Tirano, em que se sobressaem a incontinência, o *medo*, a *avidez* e a *impiedade* (LOHNER, 2020). Na tragédia de Eurípides, *Suplicantes* (399-462), o temor aparece como tema da tirania (LOHNER, 2020, p. 168, Nt. 42). Sêneca (*Clem.*III.XIV.1)²⁵⁵ associa ao tirano a *perfidia*, a *impietas* e a *ferocitas*, os vícios correspondentes à falta de *fides*, *pietas* e *clementia*.

A imagem de Tibério é a de um tirano, assim, inserido nessa tradição. Tibério já é retratado como Tirano bem antes da proximidade da morte. No momento da ascensão ao império (*Tib.* XXIV), Tibério desfila com a guarda-costas, elemento associado à expressão e tirania, desde Pisístrato, em Atenas²⁵⁶. Os tiranos também se caracterizam pelo requinte de crueldade, pelo prazer em seviciar e pelo gosto pela tortura (BRANDÃO, 2009). Caracterizam-se, ainda, pelo humor mórbido advindo da tortura de condenados ou de cidadãos, conhecida no

²⁵⁵ “[...] As nações e os povos de tiranos e aqueles a quem a crueldade era um flagelo e aqueles que ela ameaçava propuseram extirpá-la. Algumas vezes, seus guardas sublevaram-se contra os próprios tiranos e aplicaram-lhes tudo o que aprenderam deles: a perfídia, a impiedade e a ferocidade. [...]”

²⁵⁶ “[...] vide com. de Lindsay, H., 1995, 109. É seguida aqui uma tradição hostil transmitida por muitos historiadores, entre os quais poderiam estar Aufídio Basso, Servílio Noniano e Sêneca, o retor: vide Gascou, J. 1984, 264-265.” (BRANDÃO, 2009, p. 146, Nt. 51).

campo da *saeuitia* e da *crudelitas* (BRANDÃO, 2009). “Os tiranos exercem também o seu poder no domínio sexual. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 193). Dião Cássio (67.6.3-4) afirmara ser do gosto de Tibério o comércio com mulheres e rapazes.

A escrita dos imperadores de Suetônio é afetada por essa tradição negativa que atribui ao tirano todos os vícios, tanto na vida pública quanto na vida privada (BRANDÃO, 2009)²⁵⁷. Os tiranos são qualificados nos atos de pedofilia, abuso de matronas e homens livres, além das associações da sodomia e do sadismo. Assim, expressa-se, por meio de descrições *écfrásicas* a tirania: Tibério manifesta a *impudicitia* dos tiranos, no campo do descontrole sexual, narrado na forma do gosto pela orgia, por seduzir crianças, mulheres, homens livres (*impudicitia*). Atos que expressão o exercer poder no domínio sexual (BRANDÃO, 2009): Tibério expressa o comércio carnal e o incesto (*Tib.*, XLV). O capítulo do comportamento sexual de Tibério é colocada entre os “Quantos vícios foram mal disfarçados por muito tempo?” (BRANDÃO, 2009, p. 376). Tibério revela sua *dissimulatio* e, portanto, qualifica a presença de vários vícios, entre eles sua *crudelitas*. Dessa forma aparece como uma amplificação.

Dentro dessa tradição narrativa, a construção de Tibério imperador segue a doutrina de caracterização da tirania:

Do ponto de vista doutrinal, tomando como exemplo os monarcas helenísticos, todo o tirano evidenciaria à partida *inciuilitas*, *saeuitia* ou *crudelitas*, *luxuria*, *rapacitas*, *libido* exagerada (que inclui abuso de matronas e homens livres, *impudicitia* e incesto) e *impietas* contra os deuses, contra a pátria e contra a família (parricídios, matricídios, morte de familiares). E, se não apresentava estas características, conclui-se que as dissimulava: [...] (BRANDÃO, 2009, p. 239).

A descrição das atividades literárias e artísticas também qualifica Tibério com alguns elementos do tirano²⁵⁸. O capítulo de Tibério que relata as artes²⁵⁹ (*Tib.*, LXX) sua caracterização é, principalmente, como exagero, inépcia, o ridículo e a *hybris*. Na visão de Sêneca, o intelectual que possui o saber, mas não o converte em prol dos homens, possui algo inútil (SILVA, 2008). É propriamente este o comportamento de Tibério.

²⁵⁷ “[...] Aos tiranos é imputado o crime de sodomia, com requintes de sadismo, como no caso do *minister* [...] desejar ser dominados através da pederastia passiva. Estes são *topoi* habituais da descrição dos tiranos. A *libido* faz parte integrante do discurso contra a tirania.” (BRANDÃO, 2009, p. 375-376).

²⁵⁸ Se julga, entre os romanos, que as *disciplinas* liberais formam um caráter virtuoso (BRANDÃO, 2009, p. 225, N. 22).

²⁵⁹ A *Vida de Tibério*, já na sucessão, traz uma carta de Augusto que se despede “[...] Adeus, [...] general querido do meu coração e das musas.” (*Tib.*, XXI), que associa Tibério à dedicação ao ócio, ao seu gosto pelas artes - musas eram entidades a quem eram atribuídas a capacidade de inspirar a criação artística ou científica, sugere que sua inclinação era para as artes.

Comparando Tibério e Augusto, vemos, a definição, em Suetônio, do tirano e do príncipe ideal. A *Vida de Augusto* traz sua dedicação à eloquência e artes liberais. Ao falar, possuía voz doce (*Aug.*, LXXXIV), seu gênero de composição era equilibrado e elegante e esforçava-se para exprimir claramente o pensamento. Augusto desdenhou da afetação e charlatanice como vícios no âmbito da obscuridade, quanto ao tema da grafia, era de opinião de que se escrevia como se fala, buscando, então, clareza e simplicidade (*Aug.*, LXXXVI).

Em contrapartida, as artes liberais da *Vida de Tibério* o marcam com as características do tirano: *hybris, obscurus, sed adfectatione et morositate nimia obscurabat stilum*, (obscuro, descontrolado, excessivo, moroso, afetado). Essa caracterização se assemelha ao *De Clementia*, que situa o bom príncipe como aquele que presta socorro ao Estado, que socorre o povo, em oposição ao estilo de Tibério, que é marcado por um preciosismo moroso e rigor dispensável. Tibério é marcado como tirano e o que mais nos interessa é que fica caracterizado sua *crudelitas*, sua falta de *clementia*.

As biografias demonstram que o regime político ideal não comporta e, portanto, condena o uso do poder que impõe a vontade do príncipe, que utiliza a truculência e a prática constante da crueldade (SOBRAL, 2007, p. 108-109). Brandão (2009) mostra que é uma tradição da escrita romana e grega a crítica aos governantes tiranos, que aqui aparece na narrativa do autocratismo, do autoritarismo, da ferocidade e crueldade dos imperadores e outros governantes em cargos da *res*.

Tácito também tem uma perspectiva de análise que compõe a caracterização do tirano.

[...] As interpretações [de Germânico] variam entre “uma figura radiante, composta de todas as virtudes e excelência (e, na mesma medida, popular) em confronto com a alma escura de Tibério César, um fracasso cômico ilustrado por canhestros histrionismos ou mesmo um tirano potencial que poderia provar ser pior que o próprio Tibério (WILLIAMS, 2009, p. 117. In.: LIMA, 2019, p. 140).

TAC., *Agr.*, 29.6. Vide Devillers (2007, p. 225-6) para a caracterização dos romanos como tiranos nos discursos de Boudica e Cálgaco e ainda, Benferhat (2011, p. 271). (LIMA, p. 76, Nt. 54)

Chegamos, então, à virtude contrária da *clementia*: a *crudelitas* do tirano é associada à Tibério em suas ações contra mulheres. O abuso das mulheres nobres representa, o abuso do

tirano contra mulheres da aristocracia²⁶⁰ (BRANDÃO, 2009)²⁶¹ e associa-se à violência do tirano contra a ordem equestre e senatorial, revela, assim, a *crudelitas*.

Teoria do poder político, do ideal do bom e do mau *princeps*

O oposto ao tirano é formulado pelas fontes romanas como o ideal do *princeps* e do principado. A *clementia* também existe no âmbito do poder e do ideal político do principado, como *uirtus* ideal do *princeps*. Em Tácito e Suetônio, encontram-se elementos que dialogam com o ideal do poder político do principado formulado por Sêneca. Sêneca constrói um modelo de poder por meio de uma teoria política que problematiza a *crudelitas*, a *ferocitas* e a *saeuitia*. Assim, define que a intemperança na aplicação de penas não constitui propriamente crueldade, mas antes *ferocitas*, característica de quem sente prazer em seviciar. O argumento retórico que mobiliza associa tal descontrole à loucura, cujo grau extremo se manifesta no massacre de homens, distinguindo, assim, entre si *ferocitas*, *saeuitia* e *crudelitas* (*Clem.*, II.II.2). No entanto, Tibério apresenta os três vícios definidos por Sêneca.

Esse descontrole manifesta-se, na *Vita*, desde o início da caracterização de Tibério: ao ser contrariado pelos presságios e por sua interpretação, ordena que o astrólogo seja lançado ao mar (*Tib.*, XIV), reação que evidencia precipitação e incapacidade de esperar, como se desejasse a realização imediata dos acontecimentos. Podemos qualificar tal comportamento de Tibério como falta de *moderatio*, a partir de Sêneca, que desenvolve uma análise de *uirtutes* em que reprovava a compaixão, enquanto aprova a severidade e a mansidão, argumentando com base em comparações com o comportamento do homem sábio, orientado pelo princípio da *moderatio* (*Clem.*, II.III.4–V.5). Esse ideal de comportamento do *princeps* é construído a partir dos dois conjuntos de *uirtutes* definidos por Sêneca, que têm como fundamento a *moderatio* e o autocontrole, ao passo que a *ferocidade* e a falta de equilíbrio são avaliadas negativamente, sendo a *ferocitas* entendida como forma de descontrole. Na *Apocolocintose*, Cláudio é associado a Hércules, e ambos são caracterizados pela ausência de moderação, virtude que, no

²⁶⁰ Malônia é a nova Lucrecia (retoma a história de sua tragédia, o humor mórbido de Tibério, a seleção dos acontecimentos e Atelana associa Tibério às Pã.

²⁶¹ O tirano também apresenta imagem de *imodesto* (*hybris*) e de *incivilitas*, expressa nas ações que visam exageradas medidas de segurança. Outro aspecto do tirano é a irreligiosidade (BRANDÃO, 2009, p. 213). Tibério apresenta a negligência em relação aos deuses e práticas religiosas (*Tib.*, LXX). O tirano apresenta uso desmedido e exagerado do seu poder, traço que Tibério o demonstra (*Tib.*, XXXIV; LXIX). Os tiranos também demonstram arrogância (BRANDÃO, 2009, p. 319), é uma marca de Tibério. Ainda, como observa Brandão (2009: “Muitos rumores crescem a partir da crueldade e excentricidade dos imperadores e espelham o medo generalizado sob o domínio de tiranos. Corria o boato (*creditur*) de que Tibério fez dar a morte a Germânico, por intermédio de Pisão, legado na Síria (*Tib.* 52.3 [...])” (BRANDÃO, 2009, p. 74) e “[...] A falta de moderação na aceitação de honras é uma característica dos tiranos, a começar por César (*Jul.*, 76.1).” (BRANDÃO, 2009, p. 148).

De Clementia, é apresentada como condição necessária para a manifestação da *clementia* (*Clem.*, Pr.II.2). Delineia-se, assim, um campo comum de elementos (*ferocitas*, tendência à *saeuitia* e *crudelitas*), unificados pela ideia de descontrole e desproporção, seja nas reações, seja nas atitudes, e, no caso da *crudelitas*, na aplicação desmedida das penas. Todos esses traços são atribuídos a Tibério na composição global de seu caráter, tal como construída progressivamente por Suetônio e Tácito.

Na escolha de Tibério como sucessor (*Tib.*, XXI; *Ann.*, I.X), vimos que a *gloria* preponderou como critério privilegiado por Augusto. Os *uitia* tolerados correspondem aos contrários das *uirtutes* ideais do príncipe, conforme formuladas por Sêneca e nos discursos de Cícero em louvor a César: *clementia*, *humanitas* e *mansuetudo*. Os vícios de Tibério são atestados pelo próprio testemunho de Augusto, que os reconhece em sua personalidade. Suetônio oferece, como “prova” retórica, a carta de Augusto e os depoimentos daqueles que o ouviram comentar o caráter de Tibério (*Tib.*, XXI), enquanto Tácito afirma que o povo formulava conjecturas com base em ocasiões anteriores, nas quais Augusto deixara escapar juízos sobre o “exterior, figura e costumes” de Tibério (*Ann.*, I.X).

Somando os relatos de Suetônio e Tácito, os *uitia* atribuídos ao caráter de Tibério são a *adrogantia*, a *ferocitas* e a rudeza (em oposição à *comitas*). Essa caracterização reaparece no final de sua vida, quando a narrativa retoma e intensifica tais traços. A gradação do capítulo que evidencia sua *crudelitas* mostra que “uma denúncia relativa à morte de seu filho Druso exasperou-lhe a ferocidade, que se agravou e redobrou” (*Tib.*, LXII), levando à aplicação de tortura por engano e, em seguida, à sua difusão. Nesse ponto, a *crudelitas* associa-se diretamente à *ferocitas*, para descrever o descontrole. Suetônio descreve, de forma *ecfrásica*, os atos de Tibério, que passa então a aplicar penas de forma atroz (*Tib.*, LVIII), a cometer atos cruéis e violentos (*Tib.*, LIX), a impor castigos com descontrole (*Tib.*, LX)²⁶² e a aprofundar a punição dos criminosos (*Tib.*, LXXV). São comportamentos que se aproximam das definições propostas por Sêneca, mas o comportamento de Tibério demonstra *uitia*.

Além de um ideal de poder político, encontramos em Suetônio elementos do que Sêneca elabora como uma teoria do ideal de regime político do principado, na qual a *clementia* é uma *uirtus* ideal do poder político. Sêneca, ao formular essa teoria, distingue o *princeps* dos demais homens quanto ao uso da *clementia*. Essa *uirtus* é desejável a todos, mas é elevada à condição de virtude do poder, tornando-se própria do *princeps* (*Clem.*, III.I).

²⁶² Descreve o prazer de seviziar, com a nora Agripina; a negação de honras fúnebres com a mãe Livia, as desonras públicas, propôs que o dia do aniversário de Agripina fosse contado entre os dias nefastos; a aplicar penas de forma atroz.

A *clementia*, nesse sentido, relaciona-se à *humanitas*, vínculo recorrente nos escritos de Sêneca, como uma noção de limites mínimos e de direitos humanos que se consolidará até na chamada *clementia Caesaris* (HRUSCĂ, 2012). Para contrapor a natureza humana do imperador, Sêneca argumenta que o soberano desempenha na terra o papel dos deuses (*Clem.*, Pr.I.2): ele concentra todo o poder sobre os homens, está sujeito à repercussão pública de seus atos e sua ação atinge a todos, em toda parte (*Clem.*, III.VI). Por isso, a *clementia* lhe é própria, devendo agir à maneira dos deuses, que não perseguem todos os erros humanos, dada a inferioridade destes (*Clem.*, III.V.2). O príncipe concentra o poder absoluto e autoridade sobre todo o império (*Clem.*, Pr.I.2).

Essa concepção de poder no principado encontra correspondência na *Vita* de Tibério, no início da narrativa, quando o imperador demonstra um comportamento que evita a *crudelitas* e projeta a imagem de um soberano moderado, sem ambição excessiva e dotado de *sociabilidade* (*Tib.*, XXVI), tem caráter positivo. Nesse contexto, a recusa de cargos pode ser interpretada não como sinal de *inglória*, mas como expressão de *ciuilitas* e *moderatio*, vinculada à necessidade de construir *auctoritas* no início do principado. Trata-se, assim, de uma estratégia para evitar a *crudelitas* (vício oposto à *clementia*) e afastar a imagem de tirania²⁶³.

O ideal do príncipe como regime político de Sêneca, aquele que se fundamenta na grandeza e centralidade do príncipe, em sua *natura deorum*, embasa Suetônio. Este afirma que o crime de substituir a cabeça da estátua²⁶⁴ de Augusto por outra levou à uma condenação: o crime ganhou tal amplitude que davam pena de morte aos crimes mais comuns²⁶⁵ (*Tib.*, LVIII). Há semelhança ainda em outro aspecto. Sêneca diz que as condenações dos altos dirigentes espalham terror mais do que afetam e inibem os criminosos (*Clem.*, III.VI.5), e que a punição continuada reprime o ódio de poucas pessoas, mas estimula o de todas (*Clem.*, III.VI.6). Além disso, sustenta que os senhores cruéis são odiados e espalham a injustiça (*Clem.*, III.XVI.3), enquanto diante da grandeza do príncipe, inibe a injustiça de se espalhar ao demonstrar sua mansidão. Para Sêneca, a *clementia* do príncipe se espalha por todo o império e se poupará por toda parte (*Clem.*, I.II.1). Assim, Suetônio está reproduzindo a concepção de Sêneca: a

²⁶³ A consequência da teoria do *princeps* como detentor da *natura deorum* é que ter *clementia* garante indissolubilidade do império: suas partes permaneceram unidas pela confiança, e a *clementia* proporciona maior segurança para a preservação do Estado (*Clem.*, I.II.1).

²⁶⁴ Tácito (*Ann.*, I.LXXIII) relata que Hispo acusa Marcelo de ter cortado uma cabeça de estátua de Augusto para substituí-la por uma de Tibério. Este fato é citado por Tácito em meio à outros que mostram a perda de *libertas* diante da tirania de Tibério. Portanto, não remete ao valor da *crudelitas*.

²⁶⁵ Uma *écfrase* de *enumeração* cita, a quem batesse num escravo ou mudasse de roupa no pé da estátua de Augusto, também quem entrasse num lupanar tendo moeda de efígie e quem criticasse Tibério. Descreve que um cidadão condenado à morte por consentir dar honra no mesmo dia que antes conferiram a Augusto.

aplicação exagerada da lei, símbolo da *crudelitas* pelo exagero de quem tem poder, leva à generalização dos crimes (*Tib.*, LVIII).

Além disso, nesta passagem de Suetônio, está expresso que, para qualquer crime, dos menores possíveis, se dava a pena mais pesada de todas. Alude-se, assim, à uma conduta contrária da *clementia*: em vez de refrear, passou-se a ampliar o peso das penas. O relato dos condenados do rochedo de Cápreas, que ilustra o humor mórbido do tirano, também apresenta este aspecto ligado à *clementia* e demonstra o comportamento de *crudelitas*: os condenados eram atirados na sua presença, e Tibério faz esforços para aumentar o sofrimento da pena (*Tib.*, LXII).

A mesma concepção da *clementia* como ideal do *princeps* ocorre na narrativa de Suetônio quando Trásilo convence Tibério a adiar certas execuções, prometendo-lhe uma vida mais longa (*Tib.*, LXII), logo, há aqui um refreio. No entanto, isso se dá não pela demonstração de *clementia* e sim pela superstição pessoal. Já no início da *Vida de Tibério*, o caráter de Tibério é construído por Suetônio como supersticioso (*Tib.*, XV; XIX). Agora, o motivo supersticioso retira de Tibério a demonstração de *clementia*, mostra também que Tibério não pode demonstrar *clementia* pois seu caráter é de *crudelitas*.

A teoria do ideal de regime político do principado se expressa também no comportamento do príncipe que refreia o poder, pois, assim, tem preferência por não punir. O *De Clementia*, sobretudo no livro III, desenvolve uma narrativa fundada no procedimento ilustrativo do *exemplum*, reunindo casos que evidenciam a *clementia* e o ideal de príncipe em seu exercício²⁶⁶.

Sêneca afirma que, ao príncipe se confere o poder paterno (*pater patriae*) em razão de seu comedimento, ao consultar os “filhos” e colocar seus interesses abaixo dos deles (*Clem.*, III.XII.2). Assim, o príncipe deve agir como um pai que, antes de aplicar suplícios, esgota todos os meios de correção (*Clem.*, III.XII.1)²⁶⁷. Para ilustrar esse princípio, constrói o episódio de Tário, cujo filho atentara contra sua vida: ao narrar o julgamento doméstico, oferece um *bona exemplum* de *clementia*. A cena é cuidadosamente construída, com a convocação de um conselho na *domus*, aproximando-se do método mnemônico descrito na *Retórica a Herênio* (III.28-38), que orienta a organização de imagens em lugares para fixação da memória. Nesse contexto, Augusto é chamado a participar do conselho e, recusando a pena capital, opta por uma punição mais branda; o pai, seguindo seu conselho, substitui a morte por um exílio

²⁶⁶ Sêneca recorre ao exemplo como estratégia de convencimento, mobilizando a história no discurso para sustentar suas conclusões, conforme o preceito retórico exposto na *Retórica a Herênio* (III.4; III.9-10).

²⁶⁷ Quem condena apressadamente fará com prazer, quem pune excessivamente comete injustiça (*Clem.*, III.XII.3).

confortável com renda anual²⁶⁸. A redução da pena permite a Sêneca atribuir retoricamente a *clementia* como virtude própria do príncipe (*Clem.*, III.XIII)²⁶⁹.

Esse ideal encontra paralelo na *Vita de Tibério*. Em um momento, há manifestação de *clementia* (*Tib.*, XXXVI): ao banir os astrólogos, Tibério perdoa aqueles que prometem abandonar a prática, restando a punição. Essa atitude aproxima-se do procedimento de Cícero diante de Catilina, quando afirma desejar ser clemente, desde que cessada a sedição (*In Cat.*, I.4), ou seja, duas situações que há perdão desde que a conduta errada não seja recorrente.

Contudo, no capítulo dedicada à *crudelitas* (*Tib.*, LXII), Suetônio constrói, por meio de *demonstratio* e *amplificatio*, um retrato oposto: execuções frequentes, generalização de casos e intensificação da violência²⁷⁰. Como observa Brandão (2009), há uma tendência à generalização de episódios particulares, reforçando o efeito retórico. A ausência de *moderatio*, que acompanha a *crudelitas*, manifesta-se na aceitação indiscriminada de testemunhos e na violação da *libertas*, inclusive com execuções de indivíduos posteriormente reconhecidos como inocentes.

A falta de *clementia*, no sentido do *princeps* que refreia o poder de punir, também se evidencia na descrição de punições agravadas: qualquer acusação pode levar à morte, prisioneiros são privados de consolo e convivência, e multiplicam-se exemplos de aumento deliberado do sofrimento²⁷¹. O caso de Pacônio retoma um padrão já visto anteriormente (*Tib.*, XI): após uma reprimenda inicial, a condenação posterior revela incoerência e severidade excessiva.

No final da vida, a *crudelitas* de Tibério atinge seu ápice (*Tib.*, LXXV): condenações são adiadas, gerando expectativa de perdão, mas, na ausência de um príncipe que exerça a *clementia*, as penas são finalmente executadas. O episódio evidencia o comportamento contrário ao do ideal senecano: sem o príncipe como mediador da justiça e detentor da *clementia*, não há quem possa salvar ou moderar o poder punitivo. Nesse sentido, a ausência dessa virtude impede até mesmo um possível reconhecimento que se aproximaria da *gloria*, tal

²⁶⁸ Assim, “[...] É esta a clemência que convém a um príncipe; aonde quer que vá torna as coisas mais amenas. Para este rei ninguém é de tão pouco valor que ele não sinta a sua perda [...]” (*Clem.*, III.XIV.1), que é atribuída à atitude de Augusto.

²⁶⁹ O mesmo procedimento aparece em outros exemplos: Augusto, ao lidar com Cína, teria concedido perdão reiteradas vezes, limitando-se a impor uma sanção leve, ilustrando que “perdoar” não é apenas poupar a vida, mas garanti-la (*Clem.*, III.VII.12; III.VIII.4). A partir desses casos, Sêneca reforça que o príncipe deve zelar tanto pela segurança quanto pela punição²⁶⁹ (*Clem.*, III.XV.2).

²⁷⁰ Segundo Brandão (2009), as frases são para acentuar o clima de terror: “não se pôs em dúvida a palavra de nenhum delator toda a acusação era considerada capital”.

²⁷¹ Funciona como *amplificatio* a informação do terror que os acusados sentiam e os convocados a comparecer ao tribunal se matavam antes de ir ao tribunal, do medo da tortura e da condenação certa.

como definida essa noção em Sêneca (*Clem.*, III.XXIV.5)²⁷², de modo que a *crudelitas* de Tibério o configura, também, como um governante *inglório*.

Outro aspecto da caracterização de Suetônio sobre Tibério enquadra seu comportamento no ideal de Sêneca do bom e do mau imperador. Segundo Faversoni (2007), a *Apocolocintose* desenha o ideal de “mau imperador” e o *Tratado da Clemência* o ideal do “bom imperador”. A *Apocolocintose* teria objetivo de demonstrar que Cláudio fora um Imperador repulsivo, descreve Cláudio como a imagem do “mau imperador”. Faversoni (2007) mostra que a caracterização negativa de Cláudio se dá em vários níveis: Cláudio fez concessão indiscriminada de cidadania romana (III.3), tem conduta indiscriminada nos tribunais e pratica ações que remetem à *crudelitas*.

Os assassinatos são símbolo do mau imperador e da *crudelitas*, em Sêneca e Suetônio. Cláudio é acusado de assassinatos, em que se cita: matou 35 senadores, 221 cavaleiros e tantos outros numericamente como o povo (*Apocol.*, XIV.1-2). Enquanto, no *De Clementia*, citava que o bom imperador Nero dizia “[...] Todas as vezes que não encontrara nenhum motivo de compaixão, poupei por minha conta. [...]” (*Clem.*, Pr.I.4).

Nesse modelo de oposição bom/mal imperador, estão incluídas a *clementia/crudelitas*. Suetônio separa um capítulo toda para a descrição de atos de crueldade de Tibério (*Tib.*, LIX). Os versos citados dos poetas dizem do gosto por sangue, do assassinato da mãe e do seu descontrole em punir e matar²⁷³. Por fim, associa os versos à crueldade, ao reino de sangue. Há uma citação nos versos “[...] deste por finda a idade de ouro de Saturno [...]”, referência ao fim de uma era de paz e prosperidade na mitologia greco-romana, simbolizada pela deposição do deus Cronos (a Saturno na mitologia romana) por seu filho, Zeus (Júpiter). Os versos têm objetivo de caracterizar a conduta cruel e não da falta de *libertas* de Tibério (BRANDÃO, 2009). O capítulo *Tib.* LX se dedica a descrever a *crudelitas*. A anedota do pescador em cápreas revela crueldade e medo. Brandão (2009) vê também exemplo do humor cruel e reação

²⁷² As referências no texto de Sêneca aludem à *gloria* a partir do reconhecimento da *uirtus clementia*. O ornamento da coroa é distintivo de façanhas de *gloria*, os “despojos de guerra” e “sangue dos bárbaros” são uma alusão à *gloria* obtida pelas vitórias em batalha. “5. A verdadeira felicidade consiste em proporcionar salvação a muitos e, da própria morte, fazê-los retornar à vida, merecendo a coroa cívica pela clemência. Não há ornamento mais digno da proeminência do príncipe e nada mais belo do que a famosa coroa: ‘por ter salvo a vida de cidadãos’, nem os carros manchados de sangue dos bárbaros, nem os despojos obtidos na guerra. Este é um poder divino, o de salvar multidões e em massa. Na verdade, matar muitos e indistintamente é poder do fogo e da destruição.”

²⁷³ O descontrole, que, como mostramos, associa-se ao comportamento de *crudelitas* e *ferocitas*, também à falta de *moderatio*, que Sêneca (*Clem.*, II.II.2) associa a *ferocitas* ao descontrole em punir, ao que leva à loucura de matar.

desproporcional²⁷⁴, que se torna evidente nos seus atos seguintes descritos: castigou o soldado pretoriano e prostrou no chão o encarregado.

Há outro aspecto do ideal de príncipe que Sêneca constrói. O príncipe ideal, afirma Sêneca, é aquele que presta assistência ao Estado, sua conduta é a de quem exerce o poder desejando que suas ordens sejam aprovadas pelos cidadãos e é propenso às petições legítimas (*Clem.*, III.XI.4). A caracterização das *uirtutes* do príncipe ideal e do tirano em Suetônio e Tácito também passa pela preocupação em defender a *libertas senatorial* e a *libertas equestre*, opondo o comportamento de Tibério à sua atitude em respeito à *libertas* dos senadores e equestres²⁷⁵ (*Tib.*, XXIX-XXX; *Ann.*, I.XIII). Tácito alude à *libertas* (*Ann.*, I.LXXVII) e Suetônio, à defesa da liberdade de expressão (*Tib.*, XXVIII) e a instauração de *species libertatis* (*Tib.*, XXX)²⁷⁶.

Assim, aproximando o desrespeito à *libertas* da *crudelitas*, esta também é símbolo do abuso do poder e do acúmulo do poder, que caracterizam o tirano. A *clementia*, como ideal do regime do principado, afasta a *crudelitas* do comandante e se torna o valor do governante que não é tirano. Sêneca define o tirano pela *crudelitas* (*Clem.*, III.XIV.4), e “[...] a clemência prova a profunda diferença entre um rei e um tirano [...] Um dispõe de armas das quais se serve em defesa da paz, o outro, como reprime grandes ódios por meio de grande medo [...]” (*Clem.*, III.X.3).

Reproduzindo essa visão de Sêneca, a *vida de Tibério* (LX-LXI), na parte em que Tibério é mais cruel²⁷⁷, somando-se a falta de *moderatio* e o abuso do poder, segundo Brandão (2009), é só aqui que se revela de fato a *crudelitas*, por meio da descrição de ações que denotam o desencadeado comportamento do sujeito sem freios. Contra à tese de que seu comportamento

²⁷⁴ “[...] Sem o imaginar, o pescador tinha posto em causa a razão pela qual o imperador apreciava esta ilha: a segurança. A razão do suplício foi o choque sofrido: *territus quo is a tergo insulae per aspera et deuia erepsisset ad se* («aterrorizado porque ele escalara, desde a parte de trás da ilha, por escarpas inacessíveis, até junto dele»). E a reacção do imperador é desproporcionada.” (BRANDÃO, 2009, p. 218).

²⁷⁵ Marques (2007, 124) cita Wirszubki para afirmar que a *libertas* em Tácito está relacionada a dois aspectos centrais: a lei e o comprometimento mútuo. Vê-se aí que a garantia da *libertas* é parte do ideal esperado do imperador. A caracterização do tirano como aquele que não respeita a *libertas* começa na *vida de Tibério* em *Tib.*, XXXIV com as primeiras repressões, até evoluir para a construção de uma imagem de um tirano detestado, temido, cruel, que ao mesmo tempo teme revoltas (BRANDÃO, 2009).

²⁷⁶ Não se deve confundir, no entanto, a *clementia* com a *liberalitas*, que diz respeito aos gastos e à economia do *imperator* e dos ocupantes de cargos públicos. Nesse âmbito, é uma *uirtus* a *abstinentia* e é *uitia* a *rapacitas*, que se concretiza na *rapinae (praedae)* e na *cupiditas pecuniae*. A *clementia* e a *liberalitas* diferenciam-se pelos campos em que operam. No entanto, podemos observar caracterização de caráter em que a *cupiditas* e a *cupiditas pecuniae* pode ser vista como acompanhada em imperadores que não demonstram *clementia*, como amplificação e composição de caráter do tirano, do caráter de *crudelitas*.

²⁷⁷ “Chegámos à parte mais cruenta da *Vida*.” (BRANDÃO, 2009, p. 218).

decorrida da influência de Sejano, Suetônio busca mostrar que a morte dos filhos de Germânico recai apenas sobre Tibério, afinal, o próprio mandara matar.

Pensamos que ocorre tal como analisou Sobral (2007), ao concluir, da análise da *Vita de Tibério*, que o relacionamento dele com as pessoas que são suas vítimas é marcado pelo abuso do poder. Suas vítimas não têm opção: não lhes é permitido vontade nem liberdade; suas vítimas tornam-se objeto de seus caprichos, recebem ignomínia, desprezo e desgraça²⁷⁸. Sua inadequação ao cargo é mostrada ao comportar-se como carrasco diante de pessoas indefesas, mostra, assim, que apenas pela força do cargo pôde fazê-lo. Há autosuficiência demonstrada na ação abominável que não admitia censura (SOBRAL, 2007). Por isso, a *crudelitas* é tão presente e como *vício*; Suetônio a atribui a Tibério como comportamento negativo. Nesse sentido, há uma valorização da *clementia*, pois ela falta em Tibério. A *clementia* é reconhecida como uma *virtus* ideal para um *imperator*.

A *clementia* no comportamento dos homens em posição de poder

Tendo em vista a construção da tirania como um *topos*, isto é, uma tradição no mundo antigo, bem como o ideal do bom e do mal imperador, tratemos agora a *clementia* no comportamento do governante que é caracterizado como *clemens* ou como *crudelis*. No *Tratado da Clemência*, a *crudelitas* é definida como o oposto da *clementia*, sendo caracterizada como violência sem justificativa, distinta daquela exercida em retribuição a um delito, que configura a justa vingança: “Sem dúvida, isso é crueldade; mas, por que não a acompanha a vingança (pois não foi ofendida) nem se enraivece com o delito de outrem (pois nenhum crime a precedem) [...]” (*Clem.*, II.II.1). Sêneca afirma ainda que é cruel aquele que, tendo motivo para punir, não sabe medir sua ação, ultrapassando os limites do humano (*Clem.*, II.II.3).

Seguindo esse raciocínio, Sêneca, ao defender a *clementia* como virtude efetiva do poder, rejeita tanto a crueldade quanto a sevícia, pois ambas são ineficazes (*Clem.*, II.II.2-3; II.V.1; II.II.1). A sevícia, em particular, caracteriza-se pela ausência de limites, levando à constante busca por novos suplícios (*Clem.*, III.XXIII.1-XXIII.2). No *De Ira*, encontra-se análise semelhante da violência impetuosa: a ira, diferentemente de outros vícios da alma, é indomável, de modo que o homem tomado por ela se autodestrói (*Ir.*, III.I-III), pois a “ira” é uma força desenfreada e destrutiva (*Ir.*, III.III-IV). Nesse quadro, *severitas* e *clementia* configuram virtudes, ao passo que a *crudelitas* e a compaixão são tratadas como vícios. Sêneca

²⁷⁸ A caracterização do tirano e do abuso de poder é reforçado no caráter de Tibério ao mostrar sua violação dos costumes ancestrais, desrespeito à religião, incontinência do comportamento em momento de austeridade (SOBRAL, 2007), o que é caracterizado como *impietas*.

também critica os excessos na aplicação da *clementia*, tanto por falta quanto por excesso, aproximando-os da própria *crudelitas* (*Clem.*, Pr.II.3).

Assim, a *crudelitas* não apenas se opõe à *clementia*, mas também revela que a violência só é legítima quando justificada, como no caso da punição em resposta a um delito, segundo a lógica da justa vingança (*Clem.*, II.5.1), tal como já demonstramos. A visão definida por Sêneca está presente *Vita de Tibério*. A crueldade de Tibério, assim como na *Vida de Cláudio*, é apresentada como traço intrínseco de seu caráter (*Tib.*, LVII). Conforme a concepção romana, o caráter não se transforma, apenas se revela; o mal é inerente, manifestando uma *natura saeva*, atribuída aos piores imperadores (BRANDÃO, 2009, p. 90).

O afastamento de Tibério revela um caráter aparentemente tranquilo e manso, marcado pela *simplicitas* e pela *ciuilitas* (*Tib.*, XI). Essa caracterização pode ser contrastada com Sêneca que, no *Tratado da Clemência*, elabora uma teoria ideal da *uirtus* para o principado, segundo a qual os erros são próprios da multidão, mas não devem pertencer ao príncipe, que reúne em si uma natureza humana e divina. Por isso, convém que o governo se apresente como “um dia sereno e claro”, imagem de um império estável e bem ordenado; tal tranquilidade, porém, está associada diretamente à virtude da *clementia* (*Clem.*, III.IV.1–III.V.2).

Na sequência, adotando os recursos da éfrase, principalmente a *etopeia*, Suetônio descreve Tibério durante sua estada em Rodes, onde chega a demonstrar essa *simplicitas* ao pedir desculpas “ao mais fraco e obscuro cidadão”, recurso que funciona como amplificação (*Tib.*, XI). Contudo, o próprio biógrafo ressalta que esse foi o único episódio de retratação em toda a sua vida. Assim, a narrativa indica que tal comportamento é exceção, enquanto a *ferocidade* constitui traço constante de seu caráter, sobretudo no exercício das funções públicas. Essa *ferocitas* manifesta-se, por exemplo, quando Tibério, já investido da autoridade tribunícia, intervém em um debate em favor de uma das partes, provocando a reação de um adversário; posteriormente, retorna com sua guarda, cita-o em tribunal e o condena (*Tib.*, XI). A atitude, marcada pela ausência de *moderatio*, revela o uso abusivo do poder magistratural. Ao afirmar que Tibério “pareceu exercer” a função, Suetônio sugere uma dissonância entre o ideal da magistratura e sua prática efetiva, insinuando já uma inclinação à *crudelitas*.

Desse modo, a aparente tranquilidade inicial, que poderia remeter à *clementia* senecana, não se sustenta na prática: em vez de uma virtude racional de governo, o que se revela é uma disposição natural à ferocidade no exercício do poder, bem como um caráter de *crudelitas*. No capítulo LVII da *Vita de Tibério*, há uma retrospectiva que explica que a origem e a evolução da natureza cruel de Tibério, que poderiam ser observadas já na infância. Agora, ela poderia ser

revelada, fragilizando a *dissimulatio*. Os atos narrados demonstram o caráter de *crudelitas* e *impietas*, termos que aparecem no próprio Suetônio. Tácito realiza o mesmo tipo de construção ao relatar a juventude de Tibério: “[...] havendo já dado em muitas ocasiões sobejos indícios de crueldade, não obstante a arte com que procurava ocultá-los. [...]” (*Ann.*, I.IV). Tibério é marcado pelo vício da *crudelitas*, como uma *natura saeva*, isto é, sua falta de *clementia*.

Há, ainda, uma instância da aplicação da *clementia*, *topos* nas fontes romanas, que é a dura aplicação da lei e das penas. Assim, em vez de refrear o poder, o indivíduo em posição de poder escolhe aplicar a pena de forma mais dura, revelando, dessa maneira, sua natureza *crudelis*. Ampliando essa argumentação, o *De Clementia* expõe a consequência da crueldade do príncipe: a falta de segurança, que dificulta elementos públicos da cidade, como banquetes, espetáculos e jogos (*Clem.*, III.XXIV.2). Sêneca parece sugerir que a *crudelitas* impede a *ciuilitas*. O comportamento positivo neste aspecto é associado à Augusto, modelo de *clementia*, narrado como um príncipe que se lamentou por ter que derramar sangue, sendo obrigado por ser alvo dos nobres (*Clem.*, III.VII.5)²⁷⁹.

Sêneca argumenta que o *princeps crudelis*, demonstrado com sucessivas mortes, é amplificador da oposição a ele (*Clem.*, III.XXIII.4) e inclui, como argumento retórico, a afirmação que a *crueldade* do rei aumenta o número de inimigos, pois os parentes dos mortos se sentem no direito de se vingar (*Clem.*, III.VI.7).

A crueldade leva ao vício de repeti-la; a consequência é que, o *princeps* que prefere a *crudelitas*, em vez de fazer da *clementia* a base do poder, acaba que

[...] Depois, a partir de uma matança após outra, arrasta povos ao extermínio e considera demonstração do seu poder atirar fogo aos telhados, fazer passar o arado em vetustas cidades; e mandar matar ora um, ora outro, parece-lhe pouco poder imperial. A não ser que, num mesmo instante, um bando de infelizes esteja à espera de um golpe seu, acredita que sua crueldade tenha sido coagida a se controlar. (*Clem.*, III.XXIV.4).

Tibério apresenta esse comportamento de *crudelitas*, definido por Sêneca, ao ser inquirido por um pro pretor sobre a forma de executar as leis. Tibério pede que as leis sejam cumpridas e se aplicassem da forma mais dura (*Tib.*, LVIII)²⁸⁰.

A concepção da *uirtus* da *clementia* como refrear o poder, bem como demonstração de *crudelitas*, desdobra-se no tema dos assassinatos. Para as fontes do Império Romano, os

²⁷⁹ Também Sêneca narra Augusto em dúvida sobre Cina e usa de exemplo ao narrar que Lúvia aconselha Augusto a perdoar, pois não tendo tido sucesso em conseguir paz com severidade, em punir, melhor tentar pela *clementia* (*Clem.*, III.VII.6).

²⁸⁰ “[...] e executou-as da forma mais atroz. [...]”

assassinatos indiscriminados, os massacres e a ordenação de mortes fúteis são, em alguns casos, interpretados como ausência de *clementia* (poderia ter refreado) e, em outros, como expressão de *crudelitas* (vício intrínseco, descontrolado). De modo geral, a *clementia* é apresentada nas diversas fontes, durante o principado, como um princípio que conduz à redução de atos de barbarismo e crueldade em Roma, remetendo à repressão de práticas como a sevícia e o assassinato perpetrados por governantes (HRUSCĂ, 2012).

Sêneca, no discurso atribuído a Nero, afirma: “Até o sangue mais humilde estou poupando com extrema parcimônia” (*Clem.*, Pr.4) e “[...] existem vários tipos de insanidade, mas nenhuma é mais declarada do que a que termina em massacre e dilaceramento de homens” (*Clem.*, II.II.3). Na *Apocolocintose*, há uma referência irônica a um homem assassinado no meio do Fórum (*Apocol.*, I.1); em outras passagens, Cláudio é acusado de assassinatos, como se lê em: “[...] porque estava habituado a degolar homens. Ele tinha decretado cortar o pescoço de outros: considerarias tu que todos fossem libertos dele, mas até o momento ninguém se importou com ele” (*Apocol.*, VI.2). Tais exemplos parecem confirmar a definição de *clementia*: não é clemente o príncipe que ordena mortes fúteis e não poupa o sangue daqueles que poderiam ser poupados (*Clem.*, Pr.4; II.II.3). A matança perpetrada por quem ocupa o poder é tematizada por Sêneca quando introduz a figura do divino Augusto, que aponta para Cláudio e afirma: “[...] Este [...] tão facilmente matava homens quanto um cão se assenta [...]” (*Apocol.*, X.1), sendo Augusto apresentado como modelo de *clementia*. A presença desse modelo, na *Apocolocintose*, reforça a caracterização de Cláudio como modelo negativo de *clementia*, marcada pela facilidade em matar.

Em Suetônio, Tibério apresenta um comportamento tirânico reiterado a partir do capítulo XLII, sendo introduzida, no capítulo LII, uma mudança que desenvolve a gradação de sua *crudelitas*²⁸¹. Tal comportamento associa a *crudelitas* à noção de descontrole e falta de *moderatio*, conduzindo à *saevitia* e à *ferocitas*, conforme definidas por Sêneca (*Clem.*, II.II.2; Pr.II.2; II.III.4–V.5). O resultado deste comportamento é uma série de mortes, que demonstram sua *crudelitas*. Tibério reage de forma violenta contra debatedores que o rejeitam e os persegue até a morte, momento em que Suetônio vincula explicitamente a *crudelitas* à ausência de *moderatio* (*Tib.*, LVI). Além disso, Tibério comete outros assassinatos (*Tib.*, LVII), manda matar amigos de seus parentes (*Tib.*, LXII), assassinatos sob pretexto da aplicação de justiça.

²⁸¹ “Muitos rumores crescem a partir da crueldade e excentricidade dos imperadores e espelham o medo generalizado sob o domínio de tiranos. Corria o boato (*creditur*) de que Tibério fez dar a morte a Germânico, por intermédio de Pisão, legado na Síria (*Tib.* 52.3 [...])” (BRANDÃO, 2009, p. 74)

Tibério recorre à astúcia e à dissimulação para eliminar Sejano, enganando-o e acusando-o por meio de uma carta ao Senado, o que resulta em sua condenação (*Tib.*, LXV)²⁸².

Outra temática associada à *clementia/crudelitas* é o assassinato de parentes. Seguimos Brandão (2009, p. 185), que entende que a crueldade contra familiares associa a *crudelitas* à *impietas*²⁸³. Sêneca trata da crueldade contra familiares de modo semelhante à forma como trata da crueldade contra os cidadãos em geral: o *princeps* que “Exerceu seu poder para matanças e rapinagens, e se tornou suspeito através de todos os seus atos [...] recorrendo às armas, enquanto teme as armas, não crendo na fidelidade dos amigos nem na afeição dos seus filhos.” (*Clem.*, III.XI.3). Matar e seviciar parentes é *crudelitas*, mas associando *impietas* e *crudelitas*.

O *De Clementia*, ao tratar ainda do vício de seviciar e da crueldade, aponta que ela não é eficaz como um comportamento das *uirtutes* do *príncipe* ideal, pois não conhece limite: “[...] a fúria do tirano não o controla nem mesmo diante de seus familiares, [...] quanto mais persegue mais estimulado fica. [...]” (*Clem.*, III.XIV.4). Cláudio é criticado por Sêneca por matar seu genro Silano e por acreditar nas intrigas de Agripina, pois tinha comportamento incestuoso com a irmã (*Apocol.*, VIII.1-2).

As concepções de Sêneca são reproduzidas por Tácito e Suetônio, que narram um mesmo fato: Tibério calou, no senado, o assassinato de Agripa e tentou culpar o pai Augusto, neste momento morto (*Tib.*, XXII; *Ann.*, I.VI). Em Suetônio, a partir de L, Tibério inicia a demonstrar ódio a parentes e a persegui-los: a esposa (*Tib.*, L), a mãe (*Tib.*, LI), os filhos (*Tib.*, LII), a nora Agripina (*Tib.*, LIII), aos netos (*Tib.*, LIV). A *crudelitas* é ilustrada com os assassinatos de amigos de parentes (*Tib.*, LXI), ao matar netos e filhos dos parentes (*Tib.*, LIV) e quando divulga a carta do irmão Druso, que projetava conspirar para obrigar Augusto a restaurar a república (BRANDÃO, 2009, p. 366). Tibério, aqui, reúne a *crudelitas* e a *impietas*.

²⁸² Uma coleta de quais são esses atos, que pode significar uma *enumeração* nos mostra os seguintes: manipulação para fazer cometer crime e condenar, com os netos Druso e Nero, em que usou de manhas para os compelir a injuriá-lo e a perde-los, assim que declarados inimigos públicos, mandou-os matar à fome; usou Élio Sejano, antes de leva-lo à morte, para atacar os filhos de Germânico e garantir a sucessão para o único neto, filho de Druso; matar 17 ou 18 dos 20 principais que reunira como conselho de Estado; a *crudelitas* ao perseguir e matar os comensais gregos (retóricos).

²⁸³ A *impietas* associa-se à *crudelitas* também com relação à religião, sua ausência provoca exemplos de *crudelitas* (BRANDÃO, 2009, p. 365). Sobre a *impietas* em relação à religião: “A *pietas* pressupõe o respeito pelo sagrado. Estes imperadores juntam à impiedade para com os familiares a impiedade para com os deuses. O desprezo da *religio* e dos deuses tradicionais é, como já vimos, comum aos tiranos. Suetônio mostra-se, neste campo, favorável à restauração do *mos maiorum* e contrário à introdução dos cultos estrangeiros, à exceção dos helênicos. [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 366)

O trato de Tibério para com a pena de Júlia revela falta de *clementia*, pois, em vez de refrear a pena, ele a amplia: condenada a ser desterrada, Tibério suprimiu-lhe a pensão anual²⁸⁴ (*Tib.*, L). O relato do que fez com Júlia se parece com o exemplo dado por Sêneca no seu tratado, em que o objetivo é tratar da *clemência* e é um exemplo de *clemência*. Sêneca narra que Tário, pai que tendo tido sua morte planejada pelo filho, substituiu a pena de morte do filho por um exílio agradável, ainda mantendo uma renda anual, reduzindo, assim, a punição (*Clem.*, III.XIII). Os dois relatos possuem equivalência: trata-se de um tribunal de família, Sêneca o diz expressamente e de Suetônio podemos supor, o *pater familias* julga um membro da família. O crime foi claramente cometido e merece pena. O agravamento/refreio da pena e a presença da pensão anual atribuída, expressam o refrear/agravar a pena.

Além disso, Sêneca no relato: “Por meio deste fato darei o exemplo do bom príncipe a quem poderás comparar ao bom pai. [...]” (*Clem.*, III.XIII.3), associando esse comportamento de *clemência* à virtude do *princeps*, ou seja, virtude desejada do soberano. Logo, a proximidade dos dois relatos e a alusão aos valores nos permitem perceber que, Tibério, enquanto *imperator*, por esta conduta, lhe falta *clementia*.

O capítulo LI da *Vita de Tibério* apresenta a junção da *crudelitas* à *impietas*, narrada inicialmente pela leitura da carta de Augusto que caracteriza o caráter de Tibério²⁸⁵, depois pela descrição ecfrásica de suas ações. O comportamento de Tibério é de ódio contra a mãe: ele a desautoriza, isola, persegue, depois nega o funeral e as honras básicas. O contrário destas condutas seriam atribuídas a um comportamento de *pietas*. Contrasta com o comportamento de Júlio César, que honra os funerais de Cleópatra e Marco Antônio, seus inimigos, esse comportamento é atribuído diretamente a *clementia* (Plut., *Ant.*, LXXXVI.4; *Aug.*, XVIII.6).

Tibério desgraça seus parentes, e, nesse fim do capítulo, há uma manifestação da falta de *clementia* no peso da condenação: condenou um equestre amigo de Lúvia ao trabalho infamante nas bombas (*Tib.*, LI). Suetônio, ao narrar a atitude de Tibério com a nora Agripina, faz uma proposição criativa da *clementia*. Tibério a persegue, *sevicia* e condena. Demonstrando a *crudelitas* e, ainda assim, acredita que ela deveria ter-lhe reconhecido como *clemente* por não ter lhe dado um castigo pior: o de mandá-lo estrangular e lançar à Gemónias. Tibério acredita

²⁸⁴ As palavras de Suetônio demonstram uma consciência do conceito da *clementia*: “... Em vez de amenizar” e “prova de humanidade...”. “[...] Em vez de amenizar o exílio de sua mulher Júlia com qualquer menção ou prova de humanidade, o que bem pouco seria, agravou as ordens do pai, que a desterrara, [...] suprimiu-lhe, mesmo, o pecúlio que o pai lhe concedera e a pensão anual, [...]”

²⁸⁵ BRANDÃO (2009) sugere que esta enumeração é um recurso de sugerir observação direta e relação dos fatos, forma de convencer um relato fidedigno. Assim, “Sob a autoridade da pesquisa nos documentos, Suetônio coloca a própria mãe, desprezada, a apontar, através das palavras de Augusto, os defeitos do filho.” (BRANDÃO, 2009, p. 216).

que refreou a pena merecida, tanto que permite uma honra pública por demonstrar *clementia*²⁸⁶ (*Tib.*, LIII). A noção de *clementia* como refrear o poder está clara, mesmo sendo distorcida por esse tirano que, na verdade, não demonstrou aqui qualquer *clementia*.

Tibério é um tirano que agora assume uma falsa *clementia*. Lembramos que a *dissimulatio* é seu traço: fingira uma falsa *modéstia* ao recusar o cargo de *imperator* (*Tib.*, XXIV), a falsa *moderatio* na aplicação da justiça (*Tib.*, XXXIII) e até falso evergetismo (*Tib.*, XLVII). O tirano agora se revela: sua face verdadeira é a da *crudelitas*. Tibério desterra a esposa de Germânico, com olho arrancado e em greve de fome, ainda manifesta o humor mórbido ao afirmar não ter estrangulado e lançado às Gemônias (*Tib.*, LIII), uma ironia (BRANDÃO, 2009), que realiza uma *amplificatio* ao seu caráter *crudelis*. Faz algo parecido com os filhos do irmão. Na *Vida de Tibério*, há o capítulo que acumula suas ações de *crudelidade* e *ferocidade* contra parentes. Perseguido pela fama de envenenar Germânico. A suspeita desse crime, que aparece na voz do coral do povo, é confirmada pela forma como Tibério persegue até a morte sua viúva, Agripina (BRANDÃO, 2009, p. 217) (*Tib.*, LIII).

Os imperadores e outros homens importantes de Roma, quando exercem a justiça, apresentam *uirtutes* ideais que condizem com sua função. A *clementia* apresenta, entre seus aspectos, a forma como se aplica a justiça. A *moderatio* associa-se à *clementia* nesse âmbito, pois, conforme definido no *De Clementia* de Sêneca, seu uso equilibrado (como um justo meio) evita tanto os excessos decorrentes de sua ausência quanto aqueles resultantes de seu uso desmedido. Na parte positiva da *Vida de Tibério*, Suetônio apresenta como favorável a descrição das ações de Tibério no campo da justiça, justamente pelo recurso à *moderatio* (*Tib.*, XXXIII)²⁸⁷.

Por sua vez, Tácito narra a atitude de Germânico, que evidencia *moderatio* e *clementia*²⁸⁸: ele conduz os indisciplinados ao tribunal e discursa diante de todos, explicitando os direitos de cada um e as condutas criminosas (*Ann.*, I.XXXIX), sem incorrer em excessos nem demonstrar *ferocitas* ou *crudelitas*.

²⁸⁶ “[...] Entendia, mesmo, que ela lhe devia estar reconhecida por não tê-la mandado estrangular e lançar à Gemônias e permitiu que se promulgasse um decreto que lhe rendia graças por tamanha clemência e se consagrasse uma oferenda de ouro a Júpiter Capitolino”

²⁸⁷ Esta rubrica, que trata da sua conduta na justiça, afirma que sua conduta é apropriada ao interesse público, sua intervenção é *moderada*, só o fazia para impedir abusos, justamente porque está associada aos dois capítulos anteriores, nos quais se apresentam ações de *moderatio* e respeito à *libertas* (*Tib.*, XXXI-XXXII). Brandão (2009) nos diz que os vários exemplos de moderação aqui acentuam a hipocrisia, pois seu comportamento corresponde ao de um *perito em dissimulação*, descrito no capítulo XLII. Tibério, assim, não demonstra *moderatio*.

²⁸⁸ Suas ações para com a indisciplina do plano, descrito na forma de uma etopeia, temos a *demonstratio*, descrição das ações de Germânico.

Sêneca, ao fazer Augusto discursar, acusa Cláudio pelos assassinatos de Júlia Lúvia (desterrada e privada de alimentação por conduta imoral), de Júlia, filha de Druso (por adultério) e de Lúcio Silano. A conduta é, então, qualificada nos seguintes termos: “[...] por que razão algum destes, os quais e as quais mataste antes de tomar conhecimento dos motivos, antes de ouvi-los, por que razão os condenaste? Em que lugar tem-se o costume de se fazer isso? [...]” (*Apocol.*, X.4). Segundo Frederico Silva (2008, p. 37), trata-se de uma referência ao hábito de Cláudio de agir de modo irresponsável e imprevisível ao condenar indivíduos, sem lhes conceder oportunidade de defesa. Em comparação, no *Tratado da Clemência*, Sêneca afirma que os inocentes cultivam a clemência e que o acaso pode levar um inocente a ocupar o lugar de um culpado, uma vez que incidentes ocorrem (*Clem.*, Pr.II.1); assim, a aplicação da *clementia* permitiria que, posteriormente, esses indivíduos fossem absolvidos, sobretudo em processos de acusação frágil. A atuação responsável na magistratura, mostrada por Germânico e Tibério, comportamentos contrários entre os dois, portanto, vincula-se à *clementia*, ao passo que sua execução irresponsável é caracterizada como crueldade.

Um segundo aspecto dessa conduta aparece na *Apocolocintose*, quando Sêneca apresenta Cláudio como modelo de ausência de *clementia*: a forma como Messalina foi morta remete à indiferença do imperador diante de sua execução (SILVA, 2008, p. 38), sendo o assassinato qualificado como ação torpe (*Apocol.*, XI). Além disso, Sêneca descreve Cláudio tomando decisões injustas (*Apocol.*, XIV)²⁸⁹. Temos, assim, o ideal negativo de conduta *indiferente e injusta*.

Esses dois aspectos aparecem em Suetônio; Tibério aproxima-se desse modelo delineado por Sêneca. Sua *crudelitas* manifesta-se no campo da aplicação da justiça, no exercício do poder imperial: Tibério abusa de sua autoridade ao incluir uma mulher nobre como criminosa em um processo, falhando, assim, na prática da *clementia*²⁹⁰. Convém lembrar que, sendo o caráter concebido como imanente, tal conduta se repete: Tibério já havia agido de modo semelhante ao exercer a justiça no início de sua vida (*Tib.*, XI). Esse comportamento reaparece em outros processos, nos quais sua *crudelitas* se intensifica por um componente moral, evidenciado pela violação do *mos maiorum*: ao seduzir mulheres nobres casadas e ultrajar matronas ilustres, chega a provocar o suicídio de Malônia (*Tib.*, XLV). Tal situação torna-se ainda mais expressiva quando comparada ao fato de que Júlio César e Augusto, embora também

²⁸⁹ O discurso do juiz Éaco, que acusa Cláudio por suas decisões injustas. Baseia-se na lei que condena o juiz que professe sentenças injustas, a *lex Cornelia de Sicariis et ueneficus* (SILVA, 2008, p. 50, Nt. 147).

²⁹⁰ A mesma representação de Cláudio como irresponsável na aplicação da justiça aparece na *Apocolocintose*, quando o coro canta uma nênia em seu enterro (XII.3).

tenham se envolvido em episódios de sedução em suas respectivas *Vidas*, não levaram suas vítimas à morte (BRANDÃO, 2009, p. 376).

A atuação no tribunal também se desdobra através da função de quem está no poder, no que diz respeito à atitude daquele que detém o poder de fazer justiça diante dos criminosos, âmbito em que pode revelar *clementia*. A história do sequestro de Júlio César por piratas é amplamente relatada pelos historiadores e biógrafos da Antiguidade (SUE., *Jul.*, IV; PLUT., *Vit Caes.*, I.4-2) (HRUSCÃ, 2012). César não demonstrou misericórdia ao perseguir e punir os responsáveis, tendo, ao final, mandado crucificar os piratas; posteriormente, já como ditador, permaneceu conhecido por endurecer as sentenças contra esse tipo de criminoso (HRUSCÃ, 2012).

Também eram conhecidas, entre o povo, as campanhas de Pompeu contra os piratas no Mediterrâneo. Diferentemente de César, Pompeu, em vez de aplicar a pena de morte, recorreu à persuasão: em lugar da força física, convenceu os piratas a se renderem, resolvendo o problema por meio de sua reintegração. Temos, assim, duas formas distintas de enfrentamento da criminalidade: a de César e a de Pompeu.

As atitudes de ambos em relação aos criminosos e piratas iluminam diferentes modos de atuação do poder punitivo. Tais condutas podem ser qualificadas à luz da *clementia*, entendida como o refreamento da punição; nesse sentido, a postura de Pompeu aproxima-se da chamada *clementia Caesaris* (HRUSCÃ, 2012), na medida em que a pena é mitigada e os criminosos são encaminhados para abandonar a vida de crime. Os autores da Antiguidade relatam, inclusive, que César e Pompeu, por meio da *clementia*, reabilitaram criminosos e piratas (PLUT., *Vit Caes.*, II.5-7; Vell Pat., II.42)²⁹¹.

Em Suetônio e Tácito, por sua vez, Tibério perde as oportunidades de exercer a *clementia* em sua conduta diante dos criminosos, afastando-se, assim, do modelo positivo representado por César e Pompeu. O capítulo LXI revela o caráter de *crudelitas* de Tibério, incluindo, entre os exemplos apresentados, sua crueldade para com criminosos. Em vez de moderar as penas, Tibério tende a agravá-las.

A *crudelitas* manifesta-se também no episódio do rochedo de Cápreas (*Tib.*, LXII), no qual se evidencia seu prazer na *saevitia*: seu humor mórbido, ao deleitar-se com o sofrimento alheio, aproxima-o do perfil do tirano. A invenção de novas formas de tortura funciona como amplificação de seu caráter cruel; nesse quadro, a *clementia*, esperada como virtude do bom

²⁹¹ Além disso, César é conhecido como modelo de *clementia*, principalmente para com a plebe, vide os discursos cesarianos de Cícero.

príncipe, está ausente. Sêneca condena exatamente esse comportamento ao lamentar o deleite com “matar, com o ruído dos grilhões, com o sangue por toda parte”, associando-o um comportamento não humano, mas animal, e afirma que é como se a direção do poder fosse entregue a feras (*Clem.*, III.XIV.4; *Ir.*, II.8.3). Parece-nos que Sêneca está associando a *crudelitas* e *saevitia* à *humanitas*, que o próprio, no início do *De Clementia* (*Clem.Pr.*II.3; I.3.1), associa como própria do *princeps*. Esta relação existe em outras fontes romanas, em especial Cícero (*Rep.*, II.14.27: *Carta ao irmão Quinto*, I.8.25)²⁹².

No âmbito geral, de todas as formas de manifestação da *crudelitas*, o resultado das ações do tirano leva-o a ser detestado e temido. A descrição do indivíduo isolado e sozinho é marca da tirania. Esta é a conclusão de Brandão (2009), que sintetiza: “[...] Medo, dissimulação e desconfiança [...] Tais comportamentos são apanágio dos tiranos.” (BRANDÃO, 2009, p. 147). As ofensas que Tibério recebe caracterizam a rejeição e o ódio ao tirano (*Tib.*, LXVI). Odioso até a seus próprios olhos, Tibério chega a mostrar-se consciente ao quase fazer uma confissão de sua crueldade (*Tib.*, LXVII). Por tais ações, o resultado é também ser portador do medo (BRANDÃO, 2009).

Damos relevo à *crudelitas*, pelo nosso objeto de pesquisa, o comportamento contrário à *clementia*. No *De Ira*, a descrição da Ira forma uma imagem como um ser mitológico vivo que é o espelho da descrição da Fúria que aparece no *Tiestes* (LOHNER, 2020, p. 114). Nela, a Ira é portadora do descontrole e da crueldade, então, Sêneca diz que acaba “[...] sendo alvo do ódio de todos, sobretudo de seu próprio [...] ao mesmo tempo deletéria e detestável.” (*Ir.*, II.35.5).

Tibério tem o resultado de suas ações de forma equivalente à Ira de Sêneca. Mais ao final da *Vita*, Tibério então é odiado por todos e é aterrorizado²⁹³, por consequência, toma exageradas precauções de segurança, como a retenção dos governadores de província²⁹⁴. Tibério, com o resultado de suas ações, em sua última tentativa de voltar à Roma, desistir segue

²⁹² Em Cícero, *humanitas* está no sentido de “ser terreno”. Cícero diz que a Humanidade está ligada à um conjunto de valores que lhe permite se integrar à sociedade. As demais fontes citamos algumas: *Commentari.*, (I.1.3); *PLINJ., Ep.*, (IX.5); *de Orat.*, (I.28; I.72); *Off.*, (I.50; I.105).

²⁹³ “A imagem do tirano cruel e misantropo (apresentada em gradação) conflui para o consequente estado de odiado por todos e aterrorizado, que o leva a exageradas precauções com os oráculos e com os homens: assim se interpreta a retenção em Roma de governadores de província nomeados (*Tib.* 63.2).” (BRANDÃO, 2009, p. 219).

²⁹⁴ “[...] o cuidado com que faz transportar a nora e os netos depois de condenados: presos com cadeias, dentro de uma liteira fechada, sem contacto visual com os transeuntes (*Tib.* 64). E até a narrativa da desgraça de Sejano é subordinada ao tema do medo de Tibério. O prefeito aparece mais como uma vítima do dolo do imperador (*Tib.* 65) do que como um conspirador. Os procedimentos de Tibério são os de uma fera acossada: finge-se vítima indefesa, através da *pudenda miserandaque oratio* ao senado [...] E, no clímax dos clímaxes, indicado por *postremo*, aparece um Tibério desgostoso consigo próprio (*semet ipse taesus*) (*Tib.* 67) [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 219).

viagem: as ações descritas ilustram a *dissimulatio* e *intemperantia*, seu comportamento mantém a desconfiança, expressa por manter um lictor ao lado para sua segurança (*Tib.*, LXXII).

A concessão e a conquista de títulos é também tema nas fontes romanas, podendo denotar as *uirtutes* da *gloria* e da *clementia* entre os romanos. Cícero diz “[...] nossos magistrados e generais ansiavam por obter um único título de *gloria*, o de terem defendido as províncias e os aliados com justiça e com fides” (*Dos Deveres*, II.8, 26 e 28. In: PEREIRA, 2002, p. 336). Isso demonstra que aquele que recebe títulos tem reconhecimento da sua *gloria* (PEREIRA, 2002).

Mas e quanto a quem está em posição de poder e pode conceder títulos de honra e cargos? Sêneca afirma que Calígula proibiu que o filho de Crasso recebesse o título de *Magno* (*Apocol.*, XI.2). Silva (2008) lembra que, segundo Suetônio, Calígula anulou os títulos de família de nobres na ânsia de não ter competidores no poder. Trata-se, portanto, de uma crítica: cassar títulos de quem os merece é negativo, seria um traço da *crudelitas*, de falta de *clementia*.

Tal comportamento, descrito por Cícero e Sêneca, é tomado por Tibério. Este negou aos netos, Nero e Druso, as honras que receberam dos votos públicos por sua saúde, justificando não terem mérito para isso (*Tib.*, LIV)²⁹⁵. A descrição das ações nesse capítulo expressa o comportamento marcado pela *crudelitas* e, ao mesmo tempo, alude para isso à *honor/gloria*, na medida em que demonstra mérito, embora Tibério se mostre *crudelis* ao não reconhecer o mérito. Augusto, modelo positivo de Suetônio e conhecido por ser *clemente*, tem o comportamento contrário: concede a Mecenas a liberdade e o direito de sentar-se à mesa com ele por ter lhe entregado a armada de Séxtio Pompeu, numa alusão para permitir honras a quem realizou feitos e, por seus atos tornou-se merecedor (*Aug.*, LXXIV). Suetônio ressalta que, aqui Augusto respeitava o que é próprio de cada classe e pessoa.

No relato da perseguição de Sejano, Suetônio descreve as ações afirmando que, Tibério com objetivo de “...afastar com um pretexto honroso...” atribuiu-lhe o quinto consulado e o iludiu com aliança de família e com poder tribunicio (*Tib.*, LXV). Esta é uma manifestação de comportamento *inglório*, na medida em que Tibério faz concessão com objetivo de traçar artimanha e com atitude de *dissimulatio*. Suetônio narra Tibério como alguém que não concede títulos para engrandecer a *uirtus* demonstrada por um indivíduo em condição de assumir o cargo, nem para reconhecer algo *honroso*. O vocábulo escrito se refere à *honor*, mas o sentido

²⁹⁵ “[...] veio a saber, no princípio do ano, que se haviam celebrado também votos públicos pela saúde deles, declarou no Senado “que tais honras só podiam ser atribuídas ao mérito e à idade”. E desde então, revelando a baixa profunda da sua alma, tornou-os alvo das acusações de todos [...]”

que assume é o da *glória*. Vide em Salústio (SAL., *Cat.*, 53.4. In: LIMA, 2019, p. 30)²⁹⁶, em que César tem comportamento tido como positivo por não recusar conceder o que era a alguém merecido receber. Tibério tem a imagem contrária à de César.

Suetônio e Tácito tratam do relato de Tibério não consentir atribuir à mãe o título “mãe da pátria” (*Ann.*, I.VIII; *Tib.*, L). Para Tácito, Tibério teria sugerido a necessidade de moderar as honras às mulheres, essa sugestão é dada como *demonstratio* de ações que expressam a *adulatio* dos senadores para com Augusto. Enquanto Suetônio, lança esse fato num capítulo que demonstra *impietas* e *crudelitas*, para narrar, em suas palavras “O seu ódio para com parentes próximos”, seu trato com a mãe mostra seu ódio por ela. Em ambos os relatos, temos a recusa de atribuírem à mãe qualquer honra/homenagem extraordinária. A *gloria* pelos títulos está presente e o comportamento de Tibério é de negar a concessão de honras merecidas, comportamentos que são demonstração de *crudelitas*.

Genealogia, nascimento, vida e morte: *gloria* e *clementia* num caráter exemplar

Acabamos de narrar a *clementia/crudelitas* em diversos aspectos de sua manifestação. Agora, uma vez que a *vida de Tibério* narra uma vida inteira, do começo ao fim, podemos observar a *clementia* e a *gloria* presentes na sua descrição da genealogia familiar, no período de nascimento e na morte de Tibério²⁹⁷. Podemos montar, assim, essa sequência narrativa.

O início da biografia, de acordo com os preceitos retóricos de construção do gênero biográfico, narra a família e genealogia do biografado. Segundo Brandão (2009, p. 331), o capítulo de ascendência, presente no início da vida, serve para fazer a crônica das famílias, com seu caminho ao longo do tempo e demonstrar que, em algum momento, por um de seus membros, atingem a *gloria* imperial, além de herdar *uirtus/uitia*²⁹⁸. Na biografia de Tibério, entre os *cognomina* adotados, está em destaque *Nero*, que, na língua sabina significa “forte”, “intrépido”, um prenúncio das qualidades que virão no futuro: de bom chefe militar, mas também das fobias e indecisão (BRANDÃO, 2009, p. 335). As duas expressam a *gloria*, pelo bom militar, e a *inglória*, por ser indeciso na gestão de cargos²⁹⁹.

²⁹⁶ “4. Por fim, César decidira-se pelo labor, pela vigília, pela atenção aos negócios dos amigos em negligência dos seus, pela não recusa do que merecesse ser concedido; [...]”

²⁹⁷ Excluímos daqui Tácito porque o restante da narrativa do período de Tibério e sua morte estão em livros posteriores ao livro I, que não fazem parte do escopo de pesquisa deste trabalho. Isso não quer dizer que Tibério não tenha uma caracterização de um caráter unitário, com suas *uirtutes/uitia* em Tácito, como mostramos no cap. 1.

²⁹⁸ Serve, também, para se mostrar qualidades de cada César com referência aos seus antepassados, de alguma forma fundamenta geneticamente as virtudes e vícios do indivíduo a partir de traços familiares.

²⁹⁹ “Registram-se muitos feitos meritórios de muitos Cláudios, mas também muitas ações menos boas contra o Estado.” (*Tib.*, II). Esse termo “ações menos boas” parece uma ironia para o relato de condutas negativas. O termo também é assim traduzido em BRANDÃO (2009, p. 335). Assim, retrata condutas: “[...] o biógrafo opõe (*contra*)

A *Vita de Tibério* traça a genealogia de seus parentes, neles podemos observar valores³⁰⁰. Assim, na família e genealogia, podemos identificar elementos da *gloria*. Dois destes parentes demonstraram *gloria* por feitos militares, mas o balanço da genealogia de Tibério conclui, numa forma de caracterizar o ethos de sua família, por meio de uma *contenção*³⁰¹: seus parentes, ao mesmo tempo, teriam demonstrado *dignitas* e, com seu caráter violento, a *ferocitas* e *superbia*³⁰², em algo se parece com o apego ao poder³⁰³.

O relato de Suetônio segue (*Tib.*, III), reconhecendo membros da família. Atribui como personagens notáveis Salinator e Druso: Salinator pela postura digna e responsável com sua função na censura, ao apontar leviandade, ainda ao ter sido cônsul duas vezes, Druso pelo título que recebeu, seu *cognomen*, por ter vencido em luta corpo a corpo o chefe inimigo Drauso³⁰⁴. Druso ainda ocupara cargo de propretor e recuperara o ouro dado aos senomos na província da Gália, e seu bisneto fora nomeado patrono do senado pela sua ajuda na facção contra os Gracos. A genealogia apresenta a *gloria* por feitos em cargos da *res*, por vitórias militares e também pela conduta do bom guerreiro no serviço militar. A referência ao combate corpo a corpo nos parece um elogio do guerreiro, não vemos que seja luta um contra um, mas ação no contexto das tropas. Se parece com o relato de Plutarco sobre César, que a tropa sob seu comando matara um milhão lutando corpo a corpo (PLUTARCO, *César* XV, 2 – 5. In: JOSÉ, 2011, P. 123)³⁰⁵.

Vamos ao desenrolar da *Vita de Tibério*, à caracterização de sua conduta de *crudelitas*, já no governo e iniciando o caminho para o fim de sua *vita*. Em seguida aos versos que fizeram

o crime de Cláudio Regiliano contra a liberdade de uma virgem (trata-se de Virgínia, mas o biógrafo não a nomeia), facto que provocara a secessão da plebe; de Cláudio Druso (ou antes, Russo) contra o Estado, por acalentar aspirações tirânicas;26 de Cláudio Pulcro contra a religião tradicional (impiedade bem conhecida contra os frangos sagrados que atirou ao mar, por, na eminência de uma batalha, se recusarem a comer) e contra as instituições do Estado (por não tomar a sério a obrigação de nomear um *dictator*, depois de ter perdido uma armada) (*Tib.* 2.2). [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 335).

³⁰⁰ Entre esses parentes, Cláudio Caudex e Cláudio Nero tiveram feitos militares. Entre as mulheres, uma Cláudia demonstrou sua *castitas*, enquanto outra Cláudia demonstrou uma fala desonrosa e cruel. Cláudio Peligano teve atitude vergonhosa ao tornar-se causa da secessão pela sua paixão por uma “rapariga” que livre a fez escrava. Já Cláudio Druso e Claudio Pusher cometeram sedição e *impietas*. Tibério é parente de Públio Clódio, partidário de Júlio, que teve uma atitude negativa ao fazer adotar-se por um plebeu (*Tib.*, II).

³⁰¹ Figura retórica que compõe o universo da escrita no período de nossas fontes, útil para dar o caráter também de conclusão ao leitor. Vide sua definição em *Retórica à Herênio* (IV.21).

³⁰² “[...] todos os Cláudios foram aristocratas e partidários absolutos da dignidade e do poder dos patrícios, mostrando-se para com o povo, tão violentos e obstinados que nenhum deles, nem mesmo acusados perante o povo de crime capital, quis envergar o hábito de suplicante ou baixar-se a dirigir-lhe qualquer rogo; alguns, no meio de debates e discussões, agrediram, mesmo, tribunos da plebe. [...]” (*Tib.*, II).

³⁰³ O que pode sugerir a *ambitio*.

³⁰⁴ Suetônio, possivelmente, toma como fonte a Títo Lívio (*Liv.*, XVII.34) sobre Marco Lívio Salinador. “Se o consideram um homem bom, por que o condenaram como se fosse um homem mau e malicioso? Se o julgaram culpado, por que depois de um consulado considerado ruim, lhe oferecem outro?”

³⁰⁵ Superou “[...] e a todos, por fazer o maior número de combates e por aniquilar a maior parte dos inimigos. De fato, tendo combatido menos de dez anos nas Gálias, tomou à viva força mais de oitocentas cidades, submeteu trezentos povos e, dispondo suas tropas em diferentes ocasiões contra três milhões de homens, matou um milhão lutando corpo a corpo e fez outros tantos prisioneiros.”

sobre Tibério, Tibério tem suas ações descritas: recusa a verdade desses versos. Uma *demonstratio* por Suetônio diz: “[...] repetia muitas vezes: ‘que me odeiem, mas que me respeitem’. [...]” (*Tib.*, LIX). Essa mesma citação é utilizada por Sêneca (*Clem.*, I.II.2: Ir., I.20.4)³⁰⁶, é uma citação da tragédia do Atreu de Ácio. Isso nos lembra de associar o atributo político do soberano em Sêneca ao ideal do “bom governante”. Sêneca diz que são ações abomináveis como aquelas dessa frase, ações como as de Atreu.

O fim do capítulo, segundo Brandão (2009), consiste em um remate espirituoso de Suetônio: Tibério fez com que o conteúdo da fala que repetia se tornasse real (“era azedo e terrível, era um governante da idade do ferro, era sedento de sangue”). Além disso, nos parece também que essa descrição de falas, ao estilo da *etopeia*, contribui para caracterizar Tibério como um tirano, mas também está em vista o valor da *clementia*, na medida em que Tibério assim expressa caráter de um governante que só pensa em seu poder. Sua *auctoritas* não deriva da *clementia*, como o ideal das virtudes cardeais do *imperator*, mas do poder e da *crudelidade*, que geram temor. Assim, Tibério não se constrange em ser um príncipe odiado: sua legitimidade vem do uso excessivo e cruel do seu poder, e não da *clementia*.

A referência ao *Atreu* nos conduz também à *gloria*, presente apesar de oculta no texto de Suetônio. O modelo de caracterização do tirano nas tragédias gregas atribui ao tirano o medo, a avidez, a impiedade. O dito de Tibério é semelhante à um verso de Ênio, conservado por Cícero (*Sobre os deveres*, II.23) que diz: “a quem temem, odeiam; a quem todos odeiam, buscam destruir”³⁰⁷, o que nos remete à *Tiestes* de Sêneca (LOHNER, 2020, Nt. 42).

As tragédias, nessa linha, descrevem governantes tomados pela *crudelitas*; a tradição de referência ao *Atreu* é a referência à um tirano que entre seus *uitia* tem a *crudelitas*. As citações de versos trágicos por Cícero indicam as peças de Ácio encenadas em sua época, o *Atreu* é um dos dramas mais conhecidos. A figura de *Atreu*, de Ácio, era modelo de caracterização negativa do tirano. Nesse contexto, a primeira *Filípica* de Cícero traz uma caracterização da *gloria* que remete à esta frase ao dizer: “Que me odeiem, contanto que me temam”. Nesse fragmento, Cícero aconselha o destinatário a não se afastar do caminho da *gloria*, a não preferir ser temido a ser amado. Cícero afirma que servir a República, ser louvado e amado é *glorioso*, enquanto ser temido e odiado é detestável, opondo, assim, a tirania e a *crudelidade*, de um lado, à *gloria*, de outro.

³⁰⁶ “[...] consideradas verdadeiras e vulgarmente célebres, mas abomináveis, como a famosa “Que me odeiem, contanto que me temam”, que é semelhante ao verso grego daquele que ordena à terra que se inflame quando ele morrer, e outros ditos congêneres.”

³⁰⁷ “*Quem metuunt oderunt; quem quiesque odit perisse expectit*”

O que eu mais temo é que, ignorando o verdadeiro caminho da glória, tu penses que sozinho sejas mais poderoso do que todos e prefiras ser temido pelos teus concidadãos a ser amado por eles. Mas se pensas assim, ignoras o caminho completo da glória. Ser um cidadão querido, bem servir à República, ser louvado, estimado, amado é glorioso; porém, ser temido e odiado é algo execrando, detestável, frágil, precário. Até mesmo em uma peça de teatro vemos que isso foi pernicioso exatamente para aquele que exclamou: “Que me odeiem, contanto que tenham” (*Filípicas* I.33-34. In: LOHNER, 2020, p. 172)

Reforçamos essa compreensão com outra visão de Sêneca (*Clem.*, III.XV.3)³⁰⁸. Para este, o *princeps* não alcança *gloria* em atos de crueldade, mas alcança reconhecida *gloria* nos atos de *clementia*. Assim, a frase citada do *Atreu* de Ácio não nos parece simples referência, mas está mobilizando uma noção de Sêneca, que reproduz a noção de tirano como aquele que governa pela violência e pelo medo. Ao mesmo tempo, que o tirano, por demonstrar *crudelitas*, não demonstra *gloria*, remetendo ao ideal do bom *príncipe* de Sêneca.

Tibério é apresentado como tirano e manifesta a *inglória*, ao elevar Sejano ao máximo do poder (*Tib.*, LV). Isso seria uma manifestação de *gloria* por feitos, mas Tibério aqui o eleva para usá-lo em seus artifícios e garantir seu poder, para perseguir, buscando também garantir a sucessão não para quem merece, mas para quem ele escolheu por interesse, o sucessor de sua escolha. Tibério prefere o neto, filho de Druso, que não é escolhido por nenhuma *uirtus* digna de um sucessor, revelando uma *ambitio* de poder que anula tanto um comportamento de *gloria* como um comportamento que poderia ser de *clementia*. Essa associação podemos provar com a narrativa de Salústio sobre Mário. Salústio traça o *retrato* de Mário (*Jug.*, 63) como homem de *gloria*. O personagem é apresentado como indivíduo que protege a República na ação no serviço militar e demonstra virtudes para isso adequadas. No entanto, nos conta que depois foi levado à ruína graças à sua ambição (RODOLPHO, 2012, p. 285).

A proximidade da morte faz Suetônio repassar parte da vida de Tibério, que, como analisou Sobral (2007), é favorecido em um retiro não por direito, mas por sua própria vontade. A reclusão implica na possibilidade de desgoverno e de crise, motivada pela irresponsabilidade de sua função. Os vícios do imperador só são possíveis se ele não exercesse comando (SOBRAL, 2007, p. 59-60). Vemos, assim, que estes são elementos que marcam *inglória*: por sua vontade própria, afasta-se do campo de demonstração da *gloria*, a irresponsabilidade para com sua função de manter a ordem exercendo o governo. Temos, novamente, a equivalência

³⁰⁸ “3. Para o rei, Nero, não existe nenhuma glória proveniente de uma condenação brutal (pois quem duvida de seu poder?), mas, ao contrário, sua glória será muito grande, se contiver sua violência, se resgatou muitos da cólera alheia, se não aplicou a ninguém a sua própria.”

com a conduta de Cláudio, com seu comportamento negativo ao se desinteressar pelos assuntos do Estado e se interessar exclusivamente pelo jogo de dados (*Apocol.*, XV.3).

A progressão que aparece no final da *Vita* é feita a partir do tema da comiseração: sentimento de piedade pela infelicidade de outrem. Abordagem que se assemelha ao *Retórica à Herênio*, ao tratar da forma de se fazer a comiseração (II.50), em que indica ao que apelar e que ela deve ser breve. A comiseração é usada no final das *vidas*:

Há nas *Vidas* uma procura de tocar o leitor, através do apelo à comiseração e ao horror [...] o carácter hediondo dos crimes de Tibério, Calígula, Nero e Domiciano gera indignação e horror. Neste caso, o *phobos* resulta, [...] de sentir que pode vir a encontrar-se subjugado a um imperador semelhante a um destes – pelo que tal sentimento é purgado com a justiça restabelecida no momento da morte. (BRANDÃO, 2009, p. 322)

Cf. Aristóteles, *Po.* 1449b 27. Como afirma Fialho, M. C. 1997, 380, “O *eleos kai phobos* que Aristóteles apresenta como objectivo a atingir no espectador pela tragédia, tal como a catarse, qualquer que seja a sua natureza, baseiam-se, afinal, nessa possibilidade de comunicação profunda espectador-acção dramática que o atinge e por que se sente afectado”; [...] (BRANDÃO, 2009, p. 322, Nt. 39).

Dada esta análise, o que podemos concluir é sobre o que se pode atribuir expressão de valorização de *gloria* e de *clementia*, nesta narrativa da morte. Chegando à morte de Tibério em si, é como nos conta Sobral, a narrativa da morte:

Esta última observação de Suetônio “vou recordá-los, um por um”, encobre um desejo ardiloso de tornar pública a vida desregrada de Tibério, enfatizando o vício, quando na verdade, no momento final de qualquer pessoa, a tendência é a ocultação de coisas depreciativas para não macular a honra do falecido. Suetônio rompe com todos os elogios e com o reconhecimento das virtudes que ele foi recolhendo ao longo da narrativa – é neste final que ele define o verdadeiro Tibério autocrata, portanto cruel e desmedido, e fazendo uma espécie de contra ataque, desfêça golpes de ordem moral sobre o truculento imperador que não facultava às pessoas o direito de viver dignamente. [...] (SOBRAL, 2007, p. 59)

O caminho final, a morte e as reações à morte estão marcados pelos temas que analisamos no capítulo 1: pela forma da tragédia e da farsa, pela presença do *tyche* e do *fatum*. A análise da morte de Tibério mostra que ele perde a *glória*, *uirtus* comumente atribuída aos imperadores pela tradição. Pelo relato de Cícero, os ritos fúnebres são feitos nas assembleias e reconhecem, em ritual, a *gloria* do morto. Cícero diz que, aos homens honrados, eram cantados cantos fúnebres em seu funeral, em que as *glórias* de homens honrados eram lembradas, seus feitos eram lembrados (*Leg.*, II.62. In: SILVA, 2008, p. 124).

Sobral (2007, p. 62) afirma que o fim de Tibério não tem *glória* nem heroísmo: não há lamentações ou orações fúnebres, devido à falta de flautas no ato de encomendar o defunto. Seu cortejo triunfal não merece atenção, não há *fundus indicativum*, os funerais solenes dos imperadores.

Pelo contrário, a reação à morte de Tibério é uma explosão catártica: libertos do medo, os súbditos reagem finalmente com espontaneidade: É como se estas exclamações vingassem as atrocidades que cometera, pois os castigos requeridos são os que a tradição propunha para os tiranos. Para agravar a ira popular, o vazio de poder fez com que alguns condenados fossem executados no interregno: *creuit igitur invidia, quasi etiam post mortem tyranni saevitia permanente* (Tib. 75.3) («aumentou então o ódio, pois era como se a crueldade do tirano permanecesse ainda depois da morte»). (BRANDÃO, 2009, p. 313). [...] Nós acreditamos que Suetônio, neste enredo, desnuda a face negativa de autocrata em Tibério, de forma radical, excluindo justificativas, sem nenhuma abertura de espaço e sem nenhuma absolvição. (SOBRAL, 2007, p. 62)

No fim da vida, é presente nas biografias de Suetônio a reação às mortes (BRANDÃO, 2009). A morte de Tibério traz a movimentação popular, que comemora o fim desse inimigo do povo (Tib., LXXV) (SOBRAL, 2007). Mas, a reação do povo já era prevista antes, uma certa consciência de seu futuro: a morte de sua serpente é interpretada como símbolo de advertência contra a violência da multidão (Tib., LXXII). Suetônio procura dar a Tibério o fim terrível que ele mereceu e coloca, por isso, a versão de Sêneca em último lugar, por ser a mais impressionante e a mais simbólica: o imperador morre apartado de todos³⁰⁹, é um símbolo do tirano odiado e rejeitado. “Tibério tem um fim à semelhança da vida: o de um solitário desconfiado dos próximos [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 297, Nt. 117). A narrativa da *clementia*, como valor invocado, também se dá diante da demonstração da *crudelitas* como comportamento reprovado dos homens de poder. Sobral (2007) concluiu, na sua pesquisa sobre as mortes dos imperadores, que, nas *Vidas* de Suetônio, do ponto de vista da cultura política, Suetônio tem a característica de criticar e rejeitar o autocratismo, presente nos imperadores que ele considera negativo³¹⁰.

No campo que interessa ao nosso objeto, fica demonstrado que Tibério, pela tirania e pela *crudelitas*, é encerrado e rejeitado após julgamento. Comparamos com um imperador que

³⁰⁹ “[...] com a mão esquerda fechada; que de súbito chamou os escravos e como ninguém lhe respondesse, se levantou e caiu sem forças não longe do leito.”

³¹⁰ Sobral (2007) mostra que o relato final traz a frieza do povo, que se deve à sua reação de frieza com relação ao público e opinião pública. O que, em nossa visão, remete à sua *inciuilitas* e comportamento contrário à *afabilidade* (*facilitate*), à *cordialidade* (*comitas*). Por conseguinte, se liga ao seu comportamento *arrogante* (*adrogans*) e *misterioso* (*obscurus*).

é visto como positivo, ao contrário do tirano, um imperador amado, comparando com a morte de Júlio César, narrada por Plutarco e Suetônio. A morte de Júlio causa consternação no povo: incendeiavam o esquife antes de depositado, tamanha é a pressa, atiram-lhe todo tipo de presentes que possuem nas mãos, seu espírito ascende aos céus em forma de estrela (*Vit. Caes.*, LXVIII, 1-7; *Jul.*, LXXXIV. In: JOSÉ, 2011, p. 145-146). Júlio é divinizado, reconhecido como Pai da Pátria, e a coluna que erguem em sua homenagem torna-se local de sacrifícios e invocação de seu nome (*Jul.*, LXXXV. In: JOSÉ, 2011, p. 146). Assim, Júlio é governante³¹¹ amado pelo povo, reconhecido pela imagem de *clemens*, enquanto Tibério é odiado, sua morte causa alegria do povo, sendo reconhecido pela sua imagem de *crudelitas*.

Ainda temos mais, Tibério, mesmo após sua morte, continua despertando ódio, como se sua crueldade permanecesse mesmo depois do fim de sua vida (*Tib.*, LXXV). A condenação de Cláudio na *Apocolocintose* possui o mesmo sentido da morte de Tibério em Suetônio (*Tib.*, LXXV), se dá por ser tirano e por sua *crudelitas* (*Apocol.*, XIV.4-XV.1). Ambos são condenados e rejeitados pelo povo.

O retrato físico também compõe este caráter que se pretende construir, ele forma uma imagem física do indivíduo retratado. A narrativa do retrato físico integra todas as biografias de Suetônio e constitui parte definida pelos protocolos do gênero *vita*. Aqui veremos se o retrato físico expressa *uirtutes/uitia* ligadas à *gloria* e *clementia*. Brandão (2009) concluiu que os retratos de Suetônio continuam, no aspecto físico, o caráter do indivíduo, portanto, integram a caracterização do indivíduo retratado.

Inserida no final das biografias, antes ou depois da narrativa da morte, a rubrica do retrato físico vem criar na mente do leitor uma imagem visual, tanto quanto possível coerente com a personalidade do César, ilustrada, mediante vários exemplos, ao longo da biografia, e integra-se, por isso, no intuito de caracterização moral. [...] o que o biógrafo querera sugerir parece mais simples. Trata-se, por um lado, da adoção, moderada embora por certo realismo, do antigo preconceito de que o bom corresponde ao belo; e, por outro, da demonstração de que certas deformidades ou traços grotescos são consequência de desregramento moral. (BRANDÃO, 2009, p. 341)

O retrato físico em Suetônio é descrito pelo recurso ecfrástico do ornamento de sentença da *effigie* (*effictio*) (*Ret. Her.*, IV.63). Outra relação para os retratos de Suetônio é o que Daniele

³¹¹ Compreendemos que a tradição na historiografia é denominar como “imperador” a partir de Augusto, mas queremos aqui remeter à um governante que centralizou o poder. Júlio, na memória dos romanos, foi “ditador” por muitos anos e recebeu o título de “imperator” por várias vezes, embora esse título signifique coisas diferentes entre Júlio e Tibério. No entanto, a comparação é válida por serem governantes de um poder centralizado. É provável que Plutarco e Suetônio ao narrar Júlio o coloquem como exemplo contrário aos maus imperadores, por isso ele é traçado aos moldes de um imperador, que era o regime político do tempo que escreveram.

Lima (2019) encontrou na *laudatio* de Cipião: o elogio de traços do corpo e da alma³¹². Essa *laudatio*, trata Cipião como homem forte e sábio, mas suas *uirtutes* também estão no contexto da política da *res*, juntas evocam a imagem de um homem digno de *gloria*.

Tais *uirtutes* remetem à oposição entre *corpus* e *animus* presente em *A Conspiração Catilina*. Esta define que o homem compartilha com os animais o corpo, mas é o *animus* a parte humana compartilhada com os deuses, que distingue os homens dos animais (*Cat.*, 1.2). O texto também discute que se disputou o que seria melhor para a arte militar: a força do corpo ou o valor da mente³¹³.

O retrato de Tibério em Suetônio sugere seu aspecto positivo de comandante militar, marcado pela robustez, pela estatura acima da média, pela mão esquerda que é mais forte e muito forte. Mas também o associa à crueldade ao relacioná-la à pederastia (*Tib.*, XLIV; LXVIII; XVIII)³¹⁴ (BRANDÃO, 2009). A afirmação de que apresentava “erupções da cútis” sugere um estado de perturbação, enquanto a capacidade de ver de noite, reforçada pela expressão de “olhos grandes”, parecem fortalecer a caracterização de tirânico (BRANDÃO, 2009). Esta acompanha sua *ferocitas* e *crudelitas*. Trata-se de uma *efígie* que parece coerente com as *uirtutes/uitia* marcantes de Tibério. Já vimos tal característica que marca Tibério na *Vida*, pela narrativa no momento de sua escolha como sucessor nas cartas de Augusto (*Tib.*, XXI), bem como sua natureza cruel da infância (*Tib.*, LVII): a *gloria* e a *crudelitas*. Mas, vamos mais longe que Brandão (2009), pensamos que a face deformada e seu enorme tamanho sugerem ao mesmo tempo a força do soldado, portanto *gloria*. Sugere também a intimidação, portanto, *crudelitas*. Será exagerado sugerirmos que estamos diante da *efígie* de um tirano? O governo de um tirano é monstruoso e, por isso, o governante revelaria uma face monstruosa?

A descrição da mão, em conjunto com as articulações vigorosas, pode de ser vista plausivelmente como caracterização da força. Isso pode ser expressão tanto sua qualidade de bom guerreiro quanto a aplicação desmedida da força em sua *crudelitas* e *ferocitas*, próprias de homem público? Não se sustenta, no entanto, que a mão esquerda mais forte sugira a *gloria* do guerreiro, mas sim a força desmedida da *crudelitas*, pois os soldados usam a espada com a mão

³¹² “Cornélio Lúcio Cipião Barbado/filho de Gneu, foi um homem forte e sábio/cuja aparência foi muito semelhante à *uirtus*/cônsul, censor, edil foi junto a vós. /Capturou a Taurásia Cisauna em Sâmnio./subjugou toda a Lucânia e fez prisioneiros”. In: LIMA, 2019, p. 20. Disponível em: http://db.edcs.eu/epigr/epi.php?s_sprache=en.

³¹³ “[...] contrastando-se no texto latino *uis corporis* e *uirtus animi*, para concluir que a aliança entre os dois é o mais profícuo. Vale chamar a atenção para o complemento abstrato e não físico de *uirtus* na passagem.” (LIMA, 2019, p. 20-21).

³¹⁴ Deixamos de lado a análise de outros aspectos físicos, pois não têm a ver com *gloria* e a *clementia/crudelitas*. Tais são analisados em BRANDÃO (2009, p. 345-346).

direita. Portanto, soldados precisam da direita mais forte, uma esquerda forte não é essencial ao guerreiro. Em contraposição à *Vida de Augusto*, que é o modelo do ideal do príncipe, não é tirano, seus olhos são descritos como “olhos claros e brilhantes” (*Aug.*, LXXIX). Augusto é descrito com pouca força do lado esquerdo do corpo, em coerência com sua *ciuilitas*, *mansuetudo*, *facilitas* e *clementia* (*Aug.*, LXXX).

A caracterização do retrato físico de Tibério em Suetônio trata da constância de sua saúde, assim, se assemelha à Salústio (*SAL.*, *Cat.*, 53.4-54.6. In: LIMA, 2019), ao fazer o retrato de César e Catão, atribui a Catão a *gloria* igual à de César e também *constantia*. Augusto celebrou Tibério como “único apoio do povo romano” (*Tib.*, XXI) e apontou a preocupação central com a saúde (*Tib.*, XXI). No seu retrato físico, por sua vez, nos informa que gozou de boa saúde, inalterável por todo seu reinado (*Tib.*, LXVIII). O que acreditamos sugerir a *auctoritas* e as várias *uirtutes* do governante, bem como a estabilidade como valores da administração, entre elas está a *gloria*. Assim, o retrato físico de Tibério parece aludir em destaque à *gloria* e à *crudelitas*.

Chegando ao fim de nossa análise, façamos um panorama geral das principais *uirtutes/uitia* que caracterizam Tibério, coloquemos no centro delas a *gloria* e a *clementia*. Se observarmos, então, a narrativa de Suetônio sobre o retiro para Rodes (*Tib.*, XI-XII), vemos que Suetônio busca expressar a *ciuilitas* que compõe seu caráter. É descrita no seu comportamento para com os doentes, enquanto há demonstração pontual de *clementia*, posteriormente a *clementia* desaparecerá com a expressão da sua *crudelitas*. Em Suetônio, os maus príncipes, quando praticam atos positivos, tais atos são atribuídos à sua *dissimulação* (BRANDÃO, 2009), é o caso de Tibério. Assim, Tibério não possui *clementia*. Em Suetônio e Tácito, Tibério é *inglório* ao abandonar os feitos na guerra e ser irresponsável nas funções públicas da *res*, bem como em outros diversos atos que revelaram *gloria* é dissimulado, enquanto a *clementia* é falsa *clementia*. Em ambas as fontes, Germânico é claro, verdadeiro e sincero, enquanto Tibério apresenta os *uitia* exatos contrários.

Em Tácito, vai chegando o final do livro I, o caráter vai sendo mais explicitamente delineado. Um libelo de versos anônimos azeda o humor de Tibério, porque “pintavam sua crueldade e arrogância, bem como as suas discórdias com a mãe.”, qualificando sua *impietas* (*Ann.*, I.LXXII). Em Suetônio, Tibério é acusado em versos que dizem “era azedo e terrível, era um governante da idade do ferro, era sedento de sangue” (*Tib.*, LIX). Suetônio afirma que o fez serem verdadeiros. Dessa forma, fica caracterizada sua *crudelitas*. Tibério perde várias

oportunidades de demonstrar *clementia*, mostra-se *inglório* ao abandonar os feitos na guerra e por ser irresponsável nas funções públicas da *res*.

Conclusão

À guisa de conclusão, sobre a *gloria* e a *clementia* em Suetônio e Tácito, buscou-se analisar dois autores de períodos próximos, que têm posições sociais diferentes: um equestre e outro senador. Ambos escrevem gênero historiográfico, com subgêneros diferentes: um, a *vita*, o outro, *anais*. A comparação entre ambos mostrou a presença da *gloria* e da *clementia*, aparecendo com semelhanças e diferenças. A partir da pesquisa no capítulo 1, pudemos definir a *vita* e os *annales* dentro do regime da tradição retórica de escrita do mundo antigo, bem como definir seus gêneros, suas concepções de história e seus instrumentos narrativos. Concluiu-se que seguem os protocolos prescritos no mundo antigo da escrita da retórica e se inserem em uma tradição específica. Podemos resumir isto como sua “forma”.

Vimos, a partir da pesquisa sobre Suetônio e Tácito, uma recorrente referência a concepções de Salústio, principalmente em Tácito. Vimos também essa recorrência aos valores da *gloria* e do comportamento dos generais e soldados que remetem ao ideal positivo de conduta elaborado por Cícero e Júlio César. As condutas relativas à demonstração da *clementia* tiveram também alguma referência nos comportamentos de César, rememorados no período imperial (Patérculo e Plutarco), ou descritas como modelo no tempo da República (Cícero). Assim, podemos perceber que Suetônio e Tácito buscam modelos de conduta positiva na repetição de comportamentos, conceitos e *uirtutes* do passado republicano, vistos como positivos, coerente com a concepção de *historia magistra vitae*. Partiu-se de algumas hipóteses que não foram confirmadas, ou não estão presentes em Suetônio e Tácito. Supunha-se, no começo, a hipótese da atribuição de *gloria* ao indivíduo que demonstra ações que expressam *mors maiorum*, no entanto, o que concluímos é que, embora haja nas fontes os *mores*, isso não leva à *gloria*. Não encontramos atribuição de *gloria* a partir da demonstração de outras *uirtutes*, como aparece em Cícero.

A *gloria* é a *uirtus* que remete ao reconhecimento público, ao reconhecimento dos pares. Encontramos tal forma da *gloria* em Suetônio e Tácito com o termo *gloria* expresso, mas também com o sentido implícito (sem o termo), ou seja, a conduta é descrita, quando se trata do contexto militar, da vitória, da conquista, do reconhecimento aos soldados pela vitória, também pelos feitos do bom comandante. Tanto ao soldado quanto ao comandante é atribuída *gloria* pela dedicação ao serviço militar. Aparece também expressa como “grandeza” em seres

inanimados. A *gloria* é atribuída ao imperador e a homens reconhecidos como *capax imperii*, quando demonstram ações para isso. A *gloria* aparece também nos feitos pela *res*, nos cargos públicos. A *inglória* aparece, nesses campos, atribuída ao comportamento contrário.

O termo *clementia* aparece no contexto do comandante militar, onde é comportamento esperado do comandante ideal ser *clemente*. Na disputa pela posição de *Imperator* como atributo que leva à *auctoritas*. É comum aparecer a *clementia* com o termo perdão. Com relação ao exercício do *imperator*, a *clementia* aparece atribuída aos maus imperadores, tanto nas oportunidades que perdem de praticar a *clementia*, quanto nas atitudes de *crudelitas* que tomam expressamente. Na política externa, a *clementia* aparece como valor descrito, mas não como vocábulo. Na *uirtus* ideal do soberano a *clementia* vem como vocábulo expresso. Os atos do tirano trazem os comportamentos viciosos contrários à *clementia*, trazem o caráter da *crudelitas*, *ferocitas*, *saeuitia*. Vimos a presença da *crudelitas*, inserida na tradição que trata do tirano e seus vícios, se manifestar nos comportamentos relativos à aplicação da justiça nos tribunais, no trato com cidadãos romanos que cercam o imperador, no exercício de cargos públicos e no trato da família, âmbito em que se associa a *crudelitas* à *impietas*.

A comparação das fontes Suetônio e Tácito com outras do período, entre elas, nomeadamente Sêneca, Plutarco, Patérculo e Lívio, mostraram a construção de um ideal do bom e do mal governante. Essa tradição mostrou-se remeter ao ideal do período republicano, ao compararmos com Cícero e Salústio, associado aos homens na posição de poder central dos cargos. Observou-se a tradição dos homens no poder através do título de *imperator*, título concedido no período republicano e reformulado na posição de *princeps* no período do Império. Nesse governante está como ideal positivo a *uirtus* da *clementia* e negativo a *crudelitas*, no que diz respeito ao seu trato com o povo e as ordens. No âmbito das funções públicas, que afetam o coletivo da *res*, a cidade como corpo político unitário, a *uirtus gloria* é reconhecida ao comportamento positivo, enquanto a *uitia* da *inglória* é reconhecida aos maus governantes.

As imagens de *exempla* construídas que observamos nos mostraram que Suetônio narra Tibério como portador de *gloria* na parte positiva da vida e como *inglorius* na parte negativa. Já Tácito não atribui a *gloria* a Tibério, pois omite suas ações e por vezes lhe atribui atitude *inglória*. A *gloria* permanece, assim, como atributo positivo nos generais e nos soldados em Suetônio e Tácito. A *clementia* é pouco demonstrada por Tibério, enquanto a *crudelitas*, a *saeuitia* e a *ferocitas* marcam suas ações no exercício do poder, nos tribunais, na interação em geral com os cidadãos. Soma-se às suas interações, tais *uitias* à *impietas*. Conclui-se, assim, que é Germânico o *exemplum* de *clementia* em suas várias formas.

BIBLIOGRAFIA:

Fontes:

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Editora WMF Martins Fontes, Coleção Obras Completas de Aristóteles, 1º ed., São Paulo, 2012.
- AUGUSTO. *Feitos do divino Augusto*. In: SUETÔNIO; AUGUSTO. A vida e os feitos do Divino Augusto, A. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio de Vasconcelos e Antônio Martinez R. UFMG, 2007, p. 117-138.
- CÉSAR, JÚLIO, *Comentário à Guerra Gálica* (Commentarii de Bello Gallico). Tradução Francisco Sotero dos Reis. Iba Mendes. São Paulo, 2016.
- CÍCERO. *As catilinárias*. In: BARBOSA, Lydia. *As Catilinárias de Cícero: tradução e estudo retórico*. São Paulo, 2019.
- CÍCERO. *De Re Publica*. Juvino Alves Maia Junior (trad.), João Pessoa, Ideia, 2016.
- CÍCERO. *Discurso por Marcelo*. Marco Túlio Cícero; tradução Débora Santos Shinohara, Adriano Scatolin; introdução, notas, apêndice e posfácio Adriano Scatolin. -- 1. ed. -- São Paulo: Editora Madamu, 2023.
- CÍCERO. Sobre as leis (De Legibus) / Marco Túlio Cícero; Bruno Amaro Lacerda, Charlene Martins Miotti (tradução, introdução e notas). – Juiz de Fora, MG : Editora UFJF, 2021.
- HOMERO. *Iliada*. Penguin. Trad. Frederico Lourenço, editora Schwarcz s.a, São Paulo, PDF, p. 272.
- PLUTARCO, *Vidas paralelas*. Tradução do grego, introdução e notas: Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1ª ed., 2012.
- PSEUDOCÍCERO, *Retórica à Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra, s/d.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Madras, 2003.
- QUINTILIANO. *Instituição oratória*/Marcos Fábio Quintiliano; tradução e notas: Bruno Fregni Bassetto –Tomo I, Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2015.
- QUINTILIANO. *Instituição oratória*/Marcos Fábio Quintiliano; tradução e notas: Bruno Fregni Bassetto –Tomo IV, Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2015.
- SÊNECA. *Apocolocintose do divino Cláudio*. SILVA, Frederico de Sousa. Tradução, notas e comentários. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Área de Literatura Latina) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

SÊNECA. *De Ira*. In: LIMA, Ricardo. *De Ira de Sêneca: tradução, introdução e notas*. São Paulo, 2015.

SÊNECA. *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Igeborg Braren – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 [2018] – (Vozes de bolso).

SÊNECA. *Tiestes*. Tradução, notas e estudos José Eduardo S. Lohner. (Coleção dramas & poéticas; v. 1), – Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2018.

SUETÔNIO. A vida dos doze césaes. São Paulo: Atena, 1959.

SUETÔNIO. A vida dos doze césaes. Biblioteca Editores Independentes. Edição 006, 2007.

SUETÔNIO. As vidas dos doze Césares: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Óton, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano / Suetônio. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2012. 320 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 171).

TÁCITO. *Anais*. Trad. J. L. Freire de Carvalho. W. M. Jackson inc., XXV, São Paulo, 1964.

TÁCITO. *Anais*. Trad. José Liberato Freire de Carvalho. 1ª ed. - (Extra-coleção). Lisboa, 2022.

TÁCITO. *Germania*. In. DE ANDRADE, Maria. *A Germania de Tácito: tradução e comentários*. Dissertação ao FFLCH. São Paulo, 2011.

TÁCITO. *Histórias*. In: SILVA, Frederico. Tese de Doutorado, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da FFLCH. USP, São Paulo, 2015.

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Introdução, tradução e notas de Paulo Peixoto. 1º ed., Vol. 2, Paumape S. A., 1989.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. Edição organizada por Paulo Sérgio de Vasconcelos. – São Paulos : Martins Fontes, 2004.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes, São Paulo, Ed. 34, 2014.

Referência bibliográfica:

ACEVES, Martha E. M. *Nota introductora*. nova tellvs, 27 ♦2, 2009.

ALEXANDRE JR., Manuel “Introdução”. In: ARISTÓTELES, *Retórica*. Editora WMF Martins Fontes, Coleção Obras Completas de Aristóteles, 1º ed., São Paulo, 2012, p. XIII-LXXI.

AZEVEDO, Sarah. As ideias de ordem e desordem imperiais relacionadas às leis matrimoniais de Augusto: uma análise sob a ótica das relações de gênero. *Mare Nostrum*, n. 5, 2014.

BASSETO, Bruno. *Apresentação*. In: QUINTILIANO, *Instituição oratória*/Marcos Fábio Quintiliano; tradução e notas: Bruno Fregni Bassetto – Tomo I. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2015, P. 7-13.

- BELTRÃO, Cláudia. “A quem julgas apropriado escrever a história? O orador e o historiador no De Oratore de Marco Túlio Cícero”. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. O. *A ideia de história na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, pp. 335-363.
- BRANDÃO, José Luís Lopes, *Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. 1º ed., IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANNABLUME. 2009.
- BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga volume I: das origens à morte de César*. Junho 2015, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. (Ensino). ISBN 978-989-26-1782-4 (ed. eletrónica), 2020.
- BRAREN, I. “Introdução”. In: SÊNECA, *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 [2018] – (Vozes de bolso), p. 9-32.
- CAMPOS, Rafael. A caracterização de Tibério César Augusto como personagem política nos *Anais* de Tácito. *Mare Nostrum*, ano 2010, v. 1.
- CARRIÉ, Jean-Michel “O soldado”. In: GIARDINA, Andrea (Org.). *O homem romano*. Cap. IV. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- CAVALHEIRO, Paulo Henrique Franco. VT AENEAS AVGVSTVS : a retórica das imagens de Augusto na Eneida de Virgílio. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.
- COLLINGWOOD, *A ideia de história*. 4º ed., Editorial Presença, 1978.
- CORASSIN, Maria, Luiza. *O cidadão romano na república*. Projeto História, São Paulo, n.33, p. 271-287, dez. 2006.
- CORASSIN, Maria, Luiza. “Comentário sobre as RES GESTAE DIVI AVGVTI”. In: JOLY, Fábio D. (Org) *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Alameda, 2007, p. 97-117.
- COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*, Hemus, Brasil, 1975.
- DE FREITAS, João V. L. *O historiador e o imperador: a(s) imagens de Augusto na obra tacieana*. – Revista Eletrônica de Antiguidade, 2014, Ano VII, Número II – ISSN 1972-9713 Núcleo de Estudos da Antiguidade Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 7-32.
- FAVERSANI, Fábio “Tácito, Sêneca e a historiografia”. In: JOLY, Fábio D. (Org) *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Alameda, 2007, p. 137-146.

FELIPE, C. V. A. Reta razão aplicada ao agir: apropriações da virtude ético-política da prudência. *História da Historiografia*, v. 9, p. 145-165, 2012.

FELIPE, Cléber V. do A. *Historia Magistra Vitae e sua (des)continuidade em Pinheiro Chagas*. Remate de Males, Campinas-SP, v.41, n.2, pp. 449-466, jul./dez. 2021.

FELIPE, Cléber V. do A. *Os relatos de naufrágio e a retórica da prudência*. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 2, p. 100-117, jul.-dez. 2021.

FRANÇA E VENTURINI. *Instituições romanas*. Anais da X Jornada de Estudos Antigos e Medievais e II Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais: Conhecimento, Educação e Imagem nas Épocas Antiga e Medieval. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

FUNARI, Pedro P. A. Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

FUNARI, Pedro. P. A., & GARRAFFONI, R. S. “Salústio e a historiografia romana”. In: JOLY, Fábio D. (Org) *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Alameda, 2007. In: 65-76.

GIRON, Lucas L. *Panegírico de Trajano: Tradução e estudo introdutório*. USP, São Paulo, 2017.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5º ed., Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. 1º edição, ed. Unesp, 2011.

HRUSCĂ, Iulian-Gabriel. *Humanitas-Clementia and Clementia Caesari: ancient and modern caesar*. European Journal of Science and Theology, September 2012, vol. 8, Nº 3, 263-269.

JOLY, Fabio D. *Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero*. **História**, SÃO PAULO, v.24, N.2, 2005, p. 111-127.

JOLY, Fabio D. *Ética, retórica e poética no diálogo dos oradores de Tácito*. Anos 90, Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 19-43, dez. 2009.

JOLY, Fábio D. “A ideia de história em Tácito”. In: *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. organização Glaydson José da Silva, Maria Aparecida de Oliveira Silva. - 1. ed. São Paulo : Alameda, 2017.

JOSÉ, Natália Frazão. *A construção da imagem do imperador Augusto nas obras de Veléio Patérculo, Plutarco e Suetônio*. Dissertação. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. FRANCA, 2011.

JOSÉ, Natália Frazão. “O gênero biográfico na Antiguidade: Plutarco e Suetônio”. In: *Retratos de Augusto*. Cap. 1.3. X. ed. – Curitiba : Editora Prismas, 2016, P. 42-60.

- LANNA, João. “mais feliz que Augusto, melhor que Trajano” (Eutrópio, *Breviário*, VIII. 5. 3): A construção do ideal de *Optimus Princeps* em Tácito e Plínio, o Jovem. Dissertação, Mariana, 2015.
- LAST, Hugh, M. A. “The principate and the administration”. In: *The Cambridge Ancient History*. Chap. X. Vol. XI, “The Imperial Peace: A. D. 70-192”, CAMBRIDGE, UNIVERSITY PRESS, London, 1936, p. 392-432.
- LEITE, Leni. “Difusão e recepção das obras literárias em Roma”. In: As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens / Gilvan Ventura da Silva, Leni Ribeiro Leite, [organizadores]. - Vitória : EDUFES , 2013, p. 83-98.
- LIMA, Danielle Chagas. *Gênero biográfico e historiográfico na Roma Antiga: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito*. Campinas, 2012.
- LIMA, Danielle Chagas. *Tácito e o vocabulário das virtudes*. Tese de Doutorado, Campinas, 2019.
- MARQUES, Juliana. *Tradição e renovação da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. USP, São Paulo, 2007.
- MARQUES, Juliana. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito. história da historiografia*. Ouro preto, número 05, setembro/2010, p. 44-57.
- MARTINO, Luis. *Augusto e o mos maiorum no Carmen Saeculares de Horácio*. Caderno de Pesquisa do CDHIS | Uberlândia | vol. 31 n.2 | jul./dez. 2018.
- MENDONÇA, Antônio S. et alii (trad.) Caio Salustio Crispo. In: NOVAK, M. G.; NERI, M. L.; PETERLINI, A. A. (orgs.), *Historiadores Latinos: Antologia Bilingue*. Martins Fontes, São Paulo, 1999, p. 55-85.
- MOTTO, Anna-Lydia & CLARK, John E. Satire in Seneca’s *De Brevitate Vitae*. In: L’antiquité classique, Tome 63, 1994, pp. 161-171.
- NATIVIDADE, Everton, da S. *Os Anais de Quinto Ênio: estudo, tradução e notas*. São Paulo, 2009.
- NICOLET, Claude. “O cidadão e o político”. In: GIARDINA, Andrea (Org.). *O homem romano*. Cap. I. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1992. P.317.
- NOBRE, Ricardo Miguel Guerreiro. “1. Augusto: estabelecimento de um modelo retórico”. In: Intrigas palacianas nos *Annales* de Tácito. Processos e tentativas de obtenção de poder no Principado de Tibério: estudo retórico. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2008, p. 32-39.

- NOBRE, Ricardo. *Introdução ao Anais*. In: TÁCITO Anais. Trad. José Liberato Freire de Carvalho. 1ª ed. - (Extra-coleção). Lisboa, 2022, p. 21-44.
- PALERM, Vicente & HORRILLO, Miguel. “A ideia de História em Suetônio”. In: *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. organização Gláydson José da Silva, Maria Aparecida de Oliveira Silva. - 1. ed. São Paulo : Alameda, 2017.
- PEREIRA, M. H. da R. “As ideias morais e políticas dos romanos”. In: *Estudos de história da cultura clássica II: cultura romana* – Fundação Calouste Gulbenkian, 3º Ed., Lisboa, 2002, p. 330-436.
- RODOLPHO, Melina. *Écfrase e Evidência nas letras latinas: doutrina e práxis*. São Paulo, Humanitas, 2012.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovich. *História de Roma*. Biblioteca de Cultura Histórica. 5º ed. Rio de Janeiro, Zahar Editora S.A., 1977.
- SCHMIDT, Pedro Baroni. *Biografia como crítica literária em Sêneca o Rétor e Suetônio*. *Caliope: Presença Clássica* | 2014.1. Ano XXXI. Número 27, p. 74-88.
- SEBASTIANI, Breno Battistin. “A política como objeto de estudo: Títo Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a. c.”. In: JOLY, Fábio D. (Org) *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Alameda, 2007, p. 77-96.
- SOBRAL, Aldo, E. S. *Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em “As vidas dos doze césores”*. Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- TEIXEIRA, Felipe. *Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história*. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.551-568, jul/dez 2008.
- VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In: DUBY, G.; ARIÈS, P. (eds.). *História da vida privada: do império Romano ao Ano mil (I)*. V. I, VEYNE, P. (ORG.), Companhia de Bolso, 2009, p. 17-211.
- VEYNE, P. “O que era um imperador”. In: *O Império Greco-Romano*. Cap. 1. Elsevier, 2009, p. 1-34.
- VITORINO, Mônica Costa. “A sátira no quadro da literatura latina”. In: *Juvenal, o satírico indignado*. Cap. II, Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte, 2003, p. 33-44.

Fontes de internet consultadas:

- PINHEIRO, L. “Soberania do povo: a clemência como ato de (in)justiça no Tribunal do Júri. 15/10/2024. Consultado em 03/04/2026. Fonte: <https://www.conjur.com.br/2024-out-15/soberania-do-povo-a-clemencia-como-ato-de-injustica-no-tribunal-do-juri/>

WEX. “Última revisão em julho de 2021 pela Equipe de Definições da Wex”. Consultado em 03/04/2026, Fonte: https://www.law.cornell.edu/wex/executive_clemency

Anexos:

ORAÇÃO AO MÁRTIR SÃO SEBASTIÃO

Glorioso Mártir São Sebastião, intrépido soldado do exército de Jesus Cristo, hoje vimos pedir a vossa intercessão junto ao trono glorioso de Jesus, nosso Rei, por quem destes a vida.

Livrai-nos da peste, da fome e da guerra.

Abençoi nossa lavoura, dai-nos saúde mesa farta e paz na família. Abençoi os casais, para que sejam cristãos e fiéis.

Abençoi as crianças, para que cresçam sadias e bem orientadas. Abençoi os jovens, para que cresçam fortes, valorosos e tementes a Deus.

Vós que padecestes a impiedade dos soldados e recebestes no corpo as flechas da indiferença e da vingança, sofrendo sereno e forte, alcançastes a coroa imortal dada por nosso Senhor Jesus Cristo. Dignai-vos a interceder para que possa obter do Altíssimo a seguinte graça (*em silêncio faz-se o pedido*), e ainda a graça da salvação da minha alma para vossa maior glória. Que o louvor a vós tributado neste novenário, reverta-se em glória para vós e em felicidade, tranquilidade e sossego, para todos nós que aqui estamos a vos contemplar, com a intenção de aprender o caminho que nos conduzirá aos céus.

Amém!

**Capela São Sebastião
Uberaba/MG**

